

Zuleide Paiva da Silva [Eide Paiva]
Ana Lúcia Gomes da Silva
Maria Lizandra Mendes de Sousa [Liz Mendes]
(Organizadoras)

Amália Catharina Santos Cruz
(Coordenadora)

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?

Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais



Pontes

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)

C957q Cruz, Amália Catharina Santos (coord.).
Quantas histórias têm as cartas de quem ousa se anunciar?: pedagogias feministas e
epistemologias decoloniais / Coordenadora: Amália Catharina Santos Cruz;
Organizadoras: Zuleide Paiva da Silva, Ana Lúcia Gomes da Silva e
Maria Lizandra Mendes de Sousa.
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2024; figs.; fotografias.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-217-0461-4.

1. Educação. 2. Feminismo. 3. LGBTQIAPN+'s.
I. Título. II. Assunto. III. Coordenadora. IV. Organizadoras.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Feminismo / Emancipação da mulher. 305.42
2. Educação. 370
3. Biografias e autobiografias de mulheres. 920.72

Zuleide Paiva da Silva [Eide Paiva]
Ana Lúcia Gomes da Silva
Maria Lizandra Mendes de Sousa [Liz Mendes]
(Organizadoras)

Amália Catharina Santos Cruz
(Coordenadora)

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?

Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais

Copyright © 2024 - Das organizadoras representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração: Eckel Wayne
Capa: Acessa Design
Revisão: Zélia Guerra

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman
(Unicamp – Campinas)
Clarissa Menezes Jordão
(UFPR – Curitiba)
Edleise Mendes
(UFBA – Salvador)
Eliana Merlin Deganutti de Barros
(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)
Eni Puccinelli Orlandi
(Unicamp – Campinas)
Glais Sales Cordeiro
(Université de Genève - Suisse)
José Carlos Paes de Almeida Filho
(UnB – Brasília)
Maria Luisa Ortiz Alvarez
(UnB – Brasília)
Rogério Tilio
(UFRJ – Rio de Janeiro)
Suzete Silva
(UEL – Londrina)
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão
Campinas - SP - 13070-118
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

EXPERIÊNCIAS-EXPERIMENTOS, REABRINDO AS PORTAS DO S
ERAGIR FEMINISTAS: APRESENTANDO A COLETÂNEA?! 9

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

Amália Catharina Santos Cruz

GINGAS 1 - TRAJETÓRIAS EM LUTAS FEMINISTAS

CARTA DE UMA VELHA FEMINISTA ACADÊMICA PARA AS NOVAS
GERAÇÕES DE FEMINISTAS 19

Cecília M. B. Sardenberg

DOCÊNCIA FEMINISTA RECORDADA: CARTA-TRIBUTO A ANA
ALICE ALCÂNTARA, PRESENTE!! 75

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)

Ana Lúcia Gomes da Silva

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux

GINGAS 2 - CARTAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS: ESCRITAS IN(TER)VENTIVAS

CARTA PARA UMA PROFESSORA MUITO AFETUOSA E INSPIRADORA 91

Vitalina Silva

CARTA ABERTA À CONCEIÇÃO EVARISTO: PALAVRAS QUE
ABRAÇAM, DENUNCIAM, ANUNCIAM E INSPIRAM 101

Andréia Bispo Santos

Bianca Dias de Souza

Juciane Pacheco de Almeida Pacheco

Maria Leandra Brandão Santos

A TODAS AS MINHAS ALUNAS, ESPECIALMENTE ÀS ALUNAS NEGRAS.....	115
Marcelo Alves Pinto	
CARTA-MOVIMENTO: O FEMINISMO NEGRO COMO POSSIBILIDADE DE (AUTO)CONHECIMENTO NO AMBIENTE ACADÊMICO	129
Eliane Costa da Silva Maricéia Pereira de Novais	
ESCREVIVÊNCIAS MPEDIANAS DE DUAS MULHERES NEGRAS....	145
Eliete Fagundes Luciana Dias Ribeiro	
CARTA SÁFICAS	169
Ana Cláudia Macedo Suely Aldir Messeder	
MANIFESTO SAPATÃO: UMA PROVOCAÇÃO ESCRIVENTE NECESSÁRIA DAS PRIMEIRAS VEZES	189
Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)	
CARTA PARA O FUTURO EX-MORADOR “DO ARMÁRIO”!.....	213
Sara Wagner York Vércio Gonçalves	
O RESPEITO TRANSFORMA!.....	219
Cynthia Pacheco Xavier Araújo Cynthia Almeida dos Santos Josenilda Correia Vieira	
EU VOU APRENDER A LER PARA CONVIDAR <i>MINHAS</i> CAMARADAS: UMA CARTA-CONVITE PARA MULHERES PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	229
Nara Paixão Sacramento Rosana Mercês Santos Rozane da Conceição Silva Costa	

CARTA-POESIA PARA TODES PROFESSORUS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO.....	245
Yasmim Araújo do Nascimento	
Estefane Mendes da Silva	
CARTA ABERTA: FEMINISMOS NO TEMPO PRESENTE – HOMENAGENS AO PASSADO E LUTAS PARA O FUTURO.....	257
Ana Paula Neves Lins	
Andressa Ferreira	
Gabriela Carneiro Maciel	
ENSINAGENS DO BARCO EPISTEMOLÓGICO DAS PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DECOLONIAIS	273
Elizangela Bastos	
Dailza Araújo	
Clarice da Silva Coelho	
CARTA-POEMA: DAS MEMÓRIAS DE SI ÀS RODAS-GINGAS	283
Ana Luísa Barbosa de Castro	
Elaine Rodrigues Santos Santiago	
Kelline Roberta Ferreira do Nascimento	
PEDAGOGIA FEMINISTA E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: BÚSSOLA ORIENTADORA DE BARCOS À DERIVA	295
Maria Beatriz Dias Coutinho	
GINGAS 3 - ARTISTAGENS MULTILINGUÍSTICAS DO COMPONENTE CURRICULAR PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS	
CARDS-ARTES DOS ENCONTROS DO COMPONENTE CURRICULAR PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS (2023.2).....	309
CARDS-ARTES DOS CARTÕES POSTAIS PEDAGÓGICOS FEMINISTAS ...	313
(DES)COLAGEM FEITA POR LIZ PARA	323

AS RODAS GINGAS	323
CARDS-ARTES OUTROS	329
SOBRE AS/ES/OS AUTORAS/US/E	331

EXPERIÊNCIAS-EXPERIMENTOS, REABRINDO AS PORTAS DO *SERAGIR* FEMINISTAS: APRESENTANDO A COLETÂNEA?!

Queridas/es/os leitoras/us/es, a Coletânea *Quantas histórias têm as cartas de quem ousa se anunciar? Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais* é mais uma publicação fruto dos enlaces tecidos pelo componente “Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, ofertado no semestre 2023.2, na modalidade *on-line* pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPGED), na Universidade do Estado da Bahia, nos *Campus IV/Jacobina* e *XIV, em Conceição do Coité*.

É um contínuo de possibilidades epistemológicas tecidas desde a sua primeira aparição “Experiências (Auto)Formativas Diarizadas na Educação Universitária: Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, em que polifonias feministas foram costuradas a partir do diário de pesquisa-bordo para (re)pensar outros caminhos, modos e formas de ensinagens-aprendizagens-experiências, bem como performatizar um escrever-pesquisar nos enlaçamentos com o corpo que cria brechas, fendas e perfurações, ou seja, *corpoescrevepesquisasente*. Aqui, neste movimento de acontecimentos da sua segunda aparição é também movido por uma rede de *afetopolíticoséticos*.

As experiências-experimentos-aprendizagens, mais uma vez, são o fio condutor das narrativas que as Cartas evidenciam. Narrativas essas resultado da imersão proposta pelo componente que traz como metodologia a Roda de Conversa, um dispositivo que produz a circularidade dos conhecimentos trazidos e compartilhados na roda, na perspectiva de uma gira gingada. A interseccionalidade é a base que traduz o entrecruzamento dos feminismos que produzem as rupturas históricas, sociais e culturais fazendo frente ao conhecimento hegemônico de base iluminista, eurocêntrico fortemente confrontado pelas epistemologias decoloniais.

A interseccionalidade, enquanto conceito, é apreendida como uma ferramenta analítica relevante para a elaboração discursiva e percepção das hierarquias de poder que estruturam relações desiguais de raça, gênero, classe, deficiências, entre outros, perceptível nos espaços formais de educação, como também nas relações sociais de uma maneira em geral (Collins; Bilge, 2021). Assim, as experiências-experimentos-aprendizagens trazidos para a roda por professoras/us/es-extensionistas-ativistas estão colocadas nas Cartas Pedagógicas que traduzem suas experiências e perspectivas em relação à produção de um conhecimento emancipatório atento aos mecanismos de reprodução da dominação patriarcal, racial, capitalista e sexual na perspectiva da luta por justiça social e pela democracia e, principalmente pela luta anticapitalista, tendo como base a luta das mulheres, por entendermos que sem a emancipação total das mulheres, as opressões continuarão.

As Cartas Pedagógicas anunciam as/us/os leitoras/us/es, uma escrita de si, mas não só. Partindo da noção de radicalidade freiriana (Freire, 2000) quanto a sua compreensão que a escrita é um exercício epistemológico e uma tarefa eminentemente política e ética. As Cartas trazem discursos que podem ser reconhecidos a partir de seus lugares nos mais variados

espaços de sociabilidade, luta e resistência, ancoradas por uma perspectiva feminista, antirracista, antilgbtfóbica. As Cartas nos possibilitam uma leitura situada, sem neutralidade, onde as subjetividades e a materialidade são evocadas e reconhecidas como potencial de análise e de produção de conhecimentos.

As Cartas Pedagógicas, como as escritas por Paulo Freire, são um exercício epistemológico e uma tarefa também política. Nelas, as palavras/pensamentos que chegam as/aos destinatárias/os, refletem suas preocupações com a educação e suas possibilidades transformadoras. As Cartas Pedagógicas, que compõem essa coletânea, confrontam desse modo, os discursos essencialista, biológico, tecnicista-, pilares de uma ciência andocêntrica, indagando o conhecimento e o seu fazer hegemônico, masculino, ocidental e branco, encarnado na figura “do conhecedor” (Mackinnon, 2013). Essa perspectiva também freiriana de crítica à desumanização, produzida por uma ciência positivista/andocêntrica, nos dá a dimensão de um fazer científico comprometido com o pensamento crítico e libertador.

Aliados a essa perspectiva, das Cartas Pedagógicas que compõem essa coletânea, emergem conhecimentos contextuais, parciais, situados e corporizados que estabelecem conexões, partilhas e traduções entre diferentes localizações (Haraway, 1995). Como postulado por Donna Haraway, o olhar descorporizado sobre outros corpos em posições menos privilegiadas evidencia sistemas e práticas de dominação que terminam por definir níveis de visibilidade/exclusão das/es/os sujeitas/us/os.

Na perspectiva desse olhar corporizado sobre a forma de ser educadora e o compromisso político com a transformação social, os escritos encarnados de bell hooks (2020), como as Cartas Pedagógicas dessa coletânea, também se encontram. Em seu livro *Ensinando pensamento crítico*, bell hooks quer comunicar as/es/aos leitoras/us/es, a partir de sua experiência como mulher negra, a realidade cultural e institucionalizada

de hierarquias e preconceitos, baseada nas condições de classe, raça e gênero. Sob a influência de Freire, as reflexões contidas nesse livro foram constituídas a partir de diálogos realizados com professores e estudantes ao longo de sua prática como educadoras e educadores. Nesse sentido, pensa a autora, a escola como espaço de formação não deveria ser um lugar onde os estudantes “são doutrinados para apoiar o patriarcado capitalista, imperialista, supremacista branco, mas sim um lugar onde aprendem a abrir suas mentes e se engajem em estudos rigorosos, para pensar criticamente” (hooks, 2020, p. 18).

O componente Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais, ao propor partir da experiência-experimento-aprendizagens, das/os educadoras/es convidadas/os que fizeram girar a roda de conversa durante o semestre, proporcionou as/aos professoras/es discentes, a possibilidade de confrontar as suas experiências-experimentos-aprendizagens vivenciados em espaços formais e não formais de educação, com conhecimentos que rasuram a existência acomodada pela lógica heterocispatriarcal, capitalista, racista, capacitista, entre outros que hoje, em razão do avanço do pensamento fundamentalista cristão e de extrema direita, ameaçam a existência de corpos dissidentes não conformados a essa lógica.

Os espaços formais de educação, em especial, têm se tornado uma arena de disputa entre o pensamento emancipador e democrático e ideologias ultraconservadoras. Nesse sentido, as Cartas Pedagógicas emergem como possibilidade de construção de outras narrativas sobre o mundo social alicerçada em produções no campo da educação, que trazem como base o pensamento feminista, negro, anticapitalista, transfeminista, lesbofeminista, antipacitista, ambientalista etc.

Nas giras que gingaram nas conversas o convite foi feito: “Vamos fazer uma *escritarizomacorporificada* para pessoas que desejamos com todos os sentidos chamar para a roda da vida

viva, a partir de cartas”. Um convite em doses extravagantes de ser-fazer-sentir-partilhar amor, impulsos que puxam fios de verdades transitórias, que recusam o controle opressor e, assim, de sol a sol, de *vidaemvidaemnós*, dorme para pensar-caminhar em sonhos. Um chamamento de amor para existir variando-se *emsiemnós*, dizendo com o corpo todo aberto sim à vida, a embriaguez de brincar sentindo os erros da felicidade e pulsando os fluxos das inquietudes provocadas dos possíveis-sensíveis.

Em amor embriagado de experiências do ser sonhante, que convoca a vida para uma dança corpoacorpo, sentindo os cheiros e os sabores do xote em chamego e muito denngo, a obra é dividida em três ritmos. Na chegância, tem-se uma canção de luta e resistência feminista em que as trajetividades teorizadas de professoraspesquisadorasfeministas, intitulado “Gingas 1 - Trajetórias em lutas feministas”, onde as autoras nos convocam para continuar na luta e a acreditar no que nos motiva a sonhar, atravessando cotidianamente os dias violentos, a partir de uma base conceitual densa e situada historicamente. Um convite para continuar tecendo redes de afetividades construídas pela ética feminista.

Passos, dois para cá e dois para lá, lambidas feministas, vêm-se o segundo ritmo da coletânea intitulada de “Gingas 2 - Cartas Pedagógicas Feministas: escritas in(ter)ventivas”. Aqui vocês, leitoras/us/es, encontrarão palavras caídas, levantadas, expostas em bandejas de denúncias, pronunciadas no desejo ardente dos feminismos e da interseccionalidade, e que as salas de aula sejam cada vez mais povoada pelas diferenças em suas potencialidades, celebrando o bem-viver, a vida viva. Sentindo o arrepio no cangote, correspondências sendo passadas na medida em que memórias escritas nos falam que, para ter justiça epistêmica, política e ética, tem-se que justiça social. Histórias de *duasemtantas* que ramificam em nós. *Corpoacorpo*, manifesto das primeiras vezes para embalar as *fomessedes* de permanecer em vida, festejando os amores e sentindo os sabores dos chás de memórias.

Portas sendo abertas. Passos entortados devagar. Respiros de alívio e convite amorosos e repletos de vida para orgulhar-se de quem se é. No chamego e na intensidade de vivenciar caminhos seus, venha experienciar com sorrisos sua autenticidade. Em noites de lembranças, tributos aos amores em vida foram chamados para uma dança de reconhecimento das experiências-experimento das ensinagens-aprendizagens. O desejo das águas que escorrem nos corpos inspirados em sensações de ocupação: ocupar o componente, ocupando a vida – *tudoem-nós*. Em muitas poesias, fibras de sisal fizeram fluxos para os sonhos povoarem mais a educação. Não esquecer as opressões históricas e pensar em feminismos nas realidades sociais, a partir das desobediências decoloniais. Nas derivas, territórios de sentir foram acionados para rasurar a universalidade e potencializar a pluralidade.

No terceiro ritmo, intitulado de “Gingas 3 - Artistagens multilinguísticas do componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, explosões de cores, sabores, cheiros, amores e desejos nas bebidas poéticas de memórias e afetações. Servindo-se em *tonssons* de sonhos, as artes em corpopalavras nos convidam a acordar, entrever os silêncios, deixar os *corposemqueda*, brotar intimidades escondidas e acalmar as pressas. Caminhar, entrar, festejar, sair, refazer e (re)inventar(se). Vestindo-se os corpos em suas peles em devorações dos espaçostempos e em tremores, corposvivos pegados em pegâncias de liberdades. Juntam-se e, assim, como o sol que lambuza o dia, deixem-se em artes.

Com e sem pausas, desejamos que vocês, leitoras/us/es, tenham encontros e reencontros com os corpopalavrapoéticos que ousam continuar reivindicando sonhos nas experiências-experimentos nos espaçostempos de ensinagens-aprendizagens e, também, no devir da vida. Lambuzem-se com as cartas textos encarnados e sem pedir licença, façam-se neles. Esperamos que

possam encontrar-se neles e juntas avançarmos em uma compreensão de mundo que rompa com as barreiras impostas pelo sistema do capital e todas as suas formas de opressão. Portanto, nos vistamos de cores e sintamos os amores que nos enredam pela vida vivida, repleta de experiências que nos constituem e nos fazem mais humanas. Desejamos uma excelente leitura por esse mundo que se abre!

Das águas dos espaçostempos em poéticas.

Amélia Tereza Santa Rosa Maraux
Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)
Amália Catharina Santos Cruz
Universidade do Estado da Bahia

GINGAS 1

TRAJETÓRIAS EM LUTAS
FEMINISTAS

CARTA DE UMA VELHA FEMINISTA ACADÊMICA PARA AS NOVAS GERAÇÕES DE FEMINISTAS

Cecilia M. B. Sardenberg
NEIM/UFBA

Queridas Companheiras:

Recentemente, completei meus setenta e seis anos de vida, mais de cinquenta deles atuando como feminista em diferentes campos de ação, sendo o espaço acadêmico, de produção de conhecimento crítico feminista, o principal. Creio que nesse espaço de tempo, que já se alarga por mais de cinco décadas, aprendi muitas coisas, ensinei outras, refleti e escrevi bastante. Nesta carta, compartilho com vocês alguns desses aprendizados e reflexões que se desdobraram a partir de minhas vivências, tanto no espaço doméstico quanto acadêmico, auxiliada por trechos “pescados” em meu memorial de títulos, elaborado em 2016, para ascender à Professora Titular de Antropologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA (Sardenberg, 2016).

Tal como me expressei ali, ao enveredar por esta “aventura de contar-me” (Rago, 2013), fui me situando nos diferentes espaços que cruzei, delineando minhas diferentes “posicionalidades” nelas, ou seja, como gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, geração e nacionalidade, dentre outros tantos marcadores sociais, se intersectaram nesses diferentes contextos ao longo da minha trajetória, ora me posicionando em diferentes situações de vulnerabilidade,

ora de usufruto de privilégios (Sardenberg, 2015). Isso tudo foi me situando no mundo, construindo meu lugar para conhecê-lo e produzir conhecimentos, pavimentando, assim, o traçar de uma epistemologia feminista perspectivista, interseccional, pois como bem aponta Patrícia Hill Collins (1991), a interseccionalidade não forja apenas identidades específicas, mas também situa sujeitos em uma perspectiva epistemológica.

Essa epistemologia se caracteriza como uma teoria crítica feminista sobre o conhecimento, que autoriza e fundamenta um saber que se quer politizado (Sardenberg, 2002), e que se afirma como um saber situado - daí porque perspectivista, como proposto por Nancy Hartsock (1987), Sandra Harding (1996, 1986), e Donna Haraway (1995). E acrescento aqui, decolonial em dose dupla, não só em termos de uma decolonização de influências externas, como também de internas, sobretudo em relação ao Sul e Sudeste. Conforme ressaltai em artigo anterior:

No Hemisfério Norte, observa-se a tendência a nos colocarem - nós, feministas latino-americanas, todas nós, feministas brasileiras, e todas as outras que não cabem nos outros rótulos - na categoria *Feministas do Terceiro Mundo*. Como se as nossas diferenças culturais e sociais - de posicionalidade e, portanto, de ângulos de visão ou “perspectivas” significativamente diferentes - não tivessem a menor importância epistemológica em um *feminismo perspectivista*. [...] Se isso é verdade, então, o que dizer de nós, na periferia da periferia? Refiro-me aqui a nós, feministas acadêmicas brasileiras, com nossos “fazeres científicos” nos estados do norte e nordeste e, portanto, longe dos próprios “centros acadêmicos” feministas do país. Onde ficamos com a nossa perspectiva duplamente periférica em um feminismo perspectivista? (Sardenberg, 2002, p. 111).

Neste exercício, vou me deter mais nos momentos iniciais da minha trajetória, estendendo-me só até fins dos anos 90, quando terminei meu curso de doutorado. Vou ter que deixar o resto para uma próxima carta (esta já será longa) - afinal, são mais de cinco décadas de trabalho!

Mas ressalto aqui, desde o início, que na construção da epistemologia na qual me apoio, os principais motores para o meu despertar para o feminismo foram, por assim dizer, “constrangimentos” sobre as desigualdades de gênero, o que ainda alimenta. Isso se iniciou nos anos 60, em meio às “sofrências” do golpe militar de 1964, ano em que ingressei no curso científico (o equivalente ao Ensino Médio atual), com a pretensão de estudar Medicina. Meu interesse para tal, surgiu, inicialmente, por sugestão de um amigo meu, aluno da Escola Paulista de Medicina (hoje UNIFESP), tornando-se ainda mais aguçada durante os jogos de basquete entre a “Pauli” (pessoal da Paulista) e a “Poli” (Escola Politécnica da USP), nos quais eu o acompanhava e ouvia a Bateria 51 cantando uma cantiga da Pauli que assim dizia: “Medicina, Medicina, não é coisa pra menina”. Confesso que me senti ultrajada com essa cantiga e desafiada a ingressar em uma faculdade de Medicina, chegando mesmo a me inscrever para o vestibular da Universidade de São Paulo - USP (para entrar na famosa “Pineiros” de Medicina) e começar a fazer um cursinho para tal fim.

Mas veja, o destino me reservara outros caminhos. Em 1965, em meio ao meu curso científico, concorri e fui premiada com uma bolsa do American Field Service (hoje conhecido como AFS), para fazer um intercâmbio de um ano, nos Estados Unidos da América. Fui morar com uma família da qual permaneço próxima até os dias de hoje, e estudar em um colégio de freiras, semelhante ao colégio que frequentava em São Paulo. Ocorre, porém, que acabei não cursando nenhuma das disciplinas que seriam demandadas no vestibular de Medicina, vez que as oferecidas no colégio americano eram menos avançadas do que as já cursadas por mim no

Brasil. Sem esse reforço, senti-me bastante despreparada para enfrentar o disputado vestibular, ou mesmo acompanhar as aulas de um cursinho preparatório. O despreparo levou-me ao desinteresse. Desisti de prestar o temido exame, quase em cima da hora. Acabei ingressando em um curso de letras, Inglês e Português, na Faculdade Sedes Sapientiae, que depois foi incorporada à Pontifícia Universidade Católica - PUC de São Paulo: tudo diferente do planejado.

Reconheço, porém, que minha experiência no intercâmbio foi fundamental, não apenas pelas amizades que ali selei e por ter deslanchado meu inglês, mas também por ter contribuído para a construção da minha consciência de gênero feminista. Diferente do meu colégio no Brasil, me vi, ali, em uma escola mista, com mais ou menos o mesmo número de rapazes e moças. Aos poucos, conforme meu inglês foi melhorando, comecei a notar que as mentes mais brilhantes eram as femininas, contudo, as lideranças estavam todas nas mãos dos rapazes, sendo eles também os alunos que mais se expressavam na sala de aulas! Isso me incomodou! Ainda mais quando as colegas iam desistindo dos programas que nossa turma de amigas fazia para os fins de semana, na medida em que recebiam convites dos rapazes para um *date*, um programa de casal. Ora, no Brasil, naquela época, saíamos com os namorados sempre com turmas de amigas e, que eu me lembre, ninguém ficava de fora. Ninguém largava a companhia das amigas para sair só com o namorado!

Vale observar que estávamos vivendo nos anos 60, década em que os movimentos feministas começavam a adentrar na arena das lutas sociais e um novo discurso - um discurso feminista sobre valores e atitudes referentes às relações de gênero e direitos das mulheres ganhava expressão. Betty Friedan (1963), uma das precursoras dessa “segunda onda do feminismo” (a primeira acontecera em torno dos anos 20, pelo direito ao sufrágio) publicara seu livro *A Mística Feminista*, em 1963, falando do “mal que não

tem nome”, para expressar a insatisfação das mulheres com a sua situação inferiorizada, fundando, em 1966, a *National Organization for Women* - a NOW, organização do feminismo dito liberal.

Só fui ler seu livro em meados dos anos 70, mas os ecos desse novo discurso que ela trazia já se faziam ouvir, permitindo-nos reconhecer e nomear o mal-estar que sentíamos com a discriminação, com o machismo, ou seja, com a dominação patriarcal.

Em 1967, já estava de volta ao Brasil, cursando o primeiro semestre de Letras no Sedes, obtendo boas notas e mantendo sempre um bom convívio com as colegas e professoras. Contudo, não consegui me interessar muito pelo curso. Na verdade, naquela época de efervescência de manifestações contra a ditadura, estava mais interessada em participar das mobilizações estudantis que se avolumavam então por todo o Brasil, particularmente contra os acordos MEC-USAID. Acreditávamos que o objetivo maior desses acordos era a fragmentação dos nossos cursos, de sorte a dificultar a articulação e organização de estudantes. Lembro-me, em especial, de uma passeata de protesto em frente ao Consulado dos Estados Unidos, então operando no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, em São Paulo, onde funcionavam, também, dois cinemas: o Rio e o Astor. Quando a polícia chegou para desbaratar nossa manifestação, corri com mais duas outras colegas para o Cine Astor onde estava passando o filme “Quem tem medo de Virginia Woolf?”. Ficamos lá sentadas por duas sessões, mas só me recorde de ter assistido ao filme, de fato, anos depois, tal era meu medo de ser pega pela polícia!

Todavia, o pior foi voltar para casa e encontrar minha mãe desesperada, certa de eu ter sido presa - dois ou três casos dessa ordem já haviam acontecido na família. E depois, é claro, lidar com as restrições impostas em relação à minha participação em futuras manifestações. Confesso que ficou difícil. Some-se a isso a visita nas férias de julho de meu namorado americano, que fora convocado para servir nas forças armadas e estava vivendo em

uma base aérea na Carolina do Sul, podendo ser enviado a qualquer momento para um “*tour*” na Guerra do Vietnã! Resultado: noivamos no final de julho, antes de seu retorno à base; e eu desisti do Curso de Letras. Casei-me em dezembro de 1967, aos dezenove anos, ficando no aguardo da papelada da imigração para me mudar para os Estados Unidos, mas com a firme intenção de voltar a estudar.

Só consegui viajar na segunda semana de abril de 1968, pouco depois da missa de sétimo dia do estudante secundarista, Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela polícia da ditadura em 29 de março, no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, missa essa realizada na Igreja da Candelária, no dia 4 de abril. Nesse mesmo dia, também o líder do movimento pelos Direitos Civis dos negros, nos Estados Unidos, o Reverendo Martin Luther King Jr., era assassinado em Memphis, Tennessee, o que veio a provocar repetidas manifestações de protesto (*riots*) nos bairros negros das principais cidades do país.

Cheguei à Atlanta, na Geórgia, para fazer conexão em direção à Columbia, Carolina do Sul, em 8 de abril de 1968, na noite anterior ao sepultamento do Reverendo King, também em Atlanta. O aeroporto fervilhava de gente, muitos chorando ou com o semblante entristecido, gente vinda de diferentes cidades americanas e de outros países para a cerimônia do dia seguinte.

Para me buscar no aeroporto, em Columbia, meu marido fora obrigado a obter uma autorização especial com seu comandante, haja vista a ordem de toque de recolher emitida pela polícia do Estado em consequência das justas manifestações de luto e protestos pelo assassinato do Reverendo King. E, de fato, por todo o trajeto de cerca de 90 km, do aeroporto em Columbia, até a Shaw Air Force Base (Shaw AFB), em Sumter, vimos fogo, manifestações e confrontos com a polícia. Fomos parados várias vezes pela polícia no trajeto, sendo obrigados a mostrar, a cada parada, a autorização do comandante para estarmos na estrada e chegarmos a Sumter.

Já era, pois, madrugada quando finalmente chegamos ao “parque de trailers” (*trailer park*), que seria minha nova moradia pelos próximos seis meses. Assim, só na manhã seguinte, à luz do dia, pude me dar conta dos arredores. E foi um choque constatar que, aquilo antes imaginado como “romântico” - morar em um trailer em uma base aérea - se traduzirá em morar em um caixote de metal, com cômodos interligados e bastante espremidos, estacionado em um lote com chão de terra batida, em frente à base aérea, e do outro lado da estrada que levava a Sumter, ou seja, *on the wrong side of the tracks*.

Com efeito, apesar de o nosso pequeno trailer azul ser rodeado por lindas roseiras e sombreado por uma frondosa árvore, logo descobri que morar em um trailer era pertencer a uma das camadas menos prestigiadas da sociedade americana, um *status* social identificado como *trailer trash*. Na verdade, enquanto na cidade em que eu vivera antes nos Estados Unidos como estudante do AFS, eu havia sido paparicada em minha escola - fui rainha das missões e uma das princesas na *Homecoming Court* - minha situação em Sumter, principalmente na Shaw AFB, era totalmente oposta. Ser estrangeira, brasileira, latino-americana não era ali algo a ser celebrado. Eu era apenas mais uma “esposa de soldado estrangeira” e, acrescentando-se, não branca, por ser latina, e morava agora em um *trailer park*. Em pouco mais de 24 horas, portanto, eu despencara vários degraus na pirâmide social. Uma experiência que contribuiu significativamente para a construção, em tempo, de uma epistemologia perspectivista, interseccionada, no meu pensar (Sardenberg, 2002).

A Shaw AFB era uma das maiores bases aéreas nos Estados Unidos e incluía uma área residencial, mas só para oficiais e pessoal de carreira e suas famílias. Na época em que vivia ali, os demais militares moravam na cidade (a 13,5 km da base) ou nos parques de *trailers* que circundavam a base, como aquele em que fui residir. Ali viviam casais jovens, como nós; alguns, com filhos

pequenos, famílias de pessoal alistado sem patente. Logo que cheguei, fiz amizade com algumas das jovens esposas que não trabalhavam fora de casa, mas não consegui me adaptar muito bem ao seu ritmo de vida: dar conta das tarefas domésticas pela manhã, para nos reunirmos no *trailer* de uma ou de outra e passar a tarde juntas, assistindo *soap operas* (novelas) na televisão.

Acostumada a morar em São Paulo e a circular pela cidade com as colegas de faculdade, sentia-me tolhida morando em um lugar longe de tudo e sem transporte. E sem transporte, porque, apesar de termos um carro, eu não podia dirigir vez que minha carteira de motorista do Brasil logo perdeu sua validade e não pude tirar uma carteira local, por força da “ordem patriarcal de gênero” e geracional: eu era mulher, com menos de 21 anos, e precisava da autorização do pai (que devia ser residente local) ou do marido (que também deveria ter mais de 21 anos) para poder me inscrever. Fato outro que contribuiu, é claro, para o engendrar de minha consciência feminista.

Para escapar das tardes em frente à televisão ou lendo sozinha em casa, passei a frequentar a biblioteca da base. Foi assim que vim a conhecer ali Margaret Mead (1963; 1935) lendo *Sexo e Temperamento*, que me despertou para a antropologia, bem como Simone de Beauvoir (1949), que me encantou com *O Segundo Sexo*, e me levaria, em tempo, para o feminismo. Anos mais tarde, escrevi um artigo dedicado às duas sob o título “Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir”, no qual dou asas à imaginação criando uma ficção científica, ao utilizar trechos de suas obras para construir um diálogo imaginário entre as duas (Sardenberg, 2000).

Mas, naquela época, ler Simone de Beauvoir me fez ver que seria impossível, para mim, crescer como pessoa se continuasse na total dependência em que me encontrava. Consegui, então, convencer meu marido que precisávamos nos mudar para a cidade para eu poder trabalhar, ajudar nas despesas, quem sabe voltar a

estudar. E foi assim que fomos morar em uma casinha na cidade, e eu consegui trabalho como comerciária em uma loja de roupas femininas em um Shopping Center.

Foi meu primeiro emprego (em São Paulo, eu dava aulas particulares de inglês) e, também, a primeira vez que sofri assédio moral. Eu trabalhava, normalmente, das 9 às 18h., dependendo do transporte público para chegar ao trabalho. Pegava o ônibus das 8h para chegar no horário, chegando sempre meia hora antes de bater o ponto. Um dia em que chovia muito, atrasei em sair de casa e acabei perdendo o ônibus das 8h.; peguei o das 8:30h., chegando para bater o ponto às 9:10h., ou seja, dez minutos atrasada. Por azar, nesse dia, a supervisora regional, cujo nome eu enterrei há muito tempo, estava lá. Nem bem fui chegando, toda molhada pela chuva, ela começou a gritar comigo, não me dando a menor chance de explicar o atraso, tampouco permitindo que a gerente da loja pudesse retrucar dizendo que eu chegava meia hora antes todos os dias! Mas minha raiva maior foi de mim mesma: chorar incontrolavelmente e deixar que aquela mulher horrível me humilhasse daquela forma! No mesmo dia, no meu horário de almoço, saí de lá e consegui emprego na Woolco's Department Store (subsidiária da Walmart), que ficava no mesmo Shopping Center, pedindo minhas contas na loja de roupas femininas assim que voltei do almoço!

A Woolco's era uma grande loja de departamentos, e fui trabalhar no balcão de joias; na verdade, uma franquia de outra empresa funcionando dentro da Woolco's. Além de ser responsável pelas vendas, eu tinha que aprender a tirar e a colocar pulseiras de relógio e aumentá-las e diminuí-las de acordo com o braço do freguês ou freguesa e, o pior, era obrigada a limpar as pratas que ficavam sempre dispostas em um balcão ao lado. Resultado: até hoje tenho ódio de enfeites de prata!

Mas trabalhar na Woolco's foi uma importante aprendizagem. Nos horários de descanso (15 minutos de manhã e 15 à tarde) e de

almoço, havia sempre outras funcionárias na cantina de empregados, onde as conversas sobre trabalho, família, filhos e televisão rolavam sem cessar. A maioria das pessoas que trabalhavam ali era, de fato, composta por mulheres, algumas casadas com soldados da aeronáutica e de fora, como eu. Contudo, grande parte das demais era das classes trabalhadoras locais, filhas e esposas de operários ou de pequenos proprietários rurais, quase todas brancas e, diga-se de passagem, bastante preconceituosas, quando não abertamente racistas e xenófobas.

Conforme mencionado anteriormente, para chegar ao trabalho eu dependia de transporte público, pegando sempre o ônibus que rodava pela avenida principal. No ônibus, eu era geralmente a única não negra. Minhas companheiras de trajeto eram quase todas as faxineiras ou empregadas domésticas, em geral - tal qual retratado no filme “Histórias Cruzadas”, exibido em nossas telas em anos recentes. O trajeto até o Shopping era longo, com tempo suficiente para conversas com companheiras de assento, na maioria das vezes, sobre minha (estranha para elas) presença no ônibus. Ao tomarem conhecimento de que eu era do Brasil, ficavam curiosas por saber se, de fato, as relações raciais eram diferentes na nossa suposta “democracia racial”, ainda que não se expressassem exatamente dessa forma. Isso me levou a refletir sobre a questão, abrindo meus olhos para, em tempo, reconhecer a força do racismo entranhado na sociedade brasileira. Anos mais tarde, eu iria compreender também que, andando naquele ônibus, eu estava adentrando pelas “entranhas do monstro”, ao conhecer mais de perto a vida das mulheres negras norte-americanas vivendo no Sul dos Estados Unidos nos anos 60.

Nos últimos seis meses que passei em Sumter, South Carolina, comecei a buscar meios de voltar a estudar, pensando em ingressar no *Campus* local da University of South Carolina (USC). Tratava-se de uma universidade pública, estadual, mas, como todas as universidades públicas nos Estados Unidos, era paga, as

taxas de matrícula estando muito além das minhas possibilidades. Conversando sobre esse meu interesse com minha colega de trabalho no balcão de jóias, que estudava na USC, fiquei sabendo do grande déficit de professores/as, principalmente para escolas de primeiro grau, que caracterizava aquele período na Carolina do Sul, e da possibilidade de conseguir uma bolsa. Fiquei sabendo também que, em virtude desse déficit, as escolas paroquiais estavam aceitando estudantes como professores/as, muito embora para se lecionar mesmo no primeiro grau fosse necessário ter um curso de graduação.

Fui então conversar com o pároco da igreja perto de onde eu morava, que tinha escola vinculada, descortinando-se a possibilidade de dar aulas lá, contanto que eu voltasse a estudar - o que pretendia fazer, mediante uma bolsa para futuros professores. No entanto, nesse ínterim, meu marido recebeu ordens de relocação, estipulando que se apresentasse na base aérea de San Francisco, Califórnia, dentro de um mês, onde pegaria o avião para as Filipinas, lá ficando até o fim do seu período de serviço militar na Aeronáutica. Por tratar-se de uma área considerada como “zona de guerra”, eu não poderia acompanhá-lo.

Pensei muito em permanecer em Sumter, seguindo meus planos. Mas por força do custo de vida e do salário reduzido que receberia na escola paroquial, bem como da pressão de familiares, inclusive do meu próprio marido para que eu não “ficasse sozinha em um lugar estranho” (condição de gênero!), acabei voltando ao Brasil, indo morar com meus pais até que ele terminasse seu período de serviço, nas Filipinas. Foram cerca de seis meses em que eu fiquei em compasso de espera, não conseguindo adiantar meus estudos nem encontrar trabalho fora das aulas particulares de inglês, sentindo-me, por assim dizer, em um limbo, sem controle do meu próprio destino.

Comecei assim a me preparar para prestar novo vestibular no Brasil, mas com o retorno de meu marido das Filipinas, em janeiro

de 1970, voltamos para Decatur, Illinois, sua cidade natal, e onde eu havia morado como estudante do AFS. Essa foi também uma situação temporária, porquanto aguardávamos os resultados da sua solicitação de matrícula na Southern Illinois University (SIU-E), na cidade de Edwardsville, além da resposta ao pedido da bolsa do governo americano para veteranos - a tal de “GI Bill” - para financiar seus estudos. Nesse meio tempo, comecei a trabalhar em um banco, iniciando no “departamento geral”, que cuidava da correspondência, passando depois por diferentes departamentos como parte do meu treinamento para me tornar *teller*, uma caixa de banco.

Esse período passado em Decatur mostrou-se bastante revelador no tocante ao *habitus* de classe de diferentes segmentos da população local. Eu estava sempre em contato com minha família americana, família com a qual eu havia morado durante meu ano do AFS. Tratava-se de uma família de classe média alta, apreciadora do bom e do melhor sem, contudo, cair no esnobismo ou consumismo. Ao contrário, os membros da família tinham poucas peças de vestuário, mas eram de boa qualidade, duradouras, o mesmo em relação aos carros que dirigiam. No entanto, frequentavam o Country Club, moravam em bairro nobre, passavam férias de inverno na Flórida e de verão no Lago Michigan, e os filhos faziam faculdade em universidades privadas. Eram católicos, de origem irlandesa, mas abraçavam perspectivas políticas ditas “progressistas”: um dos meus “irmãos” foi um *conscientious objector*, ou seja, não serviu o exército por convicções pacifistas, o outro integrou o *Peace Corps* (Corpo de Voluntários da Paz), trabalhando por mais de três anos como voluntário na Ilha de Truk, famosa para nós, antropólogas e antropólogos, pelo trabalho de Ward Goodenough.

Já a família de meu marido, com a qual convivi bem de perto, era de classe trabalhadora. Os pais eram divorciados e meu sogro trabalhava com britadeiras para o Departamento de Energia

Elétrica de Illinois, perfurando o solo para instalar redes elétricas subterrâneas na cidade. Ele morava em um *trailer*, mas dirigia um carro imenso, luxuoso e não perdia um jogo de baseball do seu time, não importando onde fosse o jogo. O marido de minha sogra era operário da Caterpillar, uma indústria fabricante de tratores, bastante ligado ao pessoal do sindicato, filiado ao AFL-CIO, uma das maiores centrais sindicais dos Estados Unidos. Mas há de lembrar que os sindicatos norte-americanos naquele período (anos 60-70) não primavam por ideias progressistas.

Minha sogra era pentecostal, bastante devota, dedicando-se às funções da sua igreja, que lhe tomavam várias noites por semana. Afora a igreja e a família, sua grande paixão eram as *yard* ou *garage sales* (bazares), que aconteciam principalmente na primavera, quando as famílias faziam uma limpeza geral em suas casas e vendiam o que não mais queriam em liquidações, com as peças (de roupas velhas a móveis ou até mesmo velhos automóveis) expostas nos jardins ou garagens. Em geral, esses bazares eram (e ainda são, creio eu!) marcados para os sábados, com anúncios publicados nos jornais locais, atraindo muita gente, especialmente mulheres em especial. Na verdade, eram atividades menos rentáveis em termos monetários do que sociais, ou seja, funcionavam mais como espaços de sociabilidade para as mulheres de uma comunidade, tanto como vendedoras, quanto compradoras.

E, de fato, eu frequentava esses bazares com minha sogra, mais como diversão. Geralmente, saíamos cedo, com a listagem dos anúncios publicados no jornal nas mãos, visitando quatro a cinco casas em uma manhã. Minha sogra sempre encontrava gente conhecida e ficava “jogando conversa fora” aqui e ali, mas nós duas sempre voltávamos com um monte de coisas, muitas sem a menor utilidade, que comprávamos nessas ocasiões (aliás, identifico em minha mesa de trabalho pelo menos dois objetos que adquiri nessas liquidações!).

Ela era de origem rural e, vez por outra, íamos visitar seus pais no sítio em que moravam. Eles haviam penado durante os anos da Grande Depressão e viviam apenas de uma pequena aposentadoria (*social security*), fazendo aproveitamento total de tudo pela casa! Até as flores de abóbora empanadas (*fried pumpkin blossoms*) serviam de alimentação (uma delícia, por sinal), o frango ensopado sendo engrossado por uns bolinhos de chuva (*chicken dumplings*) para render mais, as latas aproveitadas como regadores e canecos, um grande fogão à lenha para aquecer a casa toda, no inverno. Quando vejo o quadro “American Gothic”, de Grant Wood, sempre me lembro deles: Grandma H., de vestido de florzinhas até quase o tornozelo, Grandpa H., com um macacão, tal qual o da referida pintura!

Destaco essas questões, pois os contrastes de classe entre os dois núcleos familiares que eu frequentava eram imensos, permitindo a mim uma visão mais ampla da vida das famílias americanas do Midwest como a “forasteira dentro” que eu era, ou seja, como alguém que estava ali, mas não pertencia, para usar da perspectiva de Patrícia Hill Collins (1986). Essa vivência contribuiu para que eu fosse construindo, aos poucos, não apenas uma noção de classe muito mais abrangente do que a definição estrutural (lugar ocupado no processo de produção), tão ao gosto do Marxismo estruturalista, mas sobretudo, também uma consciência de classe fracionada, de uma “forasteira dentro”. Fui me dando conta, aos poucos, da relevância dos diferentes valores, ideologias e práticas de classe cotidianas, parte constitutiva das vivências de classe, ou o que eu, mais tarde, ao ler Pierre Bourdieu (1983), compreenderia tratar-se de *habitus* de classe.

Com o início do semestre letivo na Southern Illinois University, em setembro de 1970, nos mudamos inicialmente para uma casinha em uma cidadezinha vizinha, na época, um povoado com pouco mais de um mil habitantes, relocando, depois, para um apartamento em Edwardsville, Illinois, onde ficava a universidade.

Antes mesmo de nos mudarmos, fui procurar emprego como *teller*, num dos bancos locais, dado o meu treinamento anterior. Acabei trabalhando, ali, por quatro anos, aprendendo bastante sobre bancos e fazendo grandes amizades (que preservo até hoje), como também começando a me conscientizar sobre a discriminação contra as mulheres no espaço de trabalho.

Aliás, tal conscientização já fora despertada na primeira entrevista com o gerente do banco, quando ele me perguntou o que eu fazia para evitar filhos! Eu tinha só 22 anos de idade e não costumava falar sobre tais questões, muito menos com um homem totalmente estranho. Confesso que fiquei bastante chocada, mas não me dei por vencida. Perguntei-lhe por que o interesse nessa questão da minha vida pessoal, ao que ele respondeu: “Não vamos treinar você para o cargo e daqui a seis meses você engravidar!” Por certo, tal questão jamais era perguntada para os homens.

Várias outras questões surgiram no curso do trabalho e me deixaram alerta para as desigualdades de gênero, sobretudo no que diz respeito à divisão sexual de tarefas, cargos e os salários correspondentes. Por exemplo, nos porões do banco havia uma copa-cozinha, usada pelos funcionários e funcionárias para as *breaks* e horário de almoço, já que quase todo mundo - pelo menos todo o “baixo clero” do banco - levava sua marmita. A cada semana, uma das funcionárias era escalada para a limpeza da copa-cozinha: os homens estavam livres desse encargo. Cabia a eles abrirem e fecharem o banco, uma responsabilidade que também era semanal, mas vista como tarefa essencialmente masculina.

Apreendi logo os procedimentos do banco e acabei me tornando uma das treinadoras de novos *tellers*. Treinei mulheres e homens, até que um dia descobri que eu ganhava menos que os *trainees*. Não tive dúvida, fui tomar satisfações com o gerente: por que eu ganhava menos? “Ora, você está aqui porque seu marido é aluno da SIUE. Daqui a pouco ele se forma e vocês vão embora; por que investir em alguém que não vai ficar conosco?”, disse-me

ele. Fazia sentido, mas era só meia verdade, pois vários dos *trainees* que passaram por mim também estudavam na SIUE e foram embora quando se formaram, mas eles eram homens! Mais uma vivência despertando a minha consciência de gênero feminista...

Apesar de tudo isso, eu gostava muito do meu trabalho, principalmente o fato de lidar diretamente com o público. Na época de Natal, eu me divertia vestida de *Mother Christmas* (ou Mamãe Noel), sentada em uma mesa ao lado da nossa grande árvore de Natal vendendo carnês de *Christmas Clubs*, um tipo de poupança com depósitos semanais (de cinco, dez, vinte cinquenta ou cem dólares), só sendo possível descontar o tal carnê no final do ano, com os juros incluídos.

Nesse banco, trabalhei em vários setores e diferentes janelas de atendimento como *teller*. Fiz muita hora extra, trabalhando aos sábados, pela manhã, na *walk up window*, uma janela de *teller* que abria para a calçada e, às sextas-feiras, na *drive-in window*, uma janela nos fundos do banco que atendia pessoas em seus carros. Naquela época (1970-1974), é bom lembrar, quase nada era automatizado, nem mesmo a gaveta na qual as transações na janela do *walk up* e *drive-in* eram passadas: era tudo na base do “muque” mesmo. Lembro-me que ao fim do dia (nas sextas-feiras, trabalhávamos até às 19:30h., eu saía de lá com o braço doendo, de tanto empurrar e puxar a tal gaveta!

Grande parte dos clientes que eu atendia na janela do *drive-in* era de operários da Granite City Steel, uma imensa siderúrgica localizada em uma cidade vizinha. Eles vinham com suas esposas depositar o salário semanal, mas quem controlava os depósitos dos cheques eram as mulheres. Elas depositavam a maior parte do valor do cheque na conta, descontando uma pequena quantia em dinheiro para ser dividida com os companheiros. Muitas das minhas colegas de banco eram casadas com operários da Granite City Steel, e pude observar que elas também se encarregavam de fazer todos os pagamentos da casa, tomando conta do dinheiro

da família. Esse era também o procedimento que observara ter lugar na casa de minha sogra e entre outras famílias operárias americanas com as quais convivi naquela época, um costume bastante diferente das famílias operárias, que mais tarde viria a estudar em Salvador.

No banco, durante o verão, quando acontecia o Mississippi River Festival (algo semelhante ao *Rock in Rio*, que se estendia por algumas semanas), eu ficava encarregada da venda dos bilhetes no banco e de contar e depositar as somas arrecadadas com a venda das bilheterias durante os *shows*. Eu contava sacolas e mais sacolas de dinheiro (nem consigo imaginar hoje a quantidade de dólares que já passaram por minhas mãos!), mas era bastante rápida e precisa na contagem! Tinha o maior orgulho desta minha habilidade, orgulho de um trabalho bem feito, mesmo que o dinheiro não fosse meu! A lembrança desse orgulho me permitiu empatizar com as operárias que estudei anos mais tarde, quando me falavam do orgulho das peças que produziam como tecelãs, mesmo que essas peças não lhes pertencessem.

Os últimos dois anos que passei em Edwardsville (1972-1974) foram os melhores. Primeiro, por eu começar a me envolver com o movimento feminista. Foi ali que comecei a participar das reuniões semanais do comitê local da *National Organization for Women - NOW*, o único grupo feminista da cidade, e me envolvendo também na campanha presidencial de George McGovern, que tinha o apoio das feministas da NOW e que se opunha à guerra do Vietnã. Ao mesmo tempo, eu finalmente voltara a estudar! Isso se tornou possível só depois que conseguimos moradia dentro do *Campus* da SIUE, em um apartamento subsidiado para alunos com família, o que significou uma grande economia nos gastos com aluguel, permitindo que eu cursasse disciplinas à noite.

Em grande parte das universidades norte-americanas, como no caso da SIUE, os dois primeiros anos são bastante abertos, interdisciplinares, só se fechando mais nos dois últimos anos,

quando se faz a concentração na área, ou *major*, que se pretende cursar. Quem estuda só à noite, contudo, tem um leque de escolhas bem menor, mesmo assim, tive a oportunidade de cursar ótimas disciplinas. Dentre elas, cursei Introdução à Antropologia, disciplina essa que confirmou meu interesse pelas Ciências Sociais e, no particular, pela Antropologia. De fato, tive um professor excelente - um “doutorando” -, que soube fazer uma abordagem bastante caprichosa dos quatro campos da Antropologia: socio-cultural, biológica, arqueologia e linguística. Até hoje, tenho as copiosas notas feitas durante aquele meu primeiro encontro com a Antropologia, acontecido há mais de cinquenta anos.

Durante esse período na SIUE, aproveitei também a possibilidade de ganhar créditos por meio de “exames de proficiência” (*proficiency tests*), pagando uma pequena taxa e me preparando, sozinha, para as provas. Conseguí, assim, aprovação (e os créditos correspondentes) em disciplinas de Espanhol e História Mundial. Juntando com os créditos que trouxe do Sedes *Sapientiae*, pude acumular o equivalente a um pouco mais de um ano de estudos, bagagem essa que levei para a Illinois State University – ISU, em Normal, Illinois, onde finalmente concluiria meu bacharelado. Tal mudança se deu em 1974, quando meu marido se formou e foi trabalhar para a General Telephone of Illinois, uma grande empresa de telecomunicações, operando na região de Bloomington-Normal, cidades gêmeas na área central do Estado de Illinois. Foi uma escolha feita a dois, de modo a possibilitar o meu retorno aos estudos em tempo integral.

Decidida a voltar a estudar, mas ainda sem meios de custeio para meus estudos, inscrevi-me na seleção para trabalhar como funcionária pública na ISU, em Normal, sendo aprovada e assumindo o posto de assistente administrativa no Setor de Aquisições. Isso me permitiu usufruir de uma bolsa parcial para funcionários, com a possibilidade de cursar até duas disciplinas por semestre, “de graça”. Contudo, trabalhando tempo integral, estava limitada

a escolha de disciplinas oferecidas no horário noturno, mas consegui, junto aos meus supervisores diretos, tempo extra necessário para assistir às aulas.

Naquele meu primeiro ano na ISU, cursei quatro disciplinas do ciclo básico, bem como ganhei créditos por meio de exames de proficiência, contribuindo para que, a partir de setembro de 1975, eu pudesse largar o emprego na Universidade e, finalmente, me tornar aluna de tempo integral de Antropologia, por ser agraciada com uma bolsa de estudos concedida pela Illinois State Scholarship Commission (ISSC), que custeou minhas taxas de matrícula por quatro semestres, até a minha formatura, em maio de 1977.

Destarte, no segundo semestre de 1975, foi possível me matricular em sete (07) disciplinas, inclusive no Seminário sobre Mulheres na Atualidade, minha primeira disciplina em Estudos sobre Mulheres, quando finalmente pude ler *A Mística Feminina*, de Betty Friedan (1963), *A Dialética do Sexo*, de Shulamith Firestone (1970), e *Sisterhood is Powerful*, de Robin Morgan (1970), feministas de destaque naquela época.

Cursar essas disciplinas como aluna de tempo integral, regularmente matriculada, trouxe importantes mudanças. É lógico que a mais importante foi ter tempo suficiente para me dedicar aos estudos. Mas houve uma virada no sentido de me fazer sentir, mais uma vez, como uma forasteira dentro. Explicando melhor: enquanto eu estudava de noite, tinha colegas que, como eu, eram mais velhos e mais velhas que a média dos estudantes universitários, muitos já casados(as), e trabalhando durante o dia. Já como aluna de tempo integral, a maior parte de meus e minhas colegas era de jovens, solteiros/as, sem outras responsabilidades e com experiência limitada à escola secundária.

Aos poucos, fui me identificando com pessoas mais velhas que, como eu, voltavam a estudar: mulheres que, devido ao casamento ou aos filhos, haviam abandonado a faculdade e voltavam

agora determinadas a se formar, pessoas aposentadas que queriam também uma nova chance e, como era típico para a época em questão, um número ainda maior de rapazes, veteranos de guerra, que, tal qual meu marido, usufruíam das benesses da GI Bill. Acabei me tornando parte de um grupo de colegas que se encaixava nesse perfil, como no caso de Debby, minha amiga até hoje! Como éramos mais velhas, até mesmo com idade próxima a algumas de nossas mestras, tornamo-nos próximas a elas.

Vale ressaltar: já naquela época, havia no *campus* muitas mulheres, professoras e estudantes, que se identificavam com os ideais feministas dos quais eu comungava e ao lado de quem participei de vários eventos em defesa dos direitos das mulheres. Cheguei a fazer parte do grupo de mulheres articuladoras da *Students' Association for Women-SAW*, a primeira organização estudantil para mulheres da ISU. Esse grupo participou da organização do *Alice Doesn't Day*, em Bloomington-Normal, que teve lugar em 29 de outubro de 1975, no *Campus* da ISU, quando se realizou, no país todo, uma greve de três horas, por parte de nós, mulheres, para protestarmos contra nossa marginalização no mercado de trabalho. Deixando de cumprir as tarefas que nos eram alocadas durante o período de 'greve', nos propúnhamos a demonstrar a importância do trabalho feminino na sociedade. Participamos, também, de ações na Assembleia Legislativa de Illinois, em Springfield, para pressionar os deputados do Estado a aprovar o "Equal Rights Amendment - ERA", emenda parlamentar que incluía o princípio da igualdade entre os sexos, não contemplado até hoje na Constituição Norte-americana.

Aos poucos, porém, fui me aproximando mais de outros grupos feministas ditos "mais radicais", participando de grupos de conscientização, reflexão e ação feministas, bem como de oficinas de sensibilização para gênero, dentre os quais a maioria das participantes se identificava como lésbicas e a questão das sexualidades e das violências sexuais entravam sempre em pauta.

Conforme descrevi em artigo sobre a relevância desses grupos para o movimento feminista (Sardenberg, 2018, p. 22):

É importante lembrar que romper com as amarras dos condicionamentos da dominação patriarcal e, em especial, com a subordinação, não é algo instantâneo, ou que se processe de forma linear, mas sim resultado de processo gradual, muitas vezes prenhe de incertezas e contradições. Ademais, ainda que esse processo possa ser desencadeado individualmente, a partir da leitura, por exemplo, é certamente muito mais eficaz quando se desenrola coletivamente.

Nesse mesmo artigo, descrevi um pouco minha experiência nesses grupos, que incluo aqui:

Com efeito, nesses grupos era possível pensar coletivamente como gênero e processos de subordinação das mulheres eram reproduzidos e se manifestavam em nossas vidas - e como seria uma sociedade mais justa. Os grupos criavam um espaço aberto e acolhedor para que as mulheres pudessem falar de sua vida e questionar as tradições e visões patriarcais sobre o ser mulher, até mesmo as próprias, destrinchando suas raízes sociais e possíveis formas de erradicá-las.

Minha experiência em um grupo de conscientização se deu nos Estados Unidos, no início dos anos 70, experiência essa fundamental para a minha tomada de consciência sobre a força do patriarcado e meu engajamento, até hoje, nos movimentos feministas. Na primeira reunião que participei, discutia-se violência sexual. Eu nunca havia falado sobre isso antes, mas impulsionada pelos depoimentos das mulheres ali presentes, consegui relatar uma experiência que há muito escondera de mim mesma. Foi quando eu

ainda era uma menina de apenas 12 anos e um estranho, escondido na entrada de uma vilinha perto da minha casa, em São Paulo, me chamou para vê-lo se masturbando. Eu corri para casa morrendo de medo e de vergonha, porque havia olhado para o pênis do assediador, como se a culpada por tudo isso fosse eu. Discorrendo sobre esse fato na reunião e constatando como esse tipo de assédio sexual é comum nas sociedades patriarcais, tendo algo semelhante acontecido com outras participantes do grupo, pude por fim “me perdoar” por algo que eu não tinha culpa e por não ter tido a coragem de denunciar o ocorrido, para tirar o verdadeiro culpado das ruas. Ponto para a minha autoestima, ponto para o meu processo de conscientização e, em tempo, para ações coletivas de combate à violência contra mulheres (Sardenberg, 2018, p. 21-23).

O ano de 1976 se iniciou com algumas importantes mudanças em minha vida. Por certo, a maior foi minha separação do meu marido e minha mudança para a sede de uma *sorority*, tipo de república feminina, onde fui trabalhar como *Housemother*, ou seja, como supervisora. Eu dispunha de um pequeno apartamento e sala e cozinha conjugada, com quarto e banheiro, dentro da residência, e convivia de perto com as jovens (cerca de 30) que ali residiam, fazendo minhas refeições com elas e dando-lhes assistência nas inúmeras pequenas crises que ali aconteciam. Era um trabalho um tanto desgastante, por eu ter que “estar no ar” 24 horas por dia, mas além de não pagar o aluguel nem pelas refeições, eu ainda recebia um pequeno salário, crucial para a minha manutenção. Outra vantagem era a proximidade da Universidade - na verdade, ficava quase dentro do *Campus* da ISU -, o que me permitia ganhar tempo e economizar no transporte.

Mas talvez o maior bônus desse trabalho tenha sido a oportunidade de desenvolver uma observação sistemática ou

mesmo “participante” da vida universitária do Midwest dos Estados Unidos, nos anos 70, na situação de uma “forasteira dentro”. Passei então a redigir um diário de campo da minha vivência na *sorority*, comentando minhas observações com minha colega e amiga Debby. Pareceu-nos importante pensar as *sororities* como um tipo de instituição total voluntária, tal qual conventos, escrevendo um trabalho juntas sob o título “A Different Kind of Nunnery” (Sardenberg; Donnellan, 1977a), publicado em uma coletânea sobre “instituições totais”, em homenagem a Erving Goffman. Nesse trabalho, argumentamos que instituições totais voluntárias, dessa ordem, para mulheres, só se mantinham em pé por criarem um clima de família e uma linguagem de parentesco fictício, de sorte que as colegas se tornavam “irmãs”, havia a figura da “*housemother*”, as ex-alunas eram “madrinhas”. Senti-me lisonjeada quando me dei conta de que esse nosso argumento serviu para uma tipificação das instituições totais, tal qual esboçado por Christie Davies (1989), anos depois.

No início de 1976, também fiz parte de um grupo de alunos que criou a organização estudantil *Friends of Anthropology*, contando com o apoio do corpo docente do Departamento de Antropologia da ISU e de suas famílias. Eles e elas marcaram presença inclusive no nosso time de *softball* (um basebol mais suave), além de contribuírem para a confecção de camisetas para o nosso time, que estampavam um mapa genealógico como logomarca da “Friends”. Eleita presidente dessa organização, tive o imenso prazer de passar um dia inteiro, em abril de 1976, ciceroneando a Profa. Dra. Margaret Mead, por ocasião da sua visita à ISU. Isso incluiu buscá-la em outra universidade, localizada a cerca de 80 km de Normal, o que me proporcionou tempo só com ela, mas no qual ela dominou a conversa, perguntando sobre minha vida e comentando sobre o Brasil, tema sobre o qual ela parecia estar muito bem informada.

Nesse primeiro semestre de 1976, meu principal trabalho foi elaborado para a disciplina “Política dos Países em Desenvolvimento”, do campo da Ciência Política, minha área de concentração secundária. Intitulado “The Fight is On, Brazil, a Revolution in the Making” (Sardenberg, 1976a), esse trabalho de mais de trinta páginas, teve como objetivo analisar as condições socioeconômicas e políticas no Brasil em termos de pré-condições para o deslanchar de uma “revolução” socialista. Para escrevê-lo, li Carlos Marighela (1973), Márcio Moreira Alves (1973) e João Quartim (1971), autores de livros proibidos no Brasil na época, dentre outros. Hoje, considero o trabalho bastante sofrível em termos teóricos - fiz uso de uma abordagem funcionalista e ainda por cima, nada sofisticada -, mas elaborei uma análise apaixonada sobre o que acontecia no país então, visto por alguém que estava longe e sedenta por mudanças. Creio mesmo que foi meu trabalho de expiação por ter saído do Brasil, sem me engajar nas lutas contra a ditadura.

Esse primeiro semestre de 1976, além de ser enriquecedor em termos das disciplinas cursadas, abriu novos espaços de atuação para mim. Um dos principais fatores nessa direção foi minha participação na Conferência da Central States Anthropological Association, que teve lugar em St. Louis, Missouri, quando, por intermédio de uma professora amiga, vim a conhecer a Profa. Dra. M. Estellie Smith, da State University of New York (SUNY-Oswego), que se tornaria minha principal tutora na prática do trabalho de campo etnográfico. Filha de uma portuguesa da Ilha da Madeira, que foi criada na cidadezinha de Provincetown, Massachusetts, a Dra. Smith vinha trabalhando há anos com populações de origem lusofônica, na costa da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, que planejavam passar o verão naquela cidadezinha pesquisando as cooperativas de pescadores de lá, que eram, em sua maioria, de origem portuguesa. Como não falasse português, ela me convidou para trabalhar como sua assistente de campo - convite imediatamente aceito!

Foi assim que passei três meses em Provincetown trabalhando com a comunidade lusofônica local, aprendendo a fazer trabalho de campo com a Dra. Smith. Essa experiência foi muito enriquecedora em muitos aspectos, dando origem, inclusive, a três trabalhos: a) “Provincetown: a summer’s view” (Provincetown visto no verão) (Sardenberg, 1976b), elaborado como relatório de estudo independente, b) “Ethnicity in Provincetown” (Etnicidade em Provincetown) (Sardenberg, 1977b), elaborado como trabalho final da disciplina Antropologia Política, aprovado para apresentação na Reunião da Northeastern States Anthropological Societies e, mais recentemente, a c) “Revisitando o Campo: autocrítica de uma antropóloga feminista” (Sardenberg, 2014b), publicado na *Revista Mora*, na Argentina, no qual faço uma revisita crítica a três momentos e contextos distintos onde desenvolvi trabalho de campo, mostrando como a intersecção de vários marcadores sociais nos constroem enquanto diferentes personas no campo.

Naquele artigo, antecipando um pouco o que me proponho neste trabalho, tive como proposta refletir sobre os “desafios postos para a produção de conhecimento na perspectiva da Antropologia Feminista, a partir de um exercício de autocrítica”. A ideia era visitar minhas diferentes vivências e experiências no trabalho de campo como autodenominada antropóloga feminista, apoiando-me nos “princípios das epistemologias feministas perspectivistas”, procurando identificar e analisar de que forma e em que medida as intersecções de gênero, raça, etnia, classe, geração e sexualidade, dentre outras, dentro dos contextos etnográficos distintos no tempo e no espaço em que atuei, demarcaram minha posicionalidade e persona no campo, promovendo - ou delimitando - meus encontros (ou desencontros) com meus interlocutores e interlocutoras na produção de um conhecimento que se quer antropológico e feminista” (Sardenberg, 2014b, p.).

No artigo em questão, discorro sobre o assédio que sofri no meu trabalho em Provincetown. Naquela época, eu era uma jovem

mulher separada do marido, não sendo, pois, à toa que, dentre a comunidade portuguesa, tive muito mais facilidade em encontrar homens dispostos a conversar comigo do que mulheres. Na verdade, como ressaltai, “vi-me constantemente assediada pelos homens dessa comunidade [...] por confundirem meu interesse em conversar com eles como meus interlocutores, com um possível interesse neles enquanto sujeitos sexuados, o que tornou praticamente impossível entrevistá-los (a começar pelo fato de que só marcavam encontro comigo nos bares da cidade). Devido a esse comportamento dos homens, poucas mulheres mais velhas, particularmente as esposas, aceitavam conversar comigo. Eu era vista por algumas como possível *femme fatale*, inclusive por estar então separada do meu marido”.

No meu retorno do trabalho de campo, em Provincetown, participei e fui aprovada em uma seleção para trabalhar como Monitora na disciplina “Introdução à Antropologia”, que marcou minha primeira experiência de tirocínio docente. Amei! Decidi então o caminho que seguiria: tornar-me uma docente universitária no campo da Antropologia! Nesse mesmo semestre, cursei a disciplina “Pesquisa em Estudos sobre Mulheres”, uma das primeiras disciplinas sobre pesquisa feminista oferecidas nas universidades americanas. Foi para essa disciplina que comecei a escrever um trabalho sobre epistemologia, só concluído há poucos anos, artigo esse que considero uma das minhas principais contribuições aos estudos feministas no Brasil, publicado sob o título “Da crítica feminista à ciência, a uma ciência feminista?” (Sardenberg, 2002).

No final de 1976, tive ainda a oportunidade de participar como monitora na reunião anual da American Anthropological Association, realizada em Washington, D.C., ocasião em que um simpósio sobre sociobiologia, com a participação de Earl Wilson, um de seus mais ferrenhos defensores, atraiu grande público, eu inclusive, mas ao lado dos seus críticos! Por certo, para nós, antropólogos e antropólogas, sobretudo para nós feministas e antirracistas, essa

crítica tornava-se fundamental, haja vista a proposta central de Wilson (1975): o biológico como determinante das interações humanas, fundamentando-se na suposta tendência evolucionária de genótipos individuais maximizarem seu sucesso reprodutivo. Daí porque a “Nova Síntese”, proposta por aquele mesmo autor, no sentido de as humanidades e ciências sociais serem incorporadas na Biologia Evolucionária! A defesa de Marshall Sahlins (1976) da relevância da “cultura” sobre a biologia e, assim, da Antropologia enquanto disciplina, foi então - como em anos mais recentes também (Sahlins, 2004) - uma tábua de salvação para sairmos daquele mar essencialista de determinismo biológico!

Esse debate ainda estava quente no primeiro semestre de 1977, meu último semestre na ISU, esquentando as aulas da disciplina “Adaptações Afro-Americanas”, quando denunciávamos a defesa implícita do racismo pela sociobiologia. Nesse semestre, dentre outras disciplinas, cursei Métodos de Pesquisa na Antropologia, escrevendo para esta última disciplina meu melhor trabalho do semestre, “Truck Stop Behavior” (Sardenberg, 1977b), trabalho baseado em pesquisa sobre as interações entre caminhoneiros e garçonetes em restaurantes de beira de estrada, voltados para os motoristas de caminhão. Pensada como uma pesquisa mais aprofundada, ela acabou se baseando, em grande medida, apenas em observações sistemáticas. O trabalho expressa toda essa frustração da pesquisadora que não conseguiu fazer sua pesquisa, avaliando, porém, o quanto se pode aprender apenas com o “olhar”, tal qual nos ensinou Roberto Cardoso de Oliveira (2000) em *O trabalho do antropólogo*.

Apesar de meus tropeços no início do curso de graduação, com interrupções e mudanças de universidades, consegui, finalmente, concluir meu bacharelado, formando-me com *High Honors* (Alto Mérito). Fui indicada, duas vezes, para a premiação do *Bone Scholar Award* (Prêmio Bone), da ISU, tendo eu recebido menção honrosa, como também para uma *Danforth Fellowship*

(Bolsa de Pós-Graduação Danforth), para a qual cheguei a ser finalista, não podendo afinal ser agraciada por não ter cidadania americana. Creio que devo tudo isso aos professores e professoras maravilhosos (as) da ISU, que me levaram a amar a Antropologia com sua maneira amiga, não pretensiosa e apaixonada de ensinar, convidando-me a pensar criticamente e, assim, aprender.

Quando escolhi cursar o bacharelado em Antropologia, sabia que estava optando por uma carreira acadêmica, para o que seria necessário fazer o doutorado. Nos Estados Unidos, existia a possibilidade de se ir direto do Bacharelado para o Curso de Doutorado, o título de mestre sendo conquistado no caminho. Com isso em mente, preparei-me para me submeter aos exames do GRE, algo semelhante ao ENEM para quem quer cursar pós-graduação. Depois, inscrevi-me e fui aceita em diferentes universidades, optando pela Boston University (BU) por me oferecer bolsa de estudos e a possibilidade de dar continuidade às pesquisas iniciadas em Provincetown, com a população de origem portuguesa na Nova Inglaterra, e de trabalhar com o Prof. Dr. Anthony Leeds, que havia realizado pesquisas no Brasil e com imigrantes portugueses também. Além do mais, a Boston University não só era a alma *mater* do Dr. Martin Luther King, que ali obtivera seu título de Doutor em Teologia, como também uma das universidades com um corpo estudantil dos mais atuantes durante os anos 70, tornando-a ainda mais atraente para uma ativista como eu. Sem esquecer que Boston era - e ainda é - um dos mais importantes centros acadêmicos da costa leste, contando com universidades famosas, tal como Harvard, Massachusetts Institute of Technology - MIT, Tufts, Brandeis, Boston College, dentre outras, além da Boston University.

Mudei-me para Boston no final de maio de 1977, carregando todos meus pertences em um caminhão U-Haul, contando com a ajuda de meu amigo Ken, marido de minha colega e 'amigona' Rose, que dividiu a direção comigo. Ken era das ilhas Fiji e nunca

tinha ido para a costa leste. Aceitou me ajudar na mudança e a me instalar em troca do bilhete de volta e de um lugar para ficar e conhecer Boston.

Ciente de que a bolsa da BU só começaria a ser paga no final de setembro, com o início das aulas, e que até lá eu precisaria de algum meio de sobrevivência, saí à cata de um emprego. Tive sorte, logo consegui uma colocação como secretária da diretora da biblioteca do Emerson College, na Berkeley Street, bem nas redondezas de onde explodiram as duas bombas durante a maratona de 2013. Em maio de 1977, quando cheguei a Boston, porém, ali era um lugar tranquilo! Perto da Copley Square, do Boston Commons e do Gardens, na Arlington Street, onde eu costumava almoçar com colegas, degustando deliciosos “sanduíches submarinos” que comprávamos em Beacon Hill. Que saudades!

Devo confessar que esses primeiros meses em Boston foram um marco importante em minha vida: além de Boston ter sido a primeira cidade na qual fui morar por minha própria escolha, foi a primeira vez em que morei sozinha e me tornei dona de meu próprio nariz. Foi um momento importante para mim, do feminismo, como vivência, tal como nas palavras de Margareth Rago (2013, p. 28) quando afirma que os feminismos podem ser considerados:

[...] como linguagens que não se restringem aos movimentos organizados que se autodenominam feministas, mas que se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina nos marcos da heterossexualidade compulsória.

De fato, como a mesma autora acrescenta adiante, “[...] transformação social implica não só em um projeto político, mas

também transformar um estilo de vida, ou ‘estética da existência’, criada na experiência individual e social” (2013, p.49). Posso então dizer que nesses meus primeiros meses em Boston, comecei a mudar minha “estética de existência”. Por isso mesmo, na época, achei importante registrar essa experiência em um dos primeiros trabalhos que elaborei no meu curso de pós-graduação na BU, intitulado “*Impressionism and Impressions on Getting to Know Boston*” (Sardenberg, 1977c, p.3), ‘Impressionismo e Impressões ao Começar a Conhecer Boston’, onde assim afirmei:

Vim para Boston naquele verão para ficar e estudar como tantos outros fizeram. Deixei Illinois e seus tristes campos de milho uma manhã, sem arrependimentos, muito feliz por escapar de suas planícies monótonas. Eu vim de caminhão - um enorme caminhão alugado - transportando ao longo tudo o que restou de dez anos de casamento, de dez anos de ser pessoas que eu não era, e que eu não queria ser. Carreguei comigo móveis, livros, fotografias antigas. Todo o resto – as pessoas que eu não era, os sentimentos que eu não queria sentir, as lembranças que eu não queria ter – joguei pela janela. Espero que tudo isso tenha ficado em algum lugar entre Illinois e Massachusetts, provavelmente nas longas e intermináveis colinas do Pennsylvania Turnpike.

Em fins dos anos 70, início dos anos 80, havia na Boston University, a BU, um núcleo de professoras feministas, algumas delas inclusive no Departamento de Antropologia – Susan Brown, Maureen Giovaninni e Jane Guyer - das quais tive o prazer de ser aluna e também assistente de pesquisa (Maureen Giovaninni) e trabalhar como monitora na disciplina “Female Perspectives in the Study of Cultures” (Susan Brown e Maureen Giovaninni). Sob a coordenação de Susan Brown, Pamela Sankar, algumas outras colegas da BU e demais universidades de Boston e eu, organizamos

o coletivo responsável pela publicação da *National Conference for Women in Anthropology Newsletter*, o boletim da Conferência Nacional de Mulheres na Antropologia, rede articulada por Eleanor Leacock, em Nova Iorque, que mais tarde daria lugar à *Association for Feminist Anthropology* da *American Association of Anthropology*. Foi neste boletim que publiquei uma resenha sobre livros no campo da Antropologia da Mulher, sob o título: “From the Anvil of Experience: a critical review of Murphy and Murphy’s *Women of the Forest* and Wolff’s *Women and the Family in Rural Taiwan*” - Do âmago da experiência: uma revisão crítica de *As Mulheres da Floresta* de Murphy e *Murphy e Mulheres e Família e Taiwan Rural* (Sardenberg, 1977d).

Nessa época, cursei a disciplina “Matrilineal Societies” - Sociedades Matrilíneas- com a Profa. Susan Brown, elaborando como trabalho final um artigo baseado em uma releitura crítica, na perspectiva feminista, dos trabalhos de Robert Murphy sobre os índios Mundurucu, do Rio Tapajós, que intitulei “Matrilocality and Patrilineality in Mundurucu Society: A Reinterpretation” - Matrilocalidade e Patrilinealidade na Sociedade Mundurucu: uma reinterpretação - (Sardenberg, 1980). Por um bom tempo, fiquei fascinada com a forma de organização social dos Mundurucu - seu regime “dis-harmônico” na perspectiva de Lévi-Strauss - a ponto de pensar em realizar meu trabalho de campo entre eles. Na procura por material bibliográfico sobre os povos da região em questão, deparei-me com *O Selvagem e o Inocente*, de David Mayberry-Lewis (1980). Nesse livro, Mayberry-Lewis relata seu período de trabalho de campo entre os povos nativos da Região da Amazônia, mencionando os problemas que ele e sua família enfrentaram com o teto da cabana infestado de baratas. Foi o que me bastou para mudar de ideia - tenho pavor de baratas, principalmente se forem voadoras!! Hoje, os Mundurucu sofrem males muito maiores com o envenenamento causado pelo derramamento criminoso do mercúrio nas águas dos Tapajós, pelo garimpo.

Cursando a disciplina Antropologia Aplicada, escrevi um trabalho sobre cabo-verdianos em Boston, perdido nessa minha longa caminhada, mas que serviu de base para outro trabalho que teve por título: “*Cape Verdean Migration, Strategic Unions, and the Definition of Marriage*” - *Migração Cabo-Verdiana, Uniões Estratégicas e a Definição de Casamento* - (Sardenberg, 1978a). Fiquei bastante interessada em seguir trabalhando com a comunidade cabo-verdiana em Boston e com a questão dos “casamentos estratégicos” como problema possível para minha tese doutoral, começando até mesmo a aprender um pouco de “criolo”, o idioma de Cabo Verde. Mas com o nascimento de minha filha, nascida da minha união com outro doutorando brasileiro na BU, e o desejo de todos e todas nós, estudantes de pós-graduação vivendo então em Boston, de voltarmos para o Brasil com a anistia, acabei abandonando essa ideia.

Devo ressaltar, porém, que a pesquisa para a realização do referido trabalho só se tornou possível com o apoio de colegas de origem cabo-verdiana, que cursaram a disciplina Applied Anthropology comigo, bem como de Helena, uma cabo-verdiana, minha vizinha, quando residia no Ringe Towers Apartments, em Cambridge, Massachusetts. Tratava-se de um *housing development*, ou seja, um complexo residencial para famílias das camadas populares de Boston, sendo ocupado principalmente por negros. Pude assim constatar o racismo institucional contra negros nos Estados Unidos, principalmente por parte da polícia de Boston, com meus próprios olhos. A começar pela presença constante de uma viatura de polícia na porta do prédio em que vivia, com o constante assédio aos moradores. Eu mesma e meu companheiro, na época, passamos por uma situação bastante assustadora quando, supostamente com base em uma falsa denúncia, policiais invadiram nosso apartamento à procura, até hoje, não sei bem do que. Não respeitaram nem mesmo o fato de eu estar em estado avançado de gravidez da minha filha, Marina, empurrando-me, nada gentilmente, quando abri a porta! Pelo fato de sermos bra-

sileiros e, portanto, latinos, ou seja, não brancos, não se deram ao trabalho de apresentar mandado de busca e apreensão, entrando porta adentro sem pedir licença. Só não fizeram pior por descobrirem que éramos doutorandos na BU - aliás, assustaram-se com tal fato -, avisando-nos, inclusive, que ali não era um bom lugar de moradia para nós! Nesse caso, parece que o fato de sermos “forasteiros dentro” nos salvou da brutalidade policial racista de Boston: nem sempre nossos vizinhos tiveram a mesma sorte...

A bem da verdade, esse meu primeiro período em Boston foi bastante positivo. Além do nascimento de minha filha, tive o prazer de ter ótimas colegas e ser aluna de professoras e professores não só competentes como solidários. Além disso, tive a oportunidade de assistir a algumas conferências do Prof. Howard Zinn, historiador conhecido por seus estudos sobre a classe trabalhadora americana e por ter organizado os famosos *sit ins* e *teach ins* - aulas ao ar livre - em protesto contra o envolvimento americano na Guerra do Vietnã.

Aliás, naquela época, na BU, havia um grupo de professores bastante progressista, responsável pela coordenação do “Summer Seminar in Critical Social Theory”. Esses seminários anuais reuniam muitos pesquisadores e estudantes, participando de cursos de pensadores de renome, na época. Tive assim a grata oportunidade de ser aluna de Ernest Mandel, Andre Gunderfrank, Robin Blackburn e Goran Therborn, não me perdoando até hoje por ter perdido os seminários de Nicos Poulantzas, oferecidos no verão anterior à minha chegada à BU! Reparem, porém, que as “grandes figuras” então eram homens, brancos, de meia-idade para cima.

No entanto, uma das melhores disciplinas que cursei durante minha primeira jornada na BU foi “Development and Underdevelopment” - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento -, sob a regência da Profa. Susan Eckstein. Essa disciplina congregou boa parte do pessoal que frequentava os “*Summer Seminars*”, uma turma maravilhosa de estudantes, que levava

os debates da sala de aula para os cafés e bares dos arredores. Para essa disciplina, escrevi com minha colega e amiga, Pamela Sankar, um trabalho intitulado “The Sugar Economy in the Brazilian Northeast: Transformations in the Relations of Production, 1888-1964” - A Economia do Açúcar no Nordeste Brasileiro: Transformações nas Relações de Produção, 1888-1964 - (Sardenberg; Sankar, 1979), que acabou sendo desdobrado, posteriormente, em dois trabalhos. Um, lidando com a produção de açúcar sob o regime escravocrata e os primeiros momentos depois do fim da escravidão, ficou sob a responsabilidade de Pamela Sankar. Outro, sob minha responsabilidade, voltou-se para a penetração de relações de produção capitalista e a luta de classes na economia açucareira. Esse último trabalho, “Class Struggle and the Spread of Capitalist Relations of Production in the Brazilian Northeast” - Lutas de Classe e a Inserção de Relações de Produção Capitalistas no Nordeste Brasileiro - (Sardenberg, 1979), foi inicialmente elaborado para a disciplina sobre “Gramsci, Althusser, Poulantzas”, oferecida pelo Prof. Dr. Terry Freiberg, sendo também aceita para apresentação no Encontro da Northeastern Anthropological Association, a ser realizado em Amherst, MA, em abril de 1980.

A boa receptividade em relação a esse trabalho despertou-me o interesse em desenvolver meu projeto de tese sobre movimentos sociais no campo, particularmente sobre as ligas camponesas no Nordeste, dentro da perspectiva da antropologia marxista. Uma viagem de carro visitando vários lugares no Nordeste, realizada no verão de 1979, aguçou esse meu interesse, com proposta de realização de trabalho de campo em Pernambuco. Meu exame de qualificação de doutorado, realizado em maio de 1981, válido também para o título de *Master of Arts in Anthropology*, voltou-se, portanto, para essa temática, tal qual esboçada na bibliografia submetida à banca na ocasião.

Contudo, por força de motivos familiares, meus planos de estudar movimentos no campo em Pernambuco, acabaram nunca sendo realizados. Meu companheiro, pai de meus filhos, recebeu um convite para integrar-se como professor no então recém-criado Mestrado em Economia da UFBA. Com uma filha ainda bebê, não tive condições nem de ficar sozinha em Boston, nem de ir sozinha para o campo em Pernambuco, sobretudo quando veio a segunda gravidez - uma questão de gênero? Em agosto de 1980, voltei para o Brasil e vim morar em Salvador. Meu título de mestre foi concedido precisamente em setembro de 1981, quando nascia meu filho, João.

Cabe aqui destacar que os anos 80 caracterizaram-se pela retomada dos movimentos sociais no país, sendo o movimento docente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) um dos mais arrojados, se reerguendo com força depois de anos de pesada repressão impostos pela ditadura militar instalada no país, em 1964. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi grande o número de docentes, discentes e de servidores técnico-administrativos atingidos pela repressão. Mas isso não impediu que o movimento docente se articulasse assim que os primeiros ares da “reabertura” se fizessem sentir no país.

Com efeito, criada em 1968 e logo em seguida fechada pela ditadura, a Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB) foi reativada na UFBA, em 1979, mesmo ano em que se realizou, em Salvador, o Congresso de Reconstrução da UNE.

Em 1980, foi promulgada a Lei da Anistia, possibilitando o retorno de exilados ao Brasil. Em Boston, em 1979 e início de 1980, participei de várias reuniões de brasileiros onde discutíamos a viabilidade da volta ao Brasil e seus possíveis desdobramentos. Muitos de nós estávamos lá cursando pós-graduação, com a ideia de voltarmos ao Brasil e contribuirmos para a reconstrução da democracia no país. Lembrar aquele momento, quando vivemos, recentemente, uma profunda ameaça à nossa democracia, cons-

truída a ferro e fogo nessas três últimas décadas, por certo arrepiava a alma, mas, ao mesmo tempo, renova minhas esperanças de que ainda poderemos fazer a diferença.

Essa era, de fato, a crença que nos estimulava a voltar - fazer a diferença! Assim, meu companheiro e eu, junto com outros colegas em Boston, fechamos questão em relação à volta, alguns de nós já decididos a ingressar no recém-criado Partido dos Trabalhadores. Chegando à Bahia em outubro de 1980, quando meu companheiro assumiu seu posto como professor no Mestrado de Economia, já encontramos a APUB em plena mobilização, enunciando demandas em relação à abertura de concursos públicos, reformulação da carreira docente e à reconstrução de uma identidade docente orgulhosa de pertencer à universidade pública.

Em novembro daquele ano (1980), o movimento docente decretava sua primeira greve nacional, envolvendo dezenove autarquias, estando a Bahia na liderança. Seguiram-se mais seis greves na década de 1980 (1981, 1982, 1984, 1985, 1987 e 1989) por reposição salarial, reforma da carreira para eliminar distorções, isonomia salarial. Foi graças a toda essa mobilização nacional que, na Bahia, foi realizado em abril de 1982, o primeiro grande Concurso Público na UFBA, para o preenchimento de mais de 400 vagas para docentes. Participei desse concurso para a disciplina Teoria Antropológica, obtendo a segunda classificação. Mas foi graças à articulação do “movimento dos concursados” com o apoio da APUB e do movimento estudantil, que os contratos dos classificados no concurso foram enfim efetivados.

O meu contrato saiu em 14 de setembro de 1982, apenas para o ingresso como Professor, ainda fora da carreira. Passei para o quadro na qualidade de Professor Assistente I, de 40 horas, somente em 19 de julho de 1983, mas já dentro dos parâmetros da carreira docente reformulada em 1981, como uma das demandas do movimento.

Nem bem cheguei à UFBA, em maio de 1983, integrei o grupo de professoras que criou o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, o NEIM, que faria toda a diferença em minha vida. A ideia surgiu da parte de Ana Alice Costa, que eu havia conhecido na época do referido concurso, principalmente com o “movimento dos concursados” e que ingressara no Departamento de Ciência Política. Recém-chegada do México onde participara de grupos feministas, Alice já integrava então o Grupo Feminista Brasil Mulher de Salvador (eu só ingressaria nesse grupo mais tarde). Em um encontro feminista no Rio de Janeiro, Alice conversou com a Profa. Fanny Tabak, coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher - NEM, da PUC/RJ, que sugeriu a criação de um núcleo semelhante na UFBA.

Dito e feito. Assim que voltou do tal encontro, Alice reuniu um grupo de professoras feministas que atuavam na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, eu dentre elas, com a proposta de criação do NEIM, imediatamente acatada por nós. O núcleo foi vinculado ao então Mestrado em Ciências Humanas, sendo integrado por Ana Alice Costa, do Departamento de Ciência Política, Alda Britto da Motta e Maria Luiza Belloni, de Sociologia, Maria Quartim de Moraes, pesquisadora visitante no Mestrado, Maria Amélia Almeida, mestranda no programa, e eu, lotada no Departamento de Antropologia.

Não vou aqui adentrar pela história do NEIM. Convido todas vocês, jovens companheiras, a conhecerem essa história por meio dos artigos que escrevi sobre ela (Sardenberg, 1998; 2022). Tal leitura tornará evidente que minha trajetória acadêmica, a partir da criação do NEIM, será profundamente marcada por minha atuação no Núcleo e minhas parcerias com Ana Alice, sendo difícil separá-las. Voltarei a essa questão mais à frente.

Por ora, devo observar que, antes de ser contratada pela UFBA, comecei a dar aulas de Antropologia Social na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Salvador. Trabalhei também

em dois projetos vinculados à ISP-UFBA: em um Projeto sobre reflorestamento, desenvolvido pela COPENER, com uma bolsa de assistente de pesquisa do CNPq e, depois, como documentadora no Curso de Serralheria para Mulheres, do CESUN, financiado pelo Pathfinder Fund.

No Projeto do Pathfinder, trabalhei cerca de dois anos, entre 1982 e 1984, acumulando grande quantidade de material de campo sobre relações de gênero, família e trabalho entre as camadas populares de Salvador. Com a autorização do Pathfinder para uso desse material de campo para minha tese, solicitei e fui agraciada com uma bolsa da CAPES para retornar a Boston. A essa época, já estava separada do pai dos meus filhos, que se recusou a conceder a autorização necessária para eles viajarem comigo para o exterior. Enfrentei, assim, uma longa batalha de mais de seis meses, tentando conseguir autorização da Justiça da Bahia para levar meus filhos comigo. Nesse período, meu ex-companheiro não só pediu o cancelamento da minha bolsa junto a CAPES, como também me acusou de tentativa de sequestro dos meus filhos, tornando-me personagem das páginas policiais dos jornais da cidade.

Nem tudo, porém, foi desesperador: conforme esclareci em artigo recente sobre a questão da posicionalidade da/o pesquisador/a em trabalho de campo antropológico (Sardenberg, 2014b), essa situação revelou minha vulnerabilidade de gênero, trazendo uma importante mudança na minha relação com as mulheres do projeto em que trabalhava, ou seja, permitiu uma maior aproximação com minhas interlocutoras.

O que estou tentando ressaltar é que um marcador social que está associado a privilégios, como ser branca, por exemplo, pode ser contrabalançado por outro “desprivilegiado” como lesbianidade, que nos torna mais vulnerável, tal qual visto nas observações de Cherrie Moraga (1980). No meu caso, o fato de eu ser branca, de uma classe social mais privilegiada, ser de São Paulo e cerca de 10 anos mais velha do que o grupo de jovens com as quais trabalhei

logo que cheguei a Salvador, concedia-me privilégios, mas me distanciava dessas jovens, tornando difícil o diálogo necessário à pesquisa que eu desenvolvia. Contudo, conforme observei acima, durante o curso do trabalho de campo, fui vítima de violência doméstica e isso mudou a minha posição em relação às jovens: de repente, eu me tornei, para elas, uma mulher de carne e osso e, assim, também vulnerável.

Mas não foram poucos os problemas enfrentados para voltar a Boston com dois filhos pequenos (3 e 5 anos) e tentar trabalhar na tese. Por certo, tive o apoio da minha família de origem e de amigos e amigas em Salvador e em Boston, bem como do empenho de meu orientador, Anthony Leeds. Contudo, concluir meu trabalho, dentro do pequeno espaço de tempo que me fora concedido pela Justiça da Bahia para eu permanecer com meus filhos no exterior, não foi tarefa fácil. Ao contrário, foram muitas as dificuldades, principalmente as financeiras. A bolsa da CAPES não cobria as despesas de estadia, muito menos as de creche das crianças. Vivenciei, assim, os problemas que mães de filhos pequenos, mães trabalhadoras enfrentam quando não dispõem dos recursos necessários para cobrir custos com creches ou cuidadoras para as crianças. E constatei como minha situação era bastante distinta da dos homens, meus colegas do Brasil, que também tinham filhos pequenos. Eles contavam com suas companheiras para cuidar dos filhos, recebendo apoio extra da CAPES para elas (as companheiras)!

Fato é que não consegui concluir a tese antes do prazo estabelecido pela Justiça da Bahia. E, pouco depois do meu retorno ao Brasil, Anthony Leeds, meu orientador, faleceu repentinamente. Fiquei perdida! Ademais, num curto espaço de tempo depois disso, perdi também minha avó, minha mãe e meu pai. E meu trabalho de tese ficou parado por anos...

Nesse período, vivenciava-se no Brasil o processo de redemocratização, o movimento pelas Diretas Já e a campanha por uma

Constituição mais progressista, a partir de emendas populares. O Grupo Brasil Mulher, do qual eu fazia parte, bem como o NEIM, viu-se largamente envolvido nessas campanhas. Em especial, nos voltamos à coleta de assinaturas para as emendas populares pertinentes às questões de gênero e direitos das mulheres, envolvendo-nos, também, na elaboração da proposta do Capítulo da Mulher, da Constituição do Estado da Bahia, e em emendas populares para a Lei Orgânica do Município de Salvador.

Era um momento importantíssimo para o país - de otimismo, de crença em um futuro cada vez mais democrático e de avanço dos nossos direitos e, também, dos estudos feministas nas universidades. O NEIM investiu muito nisso. Começamos a nos envolver com a articulação de redes de pesquisadoras feministas (a exemplo da Rede Regional Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero - REDOR e -a Rede Nacional de Estudos Feministas - REDEFEM) e na promoção de cursos, dentre outras atividades, tudo isso me ocupando cada vez mais e deixando cada vez menos tempo e espaço para a conclusão da tese. Confesso que, com a efervescência dos desdobramentos das atividades que desenvolvíamos, acabei deixando a tese de lado, embora ainda interessada pela temática proposta, ou seja, gênero, família e trabalho.

Os anos 1990 chegaram, trazendo a exigência da titulação de doutorado para avanços na carreira acadêmica e como pesquisadoras. Também se impunha como essencial no que se referia à legitimidade e reconhecimento do feminismo acadêmico em nosso meio (Sardenberg, 2015d). Para dar continuidade às atividades de ensino, pesquisa e extensão, nós, integrantes do NEIM/UFBA, sentimos a necessidade de buscar essa titulação. Ana Alice Costa e eu entendemos que era o momento de voltarmos e retomarmos nossos estudos - ela na UNAM, no México, eu na BU, nos Estados Unidos - e começamos a preparar o terreno para a volta.

Nessa época, estávamos trabalhando com o Centro da Mulher Suburbana - CEMS (hoje Centro da Mulher Baiana) e, principalmente, com a Associação de Moradores de Plataforma - AMPLA. Parte do meu trabalho com a AMPLA envolvia a facilitação de oficinas com o Grupo de Mulheres Idosas, de Plataforma, vindo delas a informação sobre a Fábrica São Braz, que ali funcionou por mais de oitenta anos. Muitas das mulheres participantes do grupo eram antigas operárias dessa fábrica e me incentivaram a desenvolver o estudo sobre a história da São Braz e de seu operariado, estudo esse que serviu de base para o desenvolvimento da minha tese doutoral. Mas minha ideia era dar continuidade aos estudos sobre gênero, classe, trabalho e família entre as camadas das classes trabalhadoras que eu havia iniciado com meu trabalho como documentadora no Projeto do Pathfinder, olhando então para mulheres operárias.

Para elaborar e defender a tese, apresentei o novo projeto ao Departamento de Antropologia da Boston University, sendo readmitida com o reconhecimento de todos os créditos que havia acumulado anteriormente, e a indicação da Profa. Dra. Sutti Ortiz, especialista em Antropologia econômica e em América Latina, como minha orientadora.

Com a aprovação do pleno do Departamento de Antropologia da UFBA, onde eu estava lotada desde 1982, candidatei-me e obtive, então, junto a CAPES, uma nova bolsa de doutorado no exterior para concluir minha tese, permanecendo nos Estados Unidos de dezembro de 1994 a setembro de 1996. Desta feita, meus filhos já eram adolescentes (13 e 15 anos) e pressionaram o pai para que ele lhes concedesse autorização de saída do país comigo, sem maiores problemas. E já eram suficientemente crescidos, até mesmo, bastante independentes, de sorte que pude me dedicar à elaboração da tese.

Tendo em vista que essa tarefa não implicaria em visitas constantes à Boston University, meus filhos e eu fomos morar na

cidade costeira de Gloucester, no Cape Ann, em Massachusetts, a cerca de 40 minutos de Boston. Cidade pesqueira de renome, Gloucester atraiu uma população de imigrantes italianos e portugueses, originalmente envolvidos na pesca. E, talvez mesmo por concentrar uma significativa população de origem portuguesa, a cidadezinha passou a atrair, também, na época em que lá moramos, um crescente número de imigrantes brasileiros, principalmente mulheres, algumas das quais se tornaram nossas amigas.

Para mim e meus filhos foi um período difícil, porquanto o custo de vida nos Estados Unidos estava acima do que a bolsa e o salário cobriam. Mas foi um bom aprendizado e um momento importante de ficarmos próximos. Eu me dediquei totalmente à tese, passando boa parte da escrita tentando descobrir qual era, de fato, a minha tese!

Intitulada “*In The Backyards of the Factory: Gender, Class, Power and Community in Bahia, Brazil*” - *Nos Quintais da Fábrica: Gênero, Classe, Poder e Comunidade na Bahia, Brasil*’- (Sardenberg, 1997), a tese versou sobre a presença feminina no antigo operariado baiano, tendo sido defendida em dezembro de 1996 (foi finalmente traduzida para o português e logo será publicada). De acordo com os regulamentos da Boston University, contudo, o título de “PhD in Anthropology” só foi concedido em janeiro de 1997, sendo posteriormente revalidado no Brasil pela Universidade Federal da Bahia.

De volta a Salvador, mais uma vez, retomei as atividades acadêmicas, ministrando disciplinas, orientando trabalhos de conclusão de curso, tanto na graduação, quanto em programas de pós-graduação. Em especial, participei do corpo docente tanto do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (aliás, desde os anos 80, quando ainda era conhecido por Mestrado em Ciências Humanas), quanto de Antropologia. Confesso, porém, que me dediquei, sobretudo, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos

- o PPGNEIM. Esse programa foi, primeiro, um grande sonho da equipe do NEIM, que desde os anos 1990 acalentava a ideia de um programa dessa ordem. Em especial, havíamos sido incentivadas a criar tal programa por Sonia Alvarez, então Diretora da área de gênero na Fundação Ford, junto com Mariza Navarro, que viera ao Brasil como consultora da Ford, para avaliar os projetos que o NEIM desenvolvia com o apoio da Fundação.

Apelidado, por nós, de “Projeto Baby Doll Lilás” (não me lembro do porquê do nome!), o projeto de pós-graduação do NEIM era discutido na sala de visitas (com vista para a Bahia de Todos os Santos!!) da companheira Ívia Iracema Alves, onde ela, Ana Alice Costa, Alda Motta, Sílvia Lúcia Ferreira, Elizete Passos e eu trabalhávamos em uma proposta a ser apresentada para a Pró-reitoria de Pós-graduação da UFBA. No entanto, naquela época, fomos desencorajadas a seguir adiante com a proposta, pois ninguém acreditava que ela pudesse ser aceita pela Câmara de Pós-graduação da UFBA, muito menos pela CAPES.

A partir de 2003, porém, novos ventos trazendo o PROUNI, trouxeram também a possibilidade de avançarmos no sentido da criação de cursos de pós-graduação inter e multidisciplinares. Por sugestão do magnífico Reitor, Prof. Dr. Naomar Almeida, apresentamos uma nova proposta de programa, elaborada pela Profa. Ana Alice Costa e por mim, com a colaboração das demais professoras e pesquisadoras da equipe do NEIM, logrando aprovação em todas as instâncias da UFBA e na CAPES. Assim foi criado o PPGNEIM, com aula inaugural em março de 2006, tendo eu a honra de proferir essa aula magna.

Foi o primeiro Programa desse tipo, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. Mais recentemente, foram criados programas de doutorado em estudos de gênero em Córdoba, Argentina, na Universidade de San Cristobal de las Casas, na Região de Chiapas, México e, no ano passado, o Programa de Doutorado em Estudos de Gênero na Universidad Autonoma

Metropolitana de Xochimilco, México, todos inspirados em nossa ousadia no NEIM.

No PPGNEIM, mesmo aposentada, atuo como Professora Permanente, ainda que de forma bem mais tímida. No passado, fui responsável principalmente por disciplinas obrigatórias: a) Seminários de Teorias Feministas I, que resgata algumas das principais contribuições teóricas feministas nos estudos sobre mulheres e relações de gênero; b) Seminários de Teorias Feministas II, oferecida só para alunas do doutorado e voltada à crítica feminista à ciência e para as epistemologias feministas e; c) Seminários Multidisciplinares de Pesquisa, que se volta para uma reflexão sobre as pesquisas desenvolvidas dentro das perspectivas feministas.

Confesso, no entanto, que de todas as atividades didáticas que tenho desempenhado ao longo da minha trajetória acadêmica, considero como tarefa mais desafiadora, mais enriquecedora e gratificante na docência, a de orientar alunas e alunos em suas pesquisas e na elaboração de seus trabalhos de conclusão de curso - monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Para mim, a tarefa de orientação implica sempre em um novo aprendizado. Acredito mesmo que acompanhar orientandos e orientandas, desde o processo de construção do objeto e como abordá-lo, passando pela identificação de descobertas “no campo”, análise do material coletado até a redação do trabalho final, nos faz crescer enquanto docentes e pesquisadoras/es. E que prazer participar do momento de uma defesa bem-sucedida! Sem esquecer que esse processo implica muitas vezes na construção de laços, de amizade e acadêmicos, que poderão nos acompanhar por toda a vida!

Apesar de uma agenda apertada com minhas responsabilidades docentes, jamais abdiquei das lutas feministas na sociedade como um todo, dedicando-me a uma série de atividades de extensão em que tenho atuado na qualidade de militante feminista a partir da academia.

Vale aqui ressaltar que embora o feminismo seja pensado como “prática política e pensamento crítico” (Ávila, 2004, p.1), narrativas da história do movimento geralmente alegam que, a partir dos anos 70, com a emergência dos estudos sobre mulheres nas universidades, foi se estabelecendo, aos poucos, uma suposta divisão do trabalho, ficando a prática política com os movimentos feministas e o pensamento crítico, teórico, com as ditas “feministas acadêmicas”. Conforme destaquei no artigo sobre a “História e Memória do Feminismo Acadêmico no Brasil” (Sardenberg, 2022), segundo essas narrativas, isso levou a um afastamento cada vez maior entre esses dois espaços, de sorte que a teoria feminista, produzida na academia, deixou de ser relevante para o movimento. Esse tem sido o motivo constante de intermináveis discussões com minhas amigas feministas que não atuam na academia e que teimam em afirmar, “nós, do movimento”, “vocês, da academia”.

Creio, porém, que se trata de uma das principais ‘fábulas’ que persistem no pensamento feminista, dando origem à boa parte das críticas ao feminismo acadêmico. Faço uso aqui do termo “fábula”, pois, desde que me embrenhei pelos caminhos do feminismo acadêmico, tenho atuado muito mais como militante dentro da universidade e da academia, do que produzindo teoria. Na verdade, há anos que venho argumentando que “fazer feminismo” nas universidades, pelo menos nas brasileiras, é uma ação política, pois vai muito mais além do que desenvolver estudos e pesquisas, ou ministrar disciplinas, sobre mulheres, gênero e feminismo. Aliás, para conseguirmos chegar aí (desenvolvendo essas pesquisas e oferecendo esses cursos), foram muitos esforços empenhados na luta pela conquista do reconhecimento da legitimidade de nosso campo. Mas a fábula mencionada ainda permanece no imaginário de militantes feministas...

Creio que parte do problema reside nos conceitos com os quais temos trabalhado; eles nos levam a pensar em movimento social e feminismo acadêmico como formações políticas femi-

nistas radicalmente distintas, ainda que abarcadas pelo guarda-chuva “feminismo”. No meu entender, trabalhar, outrossim, com a noção de campo feminista e, mais precisamente, com a noção de campos discursivos de ação feminista, proposta por Sonia Alvarez (2014), nos permite melhor apreender os processos de trocas, conexões, tensões entre diferentes campos de ação feminista, reconhecendo todos como formações políticas, de militância.

Segundo Alvarez, campos discursivos de ação feminista, tal como outros campos de ação, se “[...] articulam, formal e informalmente, através de redes político comunicativas”, costuradas, por assim dizer, “[...] por cruzamentos entre pessoas, práticas, ideias e discursos”. Elas interconectam grupos, ONGs, indivíduos em diferentes espaços na sociedade civil, na sociedade política, Estado, academia etc. Além disso, como ressalta a mesma autora, os campos também se articulam “discursivamente através de linguagens, sentidos, visões de mundo pelo menos parcialmente compartilhadas, mesmo que quase sempre disputadas, por uma espécie de gramática política que vincula as autoras/es que com eles se identificam (Alvarez, 2014, p. 18)”.

Conforme observou Margareth Rago (1996, p. 17), o feminismo teve “um profundo impacto na academia e na produção científica”. Por certo, o reverso também tem sido verdade, ou seja, o feminismo acadêmico, enquanto campo discursivo de ação feminista, também tem tido um “profundo impacto” nos demais campos de ação feminista, tanto os que se multiplicam na “sociedade civil”, quanto na chamada “sociedade política” e no Estado. Ora, uma das características especiais dos feminismos acadêmicos na América Latina, no Brasil em particular, tem sido justamente essa sua maior articulação com outros campos, sobretudo nos campos de ação de ONGs, da sociedade política e do Estado. Na verdade, há um grande entrecruzar desses campos, com deslocamentos de militantes de um para outro campo ou mesmo atuação em vários ao mesmo tempo.

De fato, em seu livro, *El feminismo en mi vida*, Marcela Lagarde, antropóloga feminista mexicana, assim escreveu:

El feminismo constituye una cultura que, en su globalidad, es crítica de uno sujeto social - las mujeres -, a la sociedad y a la cultura dominantes, pero es mucho más; es afirmación intelectual, teórica y jurídica de concepciones del mundo, modificación de hechos, relaciones e instituciones; es aprendizaje e invención de nuevos vínculos, afectos, lenguajes y normas; se plasma en una ética y se expresa en formas de comportamiento nuevas tanto de mujeres como hombres. Como nueva cultura, el feminismo es también uno movimiento político público y privado que va de la intimidad a la plaza; movimiento que se organiza, por momentos con mayor éxito, para ganar pedazos de vida social y de voluntades a su causa, y para establecer vínculos y encontrar su sitio en otros espacios de la política (Lagarde, 2013, p. 555).

Viver o feminismo, portanto, é vivê-lo em todos os espaços pelos quais circulamos, atuando nos diferentes campos de ação feministas, “da intimidade à praça”, das salas de aula para as ruas. Acredito que, em minha vida, tem sido assim. Tenho desenvolvido ações feministas desde os anos 70, quando comecei a me conscientizar das profundas desigualdades impostas na sociedade pela ordem patriarcal vigente nos países que conheci.

Como observei anteriormente, participei de um grupo da NOW, em Edwardsville, Illinois, no início dos anos 70, integrando depois grupo semelhante em Normal, Illinois, para onde me mudei em 1974, enveredando, depois, para um grupo mais radical, um grupo de conscientização e ação. Na Illinois State University, fiz também parte do grupo que criou a Student Association for Women - SAW, a Associação para Mulheres Estudantes, em 1975 e, em Boston, cursando o Doutorado na Boston University, fui

uma das antropólogas feministas responsáveis pela Women in Anthropology Newsletter Collective, o Coletivo de Mulheres na Antropologia, da BU, frequentando, também, cursos no Women's Health Collective, o Coletivo de Saúde das Mulheres em Cambridge, Massachusetts, com o grupo que elaborou o livro *Our bodies, Ourselves - ossos Corpos, Nossas Vidas*), bíblia para minha geração de mulheres no conhecimento de nossos próprios corpos, traduzido para o português como *Nossos Corpos, Nossas Vidas*.

Chegando em Salvador, conheci o Grupo Feminista Brasil Mulher, o primeiro grupo feminista de Salvador, tornando-me parte dele algum tempo depois. Em 1983, junto a colegas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, fiz parte também do grupo fundador do NEIM - sou também mãe do NEIM! - onde venho atuando de diferentes formas no campo dos Feminismos Acadêmicos no Brasil, sendo, de fato, parte dessa história. Mas fomos além!

De fato, como integrante do NEIM e do Brasil Mulher, participei do Fórum de Mulheres de Salvador, desde a sua criação em meados dos anos 1980, época em que lutamos pela conquista de nossos direitos na Constituição Federal (1988) e, aqui, na Constituição da Bahia (1989), bem como na Lei Orgânica do Município (1989). Lutamos pela criação dos Conselhos de Direitos da Mulher, o municipal e o estadual (fiz parte do primeiro!), e pelas Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres. Lutamos por creches comunitárias, por centros de referência, por um atendimento de fato especializado para mulheres em situação de violência. Trabalhamos com o Sindicato de Trabalhadoras Domésticas, com o Sindicato de Comerciárias, fazendo pesquisas para a Federação Nacional de Metalúrgicos e, com o Setor de Gênero do MST, organizando oficinas para os seus acampamentos anuais, em Salvador.

Criamos no NEIM, também, um espaço para o OBSERVE, Observatório de Monitoramento de Aplicação da Lei Maria da Penha, produzindo, como parte de um consórcio da sociedade civil com

vários núcleos e organizações feministas dos quatro cantos do país, instrumentos de coleta de dados e informações pertinentes para esse monitoramento.

Com o apoio do Projeto Trilhas do Empoderamento de Mulheres - TEMPO (Pathways), um projeto que desenvolvemos com o Institute of Development Studies - IDS, da Inglaterra, levamos o NEIM para ocupar a Mudança do Garcia, no Carnaval, com um protesto das mulheres de Salvador, demandando a criação da Secretaria de Políticas para Mulheres. Fomos ao Congresso Nacional promover um Seminário Internacional sobre Reforma Política e Cotas para Mulheres. Prestamos, também, assessoria para a Superintendência de Políticas para Mulheres do Município, assim como para a Câmara de Vereadores de Salvador e para a Comissão da Mulher na Assembleia Legislativa da Bahia. Junto com essa Comissão, encampamos a luta em defesa da aprovação do Projeto de Lei conhecido por “Anti-baixaria”, proibindo o uso de verbas públicas para o pagamento de artistas que cantam músicas legitimando a violência e desqualificando mulheres, negros e homossexuais.

Saímos também às ruas, na Marcha das Vadias, no 8 de março, na luta pela Democracia - sempre! - defendendo os direitos e qualidade de vida das mulheres. Para tanto, participamos, intensamente, das conferências municipais, estaduais e nacionais de políticas para mulheres, e até mesmo em conferências da ONU, levando adiante um projeto de transformação da sociedade e combate ao sexismo, ao racismo, às lesbo-homo-bi-transfobias e desigualdades socioeconômicas resultantes do nosso capitalismo selvagem e da ação nefasta de bolsonaros e bolsominions, no nosso mundo.

Ao longo das décadas, articulamo-nos com pesquisadoras feministas no país todo e, em especial, no Norte e Nordeste, rompendo também fronteiras nacionais para articular nossa luta e produção de conhecimentos com pesquisadoras e centros nas Américas, na Europa, na Ásia e na África. Na UFBA, inovamos

criando novos cursos de pós-graduação (de especialização, mestrado e doutorado) sobre estudos feministas e, na graduação, o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, trazendo a desconstrução das ideologias de gênero para a universidade. Criamos, também, um novo departamento: o Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos, único no país. Fizemos, ainda, revoluções constantes em nossas vidas, construindo nesses espaços, em todos os espaços, tramas de solidariedade feministas.

Creio que, como praticante da antropologia feminista e integrante da equipe do NEIM, venho vivendo o feminismo no meu dia a dia, há mais de cinco décadas - hoje, é verdade, cada vez menos nas ruas e mais nos espaços virtuais, no *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*! Para concluir esta minha já longa carta a vocês, minhas jovens companheiras, falando do que tem sido viver tudo isso, tomo a liberdade de reproduzir aqui trechos de um livreto que denominei de *Diários da Independência*, escrito durante o ano de 1991:

Porque nasci fêmea e me criaram menina, “tornei-me mulher”. Não sei se por azar ou por sorte, sou parte de uma geração de mulheres que questionaram seu lugar na família, na sociedade, no mundo e na história. Mesmo com todos os percalços que isso implicou e apesar das cabeçadas, das frustrações e todo o sofrimento que vêm junto com o nosso nos tornarmos “sujeitos na história”, não quero voltar atrás. Na verdade, não poderia fazê-lo, mesmo que assim quisesse. Não dá para passar a borracha por cima e esquecer tudo que já passei para chegar até aqui! (Salvador, 12/06/1991).

Dizem que geminianos são “fadados ao sucesso”. Continuo, portanto, esperando que esse sucesso chegue logo. Enquanto isso, vou compondo este relato, um tanto tortuoso, eu sei, de como cheguei

até aqui, sem saber ainda muito bem ou ao certo para onde irei daqui pra frente! O que importa, no momento, é apenas compor este relato: para quem? Para mim? Para a posteridade? Porque escrever é preciso, posto que levar para o túmulo tantas experiências sem poder compartilhar com meus pares - as mulheres de minha geração, que viveram muito disso comigo - será como se não tivesse de fato vivido tudo isso.

Não porque acredite que minhas experiências tenham sido únicas, peculiares, especiais. É justamente porque não foram, porque refletem a vivência de uma geração - e, sobretudo, das mulheres dessa geração - que, como feminista, sinto-me no dever de relatá-las. Hão de servir para algo, para alguém, para se compor um retrato de vivência concreta - e as representações e práticas - de pelo menos parcela dessa geração de mulheres que ousou - ou tem ousado - botar a boca no trombone, gritar por seus direitos, denunciar a discriminação sofrida e se insubordinar, rompendo com o passado, com as amarras, com os papéis e lugares que nos foram impostos.

E é preciso reconhecer: é difícil fazê-lo. Tem sido desgastante nadar contra a corrente, desbravar novos caminhos. Porque o caminho que percorremos é marcado por altos e baixos, por idas e voltas e reviravoltas. Não é um percurso linear. E há tantas batalhas para se vencer ainda, inclusive dentro de nós mesmas! (Salvador, 04/10/1991).

“O que procuro atualmente? Sobretudo, paz de espírito. Só que meu espírito não poderá estar em paz com tanta injustiça, tanta tristeza, tanto ódio e dor ao meu redor. Como ter paz sem resolver os

conflitos que tumultuam os meus sonhos, os conflitos não resolvidos dos meus afetos e desafetos? E os conflitos que advêm do próprio processo de amadurecimento (envelhecimento?), da consciência de chegar à “meia-idade” e de constatar que ainda há tanto por fazer e tão pouco tempo para fazê-lo?” (Salvador, 05/10/1991).

Por fim, deixo aqui uma curta mensagem: À luta, companheiras!

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. *Feminismo e sujeito político*. 2004. Disponível em: <http://www.app.com.br/portallapp/opinião.php?idl=3>

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro (s.d). Publicado originalmente em francês, em 1949.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: Pierre Bourdieu: sociologia. Renato Ortiz (Org. da Coletânea). *Grandes Cientistas Sociais*, 39. São Paulo: Ática, 1983.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Olhar, Ouvir e Escrever. UNESP, 1998.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 1990.

COLLINS, Patricia Hill. “Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought”. In: M. M. Fonow e J. A. Cook (Eds.). *Beyond Methodology: Feminist Scholarship as Lived Research*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1991, p. 35-59.

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília M. B. Teoria e Práxis Feministas na Academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista Estudos Feministas*. Número especial. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1994.

DAVIS, Christie. Goffman’s concept of the total institution: Criticisms and revisions (Book Review). *Human Studies* 12 (1-2): 77-95, 1989.

FIRESTONE, Shulamith. *The Dialectics of Sex: The Case for Feminist Revolution*. New York: William Morrow and Company, 1970.

- FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. W.W. Norton & Co, 1963.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 1995, p. 07-42.
- HARDING, Sandra. *Ciencia y feminismo*. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 1996.
- HARDING, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1986.
- HARTSOCK, Nancy. The Feminist Standpoint: Developing the Ground for a Specifically Feminist Historical Materialism. In: Sandra Harding (ed.). *Feminism & Methodology*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1987, p. 157-180.
- LA GARDE, Marcela. *El feminismo en mi vida. Hitos, claves y topias*. México, D.F. Instituto Nacional de las Mujeres, 2013.
- MARIGHELA, Carlos. *For the Liberation of Brazil*. Tradução de John Burt e Rosemary Sheed. Penguin Books: UK, 1973.
- MORAGA, Cherry. In: Moraga, C.; Anzaldúa, G. (eds.) *This Bridge Called My Back*. New York: Kitchen Table: Women of Colour Press, 1983.
- MOREIRA ALVES, Márcio. Urban Guerrillas and the Terrorist State. In: H.J. Rosenbaum; W.Tyler (eds.), *Contemporary Brazil: Issues on Economic and Political Development*. New York, N.Y: Praeger, 1972, p 3-26.
- MORGAN, R. (ed.). *Sisterhood is Powerful*. New York: Vintage Books, 1970.
- QUARTIM, João. *Dictatorship and Armed Struggle in Brazil*. Tradução de David Fernbach. Bristol, Uk: 1971.
- RAGO, Margareth, 2013. *A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.
- SARDENBERG, Cecilia. Caleidoscópios de Gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*. V. 20, p. 56-96, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24125>
- SARDENBERG, Cecilia. Cape Verdean Migration, Strategic marriages and the definition of marriage. *Disciplina Proseminar*, BU. 1978b. Disponível em: https://www.academia.edu/4062646/Capeverdean_Migration_Strategic_Unions_and_the_Definition_of_Marriage
- SARDENBERG, Cecilia. “Capitalism and Rural Unrest in the Brazilian Northeast”. *Disciplina Latin American History*: BU, 1981.

SARDENBERG, Cecília. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: Costa; Sardenberg (Orgs.), *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. 1 ed. Salvador: REDOR/NEIM/UFBA, 2002, p. 89-120. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6875>

SARDENBERG, Cecília. Ethnicity in Provincetown. Elaborado para a disciplina “Political Anthropology”. ISU. Aceito para apresentação no Encontro da Northeastern Anthropological Association, 1977b.

SARDENBERG, Cecília. From the Anvil of Experience: a review of Women of the Forest, and of Women and the Family in Rural Taiwan. *Women in Anthropology Newsletter*. Boston: USA. V. 1, p. 15-18, 1977d.

SARDENBERG, Cecília. História e Memória do Feminismo Acadêmico no Brasil: O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA (1983-2020) *Revista Feminismos*. V. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42032>

SARDENBERG, Cecília. Matrilocality and Patrilineality in Mundurucu Society: a Critical Re-examination from a Feminist Perspective. *Matrilineal Societies*, Boston University, 1980. Disponível em: https://www.academia.edu/4062697/Matrilocality_and_Patrilineality_in_M

[undurucu_Society_A_Critical_Re-examination_from_a_Feminist_Perspective](https://www.academia.edu/4062697/Matrilocality_and_Patrilineality_in_Mundurucu_Society_A_Critical_Re-examination_from_a_Feminist_Perspective)

SARDENBERG, Cecília. O Pessoal é Político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inclusão Social*, UNB, Brasília, DF, v. 11 n. 2, p. 15-29, jan./jun. 2018.

SARDENBERG, Cecília. On Impressionism and Impressions on Getting to Know Boston. Elaborado para a disciplina “Field Methods in Anthropology”, Departamento de Antropologia, Boston University, 1978 a. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6913>

SARDENBERG, Cecília. *Percursos, Percalços e Prazeres de uma Antropóloga Feminista na Vida Acadêmica*. Memorial de Títulos para Progressão Funcional à Professora Titular. Universidade Federal da Bahia, maio de 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24076>

SARDENBERG, Cecília. Provincetown: a summer’s view. Elaborado para a disciplina “Independent Study in Ethnographic Fieldwork”. ISU, 1976b. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6843>

SARDENBERG, Cecília. Quinze Anos do NEIM. Salvador: NEIM/UFBA, 1998, v. 800. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wpcontent/ploads/2013/11/quinzeanos.pdf>

SARDENBERG, Cecilia. Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista. *Revista Mora*. V. 20, p. 30-60, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2014000100004)

001X2014000100004

SARDENBERG, Cecilia. Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista. In: SARDENBERG, C.; SIMÕES MINELLA, L. *Gênero e Ciências: mulheres em novos campos*. 1 ed. Salvador, Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA, 2015, V. 01, p. 193-244.

SARDENBERG, Cecilia. Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, A.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (orgs). *Um Diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas*. 1 ed. Salvador, BA: NEIM/FFCH/UFBA, V.1, p. 75-107, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6878>

SARDENBERG, Cecilia. The Fight is On: Brazil, a Revolution in the making. Trabalho elaborado para a disciplina “Politics of Developing Countries”. ISU, 1976a.

SARDENBERG, Cecilia. Truck Stop Behavior. Elaborado para a disciplina “Research Methods in Anthropology”. ISU, 1977c.

SARDENBERG, Cecilia; DONNELLAN, Deborah. A Different Kind of Nunnery. In: R.; Brett Williams (eds.) *Exploring Total Institutions*. Champaign, Illinois (EUA): Stipes, 1977a, p. 111-125. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6911>

SARDENBERG, Cecilia; SANKAR, Pamela. The Sugar Economy in Northeastern Brazil: Transformations in the Relations of Production. Com Pamela Sankar, para a disciplina Development and Underdevelopment, BU, 1979.

DOCÊNCIA FEMINISTA RECORDADA: CARTA-TRIBUTO A ANA ALICE ALCÂNTARA, PRESENTE!!

Zuleide Paiva da Silva (Eide Paiva)
Ana Lúcia Gomes da Silva
Amélia Tereza Santa Rosa Maraux

Novamente nos encontramos juntas para mais uma escrita coautoral, afetada e militante, dentre tantas já produzidas. Esta, vem através dos gestos de afetos e recordações no gênero carta pedagógica feminista¹ para uma docente presente em nós, para

1 O gênero textual carta pedagógica foi um recurso utilizado no componente *Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais*. Recurso este, bastante adotado na educação como dispositivo metodológico, avaliativo e formativo, assim como nas pesquisas qualitativas em Educação para promover a reflexão, o diálogo e a troca de experiências entre educadoras/es e estudantes. Elas geralmente contêm informações, reflexões e orientações sobre práticas pedagógicas, estratégias de ensinagens e aprendizagens, e podem ser utilizadas como dispositivo de formação para o nosso desenvolvimento profissional, assim como para estabelecer diálogos que tomam a experiência com formação e demarca o compromisso ético-político da/o pesquisadora/r no movimento educativo de pesquisas participativas horizontais, que rasuram processos de colonização do saber, potencializando nossa formação docente e nossa prática pedagógica. É uma escrita dialogada que no geral se apresenta de forma criativa e interativa, e compartilha conhecimento produzido em destinos espaços formativos escolares e não escolares. Tem como inspiração as bases da educação freiriana e popular. Uma carta pedagógica feminista, portanto, ao trazer o adjetivo, convoca docentes, estudantes e sociedade em geral para uma ação intencional, política, estética, epistêmica e ética, como requer a uma prática engajada e encarnada que adota e advoga uma educação como justiça social, justiça epistêmica e justiça curricular. Defende a política da diferença através das diversidades, diferença e diferenças que se evidenciam nos marcadores sociais de gênero, sexualidades, classe social, geração, raça e etnia e deficiências, numa luta

todo o sempre: nossa amada Ana Alice Alcântara. Nossa primeira professora feminista, uma das fundadoras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ativa participante do movimento “Lobby do Batom”, uma articulação política que resultou na implementação de direitos (sobretudo, da personalidade) da mulher na Constituição Federal de 1988 (Prezotto; Fachin, 2020).

Saudade nos define nesse instante!

Quanto tempo, tanto que a lembrança saudosa virou presença e enxergamos a querida Professora Ana Alice Alcântara Costa, “guerreira e forte para todo o sempre” (1951-2014). Nós a vemos-sentimos semente dos feminismos que nos ensinam a transgredir-viver a vida em movimento de afeto e luta política. Enxergar alguém que partiu para o orum, é ver-sentir a sua presença vivida, recordar, acessar memórias-histórias, experiência.

“Cachaceando”, isto é, conversando com Daniela Auad (2021), entendemos que recordar é um ato político, ético, afetivo, generoso, dialógico. Como bem pontua essa querida Auad, “Recordar permite conversar de novo com quem não está mais entre nós, mas deixou um texto para lermos e, então, entendermos, enfim, algo que não tivemos, em outras épocas, maturidade para compreender” (p. 2). Com esse entendimento recordamos, sem nunca ter esquecido, a querida Alicinha, nossa primeira professora feminista. É para ela que escrevemos essa carta-escrita-amor, produto das pedagogias feministas e decoloniais que ela nos inspira a ensinar-aprender.

a favor da vida e das distintas formas de existência no mundo. Para saber mais ver: Paulo (2018, 2020), Paulo e Dickmann (2020), Camini (2021), Paulo e Gaio (2021), Paulo e Piletti (2022), cujos estudos foram sistematizados no artigo intitulado: Cartas Pedagógicas como Instrumento Metodológico de Pesquisas Participativas de Fernanda dos Santos Paulo, publicado na *Rev. Inter. Educ. Sup. Campinas, SP*, v. 9, p. 1-15, 2023.

Essa carta-escrita-amor é de reconhecimento e agradecimento. Registramos aqui o entrelaçamento de memórias, histórias nossas. Recordamos encontros de ensinagens, aprendizagens.

Nesse movimento de saudade e afeto, compreendemos a importância da querida mestra, em nossa trajetória formativa e dizemos para ela o que não nos foi possível dizer antes, por falta de tempo ou compreensão. Escrevemos na primeira pessoa, ora no singular, ora no plural. Somos inspiradas em Glória Anzaldúa (2000), que nos impele a escrever para nos salvar da complacência que nos amedronta, para nos manter vivas, e manter vivo o espírito da revolta em nós. Também inspiradas em bell hooks (2021) que muito nos ensina sobre o amor em sua trilogia *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas, quando nos convoca primeiro a compreender o que é o amor, com clareza e sagacidade política, de vida e de luta.

Destacando que, de modo recorrente, muitas vezes escutamos discursos sobre o amor como sinal de fraqueza e irracionalidade, bell hooks defende que o amor é mais do que um sentimento - é uma ação capaz de transformar o niilismo, a ganância e a obsessão pelo poder que dominam nossa cultura. Assim, por esta carta, materializamos um pouco do nosso amor, da ética amorosa e da militância que aprendemos com ela. Como docente feminista, defendemos que, sim, é possível pela educação estabelecermos alianças capazes de edificar uma sociedade verdadeiramente igualitária, fundamentada na justiça epistêmica e curricular, pautadas na defesa do bem-estar coletivo.

Querida Ana Alice,

Você está registrada na memória dos nossos corpos não conformados à heterossexualidade compulsória. É viva, pulsante, a lembrança da sua presença cor-lilás, a cor dos nossos feminismos que corria em suas veias, cobria seu corpo e seus gestos. Seu corpo falava como um texto-vivo e encarnado, e como também defendemos, fazia pesquisa encarnada que, para nós, é imprescindível, pois

no corpo habitam desejos, saberes, experiências, medos, pulsões de vida, de morte, como parte da existência humana. Ao falarmos, o fazemos com o corpo inteiro, olhos, bocas, cheiros, respirações, gestos, risos, braços em movimentos, compondo nosso texto que transcende ao texto verbal e se enreda nos gestos, figurino, adereços, que compõem o corpo como território de saber-poder. Assim você se apresentava e se mostrava para nós.

Este trecho da bell hooks na obra supracitada nos convoca a tecer com suas narrativas-imagética, a seguir, como expressão de luta e docência pública, luta coletiva-docência pesquisa, docência-humana, ao nos afirmar: “[...] conhecer o amor ou a esperança de conhecer o amor é a âncora que nos impede de cair num mar de desânimo profundo” (hooks, 2021, p. 57).

Tomamos afeto como concebe bell hooks (2021) e destaca a autora Silvana Silva no prefácio da edição brasileira, ao nos apontar que o desafio é colocarmos o amor na centralidade da vida. bell hooks afirma que começou a pensar e a escrever sobre o amor quando encontrou “cinismo em lugar de esperança nas vozes de jovens e velhos”, e que o cinismo é a maior barreira que pode existir diante do amor, porque ele intensifica nossas dúvidas e nos paralisa; bell hooks nos convoca a regressar ao amor. Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário, como potência e como intencionalidade política de ação e não como romantização piegas. Ana Alice falava e praticava o amor.

Imagem 1 – Ana Alice e/em Nós. Folia Feminista, Salvador/BA (2009).



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Desde que te conheci, em 2006, e recebi-senti o seu abraço acolhedor, o lilás-feminismo colore minha-nossas vidas lésbicas, e pelas trilhas dos nossos feminismos, desde então, seguimos construindo professoralidades lésbicas feministas, marcas que nos constituem singularizando nosso modo de ser-viver professoras lésbicas feministas.

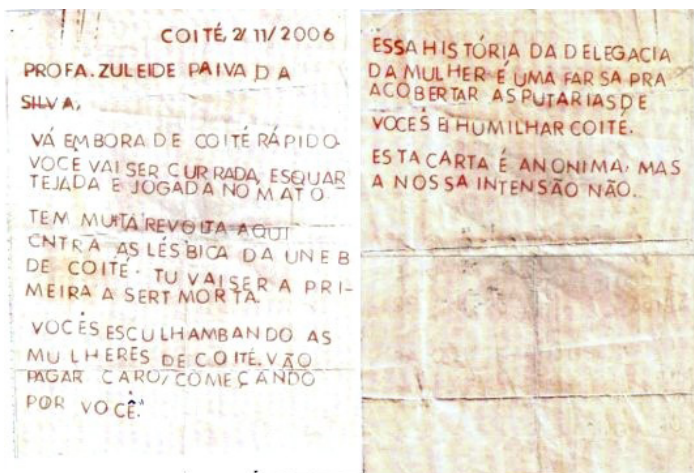
Imagem 2 – Na militância pelos direitos lesbofeministas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Impossível esquecer, por mais que eu tente, que te conheci em situação de lesbofobia, ameaçada através de uma carta anônima com ameaça de curra e de morte, com requinte de crueldade.

Imagem 3 – Carta Anônima.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Essa história de violência, como você me incentivou a fazer na ocasião, eu contei, denunciei, escrevi, problematizei. Como narrado anteriormente (Silva, 2011, 2017, 2021), o contato direto com a lesbofobia afetou minha autoestima, me desmontou, adoeceu, enfureceu e acionou toda a memória do meu corpo tantas vezes violado. Naquele instante, tive a consciência da vulnerabilidade do meu corpo lésbico, um corpo político marcado pelo gênero e pela sexualidade para morrer e para viver na resistência. Esta nova consciência foi arrebatadora, refletiu em todas as minhas ações e interações, exigindo tomada de decisão.

Decidi não morrer, nem enlouquecer de medo, dor ou vergonha. Pedi a Exu, o senhor das encruzilhadas, que me apontasse caminhos; a Oxum, minha mãe, pedi que me cobrisse com seu ouro. Exu apontou-me o PPG NEIM-UFBA, como um caminho de resistência.

Amelia Maraoux, que para além de ter sido sua aluna era sua companheira de militância no Partido das/os Trabalhadoras/es, levou-me-acompanhou até o PPG-NEIM. Tudo que eu queria era encontrar um espaço acolhedor, onde eu pudesse me fortalecer, teórica e politicamente, para enfrentar e superar a violência, não sucumbir-fugir-sair de Coité.

Lá chegando, com as bênçãos de Oxum, fomos recebidas por você. Amélia me apresentou, e iniciou a conversa sobre a minha situação em Conceição do Coité. Você, usando um vestido de linho lilás, tipo tubinho, com os cabelos tingidos de vermelho, soltos ao vento, abraçou-me dizendo que eu podia contar com você e com o PPG-NEIM. E eu contei. E gravei na memória do copo aquela imagem linda, um instante de solidariedade feminista. Te vi-senti bruxa-feiticeira-guerreira. Fogo-Poder-Luta. Encanto puro. Dentro de mim cresceu a certeza: vou resistir.

Você acolheu-me na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, em São Lázaro, onde Ana Lúcia e eu nos reencontramos depois de algum tempo afastadas, desde que saí da UNEB - *Campus IV/Jacobina*. Foi um duplo (re)encontro. Você nos inseriu nas ondas dos nossos feminismos. No cotidiano da sua sala de aula, como alunas dos componentes “Gênero e Poder” e “Gênero e História”, aprendemos a importância da “solidariedade feminista”, que você tanto ensinava praticando. Aprendemos, em especial, a importância de incluir o pensamento feminista nos currículos, na formação docente, tecendo cotidianamente a humana docência sendo professoras de carne e osso, autorais.

Lembramos, emocionadas, de uma aula que você desenhou no quadro (então negro) a potência, o alcance e o poder transformador de uma ação feminista na universidade, na escola e demais espaços formativos. Você defendia a institucionalização do pensamento feminista, e nos vimos no feminismo acadêmico que você promovia o caminho de resistência no *Campus XIV*.

Um caminho que eu, Eide, já estava trilhando, sem, contudo, identificá-lo como expressão do feminismo acadêmico, isto é, ativismo feminista dentro da universidade, um campo discursivo de ação feminista (Sardenberg, 2020).

Como nos lembra a querida Cecília:

[...] quem se embrenha pelos caminhos do feminismo acadêmico no país, logo percebe que suas protagonistas fazem militância quase que cotidiana dentro da universidade e em outros espaços científico-acadêmicos, seja no campo do ensino, da pesquisa ou da extensão universitária, militando lado a lado com outros grupos feministas e de mulheres do “movimento social” (Sardenberg, 2020, p. 87).

Inspirada por você e pela querida Ceci, enfrentei a lesbofobia na UNEB, investindo no feminismo acadêmico produzido-ensinado pelo NEIM/UFBA, desde a sua criação, tendo você como uma das fundadoras. Para tanto, você me incentivou a fazer a seleção para o doutorado no PPG-NEIM. Eu que já tinha feito o Mestrado Profissional em Gestão Integrada de Organizações, oferecido pela UNEB, em parceria com a UNIBAHIA, senti-me insegura, e escolhi fazer a seleção para o mestrado, temendo as provas de língua estrangeira. Para minha surpresa e alegria, fui aprovada entre as primeiras colocadas. Como o meu propósito de pesquisa era o de investigar o fenômeno da violência contra mulheres, em Conceição do Coité, não pude ser orientada por você, que me indicou Cecília Sardenberg; e a você, sou grata por essa indicação.

Atendendo ao seu pedido, a querida Cecília me ajudou, ensinou, orientou. Ela, assim como você, me fortaleceu e me inspirou na produção de conhecimento, nas lutas pelo fim da violência contra as mulheres, em outras frentes de luta. Vocês duas me ensinaram, e eu aprendi a reconhecer as teorias feministas como

ferramentas para enfrentar o patriarcado, apreendido como um sistema de poder, que coloca os homens no topo da hierarquia social e mantém as mulheres em posições subordinadas. Aprendi e sigo aprendendo a enfrentar o androcentrismo da ciência produzindo ensino, pesquisa e extensão feminista.

Através de você e Cecília Sardenberg, conheci a “Campanha de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres”, campanha internacional criada em 1991 por um movimento de mulheres feministas, vinculadas ao Centro para a Liderança Global das Mulheres. Incentivada por você, exercitando o feminismo acadêmico, em 2006, criei o projeto de extensão “Campanha de 16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra as mulheres”, um movimento feminista que se apresenta à comunidade acadêmica e à sociedade baiana como um movimento de leitura e intervenção social, rumo à educação para a diversidade e ao enfrentamento à violência contra as mulheres.

Desde a sua criação, esse projeto, hoje coordenado pela professora Amélia Maraux, tem investido no diálogo entre a universidade, movimentos sociais e o Estado, como estratégia política e metodológica e epistêmica de modo a avaliar as conquistas das lutas feministas, os avanços nas políticas públicas e refletir experiências de enfrentamento à violência, assim como refletir a conjuntura política, social e econômica produtora de múltiplas faces da violência contra as mulheres.

A partir de enlaces teóricos e metodológicos, buscando ampliar e fortalecer os feminismos acadêmicos no *Campus XIV*, no mesmo ano, criei no *Campus XIV – UNEB* o projeto “GLEIGS - Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade”, com o propósito de fortalecer e ampliar o campo dos estudos feministas na graduação, pós-graduação, educação básica, em outros espaços de educação e na comunidade em geral, assegurando e democratizando a produção, a difusão e o acesso à literatura feminista na graduação. Em 2017, após meu processo

de doutoramento, o GLEIGS foi integrado ao Grupo de Pesquisa FEL, e desde então tem-se constituído corpovivo, em movimento de extensão da Linha “Gênero, Sexualidade e Educação”.

Rememorando essas experiências, compreendo que o projeto GLEIGS, assim como o projeto Campanha de 16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra as mulheres, primeiros projetos de extensão do *Campus XIV* situados no campo dos estudos feministas, são trilhas que abri e caminhei para enfrentar e superar a lesbofobia com tantas outras colegas e amigas que a UNEB nos deu. Em conjunto, esses projetos fomentam o pensamento crítico, a criação e o fortalecimento de comunidades de aprendizagens, capazes de fortalecer o compromisso individual e coletivo com a educação democrática, com a justiça social e epistêmica. Também compreendo que esses projetos seguem em movimento na UNEB, porque você, querida Ana Alice, juntamente com Cecília Sardenberg me/nos mostraram o feminismo acadêmico como caminho de empoderamento feminino.

Por esse caminho tenho seguido. Hoje, chorando sua ausência, sentimos sua presença, agradecemos por tudo e por tanto. Partiu para o orum, lutando contra uma doença devastadora, e nunca iremos nos esquecer de quão dolorosa foi a sua partida para todas nós; do mesmo modo que nunca iremos nos esquecer do quão importante você foi e segue sendo para cada uma de nós.

Seu legado é gigante. E gigante também é a legião de feministas que segue cuidando, ampliando, fortalecendo seu legado epistêmico de afeto e lutas feministas. Orgulho-me de ser-estar entre elas. Somos gratas ao universo e a energia que nos constitui, atravessa, movimenta e desloca, por nos ter permitido encontrar você em sua breve vida. Sim, breve, brevíssima vida.

Ainda dói, e muito, a lembrança do momento que nos despedimos do seu corpo. Choro-dor-emoção-tristeza em multidão. Rememoramos novamente suas aulas e as rodas de leitura em que

as contas no quadro-negro [naquela época] eram matematicizadas para demarcar a conta que fazia e como seria multiplicada em grandes números de docentes feministas, estudantes feministas, pois se cada uma ali presente na aula tinha no mínimo três a cinco turmas de estudantes, e se ao menos uma ou um se tornasse um docente-feminista, estaria assim realizando a polinização como faz a flor dente de leão², que poliniza grandes distâncias mesmo sem luz solar suficiente. Também alargava a nossa concepção de sala de aula, tendo-a como espaços escolares, mas também não escolares.

Eu, Amélia Maraux, jamais me esquecerei de que você, querida Ana Alice, esteve presente na minha formação intelectual e política, em especial na militância no Partido das/os Trabalhadoras/es - PT, onde juntas, com a saudosa Luiza Bairros, Cecília Sardenberg, Terezinha Gonçalves, Valdeci Nascimento, Vilma Reis, Janja Araújo, Anhamona Brito, dentre tantas feministas do PT, criamos a “Expressão Feminista”, uma corrente política que ousou de forma radical questionar as desigualdades de gênero, raça e sexualidade no interior do Partido. Na ocasião, com a colaboração e incentivo, produzimos um documento denunciando a estrutura sexista, racista e heteronormativa que forjava e ainda segue constituindo o Partido. É verdade, companheira, não conseguimos romper com as desigualdades de gênero que ainda hierarquizam as relações partidárias.

Você partiu; Luiza Bairros também nos deixou. Foi para o orum. Sem vocês nos dispersamos, e a Expressão Feminista deixou de existir. Porém, os princípios políticos e afetivos que vocês duas nos ensinaram, em movimento, nos atravessam na militância onde quer que estejamos. E estamos em todos os lugares. Somos muitas. Somos frutos do feminismo que vocês fomentaram e protagonizaram na Bahia, no Brasil.

2 Os dentes-de-leão são capazes de se reproduzir quando não há luz solar suficiente para abrir os botões de flores. Nesse caso, as partes masculinas polinizam as partes femininas contra as quais são pressionadas.

Em multidão, hoje te saudamos. Para ser feminista, como você sempre nos dizia, precisa ter coragem. Exatamente por isso, eu, Ana Lúcia, convido Jorge Larrosa e Walter Kohan (2017) para mais uma nota dialógica contigo, porque eles nos convocam, juntamente com você, a pensar sobre e com a experiência como aquela que dá sentido à escritura, e não a verdade, já que o objetivo da escrita como experiência nos agencia a escrever com a finalidade de

transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever, é a possibilidade de que esse ato, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. [...] (Larrosa; Kohan, 2017, p. 11).

Neste processo de (trans)formação, fomos agraciadas com a leitura como banquete e iniciação quando traz os desafios e experiências-experimentos da docência feminina e feminista, que você, querida Ana Alice Alcântara Costa, como semente feminista sempre presente, nos ensinou e deixou como legado!

Encerramos esta carta pedagógica feminista em forma de abraço afetuoso, com a canção *Tempo Rei*, de Gilberto Gil (1984), por nos convocar para a (trans)formar as velhas formas do viver, do habitar à docência como professores/as militantes nômades.

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar, Corcovados

Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
Água mole, pedra dura
Tanto bate que não restará nem pensamento
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei.

De igual modo, ao experienciarmos a experiência-experimen-
to das aprendizagens da educação para/com/na morte, estampada
na transitoriedade da vida que escorre por entre nossos dedos em
um segundo, em que cada segundo importa para experimentar o
amor gestado, parido, com suas nuances de dores e de humanidade,
mas você não está só. Seguimos contigo nesta aventura que é viver.
Sinta-se abraçada eterna mestra Ana Alice, Alicinha!!

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução: Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

AUAD, DANIELA. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, p. 1-15, 2021.

hooks, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante: 2021.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 6 ed. Rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. In: Apresentação da coleção (coord. Jorge Larrosa e Walter Kohan), p-11-17.

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas Pedagógicas como Instrumento Metodológico de Pesquisas Participativas. *Rev. Inter. Educ. Sup. Campinas, SP*, v. 9, p. 1-15, 2023. Acesso em 04 de mai. de 2024.

PREZOTO, Juliana Luiz; FACHIN, Zulmar Antonio. A Carta das mulheres brasileiras à Constituinte de 1987-88: espaço de conquista de direitos da mulher. In: COPENDI -Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito Florianópolis Santa Catarina. *Constituição e democracia I* (Recurso eletrônico on-line). Florianópolis: COPENDI, 2020, p. 41-60. (9) A Carta das Mulheres Brasileiras à Constituinte de 1987-88: Espaço de Conquista de Direitos da Mulher | Juliana Luiz Prezotto - Academia.edu.

Raça Humana, 1984. In: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46247/>. <https://open.spotify.com/album/09BGgHwf5W2jnE5UeJuuCk?si=vdCokU90TJGSRSxcb6v-VQ>. Acesso em 10 de mai. de 2024.

SARDENBERG, Cecilia. História e memória do feminismo acadêmico no Brasil: o núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher - NEIM/UFBA (1983-2020). *Revista Feminismos*, v. 8, p. 82-121, 2020.

GINGAS 2

CARTAS PEDAGÓGICAS FEMINISTAS:
ESCRITAS IN(TER)VENTIVAS

CARTA PARA UMA PROFESSORA MUITO AFETUOSA E INSPIRADORA

Vitalina Silva

Minha Querida Edite,

Escrevo esta carta para compartilhar contigo um pouco das vivências pedagógicas desenvolvidas durante o Projeto de Educação Antirracista que desenvolvi no Centro Educacional Maria Quitéria, no município de Camaçari - Bahia. Na verdade, essa carta é uma continuidade dos nossos diálogos acerca da necessidade da adoção de práticas pedagógicas emancipatórias e pautadas na diversidade e pluralidade dos estudantes das escolas públicas. Compreendendo que a escola é, invariavelmente, um dos lugares onde crianças e adolescentes se deparam com o racismo e o preconceito, mesmo que ainda atribuam à prática a uma brincadeira ou *bullying*, decidi por realizar ações pedagógicas que promovessem o letramento e o fortalecimento da identidade racial, a partir da compreensão dos processos históricos de resistência negra, promovidos pelos povos africanos e afro-brasileiros escravizados no Brasil e por seus descendentes no afrodiáspora.

Acatando a sua sugestão, fiz inúmeras leituras para fundamentar o projeto como, por exemplo, o livro *O Movimento Negro Educador*, da autora Nilma Lino Gomes, que nos orienta a repensar a escola, a construir a pedagogia das ausências e emergências; confesso que este livro, em especial, ampliou a minha percepção

sobre a necessidade de dar visibilidade às produções de saberes realizadas pelos estudantes a partir das vivências e interações com as suas famílias e comunidades. Outros autores guiaram a elaboração e efetivação do projeto de educação antirracista, como Ana Célia Silva e Kabengele Munanga, grandes educadores que nos impulsionam a compreender a diversidade como um poderoso instrumento de combate ao racismo e para a construção de uma sociedade democrática que leva em conta as existências negras de forma humanizada.

Defini alguns objetivos, inicialmente, mas, certamente, ao longo do projeto eles foram ampliados, pois não bastava apenas buscar compreender a relação entre a diversidade e os direitos humanos, celebrar a diversidade de crenças, culturas e valores, reconhecer o protagonismo dos povos africanos na produção de conhecimentos sistematizados e difundidos universalmente, evidenciar os processos históricos de resistência negra e como desdobramento, perceber as manifestações de racismo e preconceitos presentes em nossa sociedade, sejam estrutural, cultural, epistêmico, dentre outros, e que a partir deste reconhecimento estes estudantes possam adotar práticas antirracistas. Como nos ensinou Angela Davis (1981), “numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”.

Confesso, minha querida Edite, que ao definir as ações do projeto, fiquei um pouco insegura, pois tinha que pensar detalhadamente nos materiais e equipamentos pedagógicos, nos livros selecionados e na materialização de algumas ideias, dentre elas, um desfile temático que seria uma apresentação envolvendo produção literária, pesquisas, música, dança e artes. Tenho que ressaltar que as escolas públicas lidam diariamente com a escassez de materiais diversificados, que permitam aos professores uma variação de estratégias pedagógicas. Digo, contudo, sobre a minha experiência, pois para colocar em prática as propostas idealizadas, foi necessário investimento financeiro pessoal para aquisição de

livros, impressão de cartazes, fotos de estudantes, aquisição de materiais para artesanato, tecidos etc.

Em algumas oportunidades, solicitei ajuda aos colegas da escola, que gentilmente contribuíram com a compra de materiais necessários para o desenvolvimento do projeto. Preciso demarcar que o apoio da gestão e coordenação escolar, em todos os sentidos, foi imprescindível para o desenvolvimento, manutenção e sucesso do projeto; infelizmente, a limitação financeira em escolas públicas é um processo histórico e real.

A partir do apoio da gestão e da parceria com alguns professores da escola, o projeto foi apresentado aos estudantes, que de pronto demonstraram interesse e curiosidade; acho que foi a partir desta mobilização que eles se disponibilizaram a descobrir e a aprender a partir das próprias incertezas e a naturalizar os equívocos e os desconhecimentos sobre a sua própria história como processo da própria construção da aprendizagem. O que eles sabiam ou conheciam sobre o processo de construção do nosso país, estava fundamentado no livro de didático que se ocupa da manutenção do viés eurocêntrico como única forma de conhecimento, e que reduz a história do povo negro a um único período, o da escravidão.

O projeto tratou de recontar essa história revisitando os arquivos da memória da escravidão, e os rasurando e preenchendo com potência criativa, trazendo a produção de conhecimento ancestral, científico e tecnológico, produzido em África em período muito anterior ao cativo. Uma abordagem que gerou curiosidade e surpresa, especialmente quando assistiram a um vídeo disponível em plataformas digitais intitulado “África de A a Z”, que apresenta os países do continente africano com recortes da sua dimensão histórica, cultural e geográfica, desmistificando a ideia que eles trazem de uma África única, como um país. Outra atividade da categoria curiosidade, que produziu novos conhecimentos foi a visita virtual ao museu do Egito através do site <https://tourvirtual360>.

com.br/rosacruz/; aqui praticamos a pedagogia da pergunta proposta por Paulo Freire em seu livro-diálogo com Antonio Faundez, eu e os meus estudantes aprendemos e descobrimos, juntos, sobre a inteligência, criatividade tecnológica, arquitetônica, artística e científica dos nossos ancestrais.

Você não tem ideia, Edite, de como eles ficaram surpresos com o que viram, os olhos deles brilhavam, os corpos se moviam inquietos e agitados com tantas possibilidades de novos conhecimentos, sobre os antigos conhecimentos. Ao longo da realização do projeto, inúmeras atividades aconteceram, não conseguirei descrever todas elas em uma única carta; já firmo contigo o compromisso de continuidade desta escrita. Certamente que trabalhar com um projeto desta dimensão, trouxe-me alguns desafios. Eu sabia que precisava estudar muito, apropriar-me de leituras, ampliar o meu repertório histórico, cultural, pesquisar filmes, músicas, fazer cursos sobre as relações étnico-raciais e assim eu fiz, aliás, ainda estou nesse processo, mas tenho certeza de uma coisa: uma vez iniciado o processo de rompimento com este modelo de educação hegemônica e eurocêntrica, não tem como retroceder!

Como estratégia para discorrer sobre as ações do projeto, estou fazendo uma descrição cronológica. Então, logo depois dessa introdução ao tema, partindo de uma pauta de positivação, apresentei aos estudantes o livro da autora Bárbara Carine Pinheiro, *História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras*, que apresenta um inventário de grande relevância criado por civilizações africanas, mas invisibilizado e desconhecido por nós. Reconhecer e atribuir estas invenções aos nossos antepassados criou uma percepção de autoestima coletiva na sala de aula. Apresentei aos estudantes alguns vídeos da Professora, Doutora e Cientista Bárbara Carine; vídeos disponíveis nas redes sociais dela. Na ocasião, entrei em contato com a professora, apresentei-lhe o projeto e fiz um convite para que ela fosse, pre-

sencialmente, até a escola conversar com os estudantes; e por sorte nossa, ela aceitou e fez uma roda de conversa com os estudantes.

O evento teve um efeito impactante do ponto de vista da interlocução e identificação da história de vida da Professora Bárbara Carine, por guardar semelhanças com a história de vida dos estudantes. Suas dificuldades, as barreiras sociais e as limitações foram apresentadas, mas a possibilidade da projeção para outra esfera social e econômica através da educação trouxe acolhimento e esperança; e a partir deste episódio, o interesse dos estudantes pelo projeto se ampliou. Lembrei-me muito de quando você me dizia que a Educação precisa fazer sentido para a vida de quem aprende, lembrei-me dessa frase conhecida e, conseqüentemente, das nossas trocas nos corredores da Universidade Estadual da Bahia.

Além disso, asseguro que as minhas intervenções são pautadas na afetividade defendida pela escritora bell hooks; acredito de fato que a afetividade é capaz de transformar realidades, vivencio na prática a comprovação desta afirmação, o poder do afeto é arrebatador. Ao identificar o resgate da memória ancestral como elemento essencial para a identidade, seguimos com atividades que reforçam a potencialização da nossa existência. Os estudantes foram orientados a pesquisar a biografia de personalidades negras da história antiga e da contemporaneidade, abarcando todas as áreas da produção do conhecimento, então tivemos uma diversidade de representantes negros e indígenas na Educação, Ciência, Medicina, Direito, personalidades importantes nas lutas e batalhas pela libertação dos escravizados, representantes da política, das artes, da comunicação, da música, do entretenimento, das famílias, das religiões e da própria escola.

Acho que você já consegue imaginar a grandeza dessa atividade! Neste processo de pesquisa, ficou evidente a compreensão equivocada e folclorizada que os estudantes tinham sobre os povos originários, buscamos compreender com mais detalhamento

a compreensão da história do nosso país, reconhecendo a ampla contribuição e o protagonismo dos povos indígenas para o nosso país. As Leis nº 10.639/03 e a 11.695/08 são muito bem estruturadas sobre a importância e obrigatoriedade da temática no **Art. 26-A**, que diz: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Como estratégia de desenvolvimento das atividades, solicitei a cada estudante que pesquisasse a biografia de uma personalidade e apresentasse a partir da escolha de uma competência e habilidade conveniente ao seu método de aprendizagem.

O resultado foi uma variedade muito rica de produções em forma de mapa mental, *podcast*, jornal, cordel, desenhos e história em quadrinhos. Como já te disse anteriormente, o projeto fugiu ao controle do meu planejamento e se tornou muito maior, muito mais interessante, pois os estudantes assumiram a condução e se desafiaram a construir outras possibilidades a partir das orientações, monitoramento e tutoria. A partir destas produções, tivemos a oportunidade de receber os povos Tupinambás de Abrantes, que fizeram oficinas e rodas de conversa com os estudantes para apresentar a sua história, as suas vivências e modo de vida. Foi através dos relatos dos indígenas que os estudantes puderam ressignificar a memória imaginária sobre estes povos, compreendendo que a memória ancestral é elemento para construção da própria identidade. Quantas novidades, não é, Edite?

O final da carta se aproxima, mas não posso deixar de falar sobre o “Desfile Histórico-cultural”, que foi o momento de compartilhamento das produções realizadas durante a efetivação do projeto, foi tudo absolutamente lindo! O desfile tinha alas organizadas para apresentar as produções de moda, cabelos e maquiagem; esqueci-me de relatar, mas fizemos oficinas de biojoias com contas, cordas, conchas, búzios e miçangas, todas produzidas pelos estudantes e usadas durante o desfile. Tivemos uma ala de

homenagem a mulheres negras, com imagens que iniciavam com Maria Felipa, Dandara e Luiza Mahim, a cientista Jaqueline Goes e a grande escritora Conceição Evaristo, que tanto influenciou o nosso projeto com a sua literatura preta como instrumento para a decolonialidade; esse desfile, com mais de 30 mulheres homenageadas, ocorreu ao som do samba-enredo da Mangueira, de 2019, História Para Ninar Gente Grande que em um dos versos diz:

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Escrever sobre esse momento, traz para mim uma grande alegria e muita felicidade! Outra ala da pesquisa foi a da apresentação da letra e música “14 de Maio”, de autoria de Antonio Jorge Portugal e Lázaro Jeronimo Ferreira, interpretada pelo cantor Lazzo Matumbi. A letra desta canção questiona o processo de libertação dos escravizados, no dia 13 de maio de 1889, despertando um posicionamento crítico dos estudantes acerca dos fatos históricos registrados nos livros de história. Ainda tivemos a presença de grupos de dança ao som de Pérola Negra, interpretada pela cantora Daniela Mercury e a música “Negro Lindo”, interpretada pelo cantor Léo Santana, porque eles já estavam muito empoderados, com a autoestima elevada e queriam, como dizemos aqui na Bahia “se amostrar”! Pense numa apresentação linda, Edite!

Não tenho como descrever o impacto destas atividades na vida dos estudantes, na minha vida e na dimensão escolar; só sei que nada mais será como antes, como diz um provérbio africano: “O rio enche-se graças aos pequenos riachos”. E assim, vou finalizando esta carta e espero ter conseguido expressar o meu compromisso com a educação para a emancipação, criticidade e autonomia dos estudantes; optar por um currículo disruptivo, deve

ser uma responsabilidade de todo educador, ou correremos o risco da manutenção das narrativas que favorecem apenas um lado da história, a do colonizador; e como consequência, as intolerâncias, preconceitos e racismo ganham espaço para a sua materialidade.

É preciso, neste momento, desestruturar o racismo; e só conseguiremos alcançar este objetivo com a educação como prática de liberdade, fazendo de cada espaço educativo um pequeno riacho. Quem sabe, em um futuro bem próximo, teremos um rio perene, navegável que corre em direção a outros rios, pois como nos dizia o poeta e pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), “um rio não deixa de ser um rio quando ele conflui com outro rio. Ele continua em sua essência. Essa é a grandeza da confluência” (Portal Uol, 13-08-2023).

Sigamos nos reinventando, pois como diz Emicida: “É tudo pra ontem!”

Um abraço sensível e amoroso, da sua amiga Vitalina Silva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei N° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 20 de jul. de 2024.

BRASIL. *Lei N° 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 20 de jul. de 2024.

BRASIL. *Lei N° 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n° 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 10 de ago. de 2021.

FREIRE, P; FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOMES, Nilma Lino. “Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório”.

In: FONSECA, M. V.; SILVA, C. M. N.; FERNANDES, A. B. (Orgs.) *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução:

Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Munanga, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2 ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204 p.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras*. 1 ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

CARTA ABERTA À CONCEIÇÃO EVARISTO: PALAVRAS QUE ABRAÇAM, DENUNCIAM, ANUNCIAM E INSPIRAM

Andréia Bispo Santos
Bianca Dias de Souza
Juciane Pacheco de Almeida Pacheco
Maria Leandra Brandão Santos

Querida e inspiradora Maria da Conceição Evaristo de Brito,

Em gratidão à sua voz, existência e luta, escrevemos esta carta-manifesto:

Permita-nos esta breve apresentação - somos quatro mulheres, de trajetórias de vida distintas, de diferentes espaços geográficos de nosso país, que se unem por meio desta escrita-verso-corpo-eco, compondo o componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB).

Vale salientar que nesses 40 anos, a UNEB é espaço privilegiado para fomentar o debate e a discussão pertinente sobre temas da contemporaneidade, tais como ações afirmativas, cidadania, direitos humanos, relações de gênero e sexualidade, e educação em todas as suas dimensões, fazendo ecoar nesse imenso Brasil, vozes muitas vezes silenciadas. Os seus programas visam à promoção de práticas de equidade, indistintamente, a todas as

diversidades: étnico-raciais, culturais, de gênero, de geração/faixa etária, de inserção territorial-geográfica, de condições físicas e/ou históricas desvantajosas e outras, que compõem o quadro de estudantes, professores e servidores técnicos e administrativos em todos os departamentos da universidade.

A disciplina foi ofertada na modalidade EaD - Educação à Distância, o programa atua nas cidades de Jacobina - no território do Piemonte, da Chapada Diamantina e em Conceição do Coité - Território do Sisal, ministrada pelas potentes professoras Amália Catharina Santos Cruz, Ana Lúcia Gomes da Silva e Zuleide Paiva da Silva; contamos com a colaboração das monitoras Beatriz Coutinho, Josiane Zaco e Sueli Santana.

O que nos fez mergulhar nesse componente foi o imenso desejo de refletir sobre pedagogias e epistemologias feministas e suas contribuições para o campo educacional na interface com a diversidade como princípio onto-epistêmico formativo, potencializando e ressignificando a nossa prática pedagógica.

É uma Andréia curiosa que se une com uma Bianca observadora tecendo fios com uma Juciane audaciosa e com uma Maria Leandra rebelde. Curiosa-observadora-audaciosa-rebelde, eis nosso encontro com seu corpo inspiração, ousado e construído por experiências encarnadas de tantas outras mulheres, Conceição Evaristo.

Imagem 1 – Card do componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” – MPED-UNEB.



Fonte: Arquivo MPED-UNEB, 2023.

Imagem 2 – Card do 1º encontro do componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” - MPED-UNEB.



Fonte: Arquivo MPED-UNEB, 2023.

Registramos esse momento em nossa escrita, porque desejamos expressar o quanto potente, inspirador e singular foi essa aula. Estávamos ansiosas e repletas de dúvidas, angústias e ávidas por ouvir e aprender cada vez mais com as mestras que nos presentearam com uma aula instigadora, e nos impulsionaram a permanecer e a querer sempre mais. A trajetória desse componente foi uma experiência incrível, que despertou o desejo de progredir nos estudos e nos deixou com aquele gosto de “queremos mais”...

Ao longo deste percurso, tivemos acesso às histórias outras, partindo de lugares diversos, mas, em prol de uma mesma causa - a partilha de saberes contra-hegemônicos, que valorizam as perspectivas ancestrais, sobretudo, as vozes e os discursos daquelas/es que são vulnerabilizadas/os socialmente, como as mulheres negras.

Imagem 3 – Projeto Vozes Mulheres na Escola Estadual Aloysio Barros Leal.



Fonte: @conceicaoovaristooficial

Professora Conceição, escolhemos esta imagem para fazer parte da nossa carta como um gesto de reconhecimento e agradecimento por compartilhar saberes e nos fazer compreender a importância da escrita para eternizar conhecimentos. A linguagem verbal e não verbal nos permite inúmeras percepções e chacoalha

nossas impressões a vislumbrar novos olhares e termos ciência da imensidão da sabedoria presente na fala transcrita.

A escrita desta carta para você, nos veio da mobilização de uma roda de conversa, intitulada como “Pensamento de mulheres negras feministas”, marcada por relatos de experiências e diálogos que ocorreram no componente curricular, que cursamos em 2023.2, o qual, citamos anteriormente.

Imagem 4 – Card Roda de conversa “Pensamento de mulheres negras feministas”, do componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” – MPED-UNEB.



Fonte: Arquivo MPED-UNEB, 2023.

A mestra Ana Maria Anunciação da Silva e a Professora Doutora Josiane Cristina Clímaco, mulheres negras, empoderadas, feministas, insubmissas, senhoras de seus destinos, atravessadas por caminhos difíceis e de resistência, mostraram-nos através de suas falas e narrativas, as trajetórias e lutas para ocuparem os espaços como mulheres, educadoras e pesquisadoras. Os caminhos são diferentes para todas, mas eles se tornam ainda mais desiguais quando são permeados e estruturados por uma elite branca altamente privilegiada, que desde a colonização não quer perder o seu lugar de poder.

Na textura desse encontro, dessa roda, dessa ginga, as narrativas de resistência e o grito das mulheres que se recusam a ser esquecidas, concretizam-se como ato de coragem e confirmação da existência daquelas que resistem em ser abandonadas à margem da sociedade ou à margem dos processos históricos, o que nos remete a você, Conceição Evaristo.

São mulheres que trazem na sua caminhada a marca do “ser e resistir”, a marca do sorriso largo, das lutas e silenciamentos que também perduram no universo acadêmico, tecido nas malhas de processos que inviabilizam lugares e verbalizam em contextos de opressão em que as narrativas e vivências negras não importam e não ocupam espaços.

“Descolonizar-se é pensar de outro modo” (Legramandi; Tavares; Gallego, 2022, p. 6), apostamos que ao narrarmos nossas dores e superações, fazendo denúncias, estamos anunciando a força que tecemos coletivamente, em prol de transformações. Com licença poética, num ato esperançoso, tal como você nos propõe, compreendemos que, “[...] Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança” (Evaristo, 2005, p. 2).

E nesse gesto singelo, numa escrita gerada por nós, enfatizamos que você é uma das grandes mulheres que batalham por uma sociedade antirracista, principalmente através das letras. Nessa representação dita no prefácio de seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (Evaristo, 2011, p. 3), vemos o seu comprometimento e aliança à essa batalha:

[...] E quando se escreve, o comprometimento
(ou não comprometimento) entre o vivido e
escrito aprofunda mais o fosso.
Entretanto, afirmo que, ao registrar estas
histórias continuo no premeditado ato
de traçar uma escrevivência.

Ou seja, a sua escrita-corpo-vivência provoca emaranhamentos e aprofundamentos, junto às lutas das/dos antepassadas/os, que sentiram na pele tamanho peso do silenciamento e do apagamento brutal. Ao mesmo tempo, o refúgio presente em seus versos promove outros mundos possíveis, onde a desigualdade não impera.

Em diálogo com o espaço-tempo de espera, vivido pela mãe de Ponciá Vicêncio, descrito no seu romance (Evaristo, 2017a, p. 72), vemos a importância de caminhar sempre e de entoar canções, como os mais velhos (sábios) faziam e se alegravam, encorajando e perpassando as novas gerações. Assim, aproveitamos para homenageá-la, a partir da música “Maria, Maria”, composta por Milton Nascimento (<https://www.youtube.com/watch?v=IEIS9cxpImA&t=10s>),

Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Maria é exemplo de força e resistência, e todas nós sentimos a necessidade de reexistir e somos impulsionadas a ter força, sempre. Convidamos a recitar/cantar “Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta” e sentindo seu corpo

encarnado, Conceição Evaristo, em nós. Encantando-nos com a vida, da mesma forma que dançando, nos alerta sobre os perigos e armadilhas do racismo. “Quem traz no corpo a marca”, continuamos cantando, sentindo e dizendo que somos, porque somos, o que queremos, porque lutamos, resistimos e amamos. Nossos corpos são as marcas de histórias tantas vividas por mulheres [diversas] ancestrais. “Maria, Maria mistura a dor e alegria”, eis a anunciação das nossas vidas que com você, Evaristo, pensamos e construímos...”.

E, quando falamos acerca das figuras mais velhas, visamos a ruptura com as estruturas sociais as quais nos ditam coisas e nos isolam umas das outras. Rompemos com as perspectivas individualistas e valorizamos os nós tecidos na coletividade, e no princípio da ancestralidade, advindo das matrizes culturais africanas. Compreendemos que na junção de diferentes pessoas, de diferentes faixas etárias e culturas, estamos enaltecendo a alteridade, a visibilidade e a legitimidade das histórias e vivências de tantas *Marias*, que merecem ser respeitadas, amadas e reconhecidas, tal como são.

Nesta rede de acolhimento e nos “[...] mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra”, como você nos mobiliza em *Poemas da recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2008, p. 91), vemos que a arte traduz, a poesia também fala, e o silêncio não silenciado por outrem, também produz sonoridade em nós e entre nós. Os nossos gestos corporais estão falando o tempo todo, as nossas expressões (escritas, ou não) dizem algo ou a alguém. Ainda nesse livro, exaltamos os fragmentos de seu poema “Vozes-mulheres” (Evaristo, 2008, p. 24-25), ao nos dizer que,

[...] A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Estimada Professora, quão valioso é ver mulheres negras, pretas, pobres, LGBTQIA+ e feministas e transfeministas ocuparem lugares que não projetaram para elas. As mulheres sempre tiveram que se movimentar para romper barreiras, ciclos, categorias, e mais, quando se trata das mulheres negras, esses desafios são mais significativos e marcantes. Você é uma inspiração pela sua luta, fala, resistência e escrita que encorajam e empoderam a todas com os seus versos que ecoam como um mantra de luta e poder, presente no poema “Pedra, pau, espinho e grade” (p. 55), da mesma obra citada anteriormente: *Poemas da recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2018).

[...] Mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira à derradeira
de quem banha a vida toda
no unguento da coragem
e da luta cotidiana
faz do sumo beberagem
topa a pedra pesadelo
é ali que faz parada
para o salto e não o recuo

não estanca os seus sonhos
lá no fundo da memória,
pedra, pau, espinho e grade
são da vida desafio.
E se cai, nunca se perdem
os seus sonhos esparramados
adubam a vida, multiplicam
são motivos de viagem.

Portanto, as mulheres sempre tiveram que lutar para romper ciclos e categorias que as marcaram e ainda marcam. E sabemos que a sua trajetória também foi abalizada por enfrentamentos, desde aqueles primeiros momentos da infância, já marcados pelo trabalho doméstico em “casa de família”. Mas o seu sonho estava nas letras, no seu encantamento com o universo mágico da leitura e da literatura, assim como as convidadas da nossa roda (comentada no início desta carta), que adentraram o mundo acadêmico, já que não havia limites e nem barreiras para a realização dos sonhos.

Esses passos são extremamente importantes, pois nos levam a pensar na entrada das mulheres no Ensino Superior e na desconstrução das armadilhas sociais que são impregnadas em nosso meio. Cabe a nós dizer, que no ano de 1879, o direito das mulheres frequentarem o Ensino Superior foi “concedido” pelo imperador Dom Pedro II, no Brasil. Contudo, tal direito continuou sendo um campo de luta, mesmo um século depois. Com a Constituição Federal de 1988 e a democratização da Educação em todos os níveis, em âmbito nacional, bem como, o movimento feminista na década de 1970, vemos a importância de contextualizarmos o Século XX - período de grandes transformações sociais em nível mundial, ressaltando que em séculos anteriores a condição de subalternização das mulheres e de todas as ditas minorias eram ainda piores, da mesma forma que a presença da figura masculina era maior na ciência (Pereira; Nunes, 2018).

Ou seja, devido à modernidade, e, sobretudo, na década de 1980, as mulheres passaram a integrar as atividades de pesquisa, abandonando os costumes e argumentos machistas de que elas se ocupam apenas das e nas atividades do lar (Legramandi; Tavares; Gallego, 2022). Quando, principalmente, abordamos as mulheres negras, intencionamos a ruptura com os estereótipos que inferiorizam e direcionam os seus lugares para o de servidão. Além do mais, à medida que exaltamos os seus corpos-vozes-superações, enfatizamos que há muitos lugares possíveis a serem ocupados, como na pesquisa acadêmica e tantos outros. A caminhada ainda é longa, contudo, as andanças e gingas estão ocorrendo: as universidades estão mais coloridas e diversas.

E você, estimada Conceição, implica um grande exemplo dessa situação, pois a sua trajetória na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - onde cursou a Graduação em Letras), na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ - onde cursou o Mestrado em Literatura Brasileira), na Universidade Federal Fluminense (UFF - onde lecionou e cursou o Doutorado em Literatura Comparada), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - onde também lecionou), é linda demais, povoando e provocando muitos sonhos e realidades.

Assim, escrevemos esta carta como uma homenagem singela e reconhecimento de que sua voz é um poderoso instrumento que ecoa e se concretiza através das páginas dos livros e da nossa literatura. Nos seus poemas, narrativas e personagens, encontramos a representação de vidas e a força das que se recusam a ser omissas e submissas, das que não aceitam mais ser silenciadas. Encontramos a representatividade em cada verso, bem como, o encanto e a generosidade da sua escrita, que sobrepuja fronteiras para mostrar a essência do ser, do estar, do existir e viver.

Numa reconstrução de vidas, experiências e memórias, mediante às suas narrativas, e como uma ação política, dizemos que as suas obras precisam adentrar mais e mais às escolas e outros

espaços formativos do Brasil, e que seu nome necessita ocupar a Academia Brasileira de Letras. Salientamos que a educação, sozinha, não dá conta de todas as mazelas do mundo, mas o seu potencial é libertador.

Através de linhas-versos-pulsos-poemas, provemos a conscientização subjetiva, humana e crítica de pessoas, num movimento de *inédito-viável* (Freire, 2011), princípio instigado pelo grande educador popular Paulo Freire, que não se baseia só em utopias, mas em ações cotidianas frente às lutas e pautas raciais, LGBTQIA+, feministas, transfeministas, anti-capacitistas, antie-taristas, afro-quilombolas e tantas outras.

Nesta carta, desejamos expressar a nossa profunda gratidão por sua escrita e o alento para todas as mulheres que você consegue/conseguiu atravessar, através de suas *escrevivências* – as quais instigam a recuperação dos vocabulários da comunidade negra que foi escravizada, bem como, das narrativas individuais e coletivas das mulheres negras, à medida que as mesmas ocupam espaços na sociedade, ecoam suas vozes, e são também capazes de escrever subjetivamente as suas e outras histórias/experiências de vida, construindo memórias e identidades (Evaristo, 2017b).

No mesmo entoar e intuito, também fomos afetadas por esse componente curricular, já que pudemos escutar múltiplas vozes, com tanta sensibilidade e, concomitantemente, força. Pudemos vislumbrar um espaço acadêmico habitado pelas camadas populares, tanto em presença física (ainda que no ambiente remoto), quanto em teoria e prática. Além disso, pudemos experimentar as rodas de conversas, lembrando as antigas rodas de nossas/os antepassadas/os, ao entoar de cada convidada e cada partilha.

E, assim, esperamos seguir: vivendo, pesquisando, escrevendo, falando, “escrevivendo” (Evaristo, 2017b)... Que a tua

inspiração continue, Conceição, para que os seus versos possam ressoar nos corações daqueles que os leem, e que seu esforço e contribuição à nossa literatura sejam reconhecidos e exaltados sempre, percorrendo milhares de gerações.

Das mulheres insubmissas (em dezembro de 2023, numa conexão Bahia-Rio de Janeiro).

Andréia Bispo Santos - Morro do Chapéu/Bahia;
Bianca Dias de Souza - São Gonçalo/Rio de Janeiro;
Juciane Pacheco de Almeida Pacheco - Várzea da Roça/Bahia;
Maria Leandra Brandão Santos - Cícero Dantas/Bahia.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Destaque Conceição Evaristo. *Revista Conexão Literatura*, p. 5-10, nº 24, junho, 2017b.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 202.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LEGRAMANDI, Aline Belle; TAVARES, Manuel; GALLEGO, Rita. A incidência feminina nas pesquisas sobre pedagogia decolonial, com ênfase nos estudos de gênero e sexualidades na educação formal brasileira em periódicos nacionais: uma revisão sistemática de literatura. *Dialogia*. São Paulo, n. 41, p. 1-20, e22474, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/41.2022.22474>. Acesso em 04 de set. de 2022.

PEREIRA, Sandra de Oliveira Gomes, NUNES, Juraildes Barreira. *A presença das mulheres no Ensino Superior e o papel das políticas de permanência das universidades federais brasileiras*. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23378/16097>. Acesso em 01 de dez. de 2023.

A TODAS AS MINHAS ALUNAS, ESPECIALMENTE ÀS ALUNAS NEGRAS

Marcelo Alves Pinto

Queridas, quando cursando o componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, como aluno especial do programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade - MPED, da UNEB, surgiu a proposta para que escrevêssemos cartas pedagógicas feministas endereçadas a alguém sobre alguma das discussões tidas neste componente.

O componente foi estruturado em rodas, cada semana contava com uma participante nova, geralmente mulheres ligadas à universidade ou a algum movimento social, como desafio para escolhermos uma das temáticas que mais nos tocasse para que produzíssemos este escrito aqui endereçado a vocês; gostei da temática do feminismo negro no qual o componente nos apresentou pesquisadoras como Vitalina¹ e Altamira Simões². Na semana seguinte a esta roda, continuamos com a temática do feminismo negro e, desta vez, fomos apresentados a Josiane Climaco e Ana Maria da Anunciação.

As discussões desenvolvidas neste componente e, especificamente nessas rodas me tocam, pois, sendo um homem negro

1 Vitalina Silva: Professora da Educação Básica de Camaçari e Mestranda em Educação pela UNEB.

2 Altamira Simões: CEO - Ayomidê Yalodê Coletiva de mulheres negras e LBTs; Conselheira Nacional de Saúde e Educadora popular.

conheço a opressão do racismo e classismo e mostro-me favorável às pautas do feminismo; e cá, com vocês leitoras, faço também uma provocação, homens podem ser feministas?

Não restava dúvida, iria falar sobre feminismos negros, e por que direcionei esta carta a todas vocês alunas e especialmente às alunas negras? Primeiro, não quero restringir os escritos às mulheres. Conhecer os feminismos é um dever de todos que desejam criar um mundo mais igualitário, portanto, meninos também se sintam incluídos. Segundo, porque espero com esta carta sensibilizar vocês, mulheres, para os feminismos que vêm constantemente sendo atacados por discurso que quer desqualificar esse movimento e a organização das mulheres. Terceiro, especialmente às alunas negras, porque pretendo tratar dos feminismos negro, pois as mulheres negras como poderão constatar através desta carta são o elo mais fraco da estrutura social, fazendo-se necessário que criemos redes de afetividade para ajudar umas às outras.

Na escrita desta carta, surgiram também algumas preocupações, como conseguir alinhar as pautas dos feminismos e produzir uma escrita em linguagem acessível a um público de Ensino Médio. Buscarei, sempre que possível, exemplificar concretamente. Os feminismos devem ser uma luta de todos, ao compreendermos este movimento como luta das mulheres contra as opressões sofridas em decorrência do sexismo, destacamos que este não é um movimento de força bruta, e sim sobre ocupar lugares antes não permitidos às mulheres. Recordo-me uma vez, ao me hospedar em uma pousada na qual a recepcionista conversava com um cliente, surgiram indagações sobre o direito das mulheres. Um dos argumentos do rapaz era o de que a mulher não seria capaz de carregar um saco de cimento, em contrapartida, a moça prontamente respondeu, eu posso carregar sim, nem que eu precise dividir o saco em dois.

Este é um dos objetivos dos movimentos feministas, a conscientização e superação dos estereótipos de gênero que atribui às

mulheres apenas um papel social, de mãe e esposa. A conscientização e a luta levarão à emancipação política das mulheres, assegurando alguns direitos conquistados ao longo do tempo, como o voto, participação na vida pública, oportunidade de prosseguir nos estudos e, em especial, no ensino superior, exercer sua profissão sem discriminação de gênero, pois há também uma negação de que mulheres exerçam carreiras nas áreas das ciências exatas, sempre vítimas de piadinhas quem colocam em xeque suas capacidades cognitivas.

Hoje, as mulheres conseguiram conquistar espaço no mercado de trabalho, contudo ainda são vítimas de outras séries de violências tais como: menor remuneração, dificuldade de contratação por questões de gênero, assédios no ambiente de trabalho dentre outros, e aqui também aparece a questão racial, será que são todas as mulheres que conseguem ter igual oportunidade de acesso ao nível superior?

Apesar de todos os avanços sociais, não existe apenas a opressão de gênero afligindo as mulheres, pois não são todas as mulheres que podem desfrutar de um nível superior e se assumirem como profissionais liberais, pois, embora as teorias feministas seja basilar para a interpretação da vida das mulheres, há outras forças da opressão atuando, como, por exemplo, raça e classe. Há mulheres brancas que não gozam de todos os privilégios que uma mulher branca de outra classe social, que pode desfrutar de uma vida confortável, e o trabalho fora de casa seria apenas uma realização pessoal, enquanto outras necessitam trabalhar, mesmo que em empregos mal remunerados, para suprir as necessidades básicas de existência.

Em decorrência do racismo, e toda a transformação histórica, pelo recorte racial, as mulheres negras são as que estão em trabalhos subalternos destinados a cuidar dos outros, sendo, por exemplo, diaristas, lavadeiras e outros trabalhos informais que a necessidade lhes incube.

Damos o nome de interseccionalidade, conceito que pode ser lido em Carla Akotirene (2019), que nos diz que raça, classe e gênero atravessam os sujeitos determinando seus locais sociais. Em leituras de Collins & Bilge (2021), as mesmas compreendem a interseccionalidade como ferramenta analítica para análise social oferecendo ricas contribuições para pensar e teorizar as relações de poder relacionadas à classe, raça, gênero, etnia, cidadania, orientação social e capacidade, na qual uma opressão não é superior às outras, mas constituem-se mutuamente. E para as autoras, a existência de trabalhos interseccionais não é posterior ao momento que o conceito foi produzido. Desde a década de 1960, já eram produzidos trabalhos de caráter interseccionais, utilizando como exemplo o trabalho das brasileiras Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, que produziram trabalhos sobre raça e gênero analisando a relação da mulher negra brasileira na sociedade.

Falar de um feminismo não daria conta de todas as realidades das mulheres, mas de feminismos e historicamente, mulheres negras sempre foram um grupo marginalizado, socialmente menos privilegiado que as mulheres brancas. Assim, um feminismo que fala apenas da experiência de mulheres brancas é um feminismo branco/burguês, que não dá conta de retratar a experiência de todas as mulheres e, especialmente, das mulheres negras.

Aqui, transitarei entre dois gêneros textuais, ora buscarei fazer um diálogo com vocês, ora meu lado acadêmico aflorará e trarei uma escrita no estilo mais acadêmico, que como vocês logo perceberão, assemelha-se a uma resenha de livros e apresentação de pensadoras que considero essenciais para refletir as relações de opressão. Penso que a leitura de textos teóricos e de teóricas nos ajuda a interpretar nossa realidade. Não é preciso de escrita para dizer que as mulheres são, em algum nível, oprimidas, quando isso é algo que já é vivenciado por vocês. Mas as leituras de outras autoras oferecem-nos uma visão por um ângulo que talvez não tenhamos visto antes, e

também nos ajuda a entender que esta realidade não é algo natural, mas historicamente construído.

Vivemos hoje em um mundo capitalista, chamamos de neoliberal o pensamento que defende que todos terão igual oportunidade de vencer na vida ao se esforçarem, e que se somos pobres é porque não estamos nos esforçando o suficiente. Esse tipo de fala sugere a naturalidade das desigualdades, sejam elas de classe, gênero ou raça e muitas vezes aceitamos como verdades absolutas.

O Neoliberalismo surge como a forma moderna do capitalismo, lido em Collins & Bilge (2021). Este pensamento fundamenta-se na filosofia que visa promover a menor intervenção estatal na economia e no bem-estar social, pois o mercado por si só seria capaz de oferecer um mundo mais justo e igualitário mediante a crescente privatização dos serviços como segurança, saúde e educação, pois a iniciativa privada conseguiria fornecer de forma mais eficiente tais serviços.

Junta-se a isso a redução ou inexistência de gastos com seguridade social, pois causa oneração aos cofres públicos cometidos por governos irresponsáveis. Estão inseridos também na pauta do neoliberalismo, o livre comércio e flexibilização das leis trabalhistas como forma de geração de mais empregos e renda; por fim, o neoliberalismo acredita na crença da individualidade, sendo cada pessoa responsável por si, seus sucessos e fracassos ignorados às desigualdades sociais historicamente construídas.

O neoliberalismo traveste-se de ideologia progressista ao defender a autonomia dos povos, em especial das mulheres através do discurso feminista, aqui, representado por feminismo neoliberal, pois o feminismo neoliberal discute o empoderamento feminino através do empreendedorismo feminino, a participação das mulheres no mercado de trabalho, porém ao desconsiderar toda a historicidade de opressões sociais, este feminismo está fadado

ao fracasso em promover a transformação social das mulheres, pois o feminismo não deve considerar a individualidade de uma mulher, mas sim, ser um movimento que promova a transformação coletiva da realidade de todas as mulheres.

Por isso, é essencial termos acesso a outras formas de pensamento. Por isso digo que os escritos teóricos afinam o nosso pensamento para enxergarmos a realidade por outras lentes; assim, sinto-me incumbido de apresentar a vocês autoras que gosto e muito têm me ajudado, a pensar a nossa realidade sobre feminismos plurais como justiça social.

Uma importante pensadora que traremos aqui, para pensarmos os feminismos negros é a escritora afro-americana bell hooks, que deixo como sugestão para que vocês se aprofundem mais em suas obras. A primeira curiosidade sobre essa escritora é que a mesma assina seu nome como pseudônimo de bell hooks, e é escrito assim mesmo, com as letras minúsculas como forma de mostrar os processos de invisibilidade que a mulher negra passa e por afirmar que suas ideias são mais importantes do que ela, a autora.

A escrita de hooks é simples de ler. Por trazer uma linguagem bastante acessível, ela dialoga com seus leitores em uma escrita que, na maioria das vezes, é feita em primeira pessoa realizando um diálogo com seus leitores, na qual ela assume o compromisso de ser intelectual, transgredindo fronteiras discursivas para analisar e promover mudanças políticas.

O primeiro livro que considero essencial para começarmos a compreender o porquê de se reivindicar um feminismo negro é *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, de hooks (2019a), no qual a autora discorre sobre como as vivências das mulheres negras são negadas pelo feminismo branco, sobre como as mulheres desde o período colonial foram desconsideradas até de ser mulheres, em discursos, que as consideravam como corpos sem mentes.

Neste livro, também, hooks faz a distinção do que ela considera como feminismo burguês, produzido por mulheres brancas cansadas do ócio de donas de casa, preocupadas em se inserir no mercado de trabalho produzindo escritos que, na maioria das vezes, não contemplavam todas as mulheres, apenas a uma pequena classe. Assim, este feminismo baseava-se mais numa cooptação do movimento feminista para as causas individuais.

Mulheres negras sempre trabalharam até mesmo fora de casa, e segundo estas, as mulheres negras não sofriam opressão, pois as mesmas eram livres para trabalhar. Esta teoria, portanto, não considera raça e classe; mulheres negras que trabalhavam e estão trabalhando, em nossa sociedade que ainda não superou a violência racial, em empregos subalternos destinados a cuidar dos outros, e sempre mal remuneradas. O trabalho da mulher negra não era uma libertação, e sim uma necessidade. Apesar de hooks falar sobre a experiência de mulheres negras vivendo nos Estados Unidos, a experiência colonial vivenciada nas Américas permite-nos fazer aproximações para analisarmos também a realidade brasileira.

Em *Teoria Feminista da margem ao centro*, hooks (2019b) coloca que é a mulher negra que está nas margens da sociedade e quem se dirige ao centro para ir trabalhar, e ao retornar às suas casas, à noite, no contexto segregacionista dos Estados Unidos na década de 1960, situação semelhante às brasileiras que retornam do centro às favelas, sendo, portanto, ela quem melhor conhece a realidade dos dois mundos, é a mulher negra quem melhor pode falar sobre a opressão vivenciada pelas mulheres.

Se aceitássemos que, hoje, há uma igualdade entre gênero porque a mulher pode trabalhar fora, vemos que isso não se constitui em uma conquista dada às mulheres, mas advém de uma necessidade econômica das famílias no contexto capitalista que os gastos em manter uma família aumentaram, e quando estas mulheres retornam aos seus lares após uma jornada de trabalho,

ainda precisam realizar o trabalho doméstico uma vez que o discurso promovido pelo senso comum incumbe somente às mulheres a realização das atividades domésticas.

É perceptível como o destino das mulheres já é traçado a partir do gênero quando se concebe para estas o papel de mãe e esposa, cuja única função é a criação, e isso se percebe no senso comum a partir da linguagem, ao afirmarmos cotidianamente a adjetivação “mãe solteira” quando não existe “pai solteiro”, casamento e maternidade guiam o destino das mulheres. A crítica feminista não nega o papel de mãe e esposa às mulheres, mas produz questionamentos se esta é a única forma de ser uma mulher. O que aconteceria com mulheres estéreis? Seriam menos mulheres?

Caras estudantes negras e caros estudantes negros, quero salientar para vocês nesta carta, que à mulher negra foi negada também o papel de mãe/esposa. hooks (2019a) analisava como os discursos consideravam as mulheres negras como impróprias para o casamento, por não serem femininas, pois ao realizar serviços muitas vezes masculinos na colheita, por exemplo, acabavam emasculando os homens. O discurso colonial elaborava para a mulher negra também estereótipos como corpos sem mentes, sexualmente lascivas, capazes de perverter o homem branco, corrompendo-o ao atraí-lo para o coito sexual, o que justificaria os abusos sexuais cometidos pelos senhores de escravizados; por isso, a cor negra era considerada como cor do pecado.

Contemporaneamente, estes estereótipos ainda persistem às mulheres negras em representações como a mulata, mulheres negras sexualmente permissivas, ou mulheres negras gordas dessexualizadas, destinadas a cuidar dos outros, como podemos ver na literatura em personagens como Rita Baiana, em “*O Cortiço*”, de Aluísio de Azevedo, ou a Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato.

A luta feminista negra insere-se em um palco de disputa contra estereótipos cristalizados para estas mulheres, assumindo que as diferenças de raça, classe e gênero precisam ser superadas e que uma opressão não pode ser superior a outra; estão todas imbricadas no processo de exclusão, isto acontece por estar a mulher negra na base da pirâmide ocupacional, dito por hooks (2019b), por isso que uma frase da célebre pensadora Ângela Davis, diz que quando uma mulher negra se movimenta, toda estrutura da sociedade se movimenta junto com ela. Ainda segundo hooks, mulheres brancas exercem poder sobre homens negros, homens negros exercem poderes sobre mulheres negras, e a mulher negra não exerce poder algum. Por estar nesse lugar de não poder, colocadas na marginalidade, cabe à mulher negra construir uma práxis contra hegemônica que desafia as opressões de classe, raça e gênero oferecendo novas visões sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres.

O feminismo é uma luta de todos. As contribuições dos feminismos brancos são essenciais para se pensar as opressões vivenciadas pelas mulheres, contudo, muitas vezes, relacionadas apenas a um seletivo grupo; por isso, hooks critica este movimento, não para diminuí-lo, mas para agregar novas visões e, assim, potencializá-lo, uma vez que o feminismo considerado burguês não inclui na discussão a vivência de todas as mulheres não brancas, ou brancas, mas pobres.

hooks (2019b) nos diz ainda que há um problema em definir o que é feminismo. No componente que cursamos, chama-se pedagogias feministas, no plural, pois há várias correntes de pensamento feminista; e divergência de definições muitas vezes torna-se um empecilho para que mulheres reconheçam-se como feministas, sendo possível encontrar falas como “ser favorável ao movimento feminista”, mas não se reconhecendo como feministas, isso porque, muitas vezes, o movimento foi considerado como um movimento de lésbicas, ou rotulado com aceções negativas.

Saibam caros/as estudantes negros e negras, que no feminismo branco, por exemplo, poderia se dizer que o objetivo seria a igualdade entre as mulheres e os homens, e essa visão poderia ser favorável dentro do recorte racial branco, mas para as feministas negras esta igualdade ignora a relação classe e raça, uma vez que o homem negro, embora possa exercer o poder sexista, não tem poder em uma relação racial, e economicamente não trariam uma igualdade real.

Toda violência se fundamenta no discurso, é ele quem legitima as práticas sociais, e o discurso conservador atua perpetuando o *status quo* da opressão feminina através de falas que responsabilizam o feminismo pela degradação da família, corroborado também pelo discurso religioso que defende para as mulheres, o atributo de mulher vitoriosa sendo aquela que edifica o lar, fornecendo uma única visão de mulher e matrimônio, e estimulando que a mesma permaneça em casamentos falidos mesmo que este seja uma relação de abuso e violência.

No cenário da violência doméstica, as mulheres são culpabilizadas por sofrerem a violência, através de falas como “apanha porque gosta” ou “está com o agressor porque quer”, invisibilizam que nossa sociedade produz discursos que desvalorizam as mulheres separadas/solteiras. Objetifica as mulheres em uma sociedade patriarcal como, quando solteiras sendo posses dos pais e quando casadas posses dos maridos, negando suas subjetividades em cenários nos quais às mulheres também é proibido alcançar a independência financeira, e têm suas autoestimas minadas todos os dias sendo difícil para elas se verem fora do casamento e também não tendo como sustentar suas proles quando suas vidas foram construídas para o casamento e não para a independência enquanto ser humano.

Um dos meus incômodos em falar sobre o feminino negro é se como homem negro, eu estou autorizado a falar sobre feminismo, mas esta resposta vem do supracitado livro *Teoria*

feminista da margem ao centro, no capítulo 5, “Homens nosso companheiros de luta”, hooks (2019b) nos esclarece assim como fez em todo o seu livro que o erro do feminismo burguês foi o de acreditar que as pautas do feminismo seriam boas o suficiente para atrair todas as mulheres, esquecendo-se de promover ambientes de formação, uma vez que iria dialogar com públicos de mulheres diversificados, pois a transformação social não se dará somente por mãos femininas; toda a sociedade precisa estar inserida neste processo.

A ideia de um feminismo restrito às mulheres era mais uma pauta do feminismo burguês que almejava o papel do homem branco burguês, desconsiderando que homens negros, por exemplo, não ocupavam o mesmo lugar na classe dominante. Segundo, por não ser o feminismo um movimento de superação dos homens, e se desejamos construir uma mudança na sociedade, os homens precisam estar inclusos no feminismo, precisamos desaprender a opressão sexista, que também pode ser reproduzida por mulheres.

Na posição de educador, está na nossa incumbência em promover ambientes formativos democráticos visando à construção de uma sociedade igualitária, e isso não será possível se a pauta feminista não fizer parte da nossa prática. Um dos mais conhecidos livros por educadores é o *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (2018) e hooks, que teve a oportunidade de dialogar com o educador e tecer críticas sobre sua obra, que não a diminui como a autora frisa, mas apresenta problemas no uso da linguagem, no qual a relação de opressão e oprimido aconteceria mediante a conscientização dos homens. Sendo que as mulheres também necessitam fazer parte deste processo de lutar contra a opressão e é o nosso compromisso como educador, o de conhecer o feminismo e saber dialogar com nossas alunas e alunos, e para vocês, alunos/alunas, transformarem o mundo a sua volta através de uma nova práxis que promova a igualdade e o respeito a todos.

Por acreditar no potencial da educação como transformador de vidas, vejo a necessidade de o feminismo estar alinhado com as pautas de classes socialistas, cobrando do estado investimentos em educação, como, por exemplo, cotas sociais nas universidades, creches para que mães possam exercer a maternidade e trabalhar, erradicação da violência e desigualdade social e de gênero através de forma efetiva. E não vejo melhor forma de terminar essa carta, senão com arte, por isso, trago um poema da escritora negra Cristiane Sobral (2000):

Não vou mais lavar os pratos

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética,

A estática.
Olho minhas mãos quando mudam a página
dos livros, mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante.
Sinto.

Qualquer coisa.
Não vou mais lavar. Nem levar. Seus tapetes
para lavar a seco. Tenho os olhos rasos d'água.
Sinto muito. Agora que comecei a ler quero entender.
O porquê, por quê? e o porquê.
Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.
E deixei o feijão queimar...
Olha que feijão sempre demora para ficar pronto.
Considere que os tempos são outros...

Ah, esqueci de dizer. Não vou mais.
Resolvi ficar um tempo comigo.
Resolvi ler sobre o que se passa conosco.
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou.
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi,
você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida,
passou do alfabeto.

Desalfabetizou.
Não vou mais lavar as coisas
e encobrir a verdadeira sujeira.
Nem limpar a poeira
e espalhar o pó daqui para lá e de lá pra cá.
Desinfetarei minhas mãos e não tocarei suas partes móveis.
Não tocarei no álcool.
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
meu tênis do seu sapato,
minha gaveta das suas gravatas,
meu perfume do seu cheiro.
Minha tela da sua moldura.
Sendo assim, não lavo mais nada, e olho a sujeira
no fundo do copo.
Sempre chega o momento
de sacudir,
de investir,
de traduzir.
Não lavo mais pratos.
Li a assinatura da minha lei áurea
escrita em negro maiúsculo,
em letras tamanho 18, espaço duplo.

Aboli.
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,

Cozinha de luxo,
e joias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea.

Este poema, para mim, melhor sintetiza minha compreensão do que pretendemos com a educação e com o feminismo negro. Temos uma mulher que mesmo alfabetizada não conseguia ler para além das entrelinhas, não era capaz de enxergar sua realidade, sempre destinada a cuidar do trabalho doméstico de outrem, mas a partir do momento que ela começa a ler, processo simbólico que representa ter acesso a uma educação transformadora, tornou-se capaz de observar para além das entrelinhas, enxergar que o lugar social que ocupamos não é natural, mas historicamente construído, que o racismo e a desigualdade gênero promovem para mulheres negras lugares desprivilegiados na base da pirâmide ocupacional, não mais lavar os pratos é um grito de rebeldia com este sistema, e sua inserção na luta pela igualdade de oportunidades, superação do racismo e imposições de gênero.

Com afeto, Professor Marcelo!

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019. Edição Kindle.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo*. Tradução: Bhuvli Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019^a. Edição Kindle.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução: Rainer Patriota. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019b. Edição Kindle.

SOBRAL, Cristiane. Não vou mais lavar os pratos. *Cadernos negros 23: poemas afro-brasileiros*, 2000. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos>. Acesso em 04 de dez. de 2023.

CARTA-MOVIMENTO: O FEMINISMO NEGRO COMO POSSIBILIDADE DE (AUTO) CONHECIMENTO NO AMBIENTE ACADÊMICO

Eliane Costa da Silva
Maricéia Pereira de Novais

Muitas vezes querem nos calar,
nos bater e nos maltratar.
Somos pretas,
já nascemos fortes,
nada disso irá nos parar.

O espaço acadêmico é cheio de fatos,
racismo,
machismos,
sexismo...
Repito:
NÃO VÃO NOS PARAR!

Vamos pesquisar,
escrever,
publicar,
destoar,
criticar,
gritar,
afirmar
e reafirmar.

A universidade pública é nossa
VAMOS OCUPAR!

Eliane Silva¹

Nobres colegas pesquisadoras negras, que com muita luta adentraram ao universo acadêmico com o intuito de contribuir com pesquisas e publicação teoricamente libertadoras, que enfrentaram o racismo e todas as formas de preconceito para ocupar seus lugares de fala e reivindicar o direito de liberdade de expressão, essa escrita almeja fortalecer o movimento feminista e abraçar a todas que estão inseridas no processo.

Esta carta foi desenvolvida conjuntamente por nós, Eliane Costa da Silva e Maricéia Pereira de Novais, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, no qual fomos estudantes especiais do componente curricular, Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade -MPED-NEB, turma 2023.2. Nossa carta é direcionada a todas as mulheres negras que estão na ambiência de universidades, faculdades, institutos, ensino médio etc. Todas as mulheres, cis, trans que fazem ciência, estudos e pesquisas. Queremos dizer que vocês não estão sozinhas; nós, mulheres negras, sempre estamos juntas, nossa ancestralidade nos une e nos interliga.

Nesta escrita, temos como objetivo, destacar o conceito de feminismo de autoras brasileiras, principalmente as estudiosas negras, as quais são fundamentais para compreender o feminismo negro. É necessário destacar que não abordaremos abrangentemente os pontos principais. Mas, certamente, deixaremos aqui nesta carta como parte na luta no espaço acadêmico, dedicada à importância de estudos feministas, principalmente das autoras negras, tão fundamentais para compreender a sociedade brasileira.

1 Produção escrita e desenvolvida exclusivamente para a carta-movimento.

Conceituar o feminismo no Brasil é um desafio estimulador, e nós, autoras desta carta, percebemos a necessidade e importância de fazer esse movimento. No livro intitulado *Interseccionalidade pioneiras do feminismo negro brasileiro*, Heloisa Hollanda (2019), apresenta, na introdução, com tristeza a presença de estudos de gênero nos centros de pesquisa marcados fortemente por estudos anglo-americanos e eurocêntricos. Dessa forma, compreende-se a necessidade de estimular estudos e pesquisas que valorizem as pensadoras filósofas latino-americanas e mestiças, chicanas (americanas com pais mexicanos) e latinas. Estudos voltados para a perspectiva “[...] decolonial, com ressalvas às teorias de caráter eurocêntrico” (Hollanda, 2019, p. 8).

Para Sergio Rego (2019, p. 10) a formação do ativismo feminista no Brasil, nos anos 60-70, teve bastante atuação na promoção de “[...] avanços sociais, sobretudo no assegurar de medidas legais, acesso e direitos às mulheres, percebemos que muito se deve à sua manifestação acadêmica, principalmente a partir dos anos 60”.

Nos anos 70/80, as mulheres que estavam no ambiente acadêmico “[...] passaram a ter contato com o pensamento feminista que emergia no cenário dos países do norte e escritas de acadêmicas americanas feministas, inglesas e italianas penetraram no Brasil” (Araújo, 2019, p.3).

Na década de 1990, destaca-se o “[...] houve um esforço coletivo para potencializar a incidência política das mulheres negras institucionalmente” [...] (Rodrigues; Freitas, 2021, p.12). Os esforços foram marcados pela multiplicação de Organizações Não Governamentais (ONGs) de mulheres feministas negras. Destaca-se “[...] Geledés, Fala Preta!, Crioula, Casa de Cultura da Mulher Negra, Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte, Maria Mulher, entre outras), a fundação da Rede de Mulheres Afro-Latinoamericanas e do Caribe, em 1992” (Rodrigues; Freitas, 2021, p. 13). Conforme Rego (2019), no final da década de 1980 e

início da década de 1990, destaca-se a publicação feminista dirigida por acadêmicas feministas, em sua maioria, nas ciências sociais.

Sabemos que no decorrer da história da América Latina, especificamente do Brasil, a partir da colonização, os povos latino-americanos/brasileiros passaram por um processo de colonização no qual a cultura europeia perpassou e sobressaiu exacerbadamente, anulando nossa ancestralidade, nossos costumes e tradições. A partir do tráfico negreiro, a miscigenação corroborou com a mistura de sons, traços e cores que tornou o Brasil o país da diversidade.

A escravidão no Brasil assolou os africanos escravizados de maneira tão intrínseca que seu resquício perdura até os dias atuais, segregando, estratificando e excluindo pessoas. As atitudes capacitistas, embora previstas como crime no artigo 20 da Lei 7.716/1989, continuam implícitas ou explicitamente em vigor em nosso cotidiano. Compreendemos a importância de um ensino que seja na prescritiva descapacitista, assim como conceitua Aline Alvernaz (2022, p. 101) “Pedagogia Descapacitista surge deste contexto formativo com a emersão de noções de corpo e movimento para uma perspectiva inclusiva, humana e democrática”. A autora aponta que esse movimento deve ser permeado por “[] novas posturas, atitudes, práticas e concepções para além da escola” (Alvernaz, 2022, p. 100). Dessa forma, concordamos com a referida autora, pois compreendemos que ser descapacitista é uma postura que devemos tornar diariamente em todas as ambiências de convívio, para assim “[] fazer pensar outro, questionar as práticas pedagógicas já consolidadas” (Alvernaz, 2022, p. 101).

Mulheres negras lutam por igualdade de direitos, por reconhecimento como ser humano, e vem sendo feito o apelo, por meio das reivindicações, manifestações e denúncias das mais diversas formas de preconceito racial. É necessário ir mais além, pois sabe-se que ninguém nasce preconceituoso, o mesmo é construído socialmente ao longo dos tempos e vai se ampliando à medida que vai ganhando ênfase.

Entendemos que medidas preventivas precisam ser tomadas, uma vez que essas atitudes capacitistas perpassam até mesmo os muros das universidades. Durante as aulas/rodas de conversas do componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, ocorridas em 2023.2, vieram à tona vários relatos de colegas e participantes/convidadas, relacionados à discriminação racial e de gênero dentro das universidades. O meio acadêmico deveria ser o lugar onde se dissemina o respeito mútuo, a inclusão e a equidade, mas percebe-se que essa caminhada rumo à igualdade de direito ainda anda em passos lentos, o que não significa desistir, mas persistir.

É notório que as “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” instigam a resistência por parte de homens e mulheres que buscam e ocupam seus lugares no mundo, tendo a possibilidade de reinventar, ler o mundo por várias dimensões e projetar uma sociedade mais humana. Paulo Freire propõe pedagogias que possibilitem ao educador a autonomia, a liberdade e a criticidade (Freire, 2007).

Segundo Ferreira e Silva (2022), a educação precisa de práticas emancipatórias que sejam contra a hegemonia e enfrentam o racismo, sexismo e LGBTfobia nos cotidianos e ainda que almejam o arrombamento das fronteiras do eurocentrismo patriarcal para a construção de uma sociedade justa, para toda humanidade. Para isso, é urgente que a educação se apresente como alicerce no combate às múltiplas violências, oriundas do preconceito e do ódio. Tudo isso nos remete a refletir sobre todas as formas de exclusão, exploração, opressão e a refletir também o quanto preconceituosas foram as pedagogias feministas eurocêntricas/brancas.

Como já foi mencionado anteriormente, o sistema patriarcal machista ocidental marcou a história da colonização da América Latina, por meio da hegemonia eurocêntrica do conhecimento validado e considerado universal, que por sua vez inferiorizou e menosprezou a cultura, os saberes e as concepções dos povos

latino-americanos, com base nos marcadores sociais de gênero, raça e classe social, apoiados estrategicamente na educação para disseminar o autoritarismo e o empoderamento dos colonizadores sobre os colonizados, que se tornaram reféns da política pedagógica implantada. Por ter sido um colonialismo machista, mulheres negras e indígenas eram consideradas subalternas e tratadas como tal.

A existência de uma Pedagogia Decolonial Feminista é de grande relevância porque deve, essencialmente, assumir o papel de transformar o modelo educacional tradicional, que articula meios de oprimir mulheres, principalmente as negras e indígenas, que segundo Dombkowitz e Silva (2022) vêm sendo ocultadas por meio da colonialidade moderna de gênero ao longo dos tempos em um modelo de educação que rompa a Epistemologia do Norte Global.

O ápice da Pedagogia Feminista Decolonial é desmistificar e romper com a ideologia eurocêntrica dominante do saber, tido como único e universal, e adotar um sistema que elimina as mais variadas formas de opressão contra os povos do Sul Global, no que tange aos marcadores sociais de classe, gênero e raça. Para isso, urge a necessidade de uma Pedagogia Feminista Decolonial que introduza a Epistemologia do Sul Global com seus saberes e fazeres que resgate a identidade e autoestima desses povos, trazendo-os de volta à existência ao mundo moderno, podendo citar como exemplo, mulheres negras, pobres e indígenas.

Considerando o contexto social estratificado em todas as esferas da América do Sul, em decorrência do colonialismo europeu que desumanizou os povos originários locais e perpetua exacerbadamente com todas as formas de discriminação racial e de gênero, é necessário adentrar no universo das “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, com o intuito de realizar pesquisas pertinentes a essa disciplina para aprofundar nesse estudo e trazer à tona verdade, igualdade e equidade para todas as mulheres; e,

com isso, contribuir por meio de mobilização e motivação para o empoderamento e inclusão de todas as mulheres que vivem às margens dessa sociedade machista, racista e preconceituosa.

Para bell hooks (2013), o movimento feminista afro-americano marcou consideravelmente o sistema de educação, porque foi esse movimento que no final da década de 1980 lutou contra as desigualdades de maneira plural e não dominante. Segundo a autora, a contribuição das mulheres nesse movimento foi incalculável e alcançou discussões modernas sobre a pedagogia, porque foi direcionado para a reconstrução de um feminismo multicultural e crítico a respeito de raça, gênero, classe, orientação sexual e teorias feministas brancas (hooks, 2013).

As discussões sobre as concepções de pedagogias feministas, realizadas durante esse componente, proporcionaram elementos reflexivos e possibilidades para insurgência de novas práticas pedagógicas que viabilizem a transformação do contexto escolar e, conseqüentemente, a transformação de todos os sujeitos envolvidos no processo. Nesse componente, as epistemologias feministas problematizaram os eixos interseccionais entre sexismo, racismo, imperialismo, lgbtfobia e práticas pedagógicas colonizadoras, trazendo à tona a proporção da discrepância dos marcadores de gênero, raça/etnia e sexualidade.

A abordagem apresentada pelas professoras do componente está em consonância com a Pedagogia Libertária que busca compreender e valorizar as vivências e saberes dos povos que viveram e vivem excluídos. Todos os debates instigaram a reflexão sobre o ponto de vista heterogêneo, visando romper com o pensamento homogêneo, eurocêntrico e patriarcal que exclui, marginaliza e segrega.

Podemos partir do racismo ambiental para entender o racismo no espaço acadêmico. Conforme Filgueira (2021), o racismo ambiental está imbricado nas “[...] ações ancoradas

em injustiças sociais e ambientais. Tais ações incidem sobre grupos populacionais vulneráveis”. Essas injustiças sociais não fogem da realidade nas universidades públicas, pois, como sabemos, os espaços educacionais também fazem parte da sociedade. Logo a réplica da hegemonia eurocêntrica/branca é feita e desenvolvida.

Ainda segundo Filgueira (2021, p.191), no racismo ambiental, temos a cidadania como acesso aos direitos, civis, políticos e sociais. Ele destaca que os grupos subalternos, tais como: trabalhadores pobres, indígenas, pescadores, negros e outros, têm pouco ou nenhum acesso à/ao “[...] saúde, educação, trabalho e habitação. Com isso, a cidadania plena, vista como o acesso integral aos três direitos, ainda é um projeto a ser alcançado, pois a concessão dos direitos sociais é negada”.

Para as mulheres pretas, isso pode ser percebido e sentido diariamente. Por meio da negação do básico e a violação dos nossos corpos diariamente. O acesso e permanência ao ambiente acadêmico da pós-graduação é esse misto de direitos sociais: dificuldade para acessar o mestrado/doutorado no ensino superior público, dificuldade para permanecer nesse ensino, a negação da capacidade de pensar, escrever e pesquisar, a dúvida/afirmação se aquele ambiente replica o racismo ambiental.

O espaço acadêmico também é um dispositivo de poder entre o branco *versus* o negro. Essa primazia está ancorada em uma posição de poder exercida na sociedade como formação cultural. Dessa forma, Filgueira (2021, p. 195) afirma que a “[...] raça é um dispositivo de poder, posto em circulação pelo Ocidente, baseado na eliminação da diversidade pela lógica binária rivalizante (branco *versus* negro), a fim de garantir a estrutura moderna dominação”. O dispositivo racial é um conceito articulado por Sueli Carneiro (2019, p. 27) como: o dispositivo de racialidade demarca a

[...] humanidade como sinônimo de branca, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão [...]. [Desse modo], branco torna-se ideal de Ser para os Outros, e a mulher branca, uma mística para os não brancos. Essa forma de afirmação da burguesia instituiu para todos o padrão estético desejável, a forma de amor e de sexualidade, a moral correspondente, sendo o corpo a expressão da autoafirmação, afinal, “o corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores” (grifos da autora).

Compreendemos que, da mesma forma como padrão estético, reproduz uma sociedade racista, misógina e machista. O campo do conhecimento é a réplica desses marcadores sociais. Destaca-se o currículo e referenciais teóricos dos componentes curriculares como balizadores. A ausência de autores negros e negras, como referência de estudos e criadores de conceitos.

Nós, estudantes desse componente curricular, nos maravilhamos ao nos deparar com a diversidade de autores e conceitos, destacamos: os autores negros, as autoras negras, os conceitos de lesbianidade, transmasculidade, transgêneridade, pedagogia da desobediência. Momentos esses em que não haveria outra oportunidade de estudos e compartilhamentos de conhecimentos.

Além desses balizadores mencionados anteriormente, destaca-se a pouca ou nenhuma representatividade negra no quadro docente na pós-graduação. Esse marcador social reflete em quais projetos de pesquisa podem ser aprovados em processos seletivos para o acesso ao mestrado e doutorado. Compreende-se que esse movimento político é racista, pois ao submeter os projetos nas seleções, mesmo que passe na prova escrita, idiomas, o projeto pode ser barrado, pois no programa não tem professores que

trabalham com objeto/tema de pesquisa pretendido. O desenvolvimento da pesquisa,

[...] sobre raça ou racismo no campo das ciências humanas implica não falar de si, mas produzir discursos sobre “os outros”. Esses “outros” costumam ser os não brancos. Não é de hoje que intelectuais brancas e brancos desenvolvem análises acerca dos processos de construção de desigualdades raciais sem estender essas mesmas análises ao ambiente acadêmico em que trabalham e são hegemônicos. O fato de que os produtores de conhecimento são portadores de epiderme clara não costuma ser visto como expressão acadêmica da desigualdade racial. Essa situação simplesmente não costuma ser encarada como problema (Rosa, 2018, p. 40).

Rosa (2018) aponta que os espaços acadêmicos de fato têm a face clara, e tal situação não é encarada como um problema. Os produtores de conhecimento, que estão no padrão de branquitude e heteronormativo. Não estamos aqui tentando menosprezar todo o avanço em relação às políticas de cotas e ações afirmativas. Essas políticas de fato mexeram com as estruturas das instituições de ensino superior público, que era majoritariamente um espaço embranquecido, machista, padrão, misógeno e elitista. Mesmo assim, podemos encontrar opiniões que retiram a legitimidade dos estudantes negros. Afirmando que, quando os negros adentram ao espaço acadêmico na graduação, possa haver uma diminuição na qualidade e excelência do ensino. Assim como afirma Guimarães (2003, p. 262-263).

Um dos argumentos mais usados, principalmente por professores das universidades públicas, contra as políticas de ação afirmativa para negros é de que a flexibilização do sistema de ingresso poderia

acarretar uma perda de qualidade do ensino e de excelência das universidades. A isso, os ativistas negros respondem apontando para o caráter preconceituoso desta opinião, uma vez que não se mostram os dados em que ela pode estar baseada.

O caráter preconceituoso é o racismo acadêmico que existe nas universidades públicas. Usam esse argumento racista, sem dados, para retirar o fortalecimento do movimento de luta contra a hegemonia nos espaços acadêmicos. A luta para se manter nesse ambiente é grande e é resistência. Não só permanecer, mas também manter a continuidade, formando as novas gerações. É muito importante enegrecer as universidades; para isso, Carmo; Cornélio; Rodrigues e Freitas (2020, p. 90) afirmam ser uma necessidade urgente. Enegrecer “[...] referências e pensamentos que para traçar referenciais enegrecidos é preciso nos localizamos geopoliticamente como produtores de conhecimento, pensar nas artimanhas do racismo e no engendramento do colonialismo que matou e ainda mata conhecimento”.

Assim como afirma Gonzalez (2020), é importante que nós, mulheres pretas, sejamos organizadas. Para isso, é fundamental um projeto de transformação social. Compreendemos que esse movimento, também está nas universidades públicas. Participando de projetos, grupos de estudos, movimentos sociais etc. Tais momentos e oportunidades, fecundam o processo reflexivo.

De acordo com bell hooks (2013), na educação, teoria e prática não se separam quando o que se vivencia está inerentemente inseparável da teorização como um processo crítico e reflexivo que propõe mudança e cura do indivíduo ou do coletivo desde que seja direcionada para esse fim, considerando a teoria como prática libertadora.

Para que as práticas de ensino estejam em consonância com as teorias no tocante a descolonização do conhecimento, e esti-

mule o senso crítico dos estudantes, avançando para uma prática libertadora das minorias oprimidas, é necessária, segundo hooks (2013), a construção de uma educação humanista (antirracista, antissexista, anti-homofóbica etc.) que reconheça as singularidades dos sujeitos garantindo voz e vez aos mesmos.

Para que o supracitado aconteça, é imprescindível romper com as metodologias, disseminar o conhecimento teórico e instigar a academia aproximar a teoria da prática, visto que, a produção acadêmica feminista valorizada é construída no âmbito da elite branca que hierarquiza e não contribui para o coletivo, pensada para manter o *status quo* da classe dominadora intelectual.

A teorização para a ação libertadora objetiva a não reprodução do *status quo*, na perspectiva de despertar o senso crítico e reflexivo, trazendo o pensamento de desconstrução de conceitos racistas e preconceituosos para o meio acadêmico, de forma que os estudantes deixem de ser pessoas meramente passivas e engessadas e tornem-se sujeitos ativos, protagonistas da própria história. Além disso, despertem o senso crítico no que concerne à sociedade em que vivemos, como também a invisibilidade dos não brancos, das mulheres negras e de todos que vivem às margens.

Queridas companheiras de luta e resistência, nesta carta, aproveitamos para fazer um movimento também de agradecimento às professoras Amália Catharina Santos Cruz, Zuleide Paiva da Silva, Ana Lúcia Gomes da Silva e as monitoras Beatriz Coutinho, Josiane Zaco e Sueli Santana, do componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais, pela atenção, apoio e contribuições nessa formação/roda/ginga, que nos possibilitou um olhar mais aguçado e sensível no que concerne ao componente e a temática “Movimento Feminista”, do qual já nascemos inseridas no processo, fazendo parte das “fortes”, e dizer que as discussões nas gingas foram valorosas e a receptividade nas rodas, calorosas.

As rodas de conversas das aulas seis e sete do referido componente curricular, que tratou do Pensamento de Mulheres Negras, despertou em nós o desejo de externar, por meio desta carta, o nosso ponto de vista, angústias e empoderamento, considerando a luta incansável de todas as companheiras negras que lutaram e lutam por justiça, respeito e dignidade.

Vale ressaltar que os discursos de empoderamento e resistência no fortalecimento dos movimentos feministas foram de grande relevância. Desmistificar o entendimento impreciso de termo feminismo pelo conceito verídico do mesmo foi imprescindível para o abrir do leque de muitas mulheres que o entendia também como movimento de mostrar a nudez e equiparar-se aos “homens”, quando, na verdade, o movimento vai muito além desse pensamento errôneo. Abraçar coletivamente toda equipe do MPED; colegas, que nos representou em seu lugar de fala, nos relatos das vivências dentro e fora do meio acadêmico. As mulheres do campo, que tiveram seus currículos escolares negligenciados e calendários escolares, que na maioria das vezes não respeitaram/respeitam as peculiaridades de suas respectivas comunidades.

Por fim, agradecer e enlaçar todas as mulheres negras e quilombolas, as quais esta carta foi endereçada. Como mulheres negras, compartilhamos mais essa conquista que é a conclusão do componente citado, como alunas especiais. A cor da pele e nossas características ancestrais não nos diferem com relação à capacidade e criatividade. A intelectualidade é característica humana e é isso que SOMOS.

REFERÊNCIAS

- ALVERNAZ, Aline. *Formação continuada online de professores de educação física para a inclusão: forjando uma pedagogia descapacitista*. 2022. 231 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/6762#preview-link0>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- ARAÚJO, Hildete Pereira de Melo Hermes de. Uma memória das lutas feministas brasileiras: 1976 a 1988. *Descentrada*, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe071>. Acesso em: 19 out. 2023.
- CARMO, Monalisa Aparecida do; CORNÉLIO, Beatriz Gomes; Rodrigues, Lilian Ferreira; Freitas, Matheus Silva. Enegrecendo as referências: intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira. *Revista Inter-Ação*. Goiânia, v. 46, n. 1, p. 80-94, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65156>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar, 2019.
- DOMBKOWITSCH1, Luciana Alves.; SILVA, Márcia Alves: *D'Generus. Revista de Estudos Feministas e de Gênero: De(s)colonizar o Pensamento em Tempos de Pandemia. Descolonizar o Saber Desde de Uma Pedagogia Feminista Decolonial*. Ed. Especial. UFPEL. Pelotas, RS. 2022.
- FERREIRA, Daniele. *Quem vê os flashes não vê os corres: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité-BA*. Dissertação [Mestrado Profissional em Educação e Diversidade], UNEB. Conceição do Coité, 142 f. 2022.
- FERREIRA, Daniele Lopes et. al. Pedagogias feministas no Sertão da Bahia: experiências sobre o programa Novo Mais Educação no Colégio Estadual Antônio Bahia; In: *Práticas Pedagógicas de resistência*. V. 2, p. 142-168. Porto Alegre: 2022.
- FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Racismo ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. *Ateliê Geográfico*. Goiânia. V. 15, n. 2, p. 186-201, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/69990>. Acesso em 06 de dez. 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, A. S. A. Acesso de negros às universidades públicas. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. N. 118, p. 247-268, 2003. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/535>. Acesso em: 05 dez. 2023.

HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bell-hooks-por-uma-pedagogia-interseccional/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

REGO, S. A. S. *Ativismo feminista e academia: estudo acerca de periódicos de Brasil, Moçambique e Portugal*. [s.l.] Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS. NOVA-UMinho), dez. 2019. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/62740>. Acesso em 19 de out. de 2023.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. e238917, 3 de mar. de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238917>. Acesso em: 19 de out. 2023.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. Significados e consequências da hegemonia branca na academia. In: Rosa, Marcus Vinicius de Freitas (Org.). *Políticas públicas, relações de gênero, diversidade sexual e raça na perspectiva interseccional*. 1 ed. Porto Alegre: Secco Editora, 2018. p. 38-43.

ESCREVIVÊNCIAS MPEDIANAS DE DUAS MULHERES NEGRAS

Eliete Fagundes
Luciana Dias Ribeiro

Senhor do Bonfim, 30 de outubro de 2023.

Prezada colega Eliete, escrevo-lhe com a intenção de estabelecermos um diálogo por meio de cartas pedagógicas feministas, com foco no pensamento das mulheres negras. Você é uma fonte inspiradora para mim como mulher negra, e estou certa de que trocaremos informações enriquecedoras, que me auxiliarão a dissipar minhas dúvidas e inquietações. Quero convidá-la para escrevermos e lermos cartas nossas, que falam sobre feminismo negro, igualdade entre gêneros e como é a vida das mulheres negras como nós. Nelas, exploraremos assuntos importantes para termos uma sociedade mais justa e que respeite a todos e todas. Convido você para compartilharmos relatos, ideias e sonhos de modo a promover o respeito e a diversidade. Espero que ao compartilharmos com outras pessoas nossas cartas, elas/eles sintam-se acolhidas/os por nós, por isso venha com a gente nessa jornada de aprendizado e mudança.

Esta carta pedagógica que estou enviando, é um documento para comunicar ideias, valores e práticas educacionais. Trata-se de uma carta pedagógica feminista, que tem como finalidade abordar o feminismo negro, questões de gênero, desigualdade e justiça

social na educação, para que possamos enfocar o empoderamento das mulheres e a promoção da igualdade de gênero dentro e fora da sala de aula. Desejo, com esta carta, poder expressar minhas perspectivas, experiências e aspirações em relação à criação de ambientes de aprendizado que valorizem e respeitem a diversidade. Este componente curricular que estamos cursando, intitulado Pedagogias Feministas Decoloniais, apresentou-se para mim como uma oportunidade para refletir criticamente sobre as questões de gênero na educação e desenvolver uma compreensão mais profunda das implicações práticas das pedagogias feministas. Além disso, é também um componente catalisador para podermos praticar habilidades de comunicação escrita, argumentação e análise crítica, enquanto também exploramos e articulamos nossas próprias visões sobre educação e justiça social.

Como não nos conhecemos pessoalmente, permita-me apresentar-me. Meu nome é Luciana Dias Ribeiro, nasci e cresci no interior da cidade de Andorinha, em um povoado chamado de Sítio do Açude, onde vivi os melhores anos da minha vida. Estudei todo o meu Ensino Fundamental no povoado, e cursei o Ensino Médio na cidade; no povoado, a escola era somente até o Ensino Fundamental II; sou negra, filha da Lucicléia e do Edivan, tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova com quem compartilho meus sonhos e frustrações, e hoje, me encontro em busca de novos conhecimentos e, por isso, estou aqui escrevendo essa carta para que, juntas, possamos entender o pensamento das mulheres negras, numa troca de ideias de uma mulher negra para outra.

Formei-me recentemente em licenciatura em Ciências Biológicas, pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus VII*, localizado na cidade Senhor do Bonfim, e estou em busca de ingressar no mestrado, e para entender melhor a dinâmica estou fazendo juntamente com você o componente curricular “Pedagogia Feministas e Epistemologias Decoloniais”, conforme Imagem 1, a seguir:

Imagem 1 – Card *Pedagogia Feministas e Epistemologias Decoloniais*.



Fonte: *WhatsApp grupo do componente, 2023.*

O referido componente despertou em mim vários sentimentos e inquietações sobre a minha prática docente como colaboradora na formação de muitos estudantes em uma educação atual, que não é plural e muito menos abrange a todos e todas de maneira igualitária; por isso, estou em busca de expandir meus horizontes e me tornar uma educadora negra que seja aquela pessoa referência que eu não tive durante a minha jornada na escola, que não tinha representatividade e os profissionais da escola não sabiam, na época, como agir quando uma criança era vítima de racismo; o máximo que acontecia era ameaçar mandar pra direção.

Escrevo a você para compartilhar os meus anseios sobre os pensamentos de mulheres negras e a importância do feminismo negro na educação básica, que nos dias atuais ainda não vemos essa inserção no cotidiano escolar, abertamente, como parte do currículo das instituições e, confesso que ainda estou em processo de construção dos meus próprios pensamentos, mesmo recém-formada em uma universidade pública, em curso de licenciatura, pouco se falou durante a minha formação sobre esses assuntos; imagino e

espero profundamente que isso ocorra apenas no curso de Biologia e que seja por conta da alta demanda de conteúdos específicos, o que não impede que as instituições revejam suas grades e incluam o mais rápido possível, no ensino superior, disciplinas que discutam pautas importantíssimas como essas, que ajudam a entender quem somos e como podemos atuar como educadores. A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, por exemplo, torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio e, recentemente, estenderam para o Ensino Superior, já é um pequeno avanço.

Quando falamos sobre ensinar Biologia, precisamos ir além do corpo apenas como algo biológico, cara Eliete. É importante considerar como raça, classe, sexualidade e deficiência afetam a maneira como vivemos nossos corpos. Por exemplo, pessoas de diferentes raças ou classes podem enfrentar diferentes desafios em relação à saúde e acesso a cuidados médicos. Da mesma forma, a sexualidade é mais do que apenas biologia, envolve questões sociais, culturais e políticas.

Quando falamos sobre deficiência, é fundamental adotar uma abordagem que promova a inclusão e a acessibilidade para todos. Isso significa desafiar ideias que marginalizam as pessoas com deficiência e garantir que todos tenham oportunidades iguais. Em nosso currículo, devemos incluir temas que abordem essas questões de maneira sensível e inclusiva. Isso pode envolver discutir representatividade na ciência, saúde mental e ética na pesquisa. Preparar os futuros professores de Biologia para lidar com essas questões é essencial para criar um ambiente educacional justo e acolhedor.

Sobre esta questão na roda de conversa sobre o pensamento de mulheres negras tivemos a honra de ler trabalhos incríveis como o da Ana Maria Anunciação, que proporcionou um acolhimento e calma na alma enquanto eu lia, e depois ao ouvi-la percorrendo em suas falas pela excelência de existir e resistir da

mulher negra que vive na zona rural, compartilhando os enfrentamentos do seu cotidiano para viver tornando-se inspiração para outras mulheres como eu, por exemplo, que sou da zona rural e compreende a importância de resistir e existir.

No decorrer de minha infância, tive poucas referências de mulheres negras próximas na minha vida, na convivência do dia a dia. Não que elas não existissem, mas porque eu não entendia o que é uma mulher negra e, também não ter sido ensinada mesmo sendo uma mulher negra. Na verdade, fui criada ouvindo que eu era morena, e por muito tempo acreditei nisso, sempre que eu falava que era negra, vinha alguém falando “não, você é mulata, café com leite, e outros adjetivos que poderia citar vários aqui. Mas sei que não é preciso, pois como mulher negra que sou, imagino já ter ouvido vários. Com o decorrer das rodas de conversas que participamos, minhas indagações, interna e externa, aumentaram e muito, principalmente depois das falas da convidada Josiane Cristina Climaco, que evidenciou que novas perguntas devem ser feitas, para obtermos novos pensamentos. Minhas inquietações são quais perguntas eu devo fazer? Como abordar essas novas perguntas? Para onde vão nos levar os novos pensamentos? Acredito que sejam apenas inquietações iniciais, que depois de umas boas leituras mais aprofundadas serão sanadas; ao mesmo tempo, tenho a sensação de capacidade e de sentir-me acolhida com suas palavras e escrita da experiência neste componente.

Na escola, ao longo dos anos, passei por algumas situações de racismo, mesmo sendo poucas, ficaram internamente na minha mente e fizeram feridas na alma. Lembro-me dos meus primeiros movimentos, sozinha, para entender que era negra, mas não foi fácil. Isso aconteceu quando o agente de saúde passou pela minha casa e estava fazendo o cadastro de dados da família. Na verdade, estávamos em um tanque lavando roupa, próximo de casa, e ele foi perguntando algumas informações para a minha mãe, até que chegou o momento da pergunta da cor de cada pessoa. Ele mesmo

ia respondendo e quando chegou à minha vez, falei: “coloca a minha, preta”, e todos discordaram.

Lembro-me ainda de ouvir claramente “você não é preta, você é morena”; por fim, ele mesmo decidiu colocar amarela. Fiquei chateada e continuei sem entender qual o problema de colocar a minha real cor; na verdade, no meu íntimo, eu já sabia o que estava acontecendo. Era mais uma vez a negação da identidade negra de uma pessoa, pois, ao longo da história, ser preto era visto como algo negativo, ruim e por não ter conhecimento suficiente ou pouco se falar sobre o assunto ainda ocorriam episódios lamentáveis como este.

Ainda na escola, em um período de festa junina, a professora pediu para que eu fosse a rainha do milho da quadrilha junina, da minha sala. Fiquei super feliz e aceitei imediatamente, até um colega de turma dizer que nunca tinha visto rainha do milho preta. No momento, meu mundo caiu e fiquei visivelmente abalada. A professora repreendeu a ele, que continuou a falar umas coisas, baixinho, e eu fui acolhida pelos meus amigos. Com o entendimento que tenho hoje, compreendo que nem a professora teve acesso a uma educação que abrangesse tais pautas; por isso, a importância de inserir nas universidades e escolas de Ensino Básico uma educação antirracista, até porque, segundo a convidada Josiane, quem criou o racismo não foi o preto.

Foi no componente curricular que tive meu primeiro contato com a literatura produzida por mulheres negras. Quando acessei o conteúdo dos livros, tive uma mistura de surpresa, admiração e, ao mesmo tempo, um sentimento de pertencimento e identificação. Pela primeira vez, vi minhas próprias experiências, lutas e perspectivas refletidas nas páginas dos livros, o que me deixou emocionada e inspirada. O componente curricular foi fundamental para me ajudar a entender mais sobre o feminismo negro, pedagogia feminista e epistemologias decoloniais. Através das discussões em sala de aula, leituras e atividades práticas, pude ampliar minha consciência sobre a importância de nossas identidades como mu-

Iheres negras e como esses conhecimentos podem ser aplicados em nossas vidas e futuras práticas educativas.

Sobre minha existência no espaço acadêmico, houve uma mistura de desafios e determinação para concluir o curso, haja vista que trabalhava como frentista após as aulas. Apesar do histórico de exclusão e negação de conhecimentos às pessoas negras, acredito que a minha presença e permanência serviram para afirmar e contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e diverso, auxiliando na relevância das mulheres negras na educação.

Quanto aos conceitos de docência, educação, diversidade, cultura e direitos humanos, pude obter uma compreensão profunda e sensível, baseada em minhas próprias vivências e na reflexão crítica proporcionada pelo componente. Entendi que a luta e resistência são elementos essenciais em minha vida e na luta por justiça e igualdade. As histórias situadas em nossos corpos negros falam sobre sobrevivência, violências, cansaço, falta de dignidade e respeito, mas também sobre resiliência, força e esperança. Acredito que estamos determinadas a fazer nossas vozes ser ouvidas e a criar um mundo mais justo e inclusivo para si e para as gerações futuras.

Aguardo pela sua resposta - sobre como você atua como pedagoga da educação básica como mulher negra e como trabalha essas pautas? Quais suas vivências e lutas como atuante do feminismo negro? Sei que devemos estudar muitos assuntos como seres em constante formação e inacabamento humano; quero compartilhar com uma colega de profissão meus medos, lutas e vivências para que, juntas, possamos mergulhar em novos caminhos e formas de compartilhar conhecimentos na sala de aula. Fico ansiosa para ler seus relatos e experiências.

Abraços!

Luciana.

Tijuaçu, Senhor do Bonfim, 19 de novembro de 2023.

Cara colega Luciana,

Na verdade, nós ainda não nos conhecemos pessoalmente, espero te conhecer em breve, mas enquanto esse dia não chega, vou me apresentar e falar um pouco de mim, e da minha trajetória de vida.

Eu sou Eliete Fagundes de Jesus Rodrigues, uma mulher negra, quilombola, nasci, fui criada, resido e trabalho na comunidade Quilombola de Tijuaçu. Sou a 4ª em uma família de 6 irmãos. Sou casada e mãe de dois filhos lindos: Lucas Emanuel, de 16 anos e Fernando José, de 7. Sou filha de pais pobres, negros e semianalfabetos. Éramos oito em uma casa de taipa, pau a pique, com apenas quatro cômodos e um banheiro cercado, do lado de fora. Mainha, tratando fato de boi e vendendo milho na feira. Meu pai, menos presente do que se esperava. Pois ele viajava para trabalhar fora e demorava muito tempo para retornar, e quando acontecia de chegar em casa depois dessas longas viagens, passava quase todo tempo bêbado; você acredita que em uma dessas viagens ele passou cinco anos e quando voltou, trouxe uma filha de outra mulher, minha irmã caçula, para minha mãe criar? Ele ficou morando conosco, mainha criou-a como filha. Sofríamos muito com meu pai quando estava bêbado, ele, às vezes, nos colocava para dormir fora de casa, pedíamos abrigo na casa dos vizinhos ou dormíamos na igreja. É triste falar, mas nos sentíamos mais aliviadas quando ele não estava em casa ou não estava bebendo. Quase sempre a minha mãe dava dinheiro para ele viajar, pois também não suportava tal situação. Hoje, ele está com a idade de 71 anos e continua bebendo e passando muito tempo fora de casa.

A minha infância não foi muito diferente da sua, e da de tantas outras mulheres mundo afora. Esta etapa da minha vida foi marcada por muitas situações difíceis e privações, mas com a bravura, sabedoria e desejo de mudança de uma mulher guerreira fez toda diferença na nossa vida. Você acredita, Luciana, que minha mãe saía tão cedo para trabalhar que durante algum tempo

eu chamava minha irmã mais velha de mãe? Comecei a trabalhar muito cedo, aos 10 anos já cuidava dos filhos dos outros e ajudava com os meus irmãos, catava osso, carregava água em tonel, o que surgia. Um pouco depois, já comecei a dar aula sim, aula! Era professora dos meus amigos na nossa “escolinha” tinha até diretora, fazíamos boletim de desempenho e tudo! Pois é, minha trabalhava na roça e vendia milho na cidade de Senhor do Bonfim, que fica a 18 km daqui, de Tijuáçu. Estudei desde o ABC (que era assim que chamava a educação infantil, na época) até a 8ª série aqui na comunidade, pois o Ensino Médio, só tinha na cidade.

Lembro-me que, com apenas 12 anos, em uma tarde quente, não muito diferente das tardes desse ano que estamos quase finalizando, como quase todos os dias daqueles anos, a seca assolava o sertão da Bahia e eu temia pela fome, pois quem sobrevive da roça teme quando se depara com longos períodos sem chuvas, já que dependemos da chuva para garantir a comida em nossa mesa. Hoje, sei que esse não é o tipo de pensamento que uma criança deve ter, mas, àquela altura, eu não tirava esses pensamentos da minha cabeça.

Como sou filha de pais pobres, negros e semianalfabetos, esperavam de mim o mesmo futuro que eles tiveram. Entendo os pensamentos deles, provavelmente tiveram seus sonhos adormecidos e lidaram com uma realidade difícil, onde o sonho se tornou ter comida para a família e vivendo uma realidade árdua imaginava que seus passos fossem seguidos, já que a luta de quilombola nunca foi fácil. Éramos oito em uma casa, imagina o quão difícil era manter a comida no prato de cada um. Os mais velhos iam cuidando dos mais novos, ajudando como podia, sempre que surgia alguma oportunidade de fazer um trabalho que ganhasse algum dinheiro para ajudar nas despesas, quem estivesse disponível ia logo, não podia deixar as oportunidades passarem.

A vida seguia entre sonhos e muita labuta, e com o passar dos anos fomos crescendo e ajudando cada vez mais em casa.

Completei a 8ª série do Ensino Fundamental II, isso já era uma grande vitória, tinha até formatura! Eu cheguei lá! 50 estudantes começaram a 5ª série comigo e apenas 18 saíram para o Ensino Médio. Olha, Luciana, foram tantas coisas que aconteceram nesse período que hoje, lembrando para te escrever, só vejo o quanto fui e sou persistente em meus sonhos. Você acredita que queriam que eu trabalhasse o dia todo em casa de família como doméstica para que eu não conseguisse ir à escola? Muita gente não quer que a gente estude, essa é a verdade. Trabalhei em uma casa onde a mãe era professora, duas filhas e seus maridos advogados. Foram 15 dias horríveis, recebi R\$5,00 pelo trabalho realizado durante aqueles dias, e fui embora para casa desolada com tamanho desrespeito e falta de humanidade. Minha irmã passou por situações semelhantes; certa vez, uma senhora falou para ela, depois de realizar o serviço doméstico em sua casa: “- Você quer o dinheiro ou a comida?”, mas, ali, pensei em desistir e me sentia sem ânimo para continuar aquela jornada tão dura, porém, com o apoio da minha mãe e a minha vontade que foi resgatada depois de pensar um pouco, segui na escola, em Tijuçu.

Mas como nada é fácil, todo ano eu sentia a mesma aflição, pois a escola tinha um prazo para apresentar fardamento completo, como manda o “figurino”. Mas eu nunca sabia se daria certo e isso me deixava ansiosa e receosa, se minha mãe mesmo com todo o esforço que fazia iria conseguir comprar. Lá, sempre nos diziam: “*quero dar a vocês o que nunca tive*”, mas, às vezes, não tinha como. Minhas irmãs mais velhas ajudavam também. Ainda assim, às vezes, não conseguiam, sem contar com as surpresas que aconteciam de, vez em quando, trocaram a farda que estávamos usando por outro modelo, gerando toda aquela aflição novamente. Hoje, a realidade para quem estuda é diferente, graças às políticas públicas de garantia de acesso e permanência de crianças e adolescentes à escola, na nossa cidade, por exemplo, ao se matricularem, os alunos recebem o fardamento e material didático.

Na infância e adolescência, sempre madrugava para catar milho com mainha, dona Dejanira Fagundes, e ia para a escola, também em Tijuaçu. Eram apenas duas salas, nem muro tinha. Mas não era isso que me transmitia liberdade, era a escrita. Sempre tive a facilidade de pegar as coisas ouvindo. Nunca gostei disso, de decorar decoreba, para me expressar o que tinha na aula, eu aproveitava ao máximo.

E vivendo entre roça, carona no pau de arara, feira, aula, rua, casa dos outros, ponga em transporte, brincar de escola, os dias foram passando. Mais rápido do que gostaria, porque quando a noite chegava, era o candeeiro que iluminava a casa. A nossa era a única da rua que não tinha luz elétrica, era ruim demais para estudar, pois era a noite o período em que tinha mais tempo e podia fazer o dever de casa, o candeeiro fazia muita fumaça escura e manchava o material, sem contar que vez em quando ao ficar muito perto acabava queimando os cabelos e quando percebia era aquele cheiro de sapecado, e já tinha queimado algumas fios que não estavam totalmente presos.

Como falei anteriormente, aqui em Tijuaçu, só tinha até a 8ª série, fiz o Ensino Médio na cidade de Senhor do Bonfim. Vivia esse período fazendo de tudo um pouco, pegava transporte (de graça) até a cidade e corria na feira de Senhor do Bonfim fazendo meus “negócios” como sempre fazia, passava oferecendo milho, e tentava trocar por qualquer pedaço de carne nos açougues, colocava no fogareiro hummmm que carne gostosa. Outra lembrança boa!! Parece que estou sentindo o cheiro! Ao final do dia, 18 km à frente, já estava em casa de novo. “É de taipa, mas é nossa”, sempre dizia a minha mãe. E de lá, olhando para o chão batido e para quem passava, sentia calor e agonia. Minha irmã trabalhava como empregada doméstica em Senhor do Bonfim e, confiando nela, “se tudo der errado, pelo menos teremos o de comer”, eu rezava, pois o dinheiro que ganhávamos era para ajudar nas despesas de casa. Digo isso porque, também, trabalhei em Senhor do Bonfim

como empregada doméstica; na verdade, a maior parte do Ensino Médio e era muito difícil, porém precisei ser muito teimosa, e driblar as adversidades, graças a Deus consegui concluir o curso de magistério.

Assim terminei o Ensino Médio e tempos depois consegui ingressar na universidade -, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde me graduei em Pedagogia e faço mestrado atualmente. São muitas lutas e desafios que enfrentei e enfrento diariamente, mas o bom mesmo é que nunca me fizeram desistir dos meus sonhos e conquistas que tenho todos os dias quando acordo e me lembro da minha jornada de vida e de mulher.

Em meio a tantas buscas e sendo uma mulher preta, sofri com o preconceito, às vezes mais explícito e outros mais mascarados, mas nunca deixaram de ser preconceito, entre as muitas memórias, lembro-me de um episódio de quando estava trabalhando como doméstica, em Senhor do Bonfim, com apenas 13 anos, ouvi a seguinte frase “Lugar de empregada, meio-dia, é na cozinha, não é aqui fora”. Ouvi, em meio a uma briga em que nada tinha a ver. Eu lá sei que horas é para almoçar? Pensei. Em casa, eu comia quando dava certo, quando tinha o mínimo tempo; apenas engolia na verdade, e tinha que me deparar com esses tipos de falas; e nessa casa, Luciana é a mesma que falei que recebi apenas R\$5,00 pelo trabalho de 15 dias.

As pessoas achavam que pelo fato de estar oferecendo um trabalho, quem aceitasse, não devia ter o direito de sentir fome ou eles queriam determinar a que hora que o outro iria sentir fome, mas eu sei que isso só acontecia porque eu era de uma comunidade onde a grande maioria passava por privações e se sujeitava, por necessidades, a permanecer nesses ambientes, onde os patrões se achavam donos dos empregados, e alguns iam mais fundo, simplesmente queriam trocar a mão de obra por comida.

Luciana, sou professora concursada, atuo em duas comunidades Quilombolas: Tijuaçu, aqui no município de Senhor do Bonfim e Aguadas, no município de Filadélfia; minha querida, já são mais de 15 anos atuando na educação básica, contribuindo com a construção de sonhos de crianças e adolescência, não perco a oportunidade de trazer para a sala de aula assuntos relacionados à história e cultura afro-brasileira, como também a história da nossa comunidade e minha própria história de vida. Confesso que não é fácil lidar com questões relacionadas ao racismo, uma vez que infelizmente ainda convivemos com um racismo estrutural tão evidente, costumo dizer que só sabe o que é ser preto, quem é; hoje, mais ainda sinto na pele, pois na função que estou atualmente a de diretora da Escola Municipal de 1º Grau de Tijuaçu, vejo o quanto ainda estamos a passos lentos de termos uma sociedade que valorize a mulher e principalmente a mulher negra. Você acredita, Luciana, que quando recebi o convite para me candidatar à direção da nossa escola, algumas pessoas duvidaram da minha capacidade de exercer cargo de tamanha importância e responsabilidade,? Tive que desconstruir alguns estereótipos, não para ser aceita, mas sim para desenvolver o meu trabalho visando o desenvolvimento de nossos alunos e, por conseguinte, da nossa comunidade, venho ao longo desses quase seis anos desenvolvendo um trabalho em parceria com a nossa equipe, com as famílias, com alguns órgãos governamentais e sociedade organizada da nossa cidade, visando o crescimento da minha comunidade através de uma educação cada vez mais inclusiva, e antirracista.

E mesmo diante de muitas lutas, jamais devemos desistir; e acredito que com a educação chegaremos a lugares, pessoas, pensamentos e comportamentos incríveis. Observei isso ao longo do componente curricular e do mestrado em si e, principalmente, na roda de conversa no nosso sétimo encontro, que tinha como tema pensamentos de mulheres negras, quando contamos com duas convidadas incrivelmente inspiradoras, que foram a Josiane Cristina Climaco e Ana Maria Anunciação da silva e, logicamente,

que já imaginei minha dissertação causando a mesma sensação em outras pessoas e servindo de referências e rodas de conversa, aulas, palestras e muito mais, pois o meu objetivo com a criação do coletivo de mulheres negras quilombolas, com e sem deficiência de Tijuacu, é justamente tornar a nossa história conhecida, e que inspire outras pessoas, mulheres e homens, a buscarem cada vez mais a realização de seus sonhos e o desenvolvimento da nossa comunidade. Sim, concordo com as convidadas quando dizem que ainda que o corpo negro não ocupe os lugares de poder, que a política é sim, um lugar de poder e existem pouquíssimas mulheres negras ocupando esses cargos e espaços, o feminismo não era para as mulheres negras, já que a mulher negra que sempre trabalhou incansavelmente criou-se sobre elas um olhar de mulheres desumanizadas, raivosas e subalternizadas, inviabilizaram suas lutas e histórias e se esqueceram de que a mulher negra é a base da sociedade e leva tudo isso nas costas.

Por isso, eu luto para que minhas alunas, amigas, vizinhas, irmãs, mãe, tias e todas as mulheres negras possam fazer a diferença com suas vivências e sejam tão inspiradoras quanto às das nossas convidadas. Espero que Ana Maria e Josiane tenham causado muitos atravessamentos em você, Luciana.

Beijos!

Senhor do Bonfim, 20 de novembro de 2023.

Cara colega, Eliete,

Ler sua carta confirmou tudo aquilo que eu imaginava que você fosse, quer dizer, foi além da minha imaginação muito mais forte seus relatos e sua vivência, saiba que me sinto inspirada por você em todos os aspectos, mãe, mulher, estudante, filha e uma porção de outras coisas que é, e que faz cada função com maestria e com um sorriso gigante no rosto que ilumina seu caminho.

Sei que poderíamos passar longos períodos de nossas vidas trocando cartas e contando uma para outra nossas lutas, o que seria incrível aprender com você, mas, hoje, o que ainda me inquieta são questões gritantes como o preconceito e a importância do feminismo negro nas escolas do Ensino Básico, que ainda não são inseridos como os assuntos de português e matemática. Eu, como mulher negra, ainda sei muito pouco sobre, mesmo estudando sempre essas temáticas para que eu possa me entender e entender as demandas dos meus alunos, saber lidar com as mais variadas demandas da sala de aula, que vão muito além do currículo que a nós é apresentado. Eu só tive acesso e um pouquinho de entendimento sobre o feminismo negro recentemente; antes, quando lia um livro mesmo que os assuntos abordados fossem temas como racismo, feminismo negro, igualdade de gênero e outros temas abordados no componente, eu não olhava as características do outro, lia e era apenas mais uma leitura. Internamente, fica uma coisa ou outra, mas nada me tocava igual, agora, quando fiz algumas leituras que se tornaram referências em minha vida, pois, agora, entendo e sou atraída para fazer essas leituras. Compreendendo claramente que uma fala de negra para negra, e consigo me imaginar como essas mulheres, sendo referências para as futuras mulheres negras. Eliete, devido a isso, ainda não tenho tanta desenvoltura para dialogar muito com as autoras a nós apresentadas no componente, mas espero que isso logo seja superado.

Hoje, enquanto lhe escrevo, comemora-se o Dia da Consciência Negra, e eu me pergunto a todo instante, se a escola com as comemorações que realiza tem o objetivo real de compartilhar com os alunos o sentido primordial da comemoração, ou se apenas está cumprindo protocolo? Porque todo ano tem propostas nas instituições, mas quando conversamos com os alunos sobre, eles não conseguem, por vezes, iniciar e aqueles que iniciam não mantêm um diálogo sobre o assunto. Percebo que é raso, e que nas falas muitos se repetem ou simplesmente dizem que não sabem.

Quando estudava, não tinham comemorações nesta data, ou qualquer outra atividade, o que acarretou muita falta de conhecimento e pertencimentos. Você acredita que só soube da existência do feminismo negro depois de adulta? Até então imaginava que só existisse um tipo específico de feminismo, esse que é mostrado nas mídias, composto na maioria das vezes por mulheres brancas, e eu não me sentia representada, eu ouvia falar como foi através do feminismo que as mulheres conseguiram o direito de trabalhar, e eu pensava: “desde quando isso é um direito”, sendo que eu sempre trabalhei e todas as mulheres que conheço também trabalham e trabalham muito, para além de qualquer jornada estabelecida em legislação trabalhista.

Em meio às minhas buscas por entendimento e conversas com colegas, ouvi a sugestão de um amigo para fazer a leitura de livro de Djamila Ribeiro, *Lugar de fala* (2017), que eu entenderia melhor alguns questionamentos que havia feito, lembro-me de ele dizer: “é uma leitura gostosa, você vai ler rapidinho”; assim eu fiz, procurei alguém para emprestar o livro e minha vizinha emprestou, fiz a leitura e ao final meu sentimento era de angústia, porque me dei conta de que era a primeira autora negra e que falava com uma linguagem simples e clara para entender tudo. E lendo as informações sobre a autora, a satisfação foi maior ainda, pois são tantas outras coisas como: Filósofa, feminista negra e pesquisadora, além de na sua obra trazer outras referências das quais pesquisei e compreendi mais ainda.

Outro marco para meu entendimento foi em uma roda de conversa, dessas que participamos no componente curricular, não me lembro bem quais foram as palavras que ficaram em minha mente, quando alguém falou sobre o feminismo branco, que fazia coisas como queimar sutiãs, e a pessoa falou que as antepassadas dela nem sutiãs tinham, que lavavam roupas em tanques com peitos batendo na barriga porque não possuíam condições financeiras de ter um para usar. E na hora eu me lembrei de uma cena da minha

infância, onde várias mulheres da comunidade onde eu morava estavam lavando roupas em um tanque grande que durava mais tempo com água no período seco e uma delas falou que pensava que não ia ter ninguém lá, e por isso nem colocou um sutiã.

Depois de um período de conversas entre elas, acabou falando que na verdade estava com poucos sutiãs e estava guardando para quando fosse sair. Ouvi essa conversa enquanto brincava e aquilo ficou em mim, e hoje entendo perfeitamente as situações que mulheres negras e pobres passam em suas vidas; sendo que esse nem era um dos piores problemas que passavam; a fome sim, era de assustar e ainda assusta boa parte da população do país atingida pela fome - a maioria é de pessoas negras.

Busquei mais conhecimentos e ouvi por horas *podcast* e entrevistas com a própria Djamilia Ribeiro, que em seu livro traz muitas falas de outra autora que é bell hooks que ainda não li por completo seu material, que foi disponibilizado no *Google* sala de aula no componente curricular, pois recebemos muitos materiais de riquíssima importância e demandaria mais tempo para realizar todas as leituras e fazer as reflexões necessárias. Fiz leituras de sua biografia e assisti a algumas entrevistas para que pudesse entender o pensamento de mulheres negras. Com as leituras que fiz sobre bell hooks, me senti convocada a pensar e repensar toda a minha existência como mulher e professora, e agora estou aqui no emaranhado de busca e de sentimento da qual não sairei dessa carta da mesma forma que entrei, e quando isso acontece acredito que estamos indo em busca do melhor.

Eu também não poderia deixar de falar uma autora que inspira com tanta majestade que é Conceição Evaristo, a criadora da uma palavra que tanto uso na minha vida que é “Escrivivência”, que teve seu reconhecimento aos 70 anos, e demonstra ainda o quanto é sofrido e demorado o reconhecimento de uma mulher negra, assistindo a algumas de suas entrevistas, foi perguntado a ela por que demorou tanto para alcançar seu reconhecimento, e

ela sabiamente disse que “Não se espera que uma mulher negra escreva”, pontuou. Essas falas, eu comprovo na minha jornada, quando eu era frentista e universitária ao mesmo tempo. Ficou muito cansativa a jornada de trabalho, era visível no rosto o cansaço e oscilação de peso, aí as pessoas perguntavam por que eu estava assim e eu falava que estava com dupla jornada e, por isso, o cansaço e, por muitas vezes, eu ouvi: “Para que estudar se já está com carteira assinada, deixa isso pra quem tem tempo”, quando não eram piores os comentários de cunho sexual como “Uma moreninha dessa trabalha porque quer, com tantos homens que abastecem aqui”.

Mencionei essas autoras que são conhecidas e inspiradoras para nós mulheres negras, mas jamais me esquecerei de tantas outras inspiradoras à nossa volta, professoras, colegas, amigas, avós, vizinhas, alunas, mães e, logicamente, as convidadas da roda de conversa número 7 (sete), que agora fazem parte das mulheres inspiradoras da minha trajetória e, sim, me causaram muitos atravessamentos com quem unimos vozes e compartilhamos vivências. E que vivências maravilhosas a das convidadas, serei sempre agradecida pelas palavras, músicas e leituras que proporcionaram mais entendimento, acolhimento e o mais importante de tudo do acreditar em si para fazermos as mudanças que queremos. Espero que minha carta tenha ficado inteligível, e aguardo saber de você quais suas referências de pensamentos de mulheres negras, e como você trabalha essas questões nas salas de aula e na sua comunidade.

Abraços!

Tijuaçu, Senhor do Bonfim, 27 de novembro de 2023.

Luciana, minha amiga, vou começar essa carta respondendo algumas das questões levantadas na sua carta, sobre as comemorações, aqui no município onde sou docente, existe na grade curricular o componente de Cultura Afro-brasileira, onde procuramos

sempre abordar a temática da cultura afro, e, também trazer aos alunos o conhecimento da história da nossa comunidade. Diversas vezes sou chamada pelo professor da disciplina para fazer uma roda de conversa com os alunos sobre assuntos que envolvem a temática afro quilombola, pois alguns alunos infelizmente se mostram resistentes quando nas aulas são abordados conteúdos relacionados principalmente a sexualidade e religião de matriz africana. Também, Luciana, temos na nossa escola o projeto Museu Mariinha Rodrigues, onde, durante todo ano letivo, e de forma interdisciplinar, são realizadas atividades voltadas para a temática afro quilombola visando, assim, tornar nossa história conhecida por nossos alunos, incentivando também ao resgate e valorização da história e cultura do nosso povo. E como no mês de novembro, é quando é celebrado o Dia da Consciência Negra, realizamos a culminância do projeto. Essa atividade aqui, em Tijuáçu, não é realizada apenas pela escola, mas sim por toda a comunidade; na verdade, temos uma rede intersetorial formada pelos seguintes setores: educação, saúde, assistência social, associações locais e a comunidade em geral; durante o mês da consciência negra, realizamos ações conjuntas voltadas para a temática afro quilombola.

Imagem 2 - Celebrando o Dia da Consciência Negra com as mulheres do Samba de Lata de Tijuáçu.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Confesso que mesmo passando por dificuldades e situações de racismo, desde a infância, algumas questões, só ficaram claras já na fase adulta, pois só depois de muito tempo compreendi porque não via crianças brancas sendo chamadas para realizar trabalhos domésticos nas casas das outras pessoas. Você acredita, Luciana, que com oito anos de idade, já sabia ler, aí teve uma campanha de vacinação aqui na comunidade e a moça não acreditou que eu sabia ler e não me deu o brinde, que era uma revista em quadrinhos da Xuxa e dos Trapalhões? Fiquei tão triste!

Sobre as mulheres que me inspiraram e me inspiram, têm todas essas que você citou na sua carta, mas gostaria de trazer as que fazem parte da história da minha Comunidade Quilombola de Tijuaçu, a exemplo de Mariinha Rodrigues, uma escravizada fugida que chegou ao território de Tijuaçu, e pode vivenciar a liberdade que lhe fora roubada. Amiga, a nossa matriarca quando chegou aqui encontrou sombra e água, e por se sentir segura permaneceu dando origem ao nosso povo; você acredita que ela depois de ter os filhos e esses já serem adultos, ela iria colocando eles para morarem cada um em um canto da terra, garantindo assim a posse da mesma, e hoje Tijuaçu, de acordo com o censo de 2022, 100% da população se autodeclarou quilombola, contribuindo assim para elevar a cidade de Senhor do Bonfim, que é onde fica o nosso território, a posição nº 1 como a cidade que mais tem quilombolas no Brasil.

- Isso é motivo de orgulho, se antes muitos sentiam vergonha ou não queriam se autodeclarar, hoje sentimos alegria de dizermos que somos quilombolas. Pois, desde a fundação da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências, a nossa luta ganhou ainda mais força, e hoje vemos não só a nossa comunidade sendo reconhecida e valorizada como também outras tantas no nosso território, a exemplo disso temos os dados do censo de 2022 onde, pela primeira vez, as comunidades quilombolas tiveram a oportunidade de se autodeclararem, Biko Rodrigues, coordenador

executivo da CONAQ, participou da reunião e falou sobre a importância do censo.

Estamos tirando da invisibilidade os quilombolas desse país. Em nome da CONAQ e de todos os quilombolas do país quero agradecer a todos que contribuíram para que esse dia acontecesse. Agradeço a cada liderança quilombola, que mesmo com as situações que passamos, fizeram o papel do Estado durante o censo. O censo é uma conquista de anos de luta e é importante para que possamos avançar na construção de políticas públicas. Somos mais do que números. A cada número desse, bate um coração e uma trajetória de resistência.

Não posso jamais deixar de citar a mulher que me inspira todos os dias, que é a minha mãe, já te falei sobre ela, mas quero acrescentar que ela é uma mulher muito sábia, que sempre nos incentivou no caminho do bem, e ir em busca dos nossos objetivos. Ela, mesmo não tendo estudado, sempre quis que seus filhos estudassem, mesmo vinda de uma cultura em que alguns defendiam que mulher que queria aprender a ler era para enviar carta para o namorado. Ainda bem que ela pensava diferente, e não permitiu que a sociedade nos negasse esse direito. Ela, agora, retornou aos estudos e, olha, que alegria, estuda na escola em que estou diretora, fazendo assim valer a fala dela: “Minha filha, estude, o que não tive quero dar a você e vou acrescentar, para mais tarde você me dar, e, também às outras que como eu não tiveram na idade certa”.

Dentre tantas outras que fazem parte da minha história de vida, com as quais estou escrevendo na minha pesquisa de mestrado, quero falar um pouco de minha irmã Marilza. Pense num ser de luz. Muitas das coisas que realizo abaixo de Deus, agradeço também a ela, pois desde que passei no vestibular para o curso de

Pedagogia e tive filho, ela divide comigo a tarefa de ser mãe, pois é ela quem cuida de nós, para que eu consiga trabalhar e estudar.

Senhor do Bonfim, 28 de novembro de 2023.

Querida Eliete, que maravilha ler sua carta e saber que você enfrenta/ou com maestria as dificuldades que a você foram apresentadas, e mais feliz ainda por saber que a Educação foi ponto-chave na vida, e como ela transformou o mundo à sua volta. Sim, muitas situações que somos expostas ao longo da vida, só nos damos conta do que realmente é quando nos tornamos adultas, e quando passamos a interpretar e estudar é que vem todo o entendimento das questões que achávamos estranhas e não entendemos o porquê.

Que mulheres incríveis essas citadas por você, agora entendo de onde vem toda sua inspiração e fico extremamente feliz por sua mãe estar estudando novamente. Que alegria que a comunidade está consciente de suas origens e que não há problema algum em ser quilombola, muito pelo contrário, é uma honra fazer parte da história de resistência, luta e muitas conquistas como é perceptível na sua vivência.

Tenho a certeza de que nós poderíamos ficar escrevendo uma para outra, por meses ou quem sabe anos, e ainda assim teríamos assuntos a escrever; agradeço pelo seu carinho e compreensão ao ler minhas cartas contendo muitas inquietações e anseios. Espero conhecê-la pessoalmente em breve, e desejo que a sua escrita de dissertação de mestra seja brilhante. Aguardo o convite para assistir a sua defesa, muito sucesso na sua vida. Vou ousar e presenteá-la com uma nuvem de palavras para que elas lhe auxiliem na sua escrita, espero que goste. A nuvem foi elaborada a partir de colaboração das amigas e amigos do componente curricular, onde disponibilizei o link para que pudessem responder com duas palavras o que cada um/uma entende por “escrevivências e pensamentos de mulheres negras; espero que ajude, sucesso em sua vida.

Imagem 3 – Nuvem de palavras.



Fonte: Elaborado a partir do aplicativo Mentimeter, 2023.

Abraços,
Luciana Dias.

REFERÊNCIAS

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 27 de julho de 2023. Diário. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/mineracao-e-pecuaria-fizeram-a-capital-baiana-do-forro-ter-a-maior-populacao-quilombola-do-brasil.shtml#:~:text=Cidade%20de%20Senhor%20do%20Bonfim%20tem%2016%20mil%20quilombolas%2C%20segundo%20Censo%202022&text=A%20cidade%20de%20Senhor%20do,do%20pa%C3%ADs%2C%20considerando%20n%C3%BAmeros%20absolutos..> Acesso em 10 de nov. de 2023.

HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução: Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

CONAQ - COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. Nossa história. Disponível em: <<https://conaq.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 13 maio. 2024.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. *Vestígios recuperados: experiências da comunidade negra rural de Tijuacu-Ba*. São Paulo: Annablume, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODA VIVA. Conceição Evaristo. *YouTube*, 06 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/Wnu2mUpHwAw?si=3UTkddD1K7hUy9K5>. Acesso em 30 de out. de 2023.

CARTA SÁFICAS

Ana Cláudia Macedo
Suely Aldir Messeder

Brasília, 14 de julho de 2024.

Oi, Suely,

Como tu estás? Como está teu domingo?

Por aqui, em Brasília, é temporada de seca: céu de um azul belíssimo e um frio se estás na sombra. Sentada na varanda, vendo minhas gatas (Gal e Audre Lorde) brincarem no quintal e com um café super quente, começo a te escrever, ainda sem a menor ideia do que virá. Nossas trocas por *WhatsApp* até o momento, para mim, foram confusas. Se, por um lado, a proposta de Eide de escrever com alguém que não conheço me trouxe um desafio bom; por outro, com os vários desencontros de tempos, me vi um tanto desanimada. Já tinha desistido, quando me escreveste anteontem e sugeriste que trocássemos cartas entre nós, exatamente com o mote de nosso (des)encontro. Emocionou-me dizeres que estavas retornando de Belém.

Sou paraense, morando há quase 25 anos fora da minha terra - entre Rio de Janeiro e Brasília - em um momento de migração de retorno. Não sei como foi para ti a descoberta/vivência da tua sexualidade. Se quiseres contar, gostaria de saber. Para mim, nascida em uma família super católica, e com várias crenças religiosas, demorei muito a entender certos sentimentos e sensações. Até

os 18 anos, a única certeza que tinha era a necessidade de morar longe, algo que precisava viver não seria possível em Belém. Assim, fui fazer jornalismo na UFRJ, no Rio. Lá, pela primeira vez, beijei uma mulher. A maciez da pele de Rafaela me fascinou e ao mesmo tempo me fez questionar: sou uma pecadora?

Com o tempo fui me atentar que a vivência não heterossexual como pecado tinha suas origens arraigadas no processo colonial, que deixa suas marcas até hoje: a colonialidade do ser. A Igreja Católica teve papel fundamental na configuração da colonialidade do ser ao criar e perpetuar o dogma da não heterossexualidade como pecado. Era uma atuação para ditar que corpos-mentes-espíritos com sexualidade eram não seres e, desse modo, mereciam punição. E a partir da negação do ser de pessoas com vivências não heterossexuais, a atuação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição foi essencial.

É assustador o primeiro registro do que pode ser considerada uma prática sexual lésbica e sua consequente punição, por meio das *Leis Extravagantes* de 1499: “a mulher que usa torpemente como homem, haverá a mesma pena que o homem que tal pecado com outro macho comete: deve ser queimada viva, reduzida a pó, seus bens sequestrados, seus descendentes tornados inábeis para que não ficasse delas memória”. Curioso que para falar do “pecado nefando” entre mulheres foi necessário equiparar às práticas consideradas sodomitas realizadas por homens.

Sob acusação de “molície”, 29 mulheres foram incriminadas, sete processadas, e, destas, três foram castigadas pelo delito-pecado, na ocasião da primeira visitaçao do Santo Ofício ao Brasil, entre 1591 e 1595. A pena mais severa foi atribuída a Felipa de Sousa, que foi presa, sentenciada, açoitada publicamente e, finalmente, condenada ao degredo. Sobre ela, havia referência de relações com seis diferentes parceiras. Ainda adolescente, me sentir pecadora, tinha em meu corpo as marcas da colonialidade do ser, dessa construção da não heterossexualidade como pecado.

Mesmo com essa sensação, segui me envolvendo com Rafa, às escondidas. Foram seis meses muito conturbados. Apresentava como amiga e meu irmão fazia comentários sexuais sobre ela. Sentia raiva, mas me calava. Não conseguia dizer que ela, além do afeto de amiga, mobilizava outras partes do meu ser. Estava feliz e extremamente mexida e culpada. Nesse período, tive minha primeira crise depressiva. Não me sentia segura para compartilhar o que estava vivendo. De angústia em angústia, minha chefe à época, sem saber dos meus dilemas e buscando me auxiliar, me indicou uma psiquiatra e psicóloga. Não tomei os remédios prescritos e também não denunciei a psicóloga quando ela fortemente me alertou: “esse tipo de coisa ninguém é obrigado a ver, então ficar com mulheres só se for entre quatro paredes”.

Foram anos até eu conseguir compreender que essa frase resumia a colonialidade do saber em pleno funcionamento: a não heterossexualidade como doença. Ainda reflexo da transição de projeção discursiva europeia: da medieval para a moderna, da religiosa para a científica (sem acabar totalmente com a primeira), quando a não heterossexualidade passou a ser vista como doença, a ser classificada, estudada e regulada por diferentes campos científicos.

Na “missão civilizadora/normalizadora” estavam as bases da colonialidade do saber, quando se impôs, a partir do processo de colonização das Américas, a heterossexualidade como o padrão mundial da sexualidade superior e normal. É desse período a sistematização, por meio do conhecimento científico, da hierarquia de corpos-mentes-espíritos, por meio da definição de “não humanos” de acordo com a criação dos conceitos de raça, gênero e sexualidade, que a não heterossexualidade foi taxada como doença.

Não sei se conheces os estudos da pesquisadora portuguesa Ana Maria Brandão. Encanta-me como ela resgatou, do início do século XVII, o primeiro registro da palavra lésbica. No Brasil, essa palavra passou a ser utilizada, pelo menos, desde 1894. O termo

estava associado ao discurso científico da sexologia predominante à época, por meio da diferenciação das mulheres que tinham relações afetivo-sexuais com mulheres, tomando como referência as relações sexuais heterossexuais convencionais, a partir de uma perspectiva de homossexualidade ativa (“masculina”, “tribade”, “verdadeira”) e passiva (“feminina”, “sáfica”, “falsa”), sendo a última “corrompida” pela primeira.

Além de fazer a distinção binária de tipos de lesbianidade, o discurso médico delimitava os espaços pertinentes para mulheres que se relacionavam com mulheres: hospital, prisão ou prostíbulo. Essa perspectiva patologizante da lesbianidade e de outras vivências não heterossexuais perdurou por quase dois séculos.

Como tu sabes, é super recente, 17 de março de 1990, o fato de a OMS ter retirado a não heterossexualidade da lista de transtornos mentais previstas na CID. Mas, mesmo com a despatologização, diversas/os profissionais de psicologia ainda praticam a chamada terapia de reorientação/conversão, a “cura gay”. Fugi daquela terapeuta, que por meio da colonialidade do saber, utilizando discursos médicos científicos em combinação com religiosos, contribuía para o “aniquilamento da subjetividade” de pessoas não heterossexuais.

Afastei-me daquela profissional, mas se passaram anos em que estava tomada por uma lesbofobia internalizada. Até que me encantei por Mariana. Suely, não saberia te dizer o que houve, mas uma coragem tomou conta: precisava sair do armário. Precisava viver essa parte de mim. Mari me mostrava livros, séries e filmes lésbicos. Apresentou-me um mundo em que viver a lesbianidade não era apenas possível, mas podia ser prazeroso. Lembro-me até hoje de como foi essa saída.

Tomei todas, “de cara” não conseguiria falar e liguei para meus pais em Belém. Minha mãe, de pronto, disse: “Estás envolvida com alguém e estás com medo de contar, eu sinto e sei

disso”. Por um momento, senti um alívio, ela já sabia. Seria mais simples do que eu temia. Ela iniciou as perguntas: “Ele é casado? Tem filhos? Usa drogas? Está preso? Estuprou alguém? Matou alguém?”. Tremendo, respondi o que conseguia no momento: “Não, se chama Mariana”. Ela de pronto falou: “Ah, não, meu deus, ah não”. E assim, foram dois anos sem falar comigo.

Seria crime o que estava fazendo? Aí, estava outra marca do processo de construção do mundo moderno: a colonialidade do poder. Isso me instigou tanto que passei tempos realizando um levantamento sobre cronistas e obras do século XVI, em busca de narrativas sobre práticas de mulheres que se relacionavam afetivo-sexualmente com outras mulheres nos territórios de Abya Yala, em busca das histórias encobertas sobre relações entre mulheres neste período de intrusão, mesmo que só estivessem registrados os “discursos dos vencedores”. Impressionou-me o relato das çacoaimbeguiras (que significa “machão que não conhece homem e tem mulher e fala e peleja como homem”) feito pelo cronista Pero Magalhães Gandavo, no *Tratado da Terra do Brasil*, de 1576:

Algumas índias há entre os Tupinambá que não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão, ainda que por isso as matem. Elas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados, da mesma maneira que os machos, e vão à guerra com os seus arcos e flechas, e à caça, perseverando sempre na companhia dos homens. Cada uma tem mulher que a serve, e que lhe faz de comer e com quem diz que é casada. E assim se comunicam como marido e mulher.

Achei esse trecho super marcante porque mostra como um dos eixos de constituição da modernidade ia se consolidando, a partir da definição de vivências não heterossexuais como o outro,

como o contrário da norma, como alteridade. Ficou latente que, por meio da colonialidade do poder, as vivências não heterossexuais foram criminalizadas e até os dias de hoje ainda são consideradas ilegais em 78 países, ou seja, 39% dos Estados integrantes da ONU! Mas mesmo nos países em que a não heterossexualidade deixou de ser um crime (lesbofobia de estado), a colonialidade do poder da sexualidade ainda imprime suas marcas por meio da lesbofobia social. Sentir essa lesbofobia vinda de minha mãe doeu e foram muitos anos de terapia para tentar lidar com esse sentimento.

E, agora, já tenho mais de quarenta anos. Vivi muitos amores sáficos. Entreguei-me à causa na militância por direitos de sapatonas. Questionamentos meus e das minhas se tornaram mote para pesquisa acadêmica (seria a violência entre mulheres uma mera reprodução da violência heterossexual?). Enamorei-me e me inspirei em sapatonas que vieram antes de mim, como Adrienne Rich, Audre Lorde, Cheryl Clarke, Gloria Anzaldúa, Marcela Lagarde, Margarita Pisano, Ochy Curiel, Yuderksy Espinosa, entre tantas outras. Consegui, finalmente, ser uma lésbica pública e orgulhosa. E agora volto para Belém, território onde não sentia que poderia ser eu.

Apreendi com Norma Mogrovejo sobre sexílio, quando migramos para poder viver nossa sexualidade. Entendi, com seus ensinamentos, que o que havia acontecido comigo, e com tantas, tantos e tantas outras LGBTs tinha nome. Passados quase 25 anos longe, minha migração de retorno tem motivo: volto para dividir atividades de cuidado familiar. Marcas do machismo que nos colocam mulheres neste lugar. Em contraposição, esta volta está imbuída da aliança que tenho com outra mulher, minha irmã. E te escrevo, Suely, de coração aberto, com meus dilemas atuais. Não sabia o que escrever quando iniciei esta carta. Agora, vou me despedindo, desejosa de uma troca contigo que nunca vi. O fato de Eide ter pensado em nos apresentar deve ter algum motivo que não alcanço!

Ao fim, me sinto contente. Vou fazer mais café, talvez tomar um pouco de sol. Despeço-me neste escrito, com o coração pulsante: é por meio de troca entre nós, por meio de compartilhamento entre mulheres, que podemos nomear e enfrentar as marcas da colonialidade. Então, agradeço a Eide por ter feito essa provocação e te agradeço, Suely, pela proposta dessa escrita entre nós. Quando fores a Belém, terás uma casa para te receber. Fico aguardando saber de ti com muito carinho. Que caminemos rumo à descolonização da sexualidade.

Te mando um abraço lesbofeminista,
Cláudia

Para Claudia

14 de julho de 2024.

Algo inusitado aconteceu, como te falei no *WhatsApp*. Despertei como se hoje fosse 15 de julho e segui com a mala rumo ao aeroporto. Fiz o *check-in* até que, por um momento, a recepcionista conseguiu a lucidez e comentou, depois de ter me cobrado o visto para Moçambique: “Oxe, senhora, hoje é 14, e seu voo será amanhã”. Antes que ela terminasse o procedimento, liguei para o meu irmão para relatar tudo o que havia acontecido e pedir que ele me resgatasse desse imbróglio. Enfim, sua chegada também foi breve, uma vez que o aplicativo o levou para um lugar diferente do habitual. Todo esse preâmbulo é para te expor como os desencontros têm sido a tônica deste momento presente.

Pensar em desencontros, inclusive de narrativas, enquanto duas mulheres que possuem desejos eróticos e amorosos por outras mulheres, nos leva a desconstruir o sentido da amizade pura e do ativismo do continuum lésbico, colocando sabores e corpos em nossos desejos, muitas vezes sabotados pelo exagero no amor romântico entre nós, impossibilitando a carne. Somos carne, de-

sejos, amizades, amores jogados no mundo como o segundo sexo. Somos uma coexistência nada linear.

Confesso a você que, antes do desejo, minha performance de gênero sempre foi desconcertante para o outro. Minha afinidade com a teoria *queer* decorre do meu ser no mundo. Na minha tenra infância, lembro-me da interpelação: “É menino ou menina?” Minha afinidade era com o mundo dos meninos. Adorava sair com meu pai, frustrava-me suas negativas. Todos iam para a Fonte Nova (estádio de futebol), menos eu, por ser menina.

Meu irmão mais velho triunfava com as meninas, ele era como um prêmio em um concurso de Miss. Eu o admirava profundamente por seu galanteio. Elas faziam suas tarefas escolares e todas se apaixonavam por sua leveza. Ele não tinha aparência de um macho alfa, mas sim de alguém que demandava cuidados. Essas qualidades me faziam ter afinidade com ele. Há uma foto flagrante em que meu olhar para ele estampa essa admiração.

Possivelmente, o jeito de ser do meu irmão era minha mimética. Eu não me enquadrava no mundo dos meninos mais viris, parecia um menino-menina ao mesmo tempo. Tive amores por meninas, mas não reconhecia isso como desejo lésbico, e sim como mais uma possibilidade de tornar-me menino. Essa era minha composição entre desejo e *performance* de gênero.

Até os 12 anos, imaginava que pela divina graça me tornaria um menino. No mês do meu aniversário, em outubro, ao completar 12 anos, no festival da escola, escuto uma voz: “Suely, venha cá!” Era a diretora, que na plateia privilegiada, me chamou e comunicou: “Precisa colocar um sutiã, já tem um botãozinho nascendo”. Uma água fria imaginária desabou sobre minha cabeça. Naquele instante, perdi a inocência de tornar-me um menino. Reconhecia meu limite no âmbito de um dito determinismo natural. Não mais questioneei o ser em situação, preendi-me e no casulo me fiz menina. No ano seguinte, com

as unhas pintadas e cabelo arrumado, lanço-me no mundo. Montei-me como uma garota.

O ginásio passou, a escola técnica chegou. Envolvi-me com os rapazes. Aos 18 anos, começaria minha saga com os romances de Sartre e Simone de Beauvoir na Aliança Francesa. Frequentava as noites de Salvador, conheci os bares para entendidos(as), mas até então não me envolvi com mulheres. Namorei com Aldo, antigo colega da escola técnica, e no território entre o rio e o mar, em Imbassaí, permiti-me a primeira relação amorosa/sexual, embora já tivesse tido relações mais íntimas com Gel, namoradinho da escola técnica.

Em 1990, acontecimentos marcaram minha existência na totalidade. Fui sumariamente demitida por conta de uma greve que participei. Parei de matematizar minha vida. Afinal, tinha feito o curso de eletrônica, um dos mais concorridos, e estava fazendo o curso de matemática.

Comecei a perceber a vida pelo pedal da minha bicicleta na orla de Salvador e foi no ritmo dos pedais que reencontrei as colegas lésbicas da escola técnica. Na verdade, era um reencontro comigo mesma. Era confortável, um bálsamo. Senti-me acolhida pelo casal Soraia e Meg. Éramos um grupo de mulheres. Foi pela água salgada que me adentrei no mundo lésbico. Apaixonei-me aos 20 anos, escrevia poesias para a mulher amada. Mas este amor ficou no movimento platônico. Ela era comprometida e sua mulher havia recém-descoberto um câncer no útero. Todas nós não tínhamos mais do que 25 anos.

Neste momento, vivenciei o sentimento de amizade em todas as suas dimensões. Reencontrei meu primo Marcos, o casal Amelinha e Marli, e Marcos Tesão. Era uma ambiência de São Lázaro - UFBA. Todos faziam o curso de Ciências Sociais. Fui tomada por todos eles. Era algo meio caetanear. O tesão estava na somaterapia. Era um sentimento de liberdade, uma profusão de

acontecimentos. No primeiro momento, afastei-me intencionalmente da minha família.

Depois de poetizar o amor com mulheres e viver intensas amizades, encontrei-me com Tereza. Ela me ensinou a mergulhar eroticamente no corpo feminino. Lembro-me que sofri muitíssimo com sua viagem para Minas Gerais, sua terra natal. A saudade me consumia. Tínhamos vivido intensamente a vida em casal. Conhecemo-nos, e no dia seguinte fiz o vestibular para o curso de Ciências Sociais. Para nossa surpresa, fui aprovada em terceiro lugar. Era tudo muito intenso numa temporalidade curta. Estava com 21 anos de idade.

Amar mulheres foi um reencontro, cultivar novas amizades e ver a beleza do mundo por tais lentes me conduziu ao curso de Ciências Sociais. Reencontrar o menino que fui e acolhê-lo pelos abraços da minha mãe, que sempre foi muito doce comigo, foi um privilégio.

Neste caminho narrativo, experimento novamente a utopia de reconstruir um mundo mais confortável através das alianças da coexistência entre nós. Experimento a compaixão, não no sentido piegas, mas em apreciar o sentimento de amizade entre nós, mulheres vilipendiadas por sermos sapatões, sapatilhas, trans. Sobretudo, fazemos as pazes conosco e com nossa ancestralidade. Afinal, o futuro está na semente do passado, que germinará com pequenas doses de mel e de alegria.

Parei no início do meu caminho para que possamos sentir se temos afinidades na práxis teórica submersas nesta breve narrativa. Em Belém, experimentei um reencontro comigo mesma, e foi algo com muitos sabores e com jambu.

Suely Messeder

Brasília, 15 de julho de 2024.

Oi, Suely,

Te agradeço pelas palavras que me chegaram ontem. Agradeço pela partilha do que entendi e do que também não consegui compreender - fiquei imaginando e sorrindo pelo que poderias querer dizer com “Era algo meio caetanear. O tesão estava na somaterapia”. Achei também curioso dizeres que desencontros têm sido a tônica do momento presente e ao mesmo tempo falares de tantos reencontros: ao amar mulheres, com o menino que foste e contigo mesma em Belém.

Teve um trecho da tua carta que quase consegui sentir aqui. Foi quando disseste: “Comecei a perceber a vida pelo pedal da minha bicicleta na orla de Salvador e foi no ritmo dos pedais que reencontrei as colegas lésbicas da escola técnica. Na verdade, era um reencontro comigo mesma. Era confortável, um bálsamo.” Senti a brisa em meus cabelos e uma sensação gostosa de - após os desafios que te contei no último escrito -- viver minha lesbianidade.

Dentre tantos amores e desamores vividos, sorriso veio largo ao me lembrar de um relacionamento que tive e se encerrou em meados de 2022. Foram quatro anos e meio com uma das pessoas mais inteligentes, amorosas, briguintas e desejosas de transformação social que conheço. Alma bonita, sabe? Passamos juntas todo o período tenebroso do governo Bolsonaro e também a pandemia. Imagine, duas servidoras públicas federais, sofrendo perseguições nos órgãos em que trabalhávamos. Encaramos, juntas, processos de depressão e tratamentos psiquiátricos (quando já não dávamos mais conta).

Ela, bióloga, ensinou-me sobre plantas e bichos. Com ela, chegaram na minha vida duas gatinhas. Por meio dela, entrei em contato com os ensinamentos de Davi Kopenawa e Ailton Krenak. E, sim, a vida não é útil. Ela lia poesias de Manoel de Barros. E, hoje, quando colhi mamão e limões do pé, ecoou os dizeres de que

o meu quintal é realmente maior que o mundo, e que eu gosto mesmo das coisas desimportantes.

Nesse período em que estivemos juntas, me permiti ser mobilizada e mexida por não racionalidades. Desde que me lembro, estive envolvida com movimentos sociais, desde o segundo grau. Minha forma de mobilização era quase sempre por meio da escrita, da fala. Lembro-me que ela, gentilmente, sistematizou os dados do LesboCenso do DF. Também fez belos mapas para eu usar na tese. De meu lado, fui encontrando em mim espaço para sentir e praticar o que tanto acreditava. Saber-sentir. Finalmente, ia fazendo sentido o descolonizar: a separação corpo-mente-espírito cada vez fazendo menos sentido. Sigo nesse caminhar.

Tua carta me mobilizou nesse sentido. E gerou um grande desejo de saber mais sobre o que falaste sobre composição entre *performance* e desejo. Se isso for confortável para ti, pois não consigo dimensionar como foram as interpelações que mencionaste na infância, se eras menino ou menina. Fez-me lembrar o que me compartilhava essa ex-companheira.

Te conto como essas questões de gênero me mobilizam. Sempre questioneei a imposição e vigilância à binariedade masculino/feminino seja de expressão de gênero (vestimenta, corte de cabelo, modo de andar e sentar, uso ou não de maquiagem e manicure, dentre outros aspectos relativos ao visual), seja de papéis de gênero (provedor/cuidadora, agressividade/docilidade, expansividade/introspecção, dentre outros aspectos comportamentais), especialmente porque essas duas concepções são, em geral, associadas de forma direta.

Durante o período de pesquisa, tive a oportunidade de conversar com duas sapatonas na Cidade do México, cujas falas me mobilizaram bastante. Peço licença para compartilhar contigo. Uma delas fazia questão de se reivindicar como *machorra*, que poderia ser traduzido como caminhoneira. Vamos chamá-la de Sandra:

Sandra: Penso nisso a partir do meu jeito de me vestir e da forma como tenho desconstruído meu ser mulher, talvez um pouco afastada dos padrões de feminilidade vistos socialmente, pois não uso maquiagem, não uso vestidos, não uso salto alto, nenhum elemento feminino em termos de roupa. Acho que na minha personalidade tenho muitos elementos culturalmente mais femininos, mas a minha aparência física é muito fácil até de ser confundida com um homem.

Cláudia: Já aconteceu contigo?

Sandra: Já aconteceu comigo muitas vezes. Acontece comigo o tempo todo que me chamem no masculino, ou que me vejam como homem, e às vezes até me negam espaços exclusivos de mulheres. Então, é como se você tivesse que dizer: “paraí, mesmo que você não me leia como uma, eu sou uma mulher”.

Cláudia: E como te sentes?

Sandra: No começo soava como estranho, mas agora meu ser sapatão (*machorra* em espanhol) está muito politizado, é uma forma de resistência e de ruptura com o padrão cultural que tem sido atribuído às mulheres. E às vezes isso me dá medo, porque já conversei com algumas companheiras que dizem que eu ter passabilidade como homem me dá certos privilégios, e de repente fica difícil para eu entendê-los, tipo... privilégio masculino de onde estamos vendo, para mim, receber a conta para pagar não parece um privilégio, ou se estamos em um restaurante e eu estou com minha companheira, todas as garçonetes vêm em minha direção, indo fazer o pedido. E todas as perguntas são dirigidas a mim. E isso acontece comigo com muita frequência. Então, no final das contas, acho que às vezes me coloco em uma tripla vulnerabilidade porque não apenas sou uma mulher e sou lésbica, mas para as pessoas sou mulher, sou lésbica e quero parecer um homem sem ser. Isso faz com que, se bem que há momentos nos quais posso me sentir segura, quer dizer, caminho

na rua à uma hora, eu sozinha, e uso roupa folgada e pareço um homem, me dá certa tranquilidade no sentido de que melhor que pensem que sou um homem e não uma mulher, e o que aconteça seja que me assaltem, também penso que se perceberem que sou uma mulher, virá à tripla vulnerabilidade, porque vão me ler como uma mulher, uma lésbica e, além disso, que quer parecer um homem, porém sem ser, então acho que isso me coloca meio que mais fácil de sofrer violência e também, por isso, eu o atribuo como uma forma de resistência, como quebrar um paradigma cultural de ser uma mulher e de, todo o tempo, estar repetindo que sou uma mulher e que tenho que ser tratada como uma e que, por ter atribuições ou as características culturais de ser uma mulher, se as tenho ou não, isso não teria que ser uma diferença com respeito o tratamento que tenham que me dar.

Cláudia: Já sofreu algum tipo de ameaça ou aconteceu alguma coisa contigo na rua?

Sandra: Felizmente não. Inclusive em algumas ocasiões tenho usado isso como mecanismo de defesa quando saio muito de madrugada, e se estou com minha namorada ou uma amiga, pergunto: se me chamarem no masculino, não os corrijo, se for à noite, não os corrijo. Porque se acontece de ser chamada de “jovem” ou algo assim durante o dia, e minha namorada, principalmente, responde “não, ela é uma garota”, e eles dissessem “desculpe, senhorita”, algo assim. Mas à noite... eu sei que sou mulher, você sabe, essa é a minha postura, mas é melhor que sejamos lidas como um casal heterossexual do que lidas como duas mulheres. Às duas da manhã na rua me parece mais arriscado, então faço como forma de proteção. Não gosto disso, mas às vezes é o contexto. Principalmente quando vou a Puebla, e por algum motivo andamos tarde da noite, porque parece que... Puebla tem uma taxa de feminicídio muito alta, então isso me deixa nervosa...

Cláudia: Quando dizes que tua namorada corrige, por que isso acontece de ela corrigir e não tu?

Sandra: Às vezes fico exausta de corrigir e as pessoas acabam percebendo, por causa da minha voz ou por causa dos meus seios. Mais cedo ou mais tarde eles acabam se corrigindo e dizendo “ah, desculpe, pensei... qualquer coisa”. Mas de repente eu penso que minha namorada entra em conflito por causa de sua posição política como lésbica, ser lida como heterossexual é como um retrocesso, então é algo como “eu não ando de mãos dadas com um homem, ando de mãos dadas com uma mulher.” Acho que é por isso que ela faz esse exercício de corrigir as pessoas. Quando eu acho conveniente ,eu faço, chega uma hora que eu já corrijo cinco vezes ao dia, é tipo para quê? As pessoas acabam percebendo, e se não, tanto faz.

Ela contava da lesbofobia que sofre com base na expressão de gênero e como isso gerava um tensionamento na sua relação com a namorada, que ao ter sua companheira “confundida com homem” deixa de ter reconhecida sua identidade sexual de lésbica. Um tensionamento sobre os relacionamentos lésbicos decorrentes da colonialidade da sexualidade; neste caso, em intersecção com a de gênero. Compartilho o relato de outra para já-já te dizer como isso me mobilizou. Vamos chamá-la de Mariana:

Mariana: Só sei que sou mulher, que me considero lésbica, que a sociedade me lê como mulher. Às vezes, bem, eu acho que sou, vamos chamar de “homem à primeira vista”, ou seja, ao me ver, me chamam de “rapaz”, e aí em um momento dizem “não, desculpe, senhorita”, é isso, tipo, “tudo certo” [...] Às vezes acontece isso comigo, me chamam “ei, rapaz” e eu respondo “pode me chamar de moça”, simplesmente gosto de fazer isso [risos] ... Bem, eu me identifico como uma “mulher não feminina”, não gosto de me chamar de masculina, porque não gosto de nada do masculino [...] Para mim, tudo tem um conteúdo social ou

histórico, não é um produto da natureza, tudo que existe é construído pelas pessoas, e eu acho que isso é modificável, é histórico, é em certo ponto uma decisão coletiva. Então, eu entendo a masculinidade como uma construção social que eu não gosto, e é por isso que não gosto de me referir a mim mesma como masculina e sim como não feminina.

Cláudia: [...] O é esse feminino para o qual dizes não?

Mariana: Bom, eu acho que certas características muito físicas, muito observáveis e um corpo: cabelo comprido, a forma de se arrumar, sei lá, maquiagem, decotes, o jeito de andar, o jeito de vestir, certas atividades que eu não costumo fazer, não, isso “não é feminino”... E a verdade é que não gosto nem me identifico com o *queer*, basicamente porque aqui no México percebo que quem se autodenomina *queer* dentro do movimento LGBTI é um segmento com privilégios de classe, então não me sinto identificada aí [] E, além disso, acho que no México as mulheres sofrem muita violência de gênero, sim, sofremos, e não gosto de abandonar essa categoria, não gosto de deixar outras mulheres sozinhas.

Quando ela contava sobre seu distanciamento da expressão de gênero dita como feminina como um ato político, só conseguia pensar no que Margarita Pisano propunha: abandonarmos o essencialismo vinculado ao ser mulher em rebeldia ao “trunfo da masculinidade”: “Ao propor o abandono da feminilidade e a exaltação dos seus valores, proponho o abandono de uma modelo impregnado de essencialismo e que leva consigo o desafio de nos assumirmos como sujeitos políticos, pensantes e atuantes”.

Não sei se isso tem a ver com o que dizes, menino-menina. E como agora acolhes - por meio dos braços de tua mãe (nessa parte de tua carta chorei, choro de contentamento pelo acolhimento que recebeste) - o menino em ti. Para mim, sempre vi me reconhecerem menina e ao mesmo tempo recusava as amarras vinculadas

a esse lugar. Já tive distintas expressões de gênero, inclusive, em alguns momentos sendo chamada de “senhor”. Vejo o tempo todo interpelarem meu afilhado como menina, justamente por ele não exercer os papéis de gênero esperados - ele é tão gentil e carinhoso!

As leituras e conversas sobre *queer* sempre me pareceram tão distantes, de um contexto tão distante do meu. Sigo querendo saber mais, aberta a compreender os diferentes sentires-olhares-interpretações sobre este estar num mundo em que a colonialidade de gênero e da sexualidade (junto com todas as marcas da racial) moldam nossas relações.

Te escrevo e vou me (re)encontrando um tantinho mais comigo. Imagino que já devas ter chegado em Maputo. Espero que tenhas feito boa viagem e que teus (re)encontros contigo de sabores e jambus sigam com novos cheiros, sons, gostos, imagens e toques.

Um abraço,
Cláudia

Para Claudia

15 de julho de 2024

Em sua última carta, precisei de fôlego, porque foram muitas demandas. Por isso, escrevo a você, agora, com tom de respostas, algumas sem serem conclusivas. Escrevo hoje porque, possivelmente, no período em que estarei no trabalho de campo em Maputo, ficarei restrita, sem disponibilidade de tempo para escrever qualquer outra coisa que não seja o meu campo. Vamos lá para sua primeira demanda, talvez a mais fácil de atender “objetivamente”:

Tenho a honra de compartilhar o mesmo lugar de origem de Maria Bethânia, Caetano, Gil e Gal Costa. Quando posso citá-los(as), faço-o sem cerimônias. No contexto mencionado, “caetanear” tem mais o sentido de amizade cultivada e sem disputas

de poder, um maravilhoso espiral que não necessita do irascível entre eles, mas sim do substantivo do cúmplice, para que saíssem do estado e entrassem no movimento do verbo “cumpliciar”. Quem dera que, no movimento social e no ativismo acadêmico, encontrássemos entre nós essa forma. Lá, percebi que mesmo os mais próximos não cultivam esse movimento.

Não prego o abandono do sentimento de raiva, pois sei que ela nos constitui, mas também sei que, como ocidentalizados(as), supervalorizamos a vingança e o revanchismo. O *ethos* do triunfar sob a batuta da vingança é algo para nos deslocar. Se tem uma expressão que não gosto: “vou sapatear na cara”. Aqui, suplico a Xangô para nos colocar a par de sua narrativa: justiça jamais será vingança.

Cresci no perrengue de um pai metido a empresário e, concomitantemente, boêmio. Portanto, desde sempre vivíamos em instabilidade econômica. Acabei de defender o meu memorial e um dos marcadores sociais mais fortemente presentes é a questão de classe, coexistindo com os demais. Com isso, não estou afirmando que hierarquizo classe, gênero, raça, deficiência, regionalidades em minhas análises teóricas ou na leitura do meu ser no mundo. Tampouco afirmo que consiga atravessar essa turbulência sem pensar na água salgada que me devolveu o elã da minha lesbianidade.

Aproveito a lesbianidade para dizer-lhe que me pareceu uma linda melodia com harmônicos ouvir sobre a sua relação de casal com a bióloga. E como ela conseguiu te levar a outros saberes e fazeres, fico pensando no sentido da compostagem, do húmus da natureza, como não recurso teorizado por Donna Haraway. Estava evitando mencionar nomes de autores e autoras, mas talvez pelo ser da bióloga, a sua bióloga de carne, sangue e osso, mas sem nome na carta, e a outra, uma bióloga mais famosa, me toca e diz muito sobre as minhas afinidades. Embora eu goste mais de gatos, a foto emblemática de Donna Haraway seja com seu cachorro, brin-

cadeiras à parte, considero muito bom pensar sobre as multiespécies. Olha, ainda sobre a relação com os bichos, no ano passado, li o livro de Nastassja Martin, *Acreditar nas feras*, impressionante a estreita relação que ela manteve com o urso que a atacou. Não falarei do livro com receio de *spoilers*. Leia! (quase no imperativo). Vou concluir lhe falando que amo imitar os animais na ginástica. Em um dado momento, lá na pandemia, me dediquei com Pirata (meu antigo instrutor) a esses movimentos sob a influência do Kempô, método oriental que os mimetiza. Hoje sigo no Flow; tem poucos movimentos de animais, mas é movimento. A gata Audre Lorde, não a sua gata, nos ensina sobre a raiva e, mais adiante, como situa o seu câncer em seu documentário, lá na Alemanha. Sobrou muito assunto neste breve parágrafo, perdão, às vezes as ideias surgem e não quero perdê-las.

Gente, a composição sobre *performance* e desejo lembra que escrevi “Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória”, sob encomenda para a *Revista Universidade e Sociedade*, depois de uma palestra no sindicato do Andes. A Teoria *queer* me veio na época do Mestrado, em 1997, com ela me senti muito cômoda. Lendo Judith Butler, percebi o quão o binário é impositivo. Essas regras prescritas negavam a minha existência; constantemente me sentia um ser não acolhido pelo mundo. Uma frase de uma coleguinha de escola me interpela até hoje: - Professora, Suely é mesmo o quê, homem ou mulher? Éramos crianças de seis anos de idade. Depois de Butler, encontrei-me com Tereza De Lauretis, que coloca a divisão sexual como uma pauta perigosa, caso não consigamos escapar das armadilhas das dicotomias, uma vez que escamoteiam as diferenças e nos limitam em suas lentes. Em 2004, caminhei para o meu doutorado ainda amando os escritos de Butler. No Brasil, Judith Butler chega às mãos de Guacira Louro, pela Pedagogia. Em minhas mãos, chegou a partir de minha então orientadora, Mary Castro, uma socióloga.

Não entro no debate sobre os impactos da teoria *queer* para as mulheres lésbicas militantes; sempre encaro que toda e qualquer teoria limita a vida. Não aprecio o essencialismo porque possui a força do determinismo. O *queer* é uma palavra importada. “Paris em Chamas” me diz muito sobre de quem esse corpo *queer*, esse ser excremento para o mundo. Prefiro pensar nas coexistências sem negar qualquer tipo de movimento que seja para dizer que existe um ser, e ele não deverá ser negado. Na semana passada, fiz uma digressão sobre água pelas mãos de Krenak. No dia seguinte, estava tomando banho no Igarapé da sua linda terra. À noite, fui conduzida por uma motorista de Uber, bolsonarista, e tentei entabular o diálogo com ela. Perguntei se ela era contra os direitos humanos. De pronto, me respondeu: “Não, mas não gosto de Lula. Prefiro Bolsonaro”.

Forte abraço, falaremos mais sobre questões de classe e lesbianidades.

Essencialismo estratégicos? Quero novas narrativas que me tragam para além de mim e sobre mim? Minha sujeita de direito atende as expectativas do Estado? Mas somos limitadas pelo poder do Estado? Em que momento deixamos de coexistir? Em que arquipélago me deixaram?

Fazendo Gênero, Enlaçando Sexualidades, Desfazendo Gênero e Ameaçando Gênero qual alcance?

Maputo, 16 de junho de 2024 (00:49h.)

MANIFESTO SAPATÃO: UMA PROVOCAÇÃO ESCREVIVENTE NECESSÁRIA DAS PRIMEIRAS VEZES

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

Meu corpo tem fome-sede
de alimento,
de liberdade de andar
nas ruas-esquinas
sem medo do estupro corretivo.
Meu corpo tem fome-sede
de festejar o desabamento
da colonialidade-neofascista.
De amar sem medo.
Meu corpo tem fome-sede
de não ter que criar táticas
cotidianamente de sobrevivência.
Meu corpo tem fome-sede
de falar do[s] amor[es] que carrego no peito.

Das mãos cruzadas em público,
dos abraços sem temor.
Meu corpo tem fome-sede
do chão-vida dos
espaços
tempos
lugares
fossem os encontros de corpos

em agências-alianças.
Meu corpo tem fome-sede
de viver a vida
e não sobreviver.
Meu corpo tem
MUITA
fome-sede.
De que seu corpo tem fome-sede?
(Poesia autoral).

21 de outubro de 2023.

Queridas Eide Paiva e Amélia, Sueli e Joise,

Desejo encontrá-las bem!

Estou há alguns dias ousando deixar que meu corpo se entregue a esta escrita. Há algumas escritas que são sempre difíceis de iniciar-anunciar. Ainda não entendo os meus entraves para esse processo de anunciar meus pensamentos aqui, nesse jeito outro de me comunicar. Fico criando hipóteses, porém, na verdade, não passam de desculpas para me distanciar e, com isso, recusar os meus desejos em escrever para vocês. Temo a intimidade como quem teme a própria vida, afinal, são os atos íntimos de permitir aproximar-se de outras pessoas que as nossas vulnerabilidades começam a emergir e, muitas vezes, perdemos encontros bonitos.

Não sei se sou uma pessoa tão necessária quando as minhas vulnerabilidades começam a se amostrar nesse processo de relações próximas. E o que há de mais profundo do que escrever para pessoas “distantes” (será que realmente estamos distantes?) em um ato de abrir as portas dos meus tantos esconderijos? Recorro-me as minhas rebeldias para deixar meu corpo desabrigado e, assim, anunciar-manifestar alguns cursos, tropeços e movimentos cambaleantes dos tempos de vida desse meu corpo sapatão numa tentativa bonita de manter diálogos com vocês (e, quem sabe, com tantas outras mulheres sapatões-lésbicas).

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise, vocês temem suas vulnerabilidades? Tem alguma boniteza nos nossos corpos desprotegidos? O que deixam vocês sem esperanças? Existe, na intimidade com outras pessoas, alguma rota de fuga para os perigos dos sofrimentos? Há algo que mantém acesa a chama de viver, mesmo com os assombros e escombros das violências? Como viver os tempos de vida sem medo de morrer a qualquer instante? Vocês têm medo de quê? Como povoam-regam seus corpos em luta-resistência? Quem são vocês quando estão sozinhas? Muitos questionamentos, vários ensaios de faróis epistemológicos.

Já passam das 3 da madrugada. Estou sentada no chão, na área da casa onde resido. Meu corpo já começa a sentir alguns incômodos, mas não me importo. Existem dores maiores do que um corpo físico cansado. Fico olhando para a tela do *notebook* organizando e desorganizando, contextualizado e descontextualizando as palavras que quero expor aqui. Elas seguem em confusões. Meu esforço é tentar manter alguma coerência, mas acredito que não conseguirei. Vou deixar-me perder, então, no palavrear dos meus dedos. Eu gosto da madrugada!

As madrugadas têm um poder triunfal de puxar nossos corpos para os encontros dos desconhecidos, e olha que o desconhecimento me deixa trêmula. Mas já estou acordada, nesse caso, vou continuar aqui, sentada no chão, sentindo o vento frio que carregam memórias corporais de tantas histórias-experiências de pessoas distantes. Talvez seja aí onde reside a quebra do tempo cronológico: encontramos pelo vento frio das madrugadas as lembranças de corpos que já se foram, que moram em cidades distantes, daquelas que conhecemos e as que não conhecemos. Mantemos os diálogos pelos arrepios emanados por cada pequenos pedaços de trilhas corporais.

Levanto-me para olhar um pouco o céu. É engraçado sentir que sou tão insignificante para a beleza que o universo carrega em si. Vocês já sentiram essa sensação alguma vez? Retorno ao

meu assento no chão. O corpo continua sentindo dores, já não sei se são as físicas, ou emocionais ou ambas. Escrevo para vocês nas madrugadas entre encontros e desencontros dos ventos frios que dançam em memórias. Escrevo para vocês em noites de insônias em busca de algum alívio para minha mente acelerada. Escrevo para vocês em estado de poesia, porque sou um corpo-inquieto-poético. Escrevo, pois, para vocês com minhas belas águas insurgentes, mas, especificamente, as afetivas. O que há de mais revolucionário do que o afeto entre mulheres sapatões-lésbicas?

Essa escrita perdida nas e em confusões, inicia com poesia em forma de fome-sede. Uma fome-sede que vasculha nas tripas os desejos de resistir-existir, uma forma de atravessar as cortinas coloniais com roteiros em movimentos, de gritar que têm muitas mulheres que recusam a heterossexualidade, de dizer que sofreremos quando uma de nós é encurralada nas esquinas dos estupros, que continuaremos buscando saídas, brechas, fissuras, táticas, alianças possíveis para viver e festejar a beleza de sermos quem somos.

Fome-sede que urge dos assombros, mas que convoca os dias, as tardes, as noites e as madrugadas a cantar as canções há tanto tempo guardadas. Fome-sede que reafirma: choramos todas as nossas saudades, celebramos todas as nossas conquistas, dançamos todas as nossas liberdades, reivindicamos todos os nossos direitos, juntamos em nós para ser-por-nós, ocupamos todos os espaços sociais e continuaremos amando as mulheres. De que seus corpos têm fome-sede?

Aqui, sentada no chão da área da casa que resido, sentindo o vento frio, pensando em poesia repletas de imbricações de fome-sede, lembro-me do cheiro do lápis e do papel quando escrevi minha primeira carta. Era uma criança sendo asfixiada por sensações estranhas e abraçada em medos, deixei, pois, meus dedos escrever uma carta para mim mesma. Uma carta endereçada aos

sonhos de uma Liz futura, que em desenhos e palavras confusas, dizia dos desejos de querer entender-se a si. Dezesesseis anos depois, fico sorrindo: ainda não me compreendendo e nem sei se algum dia irei me entender.

Eu acredito que isto faz parte do processo de reconhecer que somos pessoas em movimentos, ou seja, que dançamos em des-sintonia com os giros da roda da vida. Tenho uma relação íntima com as cartas, uma vez que esse relacionamento surgiu em meios às sombras das árvores como rota de fuga-acalento-descanso. Quais as relações de vocês com as cartas? Lembram-se da primeira vez que escreveram uma carta? Foi uma escrita endereçada para quem? E hoje, ainda escrevem cartas? Por quê? O que o ato de escrever cartas anunciam-revelam nos seus corpos?

Eu escrevo, porque preciso respirar. Eu respiro, porque necessito escrever. Escrever-respirar, meu jeito de andar nos caminhos de espinhos. Meu corpo explode com as palavras-histórias guardadas no quarto sempre povoado por outros, mas nunca por mim, e onde as chaves ficaram perdidas nos entulhos dos desejos dos outros, jogados como únicos e adequados para minha existência. Escrevo para despovoar meu corpo e, assim, quem sabe, encontrar motivos outros de continuar respirando-vivendo. Escrevo para dizer o que não digo em voz alta. Escrevo para encontrar minhas águas-vozes. Existem na escrita diversos fios que são tecidos cotidianamente na medida em que me anunciou como sapatão.

Escrever é sentir o nascer do pôr do sol nos dias frios de solidão. Eu gosto do sabor que a escrita me provoca, mesmo que, na grande maioria das vezes, ela me mate. Mata-me por reacender acontecimentos adormecidos, por convocar a escancarar as portas dos aprisionamentos e por dizer que preciso me colocar no colo e, assim, me ninar. Escrever é, pois, sentir o gosto da vida aquecendo o sangue. Escrevo porque temo deixar de escrever, Gloria Anzaldúa (2000), e talvez isso seja nossa convicção final: temer a

escrita, porque tememos deixar de tê-la em nós. Quais as razões que levam vocês, Eide e Amélia, Sueli e Joise, a escrever? Quais são as suas relações com a escrita?

Já são 5 da madrugada! Fiquei olhando para os meus pés por uns 10 minutos. Vocês sentem que têm muitos olhos cercandov-as? Eu sinto isso e confesso que me deixa apavorada, já que não sei o que esses olhos querem, o que revelam, por que me cercam e quais são suas intencionalidades com meu corpo sapatão (são olhos meus ou olhos dos outros?). Preciso tomar um café. Queriria chá de gengibre com limão, mas não tenho. Qual é a bebida favorita de vocês? Quando tomam, sentem o gosto como se estivesse tomando pela primeira vez? A que lugares as suas bebidas favoritas as levam?

O chá de gengibre com limão e o suco de cajá sempre me levam para os lugares afetivos da infância: os pés descalços na areia do quintal, ao vento-abraço do riacho, as companhias seguras das sombras das árvores, as observações das chuvas caindo no chão, as danças de olhos fechados no quintal, sentindo as gotas da chuva atravessarem meu corpo fazendo desenhos invisíveis de acolhimento e as rebeldias de acolher a estranheza e, assim, brincar de ser livre. O chá de gengibre com limão e o suco de cajá são as poesias localizadas pelas percepções-lembranças da Liz criança.

Fiquei de olhos fechados durante uns cinco minutos e tenho quase certeza de que passei esse tempo todo sorrindo ao lembrar que tenho recordações bonitas da infância. Quais lembranças-recordações-memórias fazem vocês sorrirem? Penso-acredito que devemos convocar esses acontecimentos mais vezes para nossos tempos de vida-cotidiano. Talvez o convite da escrita desta carta pedagógica no componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais seja uma possibilidade de pensar-construir práticas éticas, honestas, epistêmicas e coletivas de garantir os aparecimentos de corpos dissidentes na ocupação

dos espaços de produção e divulgação científica, mas também no reconhecimento de nós mesmas enquanto pessoas que merecem sorrir todos os nossos sorrisos roubados.

O que seria, então, cartas pedagógicas? Caminho entre leituras (que mais se parecem com encontros que me desnudam) para tentar desenvolver uma definição autoral de uma forma menos superficial. Nessas andanças, encontro-me com Ana Lúcia Souza de Freitas (2018, p. 4), especialmente na parte que ela diz que as cartas pedagógicas podem “[...] contribuir para desenvolver o prazer de escrever”. Sentindo a afirmação de Ana Lúcia, começo a compreender que as cartas pedagógicas, assim como a vida, são formas de abrir e permitir as rodas de conversas - com responsabilidade - em contextos compartilhados, reencontrando a potência dos nossos corpos.

As Cartas Pedagógicas sempre serão cartas que escrevem em potências viscerais os sonhos bonitos, as poesias desejadas e as inspirações sentidas por corpos-territórios em suas vozes epistêmicas plurais, revolucionárias, corajosas, teimosas, insubmissas, insurgentes, rebeldes, inquietas, ousadas e transformadoras. São as buscas cotidianas por justiça social e os encontros com o que é de mais autoral em nós mesmos: a potência de nossa subjetividade encarnada, em estado de entrega íntima.

Escrevo para vocês, Eide e Amélia, Sueli e Joise, para construirmos uma roda de conversa, mesmo a distância, tomando nossas bebidas favoritas e, com isso, a boniteza dos afetos, dialogarmos sobre os cursos e tempos de vida, movimentada pela relação duradoura dos amores sapatões-lésbicos de vocês. Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise, sei que essa escrita está embaralhada, mas quero dizer que meu objetivo é provocar entrelaços entre os fios do meu corpo sapatão com os fios dos seus corpos lésbicos amantes, aflorando as primeiras vezes dos cursos de vida em uma provocação escrevimente necessária para pensar-construir-narrar-tecer redes afetivas.

Quero escrever-falar das primeiras vezes, afinal nossa vida é ordinária e por ser ordinária é necessária, urgente. Deve, portanto, fazer parte dos direitos humanos. Quero escrever-falar das primeiras vezes em uma articulação com as rodas gingas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, especialmente o encontro sobre o pensamento lésbico. Quero escrever-falar das primeiras vezes como um exercício de miradas e escutas com outros corpos similares e diferentes aos nossos. É um desejo encarnado de questionar-anunciar: quais manifestos seu corpo sapatão-lésbica produz?

22 de outubro de 2023.

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise,

Continuo desejando encontrá-las bem!

Os finais de semanas são sempre difíceis para meu corpo-inquieto-poético. São os dias que me encho de trabalhos e atividades no intuito de não pensar. No entanto, nem sempre funciona e hoje está sendo esse dia que minhas táticas de sobrevivência resolveram me abandonar. Escrevo para vocês chorando descontroladamente e com um peso gigante nas costas. Eu gosto de dizer que as lágrimas são nossos corpos pedindo para descansarmos, buscando aconchego no alívio da casa derrubada. Essa casa são os acontecimentos que dizemos estar resolvidos, mas, na verdade, apenas fingirmos para nós mesmos. Quantas vezes vocês fingiram para si? Vocês sentem alívio quando choram pelo desabamento das casas? O que fazem para continuar seguindo em frente? Vocês têm vergonha de suas fragilidades?

Quando contei à minha família que era uma menina-mulher sapatão (falei que era lésbica, porque ainda não tinha me apossado do termo sapatão), toda a minha vida que já era atordoada, virou um caos total. Para não encarar a rejeição, raiva e ódio da minha família, passava o dia todo na escola e,

depois, na universidade. Entretanto, não tinha como ficar nesses espaços aos finais de semanas e nem nas férias. Aos finais de semanas e nas férias, eu ficava no quarto, só saía para beber, comer e tomar banho. Era muito difícil ouvir tudo que ouvi e observar as expressões corporais dos meus familiares em torno da minha presença.

Fui aprendendo rapidamente a me sufocar-silenciar. Acreditei que merecia tudo aquilo, afinal eu era um monstro. Assim, no momento que “saí” (aprendi também a dizer que saí, sendo que fui desalojada daquele espaço) da casa dos meus pais. Tive muitos momentos delicados nos finais de semana: todos os acontecimentos vividos vinham à tona, com uma força que esmagava meu corpo. E, hoje, continuo sem saber lidar com os finais de semana. Ouço listas de reprodução de músicas de Maria Bethânia, no *YouTube*; escrevo palavras soltas, sem nenhuma coerência; fico quietinha na cama, olhando o teto; faço minhas atividades acadêmicas; leio livros, romance ou poesia ..., mas hoje tudo isso não foi o suficiente.

São 2 da madrugada, e estou aqui na área da casa onde resido. Deitada. Ouvindo os barulhos dos silêncios. Trouxe o *notebook* comigo numa tentativa de buscar algo para diminuir minhas dores, e em instante súbito as lágrimas foram se acalmando. Lembrei-me de Cecília Sardenberg na roda ginga sobre Pedagogias Feministas, quando ela disse que “é preciso viver pelo que acreditamos”. É em viver-lutar-desejar aquilo que acredito que não posso parar. Não podemos parar, temos que continuar plantando as sementes de outras pedagogias e epistemologias para transformar e libertar os corpos que são desumanizados. As lembranças situadas da fala de Cecília Sardenberg me fizeram recordar a primeira vez que vesti roupas tidas como masculinas. Já não residia mais na casa dos meus pais. Pedi para um amigo meu fazer umas roupas para mim e uma delas era uma camisa branca e um calção preto.

Odiava (e ainda odeio) comprar roupas nas lojas, porque sempre são as mesmas violências: *Aqui é a seção masculina; Moço, acho melhor você não usar o provador, porque pode causar desconforto para as clientes; Você é uma menina?* ... mas meu amigo fez as roupas. Coloquei um top, a camisa branca, uma cueca preta e o calção preto, meias brancas, um tênis preto e um colar. Olhei-me no espelho e pela primeira vez confiei no que eu via no espelho. Mas foi também a primeira vez que sorri de alívio. Fico me questionando, Cecília Sardenberg (2015), quem sou eu nos caleidoscópios de gênero? Quem sou nos fios que se entrelaçam mediante às relações sociais? Quem sou eu quando rejeito os padrões femininos?

As minhas lágrimas já cessaram. Passam das 4 da madrugada. Fecho os olhos e sinto o vento frio. Recordo-me de você, Natalia Borges Polesso (2015, p. 52-53), no seu livro *Amoras*, quando diz:

Tenho me pensado como lugar, sabe? Um corpo é um lugar? O corpo como metáfora de lugar, percorrido, uma cartografia de vida, com suas marcas, sinais, ilhas. Não uma correspondência exata, como se o cérebro fosse uma parte cultural da cidade e o estômago uma parte gastronômica, mas um mapa caótico, sempre fronteiras, onde as ruas vão dar em becos escuros e estreitos como nossos dedos e em lugares úmidos com cheiros acres. Como nossos olhos.

Acredito, Natália, que o corpo tem diferentes significados para quem ousa provocar definições. Eu, por exemplo, penso o corpo enquanto cartografias inquietas que desmarcam memórias de acontecimentos vividos e os ainda desconhecidos, dos espaços-tempos-lugares desalinhados dos giros da roda da vida, que desnudam as fronteiras do reconhecer-se a si, que traçam linhas incoerentes aos fios de outros corpos e que urge como territórios de silêncios. Corpo-inquieto-poético também é um corpo-

-território-memória que conversam com muita intimidade com o corpo-cartografia-fronteiras, assim como desenham paisagens com ausências de interpretações profundas do corpo-orgânico-desconhecido. Acredito que tem os corpos-territórios-ancestrais. Independentemente do que compreendemos do que seja corpo, existe algo em comum: o corpo nunca será o mesmo, posto que rejeita os acordes estáticos e abraça as danças na chuva, pois é feito por e em movimentos.

Ao pensar em corpo, passeio pelos caminhos de mais questionamentos, especialmente este: quem pensa e ouve as demandas das meninas? É como se eu estivesse ouvindo a canção “Amelie”, tocada-interpretada por Andrea Vanzo, infinitamente (link da canção instrumental: <https://youtu.be/e6Po2lDHD1I?si=4RNhsFYH0Q7VTu8i> ouvem comigo?). As mãos no piano, as teclas em sintonias e a melodia saindo do vídeo e encontrando o meu corpo. Não é mais o Andrea que toca, sou eu. Mas não estou sozinha, têm muitas mulheres conduzindo meus dedos nos caminhos dos movimentos sonoros.

Quem pensa e ouve as demandas das meninas? O que as corpografias revelam sobre as demandas das meninas? O que vocês, Eide e Amélia, Sueli e Joise, pensam sobre as corpografias? Vocês pensam e ouvem as demandas das meninas? Não quero sair do estado vulcânico que meu corpo se encontra. Passeio pelo *YouTube* ao encontro de um vídeo de uma poesia que escrevi na disciplina de Financiamento da Educação e que caiu nas mãos da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Depois de uns cinco minutos, encontro o vídeo. Assistam comigo: <https://youtu.be/3gnyIcRZd0Y>.

A primeira vez que lutei pelas demandas das meninas, eu era ainda uma criança. Eu não sabia que estava lutando pelas causas das meninas. Queria poder brincar com as brincadeiras que me deixava feliz, que movimentava meu corpo. Queria poder subir nas árvores, brincar de futebol com os meninos, de construir

estradas para os carrinhos passarem, de montar e desmontar os carrinhos... eu queria sentir o vento conduzindo meu corpo. No entanto, eu era uma menina. E onde já se viu meninas brincarem de liberdade? Sofri as consequências de minhas desobediências, porque não parei de brincar do que eu realmente queria. E isso é lutar pelas demandas das meninas. Uma luta pelo direito de brincar de ser livre. Coragem. Ousadia. Rebeldia. Desejo. Liberdade. Desobediências. Isso tudo fez parte do corpo da Liz criança.

Qual foi a primeira vez que vocês lutaram pelas demandas das meninas, Eide e Amélia, Sueli e Joise? Qual foi a primeira vez, enquanto casal lésbico, vocês lutaram pelas demandas das meninas? Qual foi a primeira vez, como pessoas individuais e, também, como casal lésbico, vocês ouviram as demandas das meninas? Já são 5:30 da madrugada, e eu continuo aqui sentada na área. Estou mais aliviada. Escrever uma carta pedagógica talvez seja encontrar-se a si em doses de aconchego. Carregamos tantos entulhos de violências no corpo que, muitas vezes, esquecemos de que não precisamos transportá-los sozinhas. Eu tenho muita vergonha das minhas fragilidades e vulnerabilidades, porque elas dizem que sou um corpo sem sentido-significado.

Mas aprendi a ser rebeldia com tantas mulheres que ainda irei festejar o dia que as minhas fragilidades e vulnerabilidades não serão mais um problema; afinal, elas constituem as minhas corpografias. É um ato corajoso mostrar os turbilhões de angústias que somos para os outros. As fragilidades e vulnerabilidades irão se transformar, cotidianamente, em potencialidades na luta-resistência-existência. Eu até vejo o dia chuvoso que irá inaugurar os desabamentos. Hoje não é esse dia chuvoso, mas a celebração já iniciou. Vou descansar, dormir um pouco. Descansar o corpo é ganhar fôlego! Descansem... Espero que quando retornar a escrever esta carta pedagógica seja para cumprir o objetivo proposto.

11 de novembro de 2023.

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise,

Amplio meu desejo de encontrá-las bem!

Já faz uns dias que não escrevo para vocês. Ando quieta demais, uma passividade que me assusta. É como se essa passividade estivesse tirando do meu corpo as poesias inquietas, de denúncias... tirando a minha voz-rebelde. Isso muito me aflige. Resolvi buscar minha ousadia e com a ousadia, encontrei a coragem e com a coragem, abracei a rebeldia. Fiz em movimento de busca por meio das memórias das rodas gingas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”. Lembrei-me dos rasgos que Laís, Daniele e Marilene fizeram no meu corpo com suas provocações epistemológicas guiadas pelas corpografias nesse ato de dizer-anunciar aquilo que o mundo nos roubou, assim como em festejar as desaprendizagens e que as memórias gritam.

Foi nesse estado de gritaria que me encontrei em lágrimas. Laís, Daniele e Marilene rasgaram meu corpo, porque me fizeram revisitar acontecimentos que jurei nunca pronunciar. Não tenho forças de digitar o que falei, mas compartilho uma carta que fiz para o simpósio “Desleitura da Escrita Acadêmica: Prática e Poiesis”, proposto por Juliana Cristina Salvadori, Ana Lúcia Gomes da Silva e Alcidéia Margareth Rocha Trancoso, no “III Webinário Nacional & II Webinário Internacional do LEFOR”, pintando pela seguinte temática: Leituras polimorfos: nas dobras dos/as leitores/as plurais. A querida Ana Lúcia me convidou para ler a carta também no encerramento do evento. Então, caso queiram ouvir basta clicar no link, a partir de uma hora, vinte e sete minutos e vinte segundos: <https://www.youtube.com/live/aClupO-W97s?si=kiF8d-LAYfxyna-4>.

Quantas vezes vocês, Eide e Amélia, Sueli e Joise, já desacreditaram de si mesmas? Vocês têm lugar(es) para retornar? Qual foi a primeira vez que vocês foram convidadas a se despir dos

preconceitos? Vocês já buscaram afetos em outras pessoas que não fazem parte da rede familiar biológica? Quantas vezes vocês tiveram que ressignificar as violências que sofreram? Quantas promessas já quebraram? Por que quebram? Qual foi a primeira vez que entendeu que precisava do feminismo? É preciso reinventar as escolas e academias da mesma forma que reivindicamos nossos direitos? O que suas corpografias revelam sobre as responsabilidades com o chão-vida das escolas e academias? Por que construir outros possíveis? Qual foi a primeira vez que entenderam que vocês, como casal lésbico, têm mais força-coragem do que quando estão sozinhas?

Penso que a área da casa onde resido é o espaço-vida dos nossos encontros nessa carta pedagógica, Eide e Amélia, Sueli e Joise. Ainda estou com as aprendizagens em forma de rasgo de Laís, Daniele e Marilene, no corpo, porém olhando para a parede do muro sou puxada nas gingas de Janja, Sueli e Alessandra. Essa roda foi um convite para encontrarmos as circularidades e, com isso, praticarmos cotidianamente as ensinagens-aprendizagens-experiências em, de, para e com circularidades. Por que nos afastamos da circularidade em nós? Por que temos vergonha dos movimentos diferentes do nosso corpo? Quais são as estranhezas que carregamos? Por que carregamos? Fomos nós que as colocamos ou outras pessoas? Existe circularidade em pessoas brancas? Quais ensinagens-aprendizagens-experiências aprendemos sobre circularidade com pessoas negras, quilombolas e indígenas? A ancestralidade é uma questão política? Como construir circularidade em nós?

Começo a sorrir! Como pode memórias das rodas gingas energizar o corpo que era passivo, mas agora, está inquieto-rebelde? Qual foi a primeira vez que vocês sentiram os seus corpos inquietos-rebeldes, Eide e Amélia, Sueli e Joise? Conseguiram controlar ou deixaram-se levar pelas temperaturas de ousadias? Qual foi o primeiro ato corajoso de vocês? Por que fizeram? Se

arrependem? Já são 4 da madrugada. Passei meia hora deitada, de olhos fechados, sentindo o vento frio e tentando não pensar. Mas quando o corpo entra em estado de inquietude é difícil controlar seus movimentos. Vou beber água e ouvir a música “Prudência”, de Maria Bethânia e, após, mesmo que eu não siga essa sequência, vou para o aconchego do corpo-lar da minha amada.

Ela sabe que os finais de semanas são complicados para mim. Eu a vejo levantando a minha procura, porém, quando percebe que estou imersa nos meus pensamentos, apenas me deixa no meu mundo. Ela sabe que a qualquer momento irei retornar para ela. Ela compreende que preciso escrever. Isso é bonito: compreender que mesmo sendo um casal, temos os nossos lados individuais, difíceis e que precisamos de espaço. Ela fica atenta. Um cuidado e zelo com minhas dores, mas, principalmente, com aquilo que ainda irei transbordar. O que vocês sentem, Eide e Amélia, Sueli e Joise, com as ações de zelo-cuidado-amor de suas amadas? Qual foi a primeira vez que sentiu que ao lado do seu amor tudo tinha mais cor? Quais são as cores do amor de vocês? Amo ser e ter um amor sapatão-lésbico!

12 de novembro de 2023.

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise,

Vibrando desejos de encontrá-las bem!

Qual foi a primeira vez que sentiu segurança no relacionamento (amor) sapatão-lésbico de vocês? Penso que uma parte importante de qualquer relacionamento seja o sentimento de segurança: segurança em entregar-se a outra pessoa, a abrir as portas dos sentimentos e de deixar que o nós se faça cada vez mais presente-presença. Gosto de pensar em segurança como o sabor honesto de sentir que suas vulnerabilidades não serão usadas para ocasionar estados de dependência emocional, mas sim, de criar fios entrelaçados ao respeito. Pensando em segurança, e sorrindo

agora feito uma boba, lembro-me da primeira vez que beijei uma menina. Foi no dia 07 de novembro de 2016, às 11:30h. (ou um pouquinho mais). A gente já estava conversando pelo *WhatsApp* (foram os dias que não larguei o celular. Sim! Podem sorrir), desde o dia 04 (ela já tinha interesse em mim, vocês acreditam? Mas não teve coragem de mandar mensagem. Em uma outra oportunidade, conto como foi esse processo todo).

Eu saí da aula e fui em direção ao local onde ela estava na escola. Ela estava sentada no chão. Eu simplesmente cheguei, dei um “oi”, pedi licença e coloquei minha cabeça nas pernas dela. Sim, isso mesmo: eu me deitei no colo da menina. Ficamos conversando e sorrindo. Discutimos sobre alguma coisa em que eu na minha ousadia disse: “Então, me cala”. Ela tirou os óculos e me beijou. Eu senti calafrios, vi flores, estrelas... e disse para mim mesma: “Tudo faz sentido agora”. O beijo terminou (para a minha tristeza), fiquei olhando para ela, sorri bastante, e perguntou: “Foi tão ruim assim?”. Eu: “Não! Foi simplesmente maravilhoso. O único beijo que realmente amei. Estou sorrindo, porque você é uma menina corajosa”.

Daquele dia em diante, nunca mais soltei a mão da menina corajosa. Lembrar-me do primeiro beijo que tive com uma menina é como se estivesse sentindo o mesmo gosto, voltando no tempo e estar ali, sentindo os lábios da menina corajosa. Que felicidade é a minha dela ter segurado e não ter soltado também a minha mão. Qual a sensação do primeiro beijo que tiveram com uma menina? Lembram-se da primeira vez que vocês Eide e Amélia, Sueli e Joise, se beijaram? Ainda sentem a mesma sensação de antes? O que significa para vocês o beijo sapatão-lésbico?

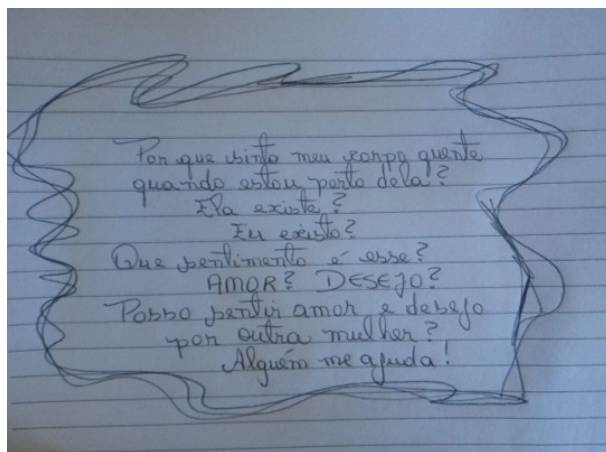
Recordando do(s) beijo(s), vem à mente a roda gíngua sobre os pensamentos lésbicos. Confesso que foi uma das minhas rodas gínguas preferidas. Ouvir-sentir Ana Lemos, Sueli Messenger, Sarah, Gersier e Ana Cláudia foi escancarar as portas dos esconderijos e abraçar com muita saudade os sentimentos de pertencimento. Fo-

ram rodas de pertencimentos, guiadas por experiências-vivências, memórias-histórias, saberes-conhecimentos plurais e ensinagens-aprendizagens de mulheres sapatões-lésbicas professoras que dizem que seus pensamentos-práticas não se distanciam com sua existência sapatão-lésbica. Senti-me em uma grande roda de conversa entre amigas, compartilhando seus atravessamentos e sentimentos sobre os cursos e tempos de vida.

Essas recordações me levam a primeira vez que li um texto escrito por uma mulher sapatão-lésbica. Esse texto foi escrito pelo meu corpo. Nos meus sentimentos turbulentos e inquietos, muitas vezes digitei “Lésbica” no *Google* e sempre parecia conteúdos pornográficos. Era como se ser lésbica fosse algo sem legitimidade. Não tinha ninguém para contar acerca dos sentimentos que sufocavam meu corpo. Várias vezes me chamaram de “Sapatão”, não como algo bonito, mas sim, pejorativo, violento, punitivo e nojento. “Ela é sapatão”, risos, “Ela quer ser macho”, risos, “Se fosse para namorar uma criatura dessa, namorava logo um homem”, dito por uma outra menina lésbica. Desisti de encontrar algo na internet (ainda não sabia das bases de dados confiáveis, como *SciELO*, *Google Acadêmico*, Portal de Periódicos da CAPES...).

Meu refúgio: a escrita. Era como se eu estivesse escrevendo para ter alguma referência de mulher que ama-deseja outra mulher; encontrar alguma válvula de escape que diminuísse um pouco o peso de estar sendo esmagada por sensações estranhas, mas tão gostosas, vivas e de sentidos; encontrar alguma miragem de escuta que pudesse ficar em silêncio só ouvindo os meus medos das certezas que tinha sobre minha existência e o meu querer. Qual foi o primeiro texto de uma mulher sapatão-lésbica que leram? Concordaram ou discordaram com as escritas-narrativas? Sentiram-se pertencentes à escrita lida-sentida? A imagem, a seguir, se não me falha a memória, é uma das primeiras escritas que consegui colocar em palavras o que estava sentindo.

Imagem 2 – Pedido de ajuda.



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

O que essa imagem-texto urge em vocês? Durante muito tempo imaginei que viveria até os 10 anos, depois até os 15 anos. Chegaram os 20 anos, pensei que só viveria até os 25 anos. E aqui estou eu: resistindo-existindo. Não temo a morte, fico triste por não ter experienciado as belezas de ser quem sou desde a infância, de forma livre, sem julgamentos, sem violências, sem rejeições, somente com orgulho-afeto. A lesbofobia faz diversos estragos na forma em que você se percebe, além de fazer com que acreditemos que não merecemos e nem somos dignas de viver, da vida. Os estragos ainda correm pelo meu corpo, muitas vezes tomando conta da minha existência, tantas outras vezes sufocam as esperanças de acreditar na minha potencialidade.

O que é ser no outro? O eu é o outro? Por que somos o outro? Por que só nos aplaudem quando falamos de nossas dores e nos rejeitam ainda mais quando falamos de nossa felicidade? Quem tem direito a aplausos? Nós merecemos o amor? Quais retratos carregamos nos nossos percursos tempos de vida? Quem são as pessoas que as motivam a continuar? Quais bandeiras vocês fazem questão de levantar-reivindicar? Por que do ativismo-militância?

Nunca existiu a hipótese do envelhecimento para mim. Era algo tão distante, impossível de visualizar. O que significa o envelhecimento para vocês? Já comecei a embaralhar tudo. Vou abraçar meu afeto-amor sapatão-lésbico.

18 de novembro de 2023.

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise,

Vibrando desejos de encontrá-las bem!

Quais os atravessamentos que as rodas gingas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” provocaram no meu corpo-inquieto-poético? Eis a pergunta que desde a primeira roda vem me remoendo. Um questionamento, vários incômodos epistemológicos. O componente em questão foi o primeiro que participei como ouvinte. E que alegria-sorte é a minha de estar em um conjunto de pessoas em intersecções dançando pedagogias e epistemologias outras, para pensar-construir redes afetivas, sensíveis e seguras, a partir de uma escuta ativa, acolhedora e qualificada. Qual foi a primeira vez que participou de um componente enquanto aluna especial ou ouvinte? Nem nas minhas melhores esperanças imaginaria encontrar nas discussões gigantes elos inquietos e necessários para refletir, por exemplo, as responsabilidades sociais, éticas e políticas com o chão-vida a educação pública brasileira.

Os fios das Pedagogias Feministas com os fios das Epistemologias Decoloniais me fizeram ampliar as percepções que tenho sobre o pensamento sapatão-lésbico, ao ponto de compreender que necessitamos manter alianças com as iguais a nós para promover o fortalecimento da existência sapatão-lésbica e, com isso, organizar agenciamentos de alianças com outros corpos subalternizados e desumanizados; afinal, não conseguiremos realizar união sem entender nossas próprias pautas e demandas. Entretanto, isto não diz para ficarmos longe dos outros corpos, pelo contrário, revela

a importância do contato para alimentarmos o respeito que deve fazer parte dos nossos discursos e práticas. Por isso, sinto que a interseccionalidade é um convite para realizar justiça étnico-racial e de gênero imbricada com a justiça de sexualidade, de classe e ambiental, por exemplo.

Lembro-me de você, Geni Daniela Núñez Longhini (2021, p. 58), quando disse: “Nossos percursos não são neutros, porque nosso corpo é afetado o tempo todo”. É aqui, precisamente, que vejo potência na política de localização interseccional”. São os becos de lágrimas de e sem saídas, nas permissões de ser ou não tocadas pelos acontecimentos, rasgando as sombras dos silêncios e rompendo as regras coloniais. O não esgotamento da existência, as brechas e fissuras criadas pelo corpo para confrontar o binarismo, na promoção de discursos-ações antirracistas encarnados nas corpografias e na garantia de derrubar as histórias únicas. Qual foi a primeira vez que perceberam que a interseccionalidade precisa fazer parte do processo ser, sentir-se e tornar-se alguém-gente-humana?

Nessa localização interseccional, vou ao encontro das memórias de Bruna Benevides, Vércio Gonçalves, Ananda Oliveira, Sara York e Thiffanny Odara na roda gíngã sobre o Transfeminismo, Pedagogias das Desobediências e outras Epistemologias inclusivas. Os encontros me fizeram compreender que as violências-genocídios além de ser uma ferramenta muito eficaz que a colonialidade e a extrema-direita usam para exterminar, aniquilar e limpar corpos fora da lógica cisheteronormativa, é também um modo de demonstrar o que pode acontecer com quem recusa seguir as normas tidas como naturais e adequadas de existência, gerando medo como mecanismo de controle. Quais aprendizagens o pensamento sapatão-lésbico pode ter nos pensamentos da transgeneridades? Como o pensamento sapatão-lésbico pode transeducar suas práticas, a partir das ensinagens-experiências das pedagogias das desobediências?

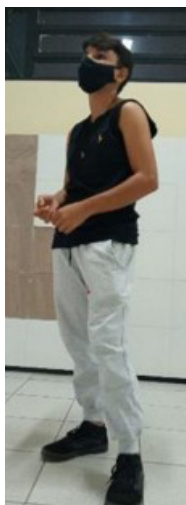
Recorro-me, Eide e Amélia, Sueli e Joise, as queridas Daniela Lopes Ferreira e Zuleide Paiva da Silva (2022, p. 142), quando elas dizem que “[...] a escola como um colorido cata-vento, um redemoinho, como lugar de sociabilidades, de possibilidades, de encontros, encantos e arruaças”. As instituições de ensino formais são espaços-tempos-lugares de conflitos e confrontos, mas também de construção de acreditar-esperançar em agenciamentos de alianças que garantam os encontros com os direitos humanos. E as escolas e academias só conseguem ser lugares de pensamentos-práticas outras, porque corpos tidos e vistos como desumanizados e desnecessários estão ocupando esses espaços e, com isso, mobilizando transformações. Qual foi a primeira vez que percebeu que a ocupação escolar e acadêmica é importante para mudanças das concepções coloniais? Eu celebro toda vez que sei que uma mulher sapatão-lésbica é professora da Educação Básica ou do Ensino Superior. Vou tomar café, aceitam?

28 de novembro de 2023

Queridas Eide e Amélia, Sueli e Joise,

Vibrando desejos de encontrá-las bem!

Gostaria de ter escrito para vocês sobre outras tantas primeiras vezes, a exemplo da primeira vez que sofri lesbofobia. Contudo, eu apaguei! Ainda não tenho tanta coragem para expor alguns acontecimentos. Acredito que chegará o dia que minha rebeldia vai ser o meu corpo todo, mas até lá, reafirmo que escrevi para vocês, em lágrimas. Eu escrevi nas madrugadas, nas noites de insônia. Todas as palavras digitadas nos finais de semanas. Vocês deixaram esse processo de dizer-anunciar mais calmo e confortável, mesmo sendo à distância. Deixo para vocês um trecho do conto “Diário roubado”, escrito por Anderson Ferrari (2022, p. 78), no livro *Eu chorei só cinco lágrimas: contos que me contam*. E junto ao trecho, uma foto minha de um dos momentos que sofri lesbofobia na rua e na universidade.



Cecília passou a ser apontada na rua. Perdeu muitas amizades. Não se intimidou. Assumiu ser lésbica. Pelo menos sentiu alívio de não ter mais que esconder o que sentia. Não se sentia mais obrigada a se aproximar de nada que era feminino. A cidade não perdoou. No carnaval daquele ano, quando a marchinha ‘Maria Sapatão’ começou a tocar no único clube da cidade, os presentes substituíram Maria por Cecília e cantaram em coro ‘Cecília sapatão, sapatão, sapatão. De dia é Cecília e de noite é João’. A música perseguiu Cecília onde ela aparecia em público. Mas não causava o efeito na menina. Ela não abaixava a cabeça. Muito pelo contrário. Bastava a música começar e as pessoas cantarem, para Cecília erguer os braços como se regesse o coro, abrir um sorriso e cantar junto, sem deixar de dançar. No final gritava: ‘sou sapatão mesmo e com muito orgulho’.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

P.S. Eu penso que não consegui florir o objetivo que propôs, mas desejo que essas palavras cheguem a vocês com inquietude, poesia, curiosidade e desejo de acreditar-esperançar no pensamento sapatão-lésbico. Assim, questiono: com quantas mãos se faz uma revolução sapatão-lésbica? Com quantas mãos se faz um manifesto sapatão-lésbico? O que vocês aprenderam com o amor sapatão-lésbico?

Com carinho-dengo-poesia,

Maria Lizandra Mendes de Sousa, a Liz Mendes.

Carta(s) feita(s) ao sabor da cajuína de Floriano, Piauí, para o som-sabor da vida de Salvador, Bahia.

REFERÊNCIAS

AMÉLIE - Comptine d'un autre été, l'après-midi (reimaginada). Intérprete: Andrea Vanzo (em inglês). Compositor: Andrea Vanzo. 2023 (em inglês). 1 vídeo (3min:16s). Publicado pelo canal Andrea Vanzo. Disponível em: <https://youtu.be/e6Po21DHD1I?si=4RNhsFYH0Q7VTu8i>. Acesso em 22 de out. de 2023.

FERREIRA, Daniele Lopes; SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias feministas no Sertão da Bahia: sobre experiências o programa novo mais educação no Colégio Estadual Antônio Bahia. In: MACEDO, Aldenora Conceição de; OLIVEIRA, Ivana Gonçalves de; BARBOSA, Jaqueline Aparecida (Orgs.). *Práticas pedagógicas de resistência: um lugar como da diversidade*. 2 ed. Porto Alegre-RS: Editora Fi, 2022, p. 142-168.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: compartilhando experiências sobre a formação de professores/as e de gestores/as. In: II Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global, 2018, Minas Gerais. *Anais [...] Minas Gerais: UFMG, 2018*, p. 1-5. DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89512. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/trabalhos/carta-sobre-cartas-pedagogicas-compartilhando-experiencias-sobre-a-formacao-de-p?lang=pt-br>. Acesso em 25 de fev. de 2024.

LONGHINI, Geni Daniela Núez. Sobre silêncios e alaridos do lugar de fala. In: ALVES, Bárbara Elcimar dos Reis; FERNANDES, Felipe Bruno Martins (Orgs.). *Pensamento lésbico contemporâneo: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes*. Florianópolis-SC: Tribo da Ilha, 2021, p. 50-59.

PINHO, Maria José; GOMES, Ana Lúcia; VERENA, Iria. Diversidade, currículo e a formacional do CIPHEUM: (des) leituras e suas obras (Mesa Temas 05). Mediação de Antenor Rita Gomes. In: III Webnário Nacional & II Webnário Internacional do LEFOR. 3, 4., 2023, (on-line), YouTube..., 2023. Mesa Redonda. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/aClupO-W97s?si=kiF8d-LAYfxyna-4>. Acesso em 11 de nov. de 2023.

POLESSO, Natalia Borges (Portuo). *Amora: contos*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

Quem pensa e ouve como as meninas? Refloresçam-se em si e nós por Interpretação: Maria Lizandra. Autoria: Maria Lizandra. Em 2022. 1 vídeo (4min:54s). Publicado pelo canal da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Disponível em: <https://youtu.be/3gnyIcRZd0Y>. Acesso em 22 de out. de 2023.

SARDBERG, Cecília Maria Bacellar. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica social das relações. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, [S.L.], v. 20, n. 22, p. 56-96, 25 dez. Rio de Janeiro, 2015.

SOUSA, Maria Lizandra Mendes de. *Meu corpo tem fome-sede*. (No prelo).

CARTA PARA O FUTURO EX-MORADOR “DO ARMÁRIO”!

Sara Wagner York
Vércio Gonçalves

Carta ao Jovem LGBTQIAPN+, de qualquer lugar, que ainda “está no armário”.

Em um mundo tão masculinista tóxico e embrutecido, tomaremos a liberdade de iniciar nossa conversa buscando uma neutralidade trans. E o neutro aqui, assume a função do radical da palavra: nem um, nem outra!

Queride desconhecide (mas nem tanto assim), tudo bem?

Escrevemos-te estas palavras com o coração repleto de afeto e compreensão, pois sabemos que o caminho que tens percorrido pode ser desafiador e solitário. Aliás, somos duas pessoas trans, uma travesti e um homem trans, assumindo a função simbiótica nessa escrita. A simbiose e o parasitismo são duas relações entre seres vivos, entretanto a primeira entra em harmonia e ambos trabalham sem prejuízo ao outro. No parasitismo, há uma perda para uma das partes e isso pode ser danoso, violento e até mortal. Você é parte de uma comunidade diversa, viva e vibrante, e é importante que sintas o apoio e a solidariedade do mundo que lhe cerca, mas, sobretudo, de quem te acolhe, respeita e entende.

Por termos, já, caminhado por essa mesma estrada, podemos te ajudar, em algum sentido, e começamos por te dizer que não se sinta “tão” só. Sentir-se sozinho, por muitas vezes, faz parte da caminhada humana e do amadurecimento pessoal de cada um, porém, se perceba conectado com pessoas que já passaram pelo que passa agora e, também, por um mundo de gentes que passam pelo mesmo que você, nesse exato momento.

Sabemos que, muitas vezes, a descoberta e aceitação das nossas identidades, que são múltiplas enquanto humanos, pode ser complexa. Quando o assunto é identidade de gênero e orientação sexual, podem ser momentos complexos e dolorosos. O peso do “armário”, essa sensação de esconder quem somos, pode parecer esmagadora.

Sentimentos de amargura, rejeição, solidão, dúvida e medo nos fizeram passar por situações horríveis, mas percebemos que muitas delas eram maiores e muito violentas por falta de informação!

Saiba que você não está só! Há uma comunidade inteira pronta para te acolher e te apoiar, exatamente como és. Tem gente má entre nós, afinal em grande maioria viemos de experiências muito dolorosas e que iniciam com situação violentas desde nossas famílias; entretanto, a quantidade de gente que expande a criatividade com ideias, vida e alegria é muito maior.

Há algum tempo, para nossa geração (dos 40+) e para gerações anteriores a nossa, ter essa consciência era mais difícil, porque não se falava muito sobre nossas existências LGBTQIAPN+, a não ser para nos deslegitimar, enfraquecer, atingindo nossa autoestima e nos adoecendo. A presença social de nossa comunidade era (creia: ainda é, mas já foi pior) meio que comparada a uma peste.

Alguns de nós viveram estes dias na pele, talvez por isso a sua chegada seja tão importante, esperada e comemorada!

Hoje, mesmo com poucos avanços, no que diz respeito aos nossos direitos, para uma vida mais digna, viver se tornou um pouco mais fácil. Atente-se a isso: aprendemos a escutar quem vale a pena, nos proteger do preconceito e principalmente caminhar por estradas menos esburacadas. Se a vida é uma caminhada, a nossa, já não possui tantos buracos. Isto porque estamos aqui e agora, escrevendo esta carta para você, que, ao lê-la, saberá que é possível, sim, existir, para além de resistir e não desistir.

O que queremos te dizer é que se torna fundamental explorar tua identidade de forma segura e respeitosa. Todos temos o direito de nos expressar livremente, sem medo de discriminação ou violência. Tu mereces viver plenamente, com amor e orgulho por quem és. No caso de ser uma pessoa trans, você já pensou em brincar com vários nomes, até se apresentar socialmente com um nome? No mundo do *bullying* seria como receber um apelido em cada escola, mas no mundo LGBTQUIAPN+ preparado, esse exercício pode ser lúdico e muito enriquecedor. Mesmo para pessoas não trans, ter um nome social ou (auto)apelido é um exercício de afeto. Estabeleça uma conexão, primeiramente, com seu eu, na sua experiência LGBTQUIAPN+, e entenda que o problema não está em você, está nas pessoas intolerantes ao que é diverso. Sim, você chegou ao mundo no momento em que mais precisávamos espalhar o respeito à natureza, às pessoas e amor.

Quando falamos em viver plenamente, te chamamos a experienciar uma vivência coletiva, porque mesmo nesse nosso tempo, sua geração ainda lida muito com os preconceitos que nós e nossa ancestralidade experienciamos, o que evidencia a necessidade de sermos coletivos... Sozinhos, ficamos mais frágeis. Mas não se assuste nem desista! Hoje, podemos continuar o que começaram lá atrás, bem antes de nós, que te escrevemos, mas dessa vez, juntes/os/as e não a partir de vidas que foram tomadas, por serem vozes individuais.

Bom lembrarmos sempre que, mesmo falando em primeira pessoa do plural, nossas vozes nem sempre foram coletivas, pois, ao lutar por algo que nos cabia e parecia ser pessoal, elas acabavam por dizer ao mundo que era uma existência possível, para muitas outras vivências.

Na individualidade, ainda que a sociedade recusasse, muitas pessoas se mostraram consciente de seus direitos a uma cidadania e, fazendo isso, acabou por visibilizar nossa experiência e nossas pautas. Precisamos, então, em nome dessa ancestralidade, continuar o trabalho que nos foi delegado: não é mais sobre lutar pela nossa sobrevivência, queremos uma vida mais digna e plena.

No passado, muitos de nós morremos assassinados ou fomos brutalmente violentados, de formas variadas. Hoje, em maior ou menor nível - não conseguimos mensurar -, a violência ainda é uma constante para nós, mas de uma coisa a gente pode se orgulhar: antes, essas mortes e registros de violência morriam ou eram silenciados, da mesma forma que as vítimas. Ao contrário da atualidade que, mesmo acontecendo e, muitas vezes, ficando sem resolução, por conta de nossa afirmação, tem se tornado dado. Quando se torna dado, é esperado que, em algum momento, possa se tornar um problema social e, como tal, responsabilidade do Estado. Este, por sua vez, precisa ser implicado a pensar políticas públicas, visando buscar uma solução para o problema.

Essa precisa ser nossa utopia!

Tem mais uma coisa que queríamos te levar a pensar: muitos de nós não tiveram amor, a contar dos nossos primeiros núcleos sociais, que é a família e a escola. Como dissemos anteriormente, alguns núcleos são simbiose outros parasitismo, tipo cachorro e carrapato. Por conta disso, foram pessoas levadas, desde muito cedo, a uma vida árida de afeto, seca de cuidado e vivendo uma “sub-existência” humana. Então, se em sua casa, você ainda encontrar amor, mesmo que, em seu arranjo familiar (qualquer

que seja), haja dificuldade em acolher essa sua existência LGBTQIAPN+, tente... apenas e até onde for possível para sua saúde mental.

Com um detalhe: só se essa família se movimentar, no sentido de lhe acolher, em sua integridade, pois temos notado que a maioria de nós se torna frágil, quando, desde muito cedo, perde o aconchego dos nossos responsáveis, entre final da infância e início da adolescência. Momento que seria o de receber apoio ideal para nos reconhecermos e nos pensarmos como seres possíveis. Mais que isso, momento em que ainda somos considerados incapazes, assim como dita o ECA - aqui para nós, desconfio que o Estatuto da Criança e do Adolescente não enxerga crianças e adolescentes negras, pobres e LGBTQIAPN+...

A maioria de nós passa por abandono e, negligenciades pelas nossas famílias/responsáveis, nos vemos expostos a todo tipo de violência, acabamos por desenvolver um “auto-horror” e a nos rejeitarmos, passando a nos submeter e aceitar qualquer tipo de afeto, mesmo que acabe nos matando.

Muites LGBTQIAPN+'s acabam por seguir o caminho que a vida ofereceu/oferece - abandono escolar, prostituição, uso compulsivo de drogas, diversos adoecimentos, suicídio, dentre outros -, apenas, porque precisam sobreviver, com o mínimo, mesmo que, para isso, sofram outros tipos de violência.

Muitas vezes, a fuga de uma realidade, que violenta e machuca, pode conduzir o sujeito ao caminho da autodestruição até chegar ao último recurso, que é desistir da vida. É por isso que estamos aqui, para te dizer tudo o que somos, mas também tudo o que a sociedade pode fazer de nós, para que nunca pense em desistir. Lembre-se de estar em relações simbióticas e agregadoras, e ao se lembrar disso, evite confronto aberto nas relações de parasitismo, até poder se livrar delas. Um pai ou mãe que não te aceita, pode ter péssimas imagens sobre pessoas como nós ao longo de

sua formação humana. Se você vive algo assim, mostre quantas pessoas (como nós) estão fazendo trabalhos de excelência...

Você sabia que tem uma travesti que trabalha na NASA? Você sabia que um dos maiores atores do mundo é um homem trans? Você sabia que a primeira travesti a ancorar no jornalismo brasileiro só conseguiu esse feito em 2021, e com quase 50 anos? Você sabia que a organização de homens trans e popularização das fotos e imagens de peito têm relação direta com a imagem do seio de mulheres amamentando e de indígenas, que estão sendo repensadas pelas redes sociais?

Ser LGBTQIAPN+ é imperativo de liberdade e respeito, não mais de vergonha, preocupação com “o que o vizinho vai pensar” ou com imposições morais.

Pelo contrário, lembre-se sempre: tua identidade é válida, tua existência é importante e tua voz merece ser ouvida. Não tenhas medo de ser quem és, pois a autenticidade é um dos maiores presentes que podemos oferecer a nós mesmos e ao mundo.

Com afeto, solidariedade e felizes por sua leitura,

Rio de Janeiro – RJ, julho de 2024 / Salvador – Bahia, julho de 2024.

Sara Wagner York & Vércio

O RESPEITO TRANSFORMA!

Cinthia Pacheco Xavier Araújo
Cynthia Almeida dos Santos
Josenilda Correia Vieira

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou
(Renato Luciano)

Caro Yuri,

Na intenção de fazermos ecoar sua voz, força e coragem lhe escrevemos esta carta:

Espero que esteja tudo bem contigo. Ontem à tarde, estive com uma amiga e durante a nossa conversa, ela me falou sobre você, estava um pouco preocupada, contou-me que você é um garoto maravilhoso, inteligente, prestativo e bastante amigável, mas que está passando por uma fase difícil, e isto tem lhe deixado muito angustiado, por esse motivo ela queria encontrar alguma forma de ajudá-lo, pois tem um carinho especial por você.

Talvez você esteja se perguntando o porquê de estarmos lhe enviando esta carta, sim escrevi “estarmos”, porque esta carta está sendo escrita de modo colaborativo por três mulheres: Josenilda Vieira, Cynthia Santos e Cinthia Pacheco. Somos discentes do Mestrado em Educação e Diversidade da UNEB, *Campus IV/Jacobina*,

eu e Cinthia Pacheco, alunas regulares, Cynthia Almeida, aluna especial. Neste semestre, estamos cursando o Componente “Pedagogias Feministas Epistemologia Decoloniais”, no qual pessoas comprometidas com a justiça social e epistêmica são convidadas para, a partir de suas experiências, discutir temas que venham contribuir com a promoção da equidade de gênero, o combate ao racismo, ao sexismo (discriminação, preconceito contra o gênero, em geral, feminino), a lesbitransfobia (preconceito contra a homossexualidade feminina).

O componente tem como procedimento as rodas de conversas, nas quais a conversa é o dispositivo de aula-pesquisa; cada encontro ocorre no formato *on-line* às segundas-feiras, com início às 19 horas. Em alguns desses encontros, tivemos convidados transexuais, homens e mulheres que relataram sobre suas lutas e dores, mas que hoje se encontram em um lugar, no qual suas vozes são ouvidas e, por isso, assumiram o compromisso de ajudar outras pessoas que fazem parte da população LGBTQIA+, sobretudo pessoas transgêneras.

Na 10ª roda de conversa no dia 06 de novembro de 2023, falamos sobre o transfeminismo (feminismo, sendo feito por e para mulheres travestis e transexuais), recebemos a Bruna Benevides (diretoria da Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA e do Conselho Nacional do LGBTQIAPN+) e o Professor Vércio Gonçalves. Tivemos a grande oportunidade e o desafio de trans/educar o pensamento para descolonizar a educação. Inclusive, tivemos o privilégio de conhecer o trabalho de professor Vércio em seu canal do *Youtube*, a partir de um vídeo no qual canta duas canções, a primeira: “É D’Oxum”, de Gerônimo Santana e Vevé Calazans, e a segunda: A voz do tambor, de Celso Fonseca e de Ronaldo Bastos. Seu diário de bordo marca o seu processo de “redescoberta”, termo utilizado na descrição de seu vídeo, com isso lhe convido a assistir também, já que conseguimos a partir de vários dispositivos compartilhar nossos processo, lutas, angústias e vitórias.

A partir das discussões, ficamos mais sensíveis à luta contra a violência contra os trans e outras dissidências, além do enfrentamento ao transfeminicídio (política disseminada, intencional e sistemática de eliminação das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais, motivada pela desumanização das vítimas), discutimos também formas de enfrentar a transfobia, os genocídios, as injustiças a partir da institucionalidade, por muitas vezes o Estado violar esses direitos por ação ou por omissão como falta de políticas públicas eficazes. Vale destacar que ao falamos em “políticas públicas”, estamos nos referindo às ações governamentais que tentam de certa forma intervir de forma estratégica em questões sociais.

As discussões transitaram também sobre a luta pela autodeterminação de gênero, pois vale destacar que desde 2019, o STF decidiu favorável, porém 65% da população trans não retificou sua documentação, ou seja, a garantia do direito não efetivado segue sendo violado. Com isso, podemos refletir de forma colaborativa sobre a aplicabilidade dessas políticas públicas, já que é necessário saber quais são as fragilidades que impedem que os direitos sejam realmente acessíveis.

Como rasurar sistemas tão fortalecidos? Como ser resistência? Uma fala recorrente que escutamos em nossas aulas da disciplina de “Epistemologias Feministas e Epistemologias Decoloniais” é sobre arrombar as portas quando não são abertas, e a partir dessa metáfora, percebemos a força que podemos ter para começar abrir brechas nesse sistema opressor. Uma forma que já estamos utilizando, é a pesquisa. Ocupar espaços nas universidades, principalmente universidades públicas, nos promovem aberturas para reflexões e discussões, conseqüentemente essas discussões ultrapassam os muros das universidades e chegam em outras pessoas, como é o caso de nossas cartas, uma iniciativa de nossas professoras que, ao pensar a metodologia que transitaria em nossa disciplina, promoveram um espaço afetivo que pudesse estabelecer uma conexão com diversas comunidades.

Durante o diálogo com minha amiga, senti vontade de te conhecer, de poder conversar com você, saber um pouco mais profundamente o que você está sentindo? O que realmente te deixa tão triste e angustiada? Quais são seus maiores desejos? O que você almeja em seu futuro? E depois de uma deliciosa conversa, poder te abraçar e te acolher, senti vontade de te dizer que vai ficar tudo bem e que existem muitas pessoas que olham para você e te enxergam exatamente como você é: um lindo menino, um adolescente que tem planos e sonhos iguais aos demais que têm a sua idade. Gostei do seu nome, Yuri é um nome muito bonito, foi em homenagem ao primeiro homem a viajar pelo espaço, o Cosmonauta, Yuri Gagarin? Naquele dia, vim para casa e fiquei pensando de que forma eu poderia ajudá-lo. Foi quando iniciei esta carta, imagino que seja muito difícil o fato de não ter ainda sua identidade de gênero reconhecida e não ser tratado pelo nome social, além do apoio de sua família, das pessoas em seu contexto escolar, entre outros.

Talvez seja difícil para compreender, mas entendemos que muitas pessoas não sabem lidar ainda com essa situação, infelizmente a nossa sociedade é extremamente preconceituosa e perversa, existe uma imposição social que entende como normalmente apenas o sexo biológico. Essas pessoas resistentes em aceitá-lo como você é, não viveram e não compreendem as lutas da decolonialidade, vale ressaltar que o termo “decolonialidade” refere-se ao reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder, em decorrência disso, surgem questionamentos também sobre a heteronormatividade, sendo essa a imposição social que instaura numa força totalizadora dominante que dita o que cada um deve ser ou se comportar de acordo com os papéis construídos socialmente de cada gênero, além de questões binárias que excluem qualquer tipo de pluralismo de ideias, de viver e de ser.

Porém, através desta carta, queremos dizer a você que continuaremos lutando para que você e muitos Yuris, um dia possam ter todos seus direitos garantidos de verdade, continuaremos lutando por uma sociedade mais justa e igualitária, onde as pessoas não sejam julgadas pela cor da sua pele, pelo gênero ou por sua orientação sexual, pelo seu corpo ou qualquer outra forma de discriminação. Convidamos você a se juntar a nós nessa luta, porque como disse Mardonio José de Queiroz Barros, “tudo que nos divide nos enfraquece”.

Gostaria de convidá-lo a pensar um pouco sobre a coletividade nesses processos de movimentos sociais, uma ótima metáfora para representar a força que provocamos quando lutamos juntos é voltando nossa atenção para a natureza, a partir de uma planta. Essa planta, da qual estou me referindo, é um rizoma, em oposição a um modelo de árvore que é hierárquico e vertical, um rizoma se destaca por seu formato horizontal com inúmeras raízes que vão se conectando e se fortalecendo, de modo que conseguem emergir em várias partes do solo. Com isso, reflita sobre a partilha, sei que é difícil e que talvez você pense que está sozinho, porém sinta-se abraçado e sempre busque ajuda, pois, dessa maneira e de mãos dadas, vamos fortalecendo uns aos outros e brotando em inúmeros espaços.

De modo que nossa ação não esteja limitada apenas à leitura desta carta, gostaríamos de sugerir uma leitura, um livro que tem por título *Vidas Trans: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social* apresenta a biografia de quatro pessoas: Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e Tarso Brant, espero que de alguma forma essa leitura possa trazer reflexão, conhecimento e principalmente afeto em seu processo de (re)descobertas, luta e resistência.

Acreditamos que talvez seja um trabalho de formiga, cada dia, juntos, fazendo refletir, questionar e criticar, promovendo mais espaços que compreendam cada indivíduo dentro das suas

singularidades, e que não deva existir nenhum tipo de repressão a partir das singularidades dos indivíduos, sejam elas em relação à cor, gênero, religião, entre outros.

É necessária essa luta, de modo que possamos conseguir abrir brechas nesse sistema moldado por valores e concepções prévias, que dita o que é certo ou o que é errado, precisamos lutar para que políticas públicas eficazes intervenham em diversos campos que influenciam em problemáticas sociais que geram qualquer tipo de intolerância. Infelizmente, sabemos que você tem plena noção dos percalços que são enfrentados diariamente, porém devemos acreditar na nossa luta e resistência de modo que não seja tolerado qualquer tipo de preconceito.

Lembre-se, Yuri, quando se sentir triste, perdido, sem rumo, você pode buscar forças e inspiração através da arte, podemos citar escritores, poetas, artistas e cantores, como Natt Maat com sua música transfobia:

*Transfobia
Viva a sua vida
Cuide da sua vida
Que da minha vida cuido eu*

*Viva a sua vida
Cuide da sua vida
Que da minha vida cuido eu*

*Não é você que faz a decisão por ninguém
Ser Trans é ter uma vida e é ser um alguém
Não é você que manda no meu pensamento
Só entenda que cada um aqui tem o seu talento
Não é você que faz a decisão por ninguém
Ser Trans é ter uma vida e é ser um alguém
Não é você que manda no meu pensamento
Só entenda*

*90% delas estão na prostituição
Eu falo de uma realidade sem capacitação
Sem estudos por motivos inúteis ou até banais
O preconceito e a violência nas ruas são reais
Não conseguem estudar e nem conseguem trabalhar
O preconceito existe, é sério e está em todo o lugar
Eu falando de Transfobia parece ser vitimismo
Se não é sua realidade você mostra egocentrismo
Quanta notícia eu vejo falando mal dessas pessoas
Que nasceram, têm suas vidas e sabem que em algo
são boas
Proselitismo, perseguição, e toda essa invasão
Preencha todo o seu vazio com a sua ilusão
Se quiser falar em algo fale em psicológico
Só não venha me ensinar o que é um biológico
E não venha me julgar e falar da minha vida
Pois eu entrei aqui e não é você que faz a minha saída
Não
Segundo sites de pornografia o Brasil é o país que mais
consome filmes pornô de Mulheres Trans e Travestis e,
também segundo sites de estatísticas o Brasil é o país
que mais mata essa população
Transfobia mata
Preconceito mata
Ignorância mata
Intolerância religiosa mata*

*Não é você que faz a decisão por ninguém
Ser Trans é ter uma vida e é ser um alguém
Não é você que manda no meu pensamento
Só entenda que cada um aqui tem o seu talento
(Identidade de gênero é diferente de orientação sexual
O Brasil é um país que não ensina sexualidade não
ensina sobre identidades de gênero e a sua importância)*

*Viva a sua vida
Cuide da sua vida
Que da minha vida cuidado eu*

Acreditamos em nossas lutas e resistências, estas podem resultar em políticas públicas mais efetivas que abracem as individualidades e que intervenham ainda mais nesse sistema hegemônico e binário. Existe, por exemplo, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT) que auxilia no processo da criação e garantia de direitos, entre eles a do nome social, auxilia na resolução de conflitos e denúncias, além de apoiar as pesquisas desenvolvidas nesses contextos, existe também a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, uma rede nacional que desenvolve ações para promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais.

Com isso, queremos te dizer que você não está sozinho, muitas pessoas se importam com os seus sentimentos e querem te ver bem e feliz. À medida que o tempo for passando, seus desejos vão se tornando realidade, tenha paciência e lute por aquilo que quer. Que esta carta possa ser um abraço apertado e cheio de afeto para a sua alma; desejamos que você, Yuri, alcance todos os seus sonhos, e se em sua caminhada encontrar portas fechadas, com muita força você irá arrombá-las e conquistar muitos espaços, mas, inclusive e principalmente, a liberdade de ser quem você é.

Um grande abraço,

Josenilda Vieira, Cinthia Pacheco e Cynthia Almeida.

REFERÊNCIAS

BISCOITO FINO. *Renato Luciano: “De Toda Cor”* (Clipe Oficial), (5 min.20s). 11 de mai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>

Acesso em 15 de jan. de 2024.

BRASIL. *Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT)*. Brasília, DF: Senado Federal, 2018. Acesso em 20 de fev. de 2024.

MOIRA *et al.* *Vidas Trans: A luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social*. 2 ed. São Paulo: Astral Cultural, 2022. 176p.

NATT MAAT. *Transfobia – Naat Maat*. (2min.17s). 17 de ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0GIDsiF4tgo>. Acesso em 19 de fev. de 2024.

VÉRCIO. *Vércio - Diário de Bordo: 10 meses de testosterona* (7min:7s). 7 de set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wIWIGqPUO2Y&t=5s>. Acesso em 19 de fev. de 2024.

EU VOU APRENDER A LER PARA CONVIDAR
MINHAS CAMARADAS: UMA CARTA-CONVITE
PARA MULHERES PROFISSIONAIS DA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Nara Paixão Sacramento
Rosana Mercês Santos
Rozane da Conceição Silva Costa

Imagem 1 – Rio Paraguaçu entre as cidades de Cachoeira e São Félix - BA.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
(Evaristo, 2017, p. 25)

Escrever uma carta é estar por inteiro. Se despir, se dar, se doar, se desnudar do véu e deixar se envolver pelas suas subjetividades. Somos três mulheres que ingressaram no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, no curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), no ano de 2023, atravessadas pelos marcadores de raça, gênero, sexualidade e classe. Esta carta é o desenrolar de muitas conversas que se deram ao longo dos encontros semanais do segundo semestre de 2023, no Componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, orientados pelas Professoras Zuleide Paiva da Silva, Amália Cruz e Ana Lúcia Gomes da Silva. Conversas essas que envolveram tantos sentimentos, aspirações, dores, sabores, amores, afetos, de “ensinagem” e aprendizagem.

Imagem 2 – Card do componente curricular.



Fonte: Imagem do grupo *WhatsApp*, 2023.

Esta carta é um convite as profissionais da Educação Básica desobedientes (Odara, 2020), mulheres cis e trans que atuam na Educação, que atuam em diferentes cargos e que diariamente desobedecem. Desobedecem ao modelo educacional instrutor de corpos dóceis, da educação bancária, da reprodução brancocêntrica, patriarcal, racista, lgbtfóbica, padronizante, que constantemente regula os corpos em categorias, enaltecendo alguns e silenciando violentamente outros. Esta carta é para você, que faz movimentos que podem ser lidos como pequenos, mas são revoluções no seu espaço de trabalho e na sua vida. Esta carta é para você, que geralmente é lida como a profissional problema, porque o sistema está acostumado com pessoas obedientes e conformadas, e nós desobedecemos.

Antes de tudo, é preciso demarcar o papel que esta carta ocupa, já que não é uma simples escrita. Trata-se de uma “Carta Pedagógica Feminista”, e dessa forma, aqui são bem-acolhidos os feminismos plurais, que foram despertados através da apre-

sentação da ementa dos encontros do componente no começo do semestre. As explanações e as vivências dos participantes e das convidadas e convidados reagiram para percebermos a existência de outros feminismos, aguçando o nosso redor, como forma de rever posturas e contagiar pessoas para essa gira.

As Cartas Pedagógicas são um instrumento de diálogo cunhado por Paulo Freire (1993), mas não é um simples instrumento que possibilita o diálogo no processo contínuo de formação docente, é um instrumento político em que potencializa as dores e as delícias pedagógicas: as experiências, saberes, lutas, apagamentos, afetações. As cartas pedagógicas feministas colocam sujeitas(es) antes invisibilizadas com a palavra para conduzir a prosa. A carreira docente, apesar de ser majoritariamente feminina, não são esses corpos que legislam na garantia de uma educação de qualidade para todes/as/os como agentes ativas e valorizadas.

As cartas pedagógicas feministas colocam estes outros corpos em diálogo, pondo em crise os papéis de gênero, raça, classe e outros marcadores, que ditam quem são as(os) sujeitas(os) autorizadas(os) a falarem e pensarem sobre a Educação no Brasil. As cartas pedagógicas feministas cutucam a ferida da educação colonial e diz que “o lixo vai falar, numa boa” (Gonzalez, 2020, p. 78). Nesse sentido, a mulher é vista apenas como a professora de educação básica, não que isso seja algo menor, e sim algo amplo e rico, mas aqui criticamos a imagem da mulher associada ao cuidado como papel secundário. Esta carta vai na contramão desta ideia, é um convite emancipatório no campo da educação, apontando o componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” como uma encruzilhada potencializadora desta emancipação feminista. Este espaço é inaugurado com maestria para abrigar as pautas banidas e criminalizadas por leis normatizadoras na Educação Básica e criar rodas que conectem outros saberes e a outras pessoas que discutem o que (não) está na programação escolar.

Os exercícios vividos em cada encontro semanal do componente trouxe para nós um constante fazer em vento, em roda e gira, pensando em como as nossas vivências e atravessamentos possam ser divididos com outras. A todo tempo falávamos: “Como seria bom se mais pessoas pudessem estar aqui”. Esse sentimento se manteve aceso e a motivação surgiu: “Por que não escrever uma carta-convite?” Uma correspondência que tenha verossimilhança com o vivo e o provocado pelas conversas e escutas, fugindo da lealdade de sentimento que é inefável, mas se ater ao abraço e encanto de trilhas marítimas vastas, calmas e revoltas, experiências compartilhadas que não se podem se manter isoladas e sim partilhadas com outras muitas e mais. É por isso que escrevemos, e como afirma Chiziane (2013, p. 201) queremos “quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres” para assumirmos outras rotas determinadas por nós mesmas.

Nosso objetivo aqui é convidá-las a viver a intensidade, acolhimento, sororidade, aquilombamento das giras do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”. E o verbo não podia ser outro para este componente a não ser **viver**, pois as giras são as nossas vidas desnudas, sendo acolhidas e abraçadas, fazendo uma discussão teórica encarnada proposta por Messeder e Nascimento (2020). Ao longo dos encontros, muito pouco poderia ser previsto do que seria discutido, somente os textos disponibilizados anteriormente. Estávamos sempre ansiosas com o imprevisto de cada momento e como cada troca nos retroalimentava para manter a batalha pedagógica da resistência. Cada segunda-feira era o momento de aquilombar, de ouvir estratégias, experiências e nos nutrir de conhecimento para “aprender a ler” uma língua que comunique nosso corpo-presença-crença.

Os encontros foram todos pertinentes, interessantes e, principalmente, provocantes e nos convoca a outros saberes-fazeres docentes, para questionar o que está posto: por que está posto? Quem colocou? Por que estamos seguindo? Ao viver este componente é

dizer “não” para as normatizações do ensino que conseqüentemente oprimem e mantêm os papéis de subalternização de pessoas/grupos que não se veem representadas(os). Nas giras irmanadas gritamos que tipo de educação não desejamos mais, que não seremos agentes passivas, que não nos apagaremos a nós e aos nossas/nossos, as giras dos componentes foram e são emancipatórias.

Aos poucos, usando da sabedoria ancestral como quem quer equilibrar o tempero em uma comida, vamos colocando uma pitada do aprendizado das giras do componente, do MPED e do resgate aos ensinamentos das nossas mais velhas. Levamos para o chão da escola, acolhimento às narrativas das/dos estudantes, questionamos a normatização e nos embravecemos diante da docilização euro-hetero-cristã que as escolas insistem em manter. Depois deste componente, nossos estudantes encontraram professoras-confluentes, ainda mais militantes e o sistema por outro lado uma pedra no meio do caminho.

Muitos encontros foram pertinentes e interessantes e muito foi aprendido, o que traz para esta carta ancorada nas reflexões conversadas na roda com as convidadas Altamira Simões e Vitalina Santos com o título “Pensamento de Mulheres Negras”. O feminismo negro se faz presente intensamente na vida dessas professoras através da luta dos movimentos sociais e das associações de bairro, das heranças familiares, da universidade e dos acessos através de pesquisas e da própria mídia.

Maria Firmino dos Reis, Maria Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Sueli Carneiro, Karla Akotirene, Joice Berth, bell hooks, Vilma Reis, Nilma Lino Gomes, Petronilha Gonçalves e Silva são alguns nomes, assim como Dona Maria, Dona Zefa, Dona Silvina e tantas avós, muitas das nossas que praticaram a rebeldia, contribuindo para a nossa continuidade e presença, alimentando autoestima, perseverança e inspiração. Esse encontro-aula, de número 06, com as convidadas citadas acima, foi um espaço para

dividir acertos, ganhos, de ser acolhida para compartilhar dores e decepções, desse cenário da Educação Básica, pensando a respeito de direitos educacionais e justiça social.

O diálogo desta sexta roda ilustrava as diversas facetas do caminhar de mulheres negras em solo baiano, as micropolíticas realizadas no campo educacional e social pensando em ações que abordem a educação por um viés étnico-racial e na promoção de políticas públicas que assegurem a saúde desses corpos nesse processo garantam avanços e acompanhe possíveis e intencionais negligências.

Imagem 3 – Card da aula Pensamento de Mulheres Negras.

The card is a promotional graphic for a lesson. At the top, it features logos for UNEB (Universidade do Estado do Bahia), PPGED (Programa de Pós-Graduação em Pedagogia), DIFEB (Instituto de Desenvolvimento em Políticas Públicas, Econômicas e Sociais), and LEPEL (Laboratório de Estudos em Políticas da Educação, da Linguagem e da Letramento). Below the logos, the title 'PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS' is centered. Two circular portraits of women are shown: Vitalina Silva on the left and Altamira Simões on the right. To the left of the portraits is a QR code and the text '6ª aula', 'IMPERDÍVEL', '09/10', and '19:00h'. Below the portraits, their names and titles are listed. At the bottom, the title 'PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS' is written in a stylized font, accompanied by several pink flower illustrations.

UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DO BAHIA

PPGED

DIFEB

LEPEL

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

6ª aula

IMPERDÍVEL
09/10
19:00h

VITALINA SILVA
PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CAMAÇARI
MESTRANDA EM EDUCAÇÃO DA UNEB

ALTAMIRA SIMÕES
CEO - AYOMIDÉ YALODÉ COLETIVA DE MULHERES NEGRAS E LBTS
CONSELHEIRA NACIONAL DE SAÚDE EDUCADORA POPULAR

PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS

Fonte: Grupo do WhatsApp, 2023.

Vitalina Silva entrou na roda apresentando-se como militante dos movimentos educacionais e professora na cidade de Camaçari e dizendo, na sua fala, “precisamos criar espaços para nos ouvir e criar instrumentos de resistência e enfrentamento”, reivindicando a rotina das educadoras que são pouco acolhidas. Falando da sua

participação em fóruns e movimentos que reforçam um cenário educacional mais equânime e disruptivo. A fala inicial de Vitalina foi efervescente para pensar em quais caminhos e posições estamos adotando, para deixarmos de contribuir para um currículo colonizador e para o fundamentalismo, já que a educação tem um papel importante de mudança dessa engrenagem conservadora e massacrante.

A fala da professora Vitalina convida a uma decisão, para um passo de revolução das metragens e colonizações de nossos corpos e mentes. Chiziane também nos anuncia quando comunica que “se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como desejam” (2013, p. 202), convidando para que nós mesmas reclamemos o lugar das nossas pautas, omissões e riscos.

Altamira Simões, CEO Ayomidê Yalodê, apresentou-se como conselheira municipal de saúde, vivente de lutas diárias para corpos pretos abastados e dando voz às conquistas como o Sistema Único de Saúde, o SUS. Assim, no texto “O SUS é uma conquista do povo” indicado no componente, Altamira Simões diz: “é resultado da luta do movimento sanitária, do movimento negro e de mulheres; enfim, de todos os movimentos sociais que atuavam a favor de uma saúde que trouxesse princípios como equidade, integralidade e universalidade” (2020, p. 01). Uma mulher que afirma “que gosta de uma escrita livre” apesar de se referir às vivências acadêmicas traumáticas por não aceitar o conhecimento do *candomblé*, por exemplo, como modo de vida menor do que o científico.

A fala de Altamira abraça e convida aquelas pessoas que não se sentem capazes na academia, como muitas de nós já nos sentimos assim, acreditando que ser pesquisadora era se ausentar da pesquisa, omitir sentimentos, sensações e outros sentidos que não coubessem numa tabela, julgados como inválidos e incentivados a ignorância. Muitos corpos de mulheres no meio universitário são insultados e desafiados por minutos pela ótica androcêntrica.

Contra essa correnteza, Altamira segue nos irmanando e isso muito encanta. Ela afirma que “não estou aqui para contar corpos e sim falar de prevenção”, somatizando o que todas nós almejamos porque “o racismo vai criar novas tecnologias”, fala que Altamira também reforçou nesse encontro, alertando para a vigilância contínua.

Ter esse cenário proposto e ver potências em espaços de poder reafirma esse espaço para falar de nós, o Xirê para evocar saberes circulares, que aqui escrevemos e nessa gira nos apresentaremos mais à frente, afirmando o aprendizado que Lélia Gonzalez (2020) nos presenteia, afirmando que pessoas pretas precisam ter nome e sobrenome e ocupar espaços enquanto gente.

Quiseram uma mulher ignorante.
Eu já tinha lido o suficiente pra me proteger.
[...]
Apostaram que eu teria um subemprego.
Eu vislumbrei ir mais distante.
(Nascimento, 2014, p. 96-97)

Inspiradas em Anzaldúa, “a escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege” (1981, p. 232) e nos fortalece para seguir e não sucumbir. Estamos marcadas nesta escrita a várias mãos, pensamentos, formas de viver e estar no mundo. É um desafio o ato de escrever? Talvez, mas vamos experienciar esta aliança contingente que nos eleva, nos une para pautas que nos interessam como defende Butler (2018), já que semanalmente desafiamos a lógica individualizante de viver na universidade e nos acolhemos, nós cuidamos, respeitamos os silêncios e falas de desabafo. Apresentar-nos aqui é mais que rito da escrita, é “o que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras” (1981, p. 233), e assim faremos a seguir.

Nara Paixão Sacramento, mulher preta, mãe solo, soteropolitana, professora de Inglês no Recôncavo Baiano, filha de professora e industriário, que desde sempre foi impulsionada a ser aquilo que não caberia nas caixas, mesmo sem que os seus mais próximos imaginassem. Mulher expressiva, justa e generosa, mas “oito ou oitenta” em segundos, a famosa “braba”. Nara, a cidade do Japão ou “aquela que aproxima”, se apresenta como uma pessoa dedicada a agir com respeito, zelo e acolhimento com as outras. Aquela que anda acompanhada com o otimismo e em qualquer travessia, com sua preta velha, saudando os mais velhos ancestrais, principalmente os menos visíveis.

Rosana Mercês, mulher, branca, natural de Santo Antônio de Jesus - BA, que encontrou pertencimento na calmaria do Capão - Chapada Diamantina, mãe de Frida, apaixonada pelas leituras e coordenadora na escola do Capão. Amante de conversas, diálogos e trocas, uma eterna descobridora de horizontes próximos de forma humilde, em constante diálogo. “Zana” como é chamada carinhosamente, segue pensando numa Educação Básica menos fragmentada, mais zelosa e comprometida com as suas e os seus estudantes do Capão, local bastante rico e inspirador e no seu fazer pedagógico resiste aceitando cuidado e outras energias pedagógicas para a mudança.

Rozane da Conceição Silva Costa, mulher, negra, baiana, eu sou dali da beira do Rio do Paraguaçu, da cidade que pulsa no ritmo do *reggae* da família Gomes e do samba de roda, sou de São Félix - BA, mas trago o Recôncavo no coração. Sou pedagoga por formação, atuo na Educação Infantil e é trabalhando com os mais novos que me conecto com o passado, com as rodas de contação de história da minha avó, com a agitação das rezas de São Cosme, todo dia no meu trabalho é dia de Erê.

Escrever é poder. Estamos dispostas a disputar este espaço que nós lançamos a escrever, nos despir, tomar a palavra para nos anunciar, como mulheres nordestinas, baianas, professoras,

estudantes e inconformadas com as nossas realidades, buscamos nos afetar e afetar as vidas das pessoas com nossa prática.

Conceber uma carta é uma reverência, um ato *Sankofa*¹, que colhemos aquilo do que as nossas semearam e lutaram para que hoje possamos ocupar espaços de poder e decisão na academia. É um ato contra uma hegemonia que sempre esteve interessada em esconder outras verdades (Kilomba, 2019) daquelas narradas, uma delas é que somos mulheres de realeza, produtoras de conhecimento e sementes de mudança.

A epistemologia antirracista embute práticas de mulheres militantes (Liston; Backes, 2023) para um ativismo de questionar o *status quo* com o simbolismo de movimentar outra página, de um novo caminhar, com escrituras que só serão possíveis no momento que abandonamos os manuais e nos permitirmos nos perder na imprevisibilidade (Ostetto, 2019) que a vida nos presenteia. Muito já foi dito sobre nós, por outros, como deveria funcionar esse ser-sendo a todo instante.

Essas denominações grotescas, nós já fomos apresentadas e respondemos com: Não! Dispensio o “tão pouco” da imensa ignorância dominante que seus olhos detêm. Mares, tormentas, grandezas e longitudes. Essa reviravolta é constante, como combustível para um corpo que se apresenta nesse porvir. Essa transformação vem muito das trocas e vivências dos encontros do componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, que estamos sempre imaginando aquilo que não se mede antes de cada encontro, porque sempre uma nova sensação é despertada, uma fala que arrepia, um corpo que aparece e resplandece nessas rodas e gingas, como o encontro com as professoras Vitalina Santos e Altamira Simões que desenham um momento magistral.

1 “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.” (Nascimento; Gá, 2009, p. 27)

Tá na hora de reagir
Entender que somos gigantes
Ocupar o nosso lugar
Acolher nossas almas

Nunca é tarde pra replantar
Nossa terra é de amor infindo
A semente vai germinar
É assim que a vida é
(Ferro, 2019, s/p)

Dessa maneira, não se pode deixar essa experiência ecoar isoladamente e nesse pensamento de nós, usamos esse momento para te convidar para essa roda - que ginga, pulsa, comove, atravessa, afeta e eleva -, que precisa se manter circulante e contaminada por várias mãos, sem comparações, hierarquização de saberes ou julgamentos. O componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” é para você!

Permita-se girar essa chave e viver experiências, trocar e se acolher nessas descobertas e no compartilhamento desses saberes “construídos em movimentos sociais” (Gomes, 2011, p. 137) e acadêmicos também. A roda gira para oportunizar outras vivências, que crescemos e nos deparamos com outras formas de ser no mundo, com outras oportunidades e criatividade.

Aqui é só o começo de muitas narrativas de nós, de reafirmação de um corpo que pode se tornar acadêmico, digno de qualquer lugar. Sinta-se mais do que convidada nessa experiência, sua cadeira já está reservada, junto com abraços, olhares, risos, choros, gozos e arrepios. Saiba que esse lugar é de aquilombamento, com respeito, cuidado, divergências e como trampolim para outras arruaças como quem sabe, uma seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da UNEB, ampliando caminhos de pesquisadora. Tudo é possível!

E para selar o início desse movimento, precisamos realizar uma cerimônia, uma consagração. Leia essas frases e realize os movimentos, em seguida:

- Feche os olhos;
- Respire;
- Sinta seu redor;
- Experimente os cheiros, os sons e as sensações, ouvindo o som da sua respiração;
- Agradeça por tudo vivido;
- Celebre o que virá, estando aberta para o novo e na esperança de dialogar com o que transformará seu olhar para sua volta;
- Respire fundo e solte o ar;
- Agora, abra os olhos devagar;
- Olhe esta carta e experimente um sorriso, rememore esse pacto no seu consciente;
- Respire, inspire e se abraçe.

Salve cada instante desse momento, pois esse é um pacto de sensações estabelecido consigo mesma, assumindo trilhar essa jornada, conviver a cada instante, dialogar e aprender. Saber que essa jornada é sua, e que a partir de agora, você decidiu, (re) começar. Assine esse elo e seja-bem-vinda, com todos os hifens conectados no saber de que muito de maioral é imaginado e é desejado a você nesta carta-convite, ainda mais sacramentada com as sábias palavras de Ryane Leão (2019).

todas as revoluções
que eu desejo
começam em mim
(Leão, 2019, p. 7)

Sua assinatura linda!

REFERÊNCIAS

- Adinkra*: sabedoria em símbolos africanos. NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). Rio de Janeiro, Pallas, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas*: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos feministas, ano 8, primeiro semestre, 2000.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.
- CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*. V. 5, n. 10, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3 ed. Rio de Janeiro, 2017.
- FERRO, Flaira. *Germinar*. 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/flaira-ferro/germinar/> Acesso em 29 de nov. de 23.
- FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro no Brasil*: ausências, emergências e produção de saberes. Política e sociedade. *Revista de Sociologia Política*. V. 10, 2011, p.133-154.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios, Márcia Lima (Orgs.). 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação* - Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LEÃO, Ryane. *Jamais peça desculpas por me derramar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- LISTON, R. C. F. S.; BACKES, J. L. Conhecimentos provenientes das epistemologias antirracistas postos em circulação nos currículos por professores negros. *Revista Educação e Emancipação*. 16 (3), 2023, p. 336-360.
- MESSEDER, S. A. Em cena o(a) pesquisador(a): um conceito e/ou um instrumental teórico-metodológico em seu devir ético e estético. In: MESSEDER, S. A.; NASCIMENTO, C.G. (Orgs.). *Pesquisador(a) Encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. Salvador: Edufba, 2020.

NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. *Terra Fértil*. São Paulo: Ed. da autora, 2014.

SIMÕES, Altamira. *O SUS é conquista do povo*: afirma Altamira Simões. SEMANAON, Campo Grande - MS, 15 dez, 2020. Disponível em: <<https://semanaon.com.br/entrevista/o-sus-e-conquista-do-povo-afirma-altamira-simoes/>> Acesso em 30 de nov. de 2023.

OSTETTO, Luciana. *A pesquisa em círculos tecida*: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, Adrienne O.; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayu, 2019, p. 47-71.

ODARA, Thiffany. *Pedagogia da Desobediência*: Travestilizando a Educação. Salvador, Editora: Devires, 2020, p. 130.

CARTA-POESIA PARA TODES PROFESSORUS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Yasmim Araújo do Nascimento
Estefane Mendes da Silva

Queridos/as/es Professores/as/us da Rede pública de ensino, nós (Yasmim Araújo e Estefane Mendes) gostaríamos de endereçar a vocês esta carta-poesia, movida pelas discussões do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias decoloniais”, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED/UNEB, como alunas especiais. Temos como objetivo orientar/movimentar as práticas pedagógicas através da poesia, a fim de inquietar o currículo, desobedecer às nossas escolas, fundamentadas ainda nos moldes coloniais, e fazer rebuliço nas mentes e corações de nossos alunos/as/es. Embora nossa carta-poesia esteja voltada para todos/as/es professores/as/us da Rede Pública de Ensino, queremos alcançar de forma mais esperançosa as professoras lésbicas, mulheres que amam outras mulheres e se sentem invalidadas no corpo escolar/ descentradas das conversas corriqueiras na sala dos professores e confraternizações eventuais/ que, muitas vezes, é chacota do porteiro e secretário por não performar feminilidade, ou performar a ponto de parecer absurdo não heterossexualizar. Mas inspiram diferença e rebeldia grandiosa no meio fio da sala, construindo referências.

*enquanto corpo deslocado no mundo
que beira à margem
à quina
o meio fio
descentrado do lugar de origem
para as periferias
reco à esquerda
pelas extremidades
das coisas
enquanto corpo acidentado
pelas avenidas identitárias
fragmentam o eu
espero socorro
epistemológico
é sempre discursivo
nunca biológico
esse corpo desviante
da norma
intercepta histórias e
estórias
nas encruzilhadas de oferendas
ancestrais
recurso pioneiro
onde corpo se desfaz
em descontinuidades
rotas fraternas
reparando as arestas
coloniais
enquanto corpo violentado
pelas rotas ocidentais
desaguo subjetividades
a fim de tornar me sujeito
destas embarcações (Poesia Autoral, Araújo, 2023).*

Nos sulearemos a partir de algumas rodas-gingas oferecidas pela disciplina, trazendo o recorte de duas rodas em específico, pela proximidade e conexão com as ideias compartilhadas. Mas antes de darmos início a essa escrita reflexiva, gostaríamos de dizer que respeitamos a docência, partindo desse lugar também de professoras lésbicas da rede pública, entendendo-a como fonte inesgotável de cara coragem, de ebulição dos conhecimentos e desconhecimentos, de força geracional e intuitiva para aprender e desaprender infinitas vezes.

Eu, Yasmim, somando a força da palavra com a solidificação dela, referencio Audre Lorde (2019), ao dizer que precisamos transformar o silêncio em ação, desejando que essas palavras não apenas fixem em suas mentes e corações, mas que nos levem a transgressão completa.

Eu, Estefane Mendes, rememoro e referencio Marielle Franco (2018), ao dizer que “Não Seremos Interrompidas!” Nossa voz, lésbica, negra, precisa ser ecoada cada vez mais, não toleraremos interrupções de corpos misóginos, machistas, racistas, que não sabem ouvir e que perpetuam desigualdades.

Escolhemos a linguagem poética porque acreditamos que a poesia é o cerne da alma, ela expande nosso potencial de transformação, faz movimento voluntário de enxergar por outras óticas, mais encanto, onde mundos possíveis dialogam. Esses mundos são os nossos, que tateiam o chão da escola, mas também é atravessada por outras vigas, vigas de ferro, fibras de sisal, ou incineradas pelo fogo:

*todas nós temos uma história com o fogo!
voluptuosas
degenerativas
transcendental
nascida de parto natural
mãe solo*

*de forte ligação com a terra
soube desde mais nova
a quem meu coração se destina
e de onde vem toda revolta
quem sustenta minha história
minhas labutas
é na curva que o vento faz
no que a memória traz
ainda que cheia de recortes
que eu vejo uma mulher forte
de pele escura, e cocar
recitando poesia
atravessando
meu andar
cantando iorubá
sussurrando segredos de sobrevivência
por onde quer que eu vá (Poesia Autoral, Araújo, 2023).*

Evocada pela poesia, gostaríamos de começar introduzindo esta carta tocada pela roda-ginga intitulada “Pensamento de Mulheres Negras”, que fez nosso coração bater mais forte, entendendo o contexto majoritariamente composto por alunas/os/es negras/os/es. Ainda, mergulhadas em um currículo tradicional, que mata simbolicamente o dialeto, nosso pretoguês, e nosso sotaque arrastado, marcado pela geografia sisaleira e pelos assentamentos e quilombos de Conceição do Coité.

Recém-graduadas e sedentas para atuar onde a diferença fosse agenciada de forma política e redentora, fortalecidas por umas referências, ausentes de outras, caminhamos sob solo duvidoso, até nosso encontro com o MPED. Encontro esse, que revolucionou nossos olhares direcionando-os para as margens, para as quinas, fazendo recuo à esquerda, descentralizando muitas coisas, a fim de construirmos uma subjetividade radical e potente.

Quando retornamos à docência, ainda efusivas pelas teorias acadêmicas, muitas vezes, sentimos o chão sob nossos pés rachar, o teto onde paira nossas cabeças estremecer, as paredes desmoronarem, e só aí nos damos conta que o chão não é feito de concreto, podemos perfurar. Os nossos alunos/as/es já fazem essa estrutura ceder com seus corpos-vidas, marcados pelas experiências cotidianas do racismo, do machismo, da gordofobia, da lesbofobia, da transfobia e outras opressões acumulativas que parecem nos engolir. É como estar na boca do lobo e ainda assim o desafiar. Essa tem sido nossa resistência enquanto professoras lésbicas!

Por muito tempo, diante dos nossos atravessamentos enquanto professora/ negra e professora lésbica nos questionamos: Como socorrer uma vítima, se nós ainda estamos acidentadas? Se não fomos amparadas e a ferida ainda tem sangramentos? Aprendemos nesse encontro a cura coletiva, podemos vociferar juntas, professoras lésbicas e alunos/as/es. Afiar a ponta do lápis, de punhos e peito inflame vamos narrar caminhos, forjar estratégias, orientar os reparos, para erradicar os danos, descentralizar os cânones e ajudá-los a protagonizar as leituras e literaturas, narrar em primeira pessoa, situar as referências, validar a diferença como potencialidades inegociáveis para a branquitude:

*primeiro evocaram silêncio
à violência epistemicida
censuraram a fala
interromperam a escrita
julgaram ser rebuscada
jargão, fonte desconhecida
enquanto o português
não valida a lírica do gueto
porque é colonial demais
o pretuguês
é língua legítima
eu peço licença*

*aos cânones
pra outras vozes ressarcir
e teorizar intelectualmente
das margens pro centro
essas contra narrativas
que para além da prosa
é também poesia
fala a partir de
um lugar
de agonia
de quem quer ser entendido
enquanto sujeito ativo
no processo
não quer ser mais objeto
de pesquisa
dentro de uma visão essencialista
que reduz vidas
e minimiza subjetividades
escamoteando-as
e colocando-a em papel de outridade
mas que bom que já começamos a escutar
a verdade
essas vozes
não mais distantes
elas beiram em nossas estantes
e nas instâncias de poder
já alcança
e entende as possibilidades de ser tantas
coisas em um ser só
porque essas experiências outras
contam inverdades
que a sociedade insistiu em sustentar
assertivamente
isso é só pra dizer que daqui pra frente
a gente sabe que conhecimento validar (Poesia Autoral,
Araújo, 2023).*

Convidamos vocês a beberem da fonte desse recurso pioneiro, que é o pensamento de mulheres negras alinhado às pedagogias feministas. Porque de fato, foram as mulheres negras duplamente feridas pelas avenidas identitárias, que articuladas frente a essas opressões, pensaram nessa ferramenta de cuidado que hoje chamamos de interseccionalidade. bell hooks (2017) nos ensina que nenhuma teoria que não possa ser usada em uma conversa cotidiana não pode educar um público, por isso a importância de uma pedagogia popular, preta, rural, afetiva. Por isso educar através de uma líder quilombola, de uma mãe solo, de uma mulher de terreiro, de uma lésbica, de uma mulher trans, de uma anciã, uma artesã, uma mestra da capoeira, é sacudir o alicerce da educação. Entendemos que as nossas experiências e a de nossos/as/es alunos/as/es não podem partir unicamente de um repertório, partindo do pressuposto que somos constituídos pelas amefricanidades.

Queremos que vocês se permitam refletir sobre suas práticas pedagógicas, cativar novos olhares, construir juntos/as/es um ambiente escolar de acolhimento e de amorosidade. Também, se faz necessário, pensar sobre qual é o seu conceito de docência, como vocês enxergam o ato de lecionar.

A intenção é enxergar a escola como um feixe de palha, onde nós só precisamos acender/ fogueirizar. Apegamo-nos às palavras da professora Nilma Lima Gomes, palavras que fizeram eco em nossas mentes, respondendo nossos anseios, aqueles mais direcionados à falta de respeito e ética da gestão escolar, que descredibilizam nossos corpos docentes e se camuflam na sombra dos princípios progressistas, mas destilam ódio e preconceito gratuitos nos corredores e reuniões extraescolares, a fim de menosprezar nossas práticas. Gomes (2010) vai nos dizer que não basta só o reconhecimento do Outro, mas precisamos reconhecer esse Outro com o direito de viver a sua diferença e ver sua cultura e sua identidade respeitadas tanto no cotidiano das escolas e dos seus currículos quanto na política educacional.

Aprendemos bastante nessa roda-ginga e gostaríamos de sugerir a vocês repensarem nossas práticas e aderirem às novas possibilidades, como, por exemplo, “A sociologia das ausências e emergências”, na qual consiste em transformar os educandos e educadores “impossíveis”, em corpos possíveis. Transvertendo ausências em presenças.

“As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando da nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas” (Marielle Franco, 2017, Web).

Nesta carta-poesia, queremos marcar o nosso lugar enquanto Professoras Negras Feministas e Lésbicas. Nosso objetivo é construir coletivamente práticas emancipatórias, libertadoras e que representem nossos corpos nos espaços docentes. Escrevemos com paixão em nossos corações, pulsando alegria pelo caminho que trilhamos até aqui e também esperançosas, pelo que ainda está por vir.

Em mais um encontro (entre os muitos), tocante e potente, gostamos muito do que foi construído na roda intitulada Pensamento Lésbico. Refletimos sobre a colonialidade da sexualidade, envelhecimento de mulheres lésbicas e práticas educativas de professoras negras lésbicas.

“O que é ser mulher? O que cada uma de nós já deixou de fazer ou fez com algum nível de dificuldade pela identidade de gênero, pelo fato de ser mulher?” (Marielle Franco, 2015, Web).

O questionamento sobre o que é ser Mulher vem muito forte em nossa sociedade e ainda mais, para os corpos de mulheres negras e lésbicas. O processo de invisibilização se apresenta de maneira muito ferrenha. E na Educação não é diferente.

Os corpos docentes negros-lésbicos além de taxados e demarcados como “anormais”, ainda são estereotipados como incapazes de terem uma relação afetiva, respeitosa e digna. As mulheres idosas lésbicas carregam consigo a luta por uma justiça

epistêmica, elas que negociaram tantos espaços para que em nossa contemporaneidade possamos ser mais insurgentes em nossas trajetórias identitárias.

Não temos como não citar bell hooks e seu livro *Ensinando a transgredir - a Educação como a prática da liberdade*. hooks nos lembra que a educação tem o poder da conexão, conecta a vontade de saber com a vontade de se tornar. Desse modo, os entrelaçamentos no chão da escola, não podem deixar de ter relações com a vida em sociedade, com a diversidade, o respeito e principalmente a liberdade.

hooks também nos diz que “a aprendizagem é um lugar onde o paraíso pode ser criado” (2017, p. 30), nos fazendo questionar, quais são os paraísos que estamos criando? Ao discutirmos sobre as práticas educativas em nossa sala de aula, precisamos entender a necessidade de formação, a busca por novos conhecimentos e reconhecendo nosso lugar, enquanto mulheres negras e lésbicas, exercendo sua função pedagógica docente.

Dessa maneira, a gente segue resistindo, o tempo todo. A gente segue ativas, militando e fazendo discussões interseccionais. Porque em nós, o esperançar é vívido, sabemos que a luta não pode parar.

Chimamanda Adichie (2019) nos diz que as mulheres que estão nos espaços de poder, de fato, necessitam abraçar, acolher e construir com outras mulheres. E é assim que desejamos construir juntos/as/es. Lado a lado, ocupando cada vez mais os espaços de poder e fazendo pequenas revoluções por onde chegamos.

Por fim, finalizamos também com poesia, falar de amor, falar dos corpos LGBTQIAP+, falar de liberdade! Esperamos que essa carta-poesia aqueça seus corações, querides professorus. E convidamos vocês para lutar junto conosco, a luta não se faz sozinha; com aliados/as/es, somos mais fortes e conseguiremos trilhar uma educação emancipatória e livre de preconceitos. Vamos juntos/as/es transgredir?

*o afeto te afeta e te faz um ser melhor
estar com quem se ama
deixa mais leve a trama da vida
do amor à morte
da alegria a tristeza
do caos a lama
a sociedade misógina e patriarcal
querem proibir o nosso direito de amar
pan, gay, queer
cis, trans, lesb ou bi
somos resistência de corpo presente
NÃO ACEITAREMOS SEUS RÓTULOS!!!
Ditadores, defensores da “Família Tradicional Brasileira”
POIS BEM.
ABRAM as portas dos armários
que vamos passar pela avenida, sorrindo, espalhando con-
fetes e fazendo Carnaval (Poesia Autoral, Mendes, 2023).*

Abraços Afetivos, com amor

Ester e Yas

11.12.2023.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, 2013.

LEMOS, Ana Carla da Silva. *Movimentos de lésbicas de Pernambuco: uma etnografia lésbica feminista*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MESSEDER, S. A. Memórias e cenas narradas sobre a infância e as relações de gênero na linha de vida da professora universitária e da pesquisadora encarnada. *Revista Periódicus*, 1(9), 2018, p. 122-135

SARDENBERG, Maria Cecília Barcellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Maria Cecília Barcellar. (Org.) *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.

SILVA, Zuleide Paiva. *Sapatão não é bagunça: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia* 2016. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador - BA, Brasil, 2016.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAÚJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra hegemônica. *Revista de Estudos Feministas*. V. 29, n. 3, Florianópolis, 2021.

CARTA ABERTA: FEMINISMOS NO TEMPO PRESENTE – HOMENAGENS AO PASSADO E LUTAS PARA O FUTURO

Ana Paula Neves Lins
Andressa Ferreira
Gabriela Carneiro Maciel

“Pés, por que os amaria, se tenho asas para voar?”
(Frida Kahlo, 1953, não paginado).

Escrevemos esta carta para vocês, mulheres do passado, que vieram antes de nós e lutaram para que a nossa condição, nosso espaço nesse mundo fosse melhor, para que nossa luta e tantas outras lutas humanitárias evoluíssem. A todas vocês, prestamos toda homenagem e toda honra por meio desta carta. Aqui, mostramos o quanto as suas lutas nos permitiram continuar lutando, desconstruindo e construindo humanidade.

Vocês, mulheres do futuro, que agora no presente são grandes meninas, nossa intenção é escrevê-las para situá-las do nosso presente, da nossa luta. Esperamos que esta carta impulse as lutas futuras, as inspire a continuar essa jornada que não é fácil, mas é por meio delas que podemos modificar nossa realidade e garantir que a sociedade se torne cada tempo mais humana.

Escrevemos esta carta como documento de finalização do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Educa-

ção e Diversidade - MPED, da Universidade do Estado da Bahia. A proposta da atividade surgiu como uma forma de transpor ideias, sentimentos e inquietações desenvolvidas durante o percurso das nossas gingas. Acreditamos que este seja o papel de uma carta pedagógica feminista: inquietar, provocar, mas, ao mesmo tempo, acolher e encorajar. E a atividade proposta também foi de extrema importância para (auto)reflexão e, principalmente, por nos apresentar outras possibilidades de escritas.

Ao continuarmos a apresentação, precisamos também enunciar quem somos, não? Então, começando por Gabriela, que é uma mulher nordestina, baiana, heterossexual e branca, que aprecia a literatura e as diversas formas de arte, e a partir desse lugar encontrou a sensibilidade, encontrou um lugar para traçar um olhar mais sensível e poético sobre a vida. Já Ana Paula é uma mulher nortista, de Belém do Pará, bissexual, branca e que tem uma intensa sede de ir além. Que faz dos conhecimentos do dia a dia, parte essencial para o florescimento de uma eterna aprendiz. E Andressa é uma mulher branca, heterossexual e moradora do Estado de São Paulo, que busca em Lélia Gonzales e tantas outras autoras inspiração para aprender com e entre mulheres. Nós três fazemos parte da classe trabalhadora, enxergamos nas lutas sociais a importância para a emancipação de todas, todes e todos.

E é a partir dessa pluralidade de corpos, lugares e pensamentos que escrevemos esta carta. E foi a partir dessa mesma diversidade que tanto dialogamos sobre as rodas de conversas e todos os momentos que nos tocaram em sala de aula. Seja nos debates sobre transfeminismo, sobre feminismo negro, sobre feminismo e educação todos esses se somaram para que pudéssemos nos inspirar na escrita e essas linhas.

As gingas realizadas com as companheiras e também companheiros participantes nos fizeram muito pensar nas mulheres de luta, revolucionárias, que nos antecederam e nas que virão

depois de nós. Pois se hoje nós, mulheres, podemos votar ou até mesmo cursar um ensino superior, é porque muitas outras mulheres lutaram pela garantia dos nossos direitos. E as lutas de hoje servirão também para o nosso amanhã, para aquelas que vêm depois de nós.

Assim como a Geografia, consideramos espaço e tempo como “um conjunto indissociável”, refletimos sobre como o que somos hoje é a continuidade de muitas que já se foram; e de como no amanhã também tem parte do hoje.

E quando falamos sobre feminismo? Ou seria melhor feminismos? As lutas das mulheres (sim, o plural é necessário) que atravessam espaços-tempos muito nos instigam por esta também ser a nossa própria luta, que atravessa a nossa experiência de ser-existir nesse plano.

Desse modo, vejo que na própria matéria cursada, uma revolução também é feita. Ocupar espaços acadêmicos com debate sobre gênero e feminismos, bem como outras epistemologias para além das canônicas, também é uma revolução. Ver mulheres negras, LGBTQIAPN+, da classe trabalhadora ocupando espaços acadêmicos, também é uma revolução. Queríamos que todas que vieram antes soubessem disso: passo a passo, construímos outros caminhos, e vocês foram fundamentais!

Lembramos que, em uma das primeiras gingas feministas, durante a sua apresentação, a Profa. Amália citou a seguinte frase: “meu compromisso dentro da universidade é com a classe trabalhadora”. Aquilo ecoou por dias em nossas cabeças! (Re) pensar nossas ações na sociedade, bem como os compromissos que temos com muitas por ocupar determinados espaços, é algo mais do que necessário: indispensável.

Dito isso, vemos nas pedagogias feministas possibilidades para enfrentarmos e desvendarmos muito sobre nós de forma plural - por um plural não excludente, mas sim somatório, em que

os atravessamentos dialoguem, em que as propostas de dinâmicas nos ajudem e nos ensinem e não nos eliminem e meramente nos classifiquem.

Queridas, ao longo desse componente, tivemos ainda mais noção de que a nossa revolução é cotidiana e transpassa qualquer ideia delimitada de espaço-tempo; e quando falamos das pedagogias feministas, não podemos deixar de compartilhar com vocês este excerto que muito me instiga:

Assim, o desafio das pedagogias feministas é borrar o conhecimento historicamente autorizado e o consequente domínio político firmemente situado nas mãos de homens brancos, cristãos e heterossexuais. Nessa perspectiva, essas pedagogias na sala de aula, no pátio, nos corredores da escola apontam outros olhares, outros horizontes. Apontam para as encruzilhadas do ser/saber no “novo mundo”. A proposta poética/engajada das pedagogias feministas se pretende como mais uma possibilidade política de enfrentamento de práticas racistas, sexistas e LGTT-fóbicas no intento de reinventar as relações para o bem-viver em sociedade (Ferreira e Silva, 2021, p. 92).

Outro ponto fundamental de aprendizado nos últimos meses é que, muito mais que uma alternativa ao “cistema” de ensino em sala de aula, as pedagogias feministas também repensam as várias práticas de socialização e aprendizados, até mesmo em uma plataforma online, como foi em nosso caso. Mas falamos também de aprendizados diversos, que englobam corpos diversos, experiências diversas e que todas são importantes para a compreensão plural do aprender-sensibilizar. Falamos sobre sensibilizar, pois concordamos com Paulo Freire (2019, p. 127) quando o mesmo diz que “Educar é um ato de amor, e por isso, um ato de coragem”. Concordamos tanto que acreditamos que

a educação é um ato de sensibilidade, e o aprendizado também é um ato de amor e coragem. E quando falamos de aprendizado, vamos além das “matérias” encontradas nos currículos, mas pontuamos sobre o aprendizado do dia a dia, que também move corpos e estruturas em prol de um saber compartilhado, como assim deve ser.

E refletimos sobre tudo isso, pensando em quantas de nós tivemos nossos caminhos interrompidos. De formas trágicas que vieram a público, como ocorreu com Marielle Franco e tantas outras. Mas também de formas silenciosas, como acontecem com centenas de mulheres que, apesar de respirarem, estão presas nas amarras da misoginia, no machismo que nos assola a cada dia, e do capitalismo que transforma nossos corpos em meros objetos e tanto nos explora, e tem seus futuros interrompidos pela quebra das possibilidades que poderiam desvendar.

Enfim. Depois de tanto compartilhar e tanto refletir, prosseguimos esta carta pontuando para as mulheres que vêm depois: já percorremos muito por aqui, mas sempre será necessário irmos além. Afinal, todas nós temos direito de ser livres a partir das nossas diversidades, assim como nossos saberes estão aqui para ser ainda mais compartilhados. Esperamos que o mesmo tanto de inspiração e instigação que as gingas das pedagogias feministas nos trouxeram também sejam um dia compartilhadas entre vocês, com muitos avanços, pois outros e mais passos, sem dúvidas, serão dados. Voem!

Além das reflexões tecidas até aqui, é fundamental pontuar que estamos escrevendo para vocês, para tratar também sobre a nossa luta, agora, no presente e como estamos aprendendo a lutar realmente a favor da vida e enxergar a todas, todes e todos. Relatamos a vocês que a consciência que pousou sobre as nossas mentes, por meio das rodas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, foi que a luta não é individual. As mudanças não ocorrem se os movimentos pelos

quais participamos, lutamos e defendemos agem de forma isolada e sem olhar para quem e o que está ao nosso redor. É preciso haver alianças entre os movimentos.

Acima de tudo, a luta deve ser humanitária e, por meio dela, espalhar também humanidade. Nossas ancestrais, no nosso presente ainda não há humanidade como deveria haver, irmãs do futuro, bem, esperamos com alguma ponta de esperança de que o sentimento e ações humanas estejam mais presentes nesse futuro em que vocês se encontram. Queremos relatar a vocês também sobre a nossa indignação com o feminismo tradicional, burguês e branco. Apesar de ter lutado contra as opressões machistas e patriarcais, lutaram isoladamente. Quando foram reivindicar por voto, educação, quando lutaram contra o estupro e tantas outras causas, as feministas tradicionais não pensaram nas suas irmãs negras, indígenas, latino-americanas e trans; portanto, tudo o que conquistaram não chegaram às mulheres que não estavam inclusas na sua bolha, bolha branca e burguesa, ou seja, lutavam contra a opressão masculina e estavam sendo, ao mesmo tempo, opressoras das outras mulheres.

Diante desse choque de realidade, compreendemos que o feminismo tradicional também foi responsável pela desigualdade que vivemos hoje, pela rivalidade entre as mulheres, pelo preconceito de ver nas nossas irmãs o perigo. Pela falta de irmandade, alianças e humanidade, a luta feminista tradicional não alcançou grandes proporções como deveria e se tornou antidemocrática, fechou os olhos, os ouvidos, os braços para as mulheres negras, trabalhadoras pertencentes às outras classes sociais, não olharam para as mulheres da América Latina, para as mulheres indígenas, para as mulheres não brancas, para as mulheres trans.

Diante disso, nos indagamos o seguinte: como vamos apoiar e lutar por um feminismo que exclui, que não tem humanidade, diversidade, democracia, sonoridade, empatia? Rupí Kaur (2020, p. 195), uma poeta contemporânea, nos alerta:

procure mulheres ao seu redor que têm menos espaço que você, ouça escute-as e coloque o que elas dizem em prática - *amplifique a voz das mulheres não brancas. Indígenas.trans.negras.pardas.*

Atendendo não somente a esse conselho da poeta Kaur (2020), mas a tantos outros que ouvimos nas rodas sobre feminismo negro no componente curricular que citamos anteriormente, é que nos propomos a conhecer, valorizar, respeitar e colocar em desenvolvimento o que essas mulheres nos ensinaram e o que têm a nos ensinar. E viemos compartilhar nesta carta um dos muitos ensinamentos importantíssimos que foram responsáveis por desvendarmos os nossos olhos sobre a luta feminista. Olhando através da lente do feminismo negro, estamos aprendendo a enxergar a história, as experiências, as vivências de cada mulher e, também de cada pessoa. Referente a isso, Collins (2017, p. 8) relata que:

[...] as mulheres afro-americanas faziam parte de um movimento mais amplo de mulheres, em que mexicanas e outras latinas, mulheres indígenas e asiáticas estavam na vanguarda de reivindicar a inter-relação de raça, classe, gênero e sexualidade em sua experiência cotidiana.

Nas rodas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, principalmente nos encontros que discutiam sobre o feminismo negro, nos foram apresentadas, não só, as questões feministas, mas questões humanas e a maneira de enxergar e lutar pela vida de *todxs*. Dessa maneira, abrangeu-se desde o lugar do “eu”, de maneira que as nossas experiências e histórias de vida tornam-se escrevivências nos textos acadêmicos, como foi o caso da professora Maria Anunciação da Silva, que fez uma belíssima pesquisa sobre as narrativas de pessoas negras que residem na zona rural, relacionando a sua

trajetória educacional, sua formação como professora e sua relação com seus antepassados em sua escrita, além de pontuar que as nossas histórias podem, sim, ocupar a academia. E no decorrer de outros encontros sobre o feminismo negro, estenderam-se às reflexões e discussões até sobre a maneira como somos posicionadas, tratadas, consideradas, abordadas em sala de aula e nas universidades.

Dessa maneira, consideramos o feminismo negro como abraço humano, sua teoria nos mostra o quanto somos abrigadas por ele, mas felizmente estamos lutando para que essa teoria ganhe mais espaço nas práticas, não só no ambiente escolar, mas em todos os locais que se é possível mostrar, ensinar e praticar essas teorias humanas e democráticas que já deveriam dominar o nosso cotidiano.

Esse olhar cuidadoso do feminismo negro tornou-se possível porque as mulheres negras souberam associar as lutas do seu povo com as suas e promoveram a interseccionalidade, como relata Davis (2016), ou seja, as mulheres que estavam na luta contra o sexismo, racismo, homofobia, neoliberalismo, fascismo, que estavam imersas no movimento sindical acharam por bem propor alianças desses movimentos com suas causas feministas, com sentimento e ações acolhedoras. Dentro dessa luta do feminismo negro, há também o feminismo decolonial, que nos propõe quebrar as lentes que os colonizadores impuseram sobre todas, todes e todos nós.

Para exemplificar essa quebra proposta por esse determinado feminismo, apresentamos para vocês uma parte da canção “*Triste, Louca ou Má*”, da banda Francisco, *El Hombre*, que nos mostra o que fazer e que caminho devemos seguir *juntxs*.

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
(FRANCISCO, *EL HOMBRE*, 2016, (4':29"))

São nessas alianças dos movimentos a favor da democracia e da humanidade, por meio das discussões, estudo, da escuta, da escrita, da leitura, do ensinar e aprender, essas práticas feministas e epistemologias decoloniais, é que vamos queimando esse mapa da tradição, costumes, visão e pensamento colonial, patriarcal e machista e, junto a isso, estamos tentando traçar uma nova estrada e reinventar as nossas relações e a maneira como percebemos o mundo. Confessamos para vocês que não é nada fácil desconstruir e construir nossos pensamentos, vivências e todos os aspectos dela e estar nessa luta diária. Estamos tentando formar gerações com pensamentos e ações humanas. Mas salientamos que é gratificante e emocionante quando vemos toda essa luta dando certo.

Expomos, novamente, para vocês, mais um trecho do poema de Kaur (2020, p. 192), em que ela diz: “[] com mais mulheres no palco sobra espaço para todas lá no alto - *juntas somos mais fortes*”. Esse trecho não está nessa carta por acaso, pois nos lembramos dele ao falar do feminismo decolonial, que possui alianças com o feminismo negro e com o feminismo das mulheres de cor e juntos, ambos os movimentos, “[...] reivindica que seja dado protagonismo às experiências das mulheres que até resistem até hoje à violência racista e colonialista” (Castro, 2020, p. 217).

Olhem só, companheiros do feminismo negro, o feminismo revolucionário vem nos propor a luta contra o fim da exploração das mulheres pelas mulheres na relação de patroa com empregada, sendo

esse, mais um rastro da escravidão. Também nos mostra a situação da exploração e opressão capitalista e patriarcal das mulheres negras, indígenas, que engloba também os homens negros e indígenas que sofrem com essa violência. Ou seja, a lente do feminismo revolucionário nos faz enxergar a vida, as experiências, histórias e as vivências das mulheres e dos homens; afinal de contas, os homens também sofrem com o machismo que possuem em suas mentes.

Percebem como o feminismo negro abriu as portas, os ouvidos, os olhos e os braços? Percebem o acolhimento da luta, da experiência, da vivência, das fragilidades das outras e dos outros? As mulheres negras, ao lutarem por sua liberdade, entenderam que não tinham como ser livres se suas irmãs e seus irmãos ainda continuavam a viver opressões; dessa forma, o feminismo negro realizou a junção entre a solidariedade política dos demais movimentos com a interseccionalidade, acreditando que dessa maneira as pessoas que estavam imersas em situações de homofobia, racismo, sexismo, intolerância religiosa, nacionalismo, exploração de classe, opressão capitalista, machismo tinham que ter acesso à liberdade também.

Queridas, esse é um recorte de um dos nossos processos de mudança e transcendência, que o fazemos para honrar a vocês, que vieram antes de nós e para humanizar o futuro, que será o vosso presente, mulheres futuras. Não há luta fácil nessa vida, mas quem luta tem esperança e é ela quem nos faz ir em frente. A desconstrução, reconstrução e construção são processos árduos por acontecerem de dentro para fora e, mais do que nunca, não devemos soltar a mão de ninguém, nem fechar nossos olhos, ouvidos e braços. A luta acontece nas alianças.

Ainda sob este prisma, as epistemologias feministas negras e decoloniais acima descritas vêm apontando também, desde as últimas décadas do século XX, as características eurocêntricas e androcentradas dos currículos escolares brasileiros. Neste sentido, nós, mulheres brasileiras, latino-americanas, somos duplamente invisibilizadas: por não sermos europeias e por não sermos homens.

O que vêm permanecendo nos currículos brasileiros são narrativas educacionais, cujo personagem central é majoritariamente o homem-branco-heterossexual-europeu. Para nós, isso é um grande problema. Para compreender esta questão, é importante nos questionarmos: qual é a importância e as implicações de uma educação feminista?

Para responder à pergunta, é preciso que tenhamos em mente que, em primeiro lugar, o ponto de partida da aprendizagem são as demandas e as carências de orientação do tempo presente. Ora, neste sentido, os debates feministas são demandas atuais, à medida que fomentam questionamentos e reflexões sobre as nossas experiências. Você, que lê, pode então questionar: mas que experiências são estas, que são, para mim, demandas e carências de orientação no tempo em que estou inserida?

Vamos juntas, então, questionar algumas experiências de desigualdade, que nos impactam cotidianamente: por que o trabalho doméstico, em minha casa, é quase sempre feito exclusivamente por mulheres? Por que nas grandes mídias ainda há tantas notícias sobre feminicídio? Por que, ao caminhar pelas ruas, mulheres ainda são assediadas? Por que o amor lésbico não é respeitado como o amor heterossexual? Por que na educação escolar, as experiências das mulheres no tempo, atuantes nas ciências, nas artes, na literatura, enfim, metade da humanidade é silenciada?

Estes são alguns, dentre os muitos outros questionamentos que podem ser feitos, que apontam para dúvidas, anseios e carências de orientação que nos impactam. Respondida esta questão, voltemos à indagação inicial: qual é a importância e o impacto de uma educação feminista? A educação escolar e superior contribuem para que os estudantes decifrem grande parte destas perguntas.

O historiador Jörn Rüsen (2007) nos indica o seguinte encaminhamento: as nossas dúvidas no presente sobre desigualdade de gênero, isto é, as nossas carências de orientação, nos encaminham

para o estudo sobre as desigualdades de gênero construídas no passado e no presente.

De posse do conhecimento apreendido, nos tornamos capazes de realizar interpretações embasadas no saber adquirido, sobre as desigualdades da nossa temporalidade. Com efeito, nos tornamos aptas, também, a projetar ações individuais e coletivas, para que tais desigualdades diagnosticadas sejam superadas no futuro.

Esta é a importância e o impacto, portanto, de uma educação feminista. Se os debates feministas são demandas do nosso tempo, então a educação escolar pode trazer contribuições essenciais para que os alunos se tornem aptos a agir visando superar as desigualdades de gênero no futuro.

Mas, para isso, é preciso que você, leitora - seja você educadora, aluna, mãe ou familiar de jovens em idade escolar - tenha em mente que, em primeiro lugar, não existe neutralidade na educação. Como uma relação humana, toda intervenção educativa provoca impactos na esfera social.

Neste sentido, a educação deve servir para que os alunos questionem desigualdades e hierarquias sociais. Deve servir para a emancipação humana. Para tanto, pensar a construção de uma educação feminista é um dos primeiros passos, tendo em vista as assimetrias de gênero que impactam todas nós mulheres, sejamos avós, mães, filhas ou netas.

Ainda, leitoras, é sempre importante lembrar que defender uma educação para as relações de gênero significa compreender que as aulas devem ser baseadas em “narrativas plurais”, que refletem sobre questões de “gênero, raça, classe e sexualidade”.

Pois, como o feminismo negro nos ensinou, não existe mulher, enquanto um sujeito único que possa ser interpretado como universal. Existem mulheres, no plural. Subjetividades atravessadas por categorias distintas. As hierarquias que impactam mulheres brancas não são as mesmas das mulheres negras.

Ou das mulheres lésbicas. Estas categorias, por vezes, se interseccionam mais para determinadas mulheres do que para outras. Neste sentido, as desigualdades também diferem. Para alguns de nós, elas são mais abissais. O nosso olhar deve ser cuidadoso e empático para este complexo emaranhado que compõe as relações humanas.

Para que nós tenhamos consciência destes atravessamentos que nos impactam, faz-se necessário que os currículos escolares sejam reconstruídos a partir da memória das mulheres, do povo negro, dos povos indígenas, da população trabalhadora etc. Afinal de contas, nós compomos todos estes grupos. E a memória deste povo é a que mais se conecta com a nossa. Trata-se da nossa ancestralidade. Da nossa autocompreensão identitária.

Ao findar desta carta, esperamos que tenhamos obtido sucesso em apontar a vocês, leitoras, a trajetória das epistemologias feministas, o que inclui a dimensão fundamental do pensamento feminista negro e as possibilidades de uma educação feminista para a transformação social, isto é, que visa, para o futuro de vocês, que virão depois de nós, a superação das desigualdades de gênero, raça, classe e sexualidade, que ainda nos impacta.

Como versa a artista Drik Barbosa, na canção “Sobre nós”: “se somos, sou resistir. Se somos, sou persistir. Herdamos laços que nos fazem nós. Nosso sonhar resiste”. (BARBOSA, D. 2020, (03’:39)). Às que nos antecederam, todo o nosso reconhecimento e reverência pela luta e conquista de muitos direitos que temos hoje. Esperamos que, por nossas ações, conquistemos também direitos, a vocês, mulheres do futuro. E que essa continuidade permaneça. Entre vocês e para as próximas gerações. A utopia é a esperança que nos encaminha para o agir. Que nunca percamos de vista nossas utopias feministas. Finalmente, dedicamos a vocês um poema especial, que nos une, poema esse da escritora negra Conceição Evaristo (2017, p. 24-25):

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Com muito afeto e esperança, Ana Paula Neves Lins, Andressa
Ferreira e Gabriela Carneiro Maciel.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, D. Sobre nós, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ6K6ULfAh0>. Acesso em: 28/02/2024, às 14:54.
- CASTRO, Susana de. *Feminismo Decolonial*. Natal. V. 27, n. 52, p. 213-220.
- COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. Parágrafo, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em 01 de dez. de 2023.
- DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.
- FERREIRA, D. L.; SILVA, Z. P. *Retratos das Pedagogias Feministas: uma reflexão sobre o Programa Novo Mais Educação no Colégio Estadual Antônio Bahia*. In: *Insurgências Pedagógicas na Educação Básica*. Editora Devires, 2021.
- KAUR, Rupí. *Meu corpo minha casa*. São Paulo: Planeta, 2020, p. 192-195.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra, 1967, 192 p.
- RÜSEN, J. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UnB, 2007.
- STRASSACAPA, Juliana; KOZYREFF, Andrei Martinez; UGARTE, Mateo Piracés-; UGARTE, Sebastián Piracés-; Gomes, Rafael. *Triste, Louca ou Má*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em 01 de dez de 2023.

ENSINAGENS DO BARCO EPISTEMOLÓGICO DAS PEDAGOGIAS FEMINISTAS E DECOLONIAIS

Elizangela Bastos
Dailza Araújo
Clarice da Silva Coelho

Saudações, de quem conseguiu ver e sentir a gira girar!

Para nós, que escolhemos fazer a travessia de aprender mais sobre as “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, eu, Elizangela Bastos, pedagoga, natural de Irecê, trabalho em Várzea Nova, sou apaixonada pela Educação Infantil, pois compreendo que o aprendizado nesta etapa da Educação Básica pode influenciar toda a vida da criança, tenho especialização em Psicopedagogia, e sou avó de Bernardo e Helena; eu, Dailza Araújo, pedagoga, natural de Santa Luz, doutoranda em estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), exerço a docência na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no *Campus* de Jequié, e moro em Salvador; eu, Clarice Coelho, 25 anos, mãe do Mateus, de 4 anos, pedagoga e pós-graduanda em Neuropsicopedagogia, atuo como coordenadora pedagógica de uma escola do campo, da rede de Monte Santo e atuo como professora na Faculdade do Sertão Baiano - FASB, constituímos-nos, pois conseguimos fazer parte de uma gira, que inclui, afeta e atravessa epistemologicamente nossos “eus”.

Ao conhecimento adquirido nas gingas do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, nomeamos “barco epistemológico”, pois ao embarcar nessa aventura do conhecimento, tivemos que ancorar muitas vezes para deixar alguns “ranços” coloniais, aprendidos ao longo da nossa trajetória até aqui, os quais nos impediam de perceber a amplitude das várias formas de produção acadêmica, de prática pedagógica e de políticas de citação.

As pedagogias feministas, a partir de uma proposição de desobediência decolonial, permite saber que existem outras intersecções que envolvem as discussões de gênero, as quais ampliam e incorporam o debate sobre as transgeneridades, as travestilidades, transmasculinidades, os feminismos negros, as lesbianidades e tantas outras possibilidades de viver o gênero. Por isso, “decolonizar o gênero é necessariamente uma práxis” (Lugones, 2014, p. 940), e passa por oportunizar que mulheres em suas diversas identidades possam falar e ser ouvidas; escrever e ser citadas.

Para Angela Figueiredo (2020), as experiências que corroboraram para uma nova epistemologia feminista negra são oriundas das vivências das mulheres negras ao longo da caminhada enquanto ativistas e acadêmicas:

Testemunhamos o aumento significativo do feminismo negro e suas diferentes perspectivas: são as feministas negras decoloniais, feministas negras abolicionistas, feministas negras interseccionais, feministas negras lésbicas, dentre outras. Esse movimento tem sido autodefinido pelas mulheres negras em Salvador como *maré feminista negra*, uma clara alusão à divisão das três fases que caracterizam o feminismo em ondas; ao mesmo tempo em que se constitui enquanto uma ruptura, uma vez que as diferentes ondas feministas não incluíram, em nenhuma de suas fases, a contribuição feminista negra (Figueiredo, 2020, p. 4).

Assim, as leituras, escutas e trocas proporcionaram as ensinagens, que ajudaram a pensar a importância das pedagogias feministas e epistemologias decoloniais na prática pedagógica: por isso, a vocês, que estiveram colaborando direta ou indiretamente no referido componente curricular, vocês foram faróis epistemológicos, guiando a direção do pensamento, da prática e da vida!

O processo de construção e desconstrução é contínuo, e pode ser proporcionado por vários fatores. A nós, foi possível através de possibilidades metodológicas diferenciadas, inovadoras e decoloniais: cartas pedagógicas e as escritivências. Contrariamente ao que a ciência ocidental preconiza, a escrita afetiva e pessoal que fala de si na primeira pessoa, é uma possibilidade de insurgência dos/as sujeitos/as, que vêm transformando o campo de estudos feministas, rasurando as concepções de escrita acadêmica que temos escutado por aí, nos bancos da academia.

Por isso, sentimos o impacto epistêmico logo na segunda gíngua sobre “Pedagogias Feministas, Teorias e Práticas de Pesquisa no Âmbito do MPED”, com a leitura de uma carta escrita pela professora Eide Paiva homenageando e descrevendo um pouco da trajetória das convidadas para nossa segunda aula. Nesse dia, foi possível ouvir as mestras Marilene Queiroz, Daniele Ferreira e Laís Abreu. As três são egressas do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED, e todas elas desenvolveram pesquisas atravessadas pelas pedagogias feministas. A escrita afetiva e poética sobre a realidade das mães estudantes da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XIV - Conceição do Coité/BA*, somatizada à sua experiência de maternagem, trouxe para nós, a forma como as nossas ancestrais estavam envoltas pelas ações e práticas feministas, e isso nos tocou profundamente, levando-nos a perguntar: o que são as pedagogias feministas? E podemos responder que estas são formas de conduzir ao agenciamento de mulheres em suas várias identidades, são ensinamentos do mar, só quem viveu pode

contar. Por isso, nossas mães, avós, e mais velhas são as nossas matriarcas feministas, pois mesmo que o termo esteja no rol das pesquisas acadêmicas, sempre foi sobre nós, sobre quem veio, e pôde contribuir para que, quem virá possa ter um caminho regado com flores e perfume. Nossas ancestrais estiveram em terra para abrir os caminhos da nossa liberdade. Foi um encontro emocionante, regado às partilhas, às lágrimas e a saberes.

Laís Abreu, com sua pesquisa sobre violência sexual e infantil, ampliou e alertou nosso olhar para a necessidade de desenvolvermos práticas e ações docentes capazes de permitir que nossas crianças, mulheres e outras sujeitas estejam agenciadas pelo conhecimento e informação, as quais só podem ser proporcionadas, se houver uma discussão de gênero nas escolas e na sociedade. A conclusão da pesquisa apresentada por Laís e suas companheiras de escrita evidenciam a necessidade de implementar nos currículos, principalmente das licenciaturas, as temáticas abordadas dentro das pedagogias feministas; elas apresentam que:

A estrutura da formação docente oferecida no Brasil não tem dado conta de atender às demandas exigidas na profissão docente e, conseqüentemente, no exercício das práticas pedagógicas - seja no que diz respeito ao enfrentamento da violência sexual infantil ou de qualquer outro tema ou questão social que incida na escola (Oliveira Abreu: Gomes Silva e Auad, 2020, p. 43).

Diante desse contexto, Daniele Lopes, ao afirmar que o feminismo atravessava toda sua prática pedagógica, nos tocou com muita profundidade, pois é realmente assim que acontece quando temos a sensibilidade da escuta, quando permitimos que nossas/os educandas/os sejam protagonistas de suas ações e aprendizagens. A maneira como ela descreveu o que é feminismo, ao relatar sobre as práticas pedagógicas de resistência,

de sempre buscar educar para o antirracismo, para a equidade de gênero ou debater sobre sexualidades, nos fez perceber que o que entendíamos sobre essa categoria era muito limitado, e que estamos no lugar certo, para nos tornarmos profissionais e pessoas melhores.

Dito isto, acionamos Cauê Moura (2021, p. 115) para trazer a nossa travessia com tema “Transfeminismos e as Pedagogias da Desobediência”, na décima roda-ginga: “prefiro seguir acreditando em um transfeminismo comprometido não apenas com a “coerência e coalizão”, mas sim com a transformação, com o desmantelamento do “cistema” e seus eixos de opressões”. Com a participação da ativista Bruna Benevides e do professor Vércio Gonçalves, costuramos juntas debates e reflexões sobre as maneiras que as pedagogias feministas e epistemologias decoloniais deslocam nosso caminho e nos chamam a mudar a rota da prática pedagógica, pois não podemos conceber uma prática docente que seja democrática sem pensar as/os corpos/os existentes na escola e fora dela. Por isso, seguimos para atracar mais uma vez nosso barco e deixar a nossa concepção de ações docentes que não consideraram o pensamento transfeminista como norte pedagógico; estamos aprendendo a não agir nem por ação, nem por omissão.

Durante toda a disciplina, a possibilidade de ouvir tantas experiências epistêmicas de dissidência, lembramos de bell hooks (2018), grande pesquisadora e escritora feminista negra que aponta em seus escritos que o feminismo é um movimento que deve tocar a *todxs*, independente do seu gênero, raça ou classe social, e que somente dessa forma o movimento verdadeiramente terá força para transformar a sociedade. Ela afirma também que o feminismo, na verdade, não é um movimento que busca a supremacia das mulheres e o rebaixamento de homens, ao contrário, o labor feminista, na visão da citada autora, é por igualdade, equidade e respeito entre todos, todas e todes dentro

da nossa agremiação. Pensando nas ideias de bell hooks e em tudo que foi girado em nossa roda, acreditamos que esse componente está sendo na (trans)formação de melhores profissionais que (trans)forma/rão mentes, para que tenhamos pessoas livres de preconceitos, em seus respectivos ambientes de atuação.

Por isso, gostaríamos de destacar a terceira roda-ginga que teve como tema: “Pedagogias feministas: o que são? Como se agenciam?” A gira potente foi conduzida pela professora Dra. Cecília Sardenberg, com uma discussão muito significativa sobre o conscientizar para poder transformar, e sobre o empoderamento coletivo que possa levar a transformação. Conduziu-nos a compreender que longe dos feminismos não há mudança epistêmica, que a conversa é a melhor metodologia de aprendizagem, e a importância da partilha de afetos. A forma vivenciada e cheia de sentimentos que Cecília Sardenberg conversava, fez com que nos sentíssemos totalmente afetadas pelas pedagogias feministas.

A vivência nas gingas, especialmente a quinta roda-ginga, que teve como tema “Pensamento lésbico e epistemológicas lésbicas: teorias e práticas de pesquisa”, possibilitou para nós acessar e ampliar sobre o pensamento lésbico, as várias maneiras de trabalhar o gênero na educação, nas pesquisas, e na vida cotidiana, de modo a nos impulsionar a exercer as pedagogias da desobediência. No caminho da travessia pelo mar do conhecimento, quando saber a hora certa de mudar a rota? O momento certo para içar as velas, e buscar novos horizontes? As convidadas Sarah Sanches, Gersier Ribeiro e Ana Cláudia Macedo nos ajudaram com seus olhares e vivências lésbicas a compreender a transformação que uma educação desobediente e insubmissa pode causar na vida das/os estudantes. As ensinagens dessa roda, não são apenas conhecimento, foram um convite à ação.

Compreendemos as cartas pedagógicas como possibilidades para uma escrita que atravessa várias frentes de existência

a partir dos marcadores sociais de gênero, raça, sexualidades, geração, e tantos outros. O nosso acesso, como mulheres, negras, mães, bissexuais, travestis, transexuais no espaço onde o conhecimento acadêmico é produzido, traz novas formas de ser e estar no mundo, e que podemos chamar de pedagogias feministas. Não vemos nossos objetos de estudo, nossa metodologia, nossos dados/informações da mesma forma, pela mesma lente epistemológica, e por isso criamos outros caminhos para atravessar.

E com isso nos lembramos de conversar com Ochy Curiel (2019, p. 46) que “[...] esse aspecto parte do reconhecimento dos pontos de vista que são produzidos a partir das experiências vividas que contribuem a propor outros mundos mais justos e humanos, fora da matriz liberal/colonial”. Estar “fora” é construir outras formas de atravessar

A escrevivência funciona como processo que favorece o exercício da liberdade, as transgressões, possibilitando uma compreensão mais integral das pessoas, dos fenômenos, propiciando, assim, o aprendizado, a troca de experiências, o movimento de autorreflexão e processos de subjetivação. Como escreve Marilene Queiroz (2023, p. 43) “escrever pode ser um processo de desconstrução e reconstrução constante, um permear de desassossegos, aconchegos e afagos”.

Conversar com Glória Anzaldúa (2000, p. 232), que escreve para mulheres do terceiro mundo, é encontrar respostas sobre porque se escreve: “[...] escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo”.

Por que a escrita para nós, grupos considerados subalternos, é algo que tem entrado no campo teórico da decolonialidade? Quais as principais estratégias que foram e estão sendo utilizadas pelas pedagogias feministas para a desconstrução do conhecimento

hegemônico? Compreendendo que o que move a sociedade são as perguntas, sentimo-nos provocadas a estar vivenciando cada momento das travessas dentro do campo das pedagogias feministas e epistemologias decoloniais, através do choro, do riso, do afeto, a estética e principalmente do acolhimento.

Na sexta roda-ginga, com a presença Altamira Simões e Vitalina Silva, com tema “Pensamento de Mulheres Negras”, lembramos Lélia Gonzalez (1984, p. 225), que quando afirma que “[...] na medida em que nós negros estamos na lata, o lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação”, aponta a importância de usar nossa marginalidade para a escrita e o momento da fala como forma de combater a dominação em qualquer sistema de opressão. Portanto, vamos assumir nossa fala no contexto da posicionalidade, “ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”, como afirma a autora (p. 225). Assim, estamos com Lélia, o lugar da nossa produção é um lugar insubmisso, jamais subalterno. Se há uma coisa que aprendemos com as pedagogias feministas é sobre insubmissão!

Com a nossa escrita situada, combatemos o androcentrismo, o racismo epistêmico, o cisheteropatriarcado e o “cistema” capitalista. Produzimos de um lugar do incômodo, e pelos escritos de Cecília Sardenberg (2014, p. 18), expressamos “[...] as etnografias produzidas por antropólogas na perspectiva da antropologia feminista incorporam muitas vezes sua experiência pessoal, delineando ‘o próprio processo de compreensão com suas perplexidades, descobertas e temores’, estabelecendo-se a partir da experiência vivida em campo e do lugar das identidades. Causamos temores, na estrutura que ouse nos excluir, pensamos em Coletivo, um lugar de existência que há espaço para todas/os nós!

Por isso, professoras Eide Paiva, Amália Amaral e Ana Lúcia Silva, agradecemos por nos ajudarem nessa travessia, que foi tão bonita, afetuosa e rica de significados. Graças à condução sábia, insubmissa e decolonial de vocês, foi possível, para nós, desconstruir a escrita, desvendar os olhos e projetar novas possibilidades.

A cada gira, conseguimos extrair contribuições para nossa prática pedagógica e cotidiana, de maneira a olhar, enxergar e considerar corpos/as e sujeitos/as outras.

Assim, escrever para nós, que somos afetadas por uma ciência euro, andro e brancocêntrica, é um ato de insurgência. Desafiar os moldes científicos da produção do conhecimento muda não só a nós, como a sociedade, pois não há negociação, não vamos continuar em um lugar silencioso, oculto e a qual nos colocaram, o caminho percorrido possibilitado pela escrita é um caminho sem volta, epistemologicamente falando, pois enquanto escrevemos o próprio programa de edição sugere um erro de escrita para “afetadas”, indicado que o correto seria “afetados”. Agora achamos um caminho muito mais possível, um caminho coletivo, onde há espaço para todas as formas de existir, e com as possibilidades das pedagogias feministas, estamos fazendo a travessia, agradecemos às professoras a quem esta carta é direcionada, pois elas estão sendo nossos faróis, assim como as pessoas convidadas para compor este barco epistemológico.

Até breve, nos encontramos em uma leitura ou em qualquer outro lugar, pois a gira, que permitiu nosso encontro, vai continuar a girar!

Com afeto, Day, Clarice e Elizangela.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista de Estudos Feministas*. Ano 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em 25 de jun. de 2021.

CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. As transmasculinidades negras e movimento trans no Brasil. In: SANTANA, Bruno; Peçanha, Leonardo L. M. B. CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. *Transmasculinidades negras: narrativas plurais em primeira pessoa*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. 2021, p. 21-24.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: MELO, Paula Balduino de *et al.* (Org.). *Descolonizar o feminismo: SERNEGRA - SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA*, 7. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019. *Anais*. p. 32-51.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Revista Tempo e Argumento*, v. 12, n. 29, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102/11455>. Acesso em 03 de mar. de 2024.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em 13 de dez. de 2023.

MOURA, Cauê Assis de. E não posso ser eu um transfeminista? *Revista Estudos Transviades*, v. 1, n. 2, set. 2020, p. 112-116. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.files.wordpress.com/2021/12/revista-estudos-transviades-v.-2-n.-4-2021.pdf> Acesso em 22 de out. de 2023.

OLIVEIRA ABREU, Laís; GOMES DA SILVA, Ana Lúcia; Auad, Daniela. (2020). Enfrentamento da Violência Sexual Infantil no Território Escolar: Cartografias Iniciais. *Revista Ciências Humanas*, 13(1). p. 34-47. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2020.v13.n1.a572> Acesso em 02 de mar. de 2024.

QUEIROZ, Marilene D. Santos. 226f. *Escrita-Corpo-Pesquisa: construindo passadiços no/com o campo*. In: *Cartas Escrevíveis - Giras de Escrevivências: modos de escrever, modos de viver maternidades/maternagens negras e universidade no Sertão baiano e nordestino*. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) -Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED. Universidade Estado da Bahia - UNEB, Conceição do Coité, 2023.

SARDENBERG, Maria Cecília Barcellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Maria Cecília Barcellar. (Orgs.) *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.

SILVA, Claudilene. *A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira*. Curitiba: CRV, 2019.

CARTA-POEMA: DAS MEMÓRIAS DE SI ÀS RODAS-GINGAS

Ana Luísa Barbosa de Castro
Elaine Rodrigues Santos Santiago
Kelline Roberta Ferreira do Nascimento

Queridas Ana Lúcia, Amália, Beatriz, Eide, Josianne e Sueli,

Espero que esta carta-poema encontre vocês bem e com esperança. Essa escrita é parte avaliativa do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Descoloniais”, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB). Para além de um instrumento de avaliação, ela é o registro de algumas memórias construídas na intersecção entre corpo, identidade, sexualidade, gênero e educação. Algumas delas rasgaram meu peito, outras, chamaram-me para dançar. Eu gostaria de, através desta escrita simples e emotiva, desenhar o caminho tão bonito que eu construí a partir do componente que cursei com vocês. Assim, diante da postura escreviente que assumo, esta carta também será pessoal. Será memória e poesia. Ela será uma carta-poema!

Através da linguagem, as pessoas constroem narrativas sobre si mesmas, atribuem significados a suas experiências e estabelecem conexões com grupos e comunidades. Segundo Hall (1999), a linguagem não é um sistema de comunicação neutro, mas é impregnada de significados culturais, símbolos e discursos que moldam e influenciam como entendemos a nós mesmas e as

outras pessoas, desempenhando um papel crucial na construção da identidade, tendo em vista que a linguagem é o principal meio pelo qual os significados e representações culturais são transmitidos e compartilhados. Hall argumenta que a identidade não é algo fixo e pré-definido, mas sim uma construção social e cultural constantemente negociada e reformulada ao longo do tempo.

Uma grande inquietação minha era como dividir com vocês, através de uma carta-poema, as experiências que aconteciam dentro de mim, nas minhas vivências como professora negra e feminista e como alguém que é um “devir”, pois ainda não estou completa. Assim, trago para esta escrita o conceito de “Escrevivência”, como saída epistêmica para me ajudar a relatar algumas vivências despertadas pelas rodas-gingas deste componente acadêmico.

Oliveira (2009, p. 662), chama de escrevivência a obra que carrega em si a “escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência”. Essa obra pode ser construída a partir de

rastros fornecidos por aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa (Oliveira, 2009, p. 662).

Escrevivência é um conceito criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo que se refere à escrita como um ato de resistência e de afirmação da identidade negra e periférica. Segundo Evaristo (2020, p. 35) a escrevivência é

antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras.

A escrevivência, nesse sentido, é atravessada pela minha experiência quando incorporo minha vivência e minha experiência ao me colocar como sujeito desta narrativa. Dessa forma, as experiências das rodas-gingas atravessam a práxis pedagógica aprendida na universidade e transpassam meu corpo e minhas memórias de tal forma que extrapolam a impessoalidade, muitas vezes esperada nas produções acadêmicas. Na condição de professora-pesquisadora-feminista-militante, muito me foi confiado pelas estudantes e professoras. No entanto, eu não conseguiria narrar essas experiências sem usar a ficção e a literatura. Assim, a transformação dessas narrativas em relatos poéticos traz para esta carta outros vieses de acesso às minhas memórias.

Eu estou diferente, queridas professoras. Talvez, vocês nem me reconheçam mais. Como eu mudei muito, vou começar poetizando e escrevendo quem eu era antes de começar a gingar.

Classificados

Cansou-se de si e pôs os sonhos à venda.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Conclusões segundísticas ou autobiografia não finalizada

Não conheci Édipo.

Achei que eu era ele e era ela.

Sem saber, ao certo, quem eu era, fiquei à mercê dos Outros e me perdi com meus eus.

Me vesti de desejos alheios e dei-me a destinos frágeis.

Naufraguei em uma terceira margem.

Perdida, eu ginguei.

Na roda feminista,

Catei os pedaços e refiz meu rumo.

Abri meus cárceres e escancarei minhas portas.

Arejei meu juízo.

Enterrei os mortos, dividi os despojos e comprei um espelho.

Nasceu uma outra Eu.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Como professora, sempre busquei iniciar minhas aulas a partir do conhecimento prévio das estudantes e, talvez por esse motivo, sempre tive turmas bastante participativas e afetuosas. Essa relação de confiança criada pelo componente e pelas práticas pedagógicas que eu promovia, faziam com que as alunas se sentissem à vontade para partilhar não só seus interesses pessoais e conhecimentos prévios, mas, também, suas histórias e incômodos. Distante das propostas elencadas na BNCC, as temáticas dos relatos que chegavam a mim versavam sobre homofobia, desejo,

mutilação, religião, gênero e corpo. No entanto, diante da extensa lista de assuntos e habilidades que eu precisava trabalhar durante o ano letivo, eu não encontrava orientação na BNCC que me autorizasse a contemplar, como parte do currículo, o desenvolvimento de atividades que refletissem em torno desses marcadores.

Fases

Amanheceu, e nenhum sinal do novo.

Espero boas notícias da tarde

Mas, se elas não chegarem

Anoiteço na esperança de um enlucrer.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Assim, sem encontrar espaço para construir conhecimentos sobre essas temáticas, inclusive com meus pares, eu silenciava. Hoje, depois de tantas danças coletivas promovidas pelo componente, eu ousou dizer que me considero uma professora desobediente, militante e feminista. Se hoje eu consigo olhar para trás e analisar minhas práticas pedagógicas é porque fui fortalecida pelo coletivo que dançou comigo nas gingas, e a vocês, queridas professoras, que nos orientaram. Eu me senti plural: não estava mais só.

Imagem 1 – Cartão Postal.



Fonte: Elaine Santiago, acervo pessoal, 2023.

Mesmo gingando em um coletivo, alguns encontros foram dolorosos. A aula 2, por exemplo, fez com que questionasse a minha coragem de permanecer no componente, pois algumas partilhas abriram feridas que eu nem conhecia. Eu me sentia despida de velhas concepções, mas, em momento algum, eu senti vergonha de minha nudez.

Imagem 2 – Card da aula.



Fonte: Grupo de *WhatsApp* do componente, 2023.

Arqueologia das rodas-gingas

Rodas-gingas que retiram todas as minhas camadas, delicadamente, até que as entranhas fiquem expostas.

Revisito meu passado para entender meu presente

Faço projeções

Abandono ilusões

Crio nossas pontes

As rodas riem de meus pedaços

Dos hiatos após as gingas

Das perguntas não ditas, mas sentidas

Da vontade de não desligar

Nunca quero dizer “tchau”

Minhas gratificações são as descobertas.

As velhas e as novas.

Cada ginga invoca algo das profundezas

Elas me analisam: autoetnografia

Selfie acadêmico

Eu, o objeto de estudo, tal qual Lázaro, caminho para fora

Revivo às segundas

A arqueóloga, enfim, é quem se liberta de si mesma.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Eu não conhecia todas as convidadas que gingaram conosco. Aproveito para agradecer a vocês pela escolha dessas potências, mas preciso confessar que elas não apenas compartilharam como as teorias feministas rasuram as práticas de pesquisa e a importância da abordagem de gênero na educação: elas me atravessaram.

A voz pelo espelho preto

Ela me decifra: barema, esquete e roteiro.

Eu estendo a mão.

Ela a rejeita.

Sua mágica é ler o silêncio e os sons.

Eu, livro disponível.

Ela, escriba anciã.

Eu, fio de Ariadne.

Ela, irmã distante das moiras.

Entre fios, linhas e silêncios, eu me desfaço, traço, fujo e recrio.

A voz pela tela segue seus planos enquanto eu recolho meus pedaços.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Todos os encontros foram polifônicos: vozes lésbicas-transfeministas-desobedientes-negras-nordestinas-pedagógicas. Eu aprendi a ver os cruzamentos e linhas tênues que oprimem as pessoas que fogem das vivências impostas pela heteronormatividade compulsória, branquitude e outras formas de opressões. Para Saffioti (2009, p. 26), “[...] há uma estrutura de poder que unifica as três ordens - de gênero, de raça/etnia e de classe social”. Ainda segundo essa autora, categorias como “a raça/etnia, com tudo que implica em termos de discriminação e, por conseguinte, estrutura de poder, imprimiu sua marca no corpo social por inteiro”. Assim, pensar sobre as relações de gênero implica em refletir sobre os demais atravessamentos que o corpo sofre (gênero, raça e etnia, classe), e que, também, “vão gestando a subordinação” (Saffioti, 2009, p. 26) de alguns corpos: essa intersecção pode ser considerada como um “sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019, p. 21).

Eu sempre fiquei calada, mas o silêncio que me acompanhava nas aulas não era tédio, sono ou distração: era análise. Tradução simultânea; reconstrução. Eu estava em processo de letramentos, em aprendizagens. Quando me faltava a voz, me sobravam sonhos.

Mutação

Sentada na cadeira muda, ela muda-se.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Eu não quero mais sentir medo da minha voz ao responder aos questionamentos de meus estudantes. O meu fazer pedagógico deve ser político e militante. Eu preciso assumir uma postura decolonial-feminista por mim e por todas as pessoas que me atravessam na educação, pois esta é uma prática social que está intrinsecamente ligada à política e à formação da sociedade em que vivemos.

Eu não sou eu nem sou a outra

Ensaio um sorriso no espelho

E encaro uma estranha.

Alguém que habita meu corpo

Ou eu me escondo em outro alguém?

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Como afirmou Paulo Freire, um dos principais teóricos da educação crítica, “ela demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; [...] daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não ser neutra” (Freire, 1996, p. 28). Assim, toda educação é política, pois ela tem o potencial de transformar a realidade e como as pessoas pensam e agem no mundo.

Meu acerto

Errar é, para alguns, desperdiçar a chance de algo que poderia dar certo.

Eu não tenho medo de errar.

Meu medo é de acertar sempre.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Ao considerar as categorias analíticas e políticas, sexualidade, gênero e raça, Bento (2017) afirma que elas possuem [...] “pouco valor explicativo se consideradas fora de contextos mais amplos e complexos” (Bento, 2017, p. 30). Dessa forma, o cruzamento desses marcadores da diferença e da desigualdade “[...] nos alerta para a impossibilidade de análises essencialistas, naturalizantes e universais” ao mesmo tempo em que têm força discursiva de “verdades irrelativizáveis” (Bento, 2017, p.30).

Nudez

Tomo posse de mim mesma

Na tentativa de ser penetrável

Violando meus lacres

Simulacros que tracei

Trilhei

Descalça.

Elaine Santiago, 2023, no prelo.

Finalizo essa carta com esperança de encontrar todas vocês no próximo semestre. Em mim, permanecem vivências desejosas por novas rodas-gingas.

Abrços de Ana, Elaine e Kelline.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

BENTO, Berenice. As tecnologias que fazem os gêneros. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba. *Anais*, 2010. Disponível em: <https://silو.tips/download/as-tecnologias-que-fazem-os-generos> Acesso em 01 de dez. de 2023.

BENTO, Berenice. 2017. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017. 329 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26037> Acesso em 01 de dez. de 2023.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: Duarte, C.; Nunes, I. (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte. 2020, p. 26-46.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf Acesso em 07 de set. de 2023.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, p. 621-623, mai./ago., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QSJM5dMTjPTMJhLt wgc/?format=pdfbr>. Acesso em 28 de nov. de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. Série Estudos e Ensaios/ Ciências Sociais. FLACSO - Brasil, jun. 2009. Disponível em: http://flacso.rede livre.org.br/files/2015/03/Heleieth_Saffioti.pdf. Acesso em 29 de nov. de 2023.

PEDAGOGIA FEMINISTA E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS: BÚSSOLA ORIENTADORA DE BARCOS À DERIVA

Maria Beatriz Dias Coutinho

Quando me vi diante da possibilidade de cursar um componente intitulado “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais”, não pensei duas vezes e participei do edital de seleção para cursar o componente. Fiz um processo de seleção para aluna especial da disciplina “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais”, ofertada pela Universidade Estado da Bahia (Uneb), no ano de 2022; e no ano de 2023, fui convidada para ser monitora desse maravilhoso componente. Neste processo, pude perceber o componente Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais funcionando como uma bússola norteadora e orientadora de navios à deriva - EU.

Com esse componente, foi possível compreender que o meu conhecimento estava muito aquém do que eu supostamente sabia e achava que sabia. Quando comecei a assistir às primeiras rodas, me vi sem rumo, à deriva, como sendo um barco perdido em alto mar do conhecimento, mas segui firme.

Paulo Freire (2021) nos diz que o ensinar e o aprender, não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (p. 139). Em sintonia com essa visão transformadora, o componente “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais” tornou-se um

espaço onde a busca pelo conhecimento se entrelaça com a beleza e a alegria do aprendizado. Aqui, cada roda de conversa tornou-se um terreno fértil para a procura incessante por saberes diversos, promovendo uma sinergia entre educandos e educandas.

Acredito que a verdadeira aprendizagem floresce na atmosfera da curiosidade, da beleza e da alegria, concebendo assim uma experiência educacional enriquecedora e significativa. E foi nessa procura e com alegria, que me vi mergulhada no estudo do feminismo. Não compartilhei muita coisa durante as rodas de discussão, pois meu intuito era o de aprender e não tinha nada sobre o tema que pudesse compartilhar a não ser as reflexões e associações que eu fazia, ao ouvir cada roda de discussão, no entanto, eu não o fiz.

Portanto, diante do disposto, dedico esta carta às professoras e alunas do componente “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais”, que muito me ensinaram e me deram visões de mundo das quais eu nem imaginava que teria um dia. Nesse sentido, eu irei relatar as experiências vividas e vivenciadas durante essa trajetória no componente. Nesta carta, irei distribuir como o componente curricular “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais” foi se desenvolvendo. Portanto, o objetivo dessa produção acadêmica em gênero - Carta -, visa trazer reflexões de como o componente curricular PPGED trouxe alento, funcionando como bússola ao meu barco que se encontrava à deriva.

Nessa trajetória considerarei o componente “Pedagogia Feminista e Epistemologia Decoloniais (PPGED)”, uma “entidade acadêmica” que se revela como uma espécie singular, além dos limites tradicionais de gênero. Neste ecossistema de conhecimento, onde a igualdade é a norma, quero expressar minha profunda conexão e apreço por essa entidade em que se revela acolhedora de pressupostos pensados fora de uma matriz acadêmica eurocêntrica e conservadora. Nesse contexto, você, componente curricular, proporcionou-me momentos nos quais fui instigada a explorar essa curiosidade pelo aprendizado, fornecendo informações que

bell hooks nos instiga a repensar o ensino superior como um terreno fértil para a transgressão educacional, destacando que ensinar com entusiasmo nesse contexto é, por si só, um ato disruptivo. A atmosfera acadêmica, muitas vezes, enxerga o entusiasmo como algo que pode perturbar a seriedade esperada, considerando-o desnecessário para o processo de “ensino”. A ousadia de buscar e estimular o entusiasmo, segundo hooks (2017), torna-se, assim, uma verdadeira transgressão nos padrões estabelecidos.

Ao explorar suas ramificações rizomáticas, descobri um terreno fértil para o florescimento do pensamento crítico e da consciência social. Com o rizoma, temos novas funções para pensar, deixando de lado formalizações e agenciando múltiplas direções (Julio, 2020, p. 303). Cada Roda foi um convite para desbravar novos territórios, desconstruir preconceitos arraigados e construir pontes de entendimento entre diferentes saberes.

Ao longo desta jornada, pude testemunhar a diversidade de ideias florescendo como flores únicas em um jardim cuidadosamente cultivado. Sua natureza inclusiva proporcionou um ambiente propício para o diálogo respeitoso e a troca enriquecedora de perspectivas, desafiando-nos a repensar constantemente nossos próprios entendimentos. A interseção entre nossas reflexões e a sabedoria de bell hooks (2017) ressoa quando ela evoca Romanos 12:2, instigando-nos a não nos conformarmos com este mundo, mas a nos transformarmos pela renovação da nossa mente. Esta citação adiciona uma dimensão espiritual à nossa busca por conhecimento e transformação, inspirando-nos a transcender os limites preestabelecidos e a abraçar a renovação contínua.

Como uma espécie que compreende a importância da equidade, você se tornou uma bússola orientadora em nosso percurso acadêmico. Cada encontro foi uma oportunidade de navegar por águas desconhecidas, desafiando-nos a questionar, aprender e crescer. E, assim, Paulo Freire nos fala de sermos curiosos epistemologicamente. Paulo Freire destaca a importância da curiosidade

epistemológica ao discutir a formação crítica dos educadores. Ele enfatiza a necessidade de os educadores cultivarem a curiosidade, a sede de conhecimento e a inquietude intelectual (Freire, 2021).

Esses elementos são considerados fundamentais para uma prática educativa que se compromete com o desenvolvimento da consciência crítica e a promoção da autonomia dos educandos. Nos moldes acadêmicos, talvez, devesse desenvolver em relação ao conhecimento o pensamento crítico alijado em caixas e fugir disso seria subversão, e prefiro ser subversiva com você. Nesse sentido, tendo como base que a *curiosidade epistemológica* representa a busca por compreender as bases, os fundamentos e os processos que sustentam o conhecimento (Freire, 2021). Solidifico que ao cursar o referido componente e ser monitora me permitiu construir redomas mais fortalecidas nesta dimensão do conhecimento.

Portanto, ao me fortalecer, destaco Freire (2021) ao mencionar que ao exercer criticamente a capacidade de aprender, os indivíduos constroem e desenvolvem certa curiosidade epistemológica. Ou seja, ao questionar, analisar e compreender de maneira crítica os conteúdos e as informações, os aprendizes não apenas acumulam conhecimento superficial, mas também buscando entender as razões e os princípios subjacentes, alcançando para um entendimento mais profundo do objeto de estudo, estou também me fortalecendo.

Freire ressalta, ainda, a importância de uma abordagem ativa e crítica no processo de aprendizagem, onde a curiosidade epistemológica desempenha um papel necessário na construção de um conhecimento mais significativo e reflexivo (Freire, 2021). E nesse contexto, ao expressar minha gratidão, não posso deixar de reconhecer o papel que você desempenhou na minha e creio que também na formação dos colegas de jornada, tanto nas distribuições de informação e formação. Esses meses de jornada me permitiu agregar valores, conhecimentos e norteou meus passos como um jogo de luz e sombra no meu caminho enquanto pesqui-

sadora. E, portanto, ao continuar e ao trilhar este caminho juntos, construímos pontes entre saberes, desconstruindo barreiras e, acima de tudo, vivenciando a diversidade que enriqueceu minha jornada.

Neste contexto navegante, revisito cada uma de nossas rodas de conversas que aqui chamo de rotas marítimas, onde exploramos as vastas águas do conhecimento e navegamos pelos mares das “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”. Cada roda foi uma jornada única metodológica/um dispositivo de aula, e aqui estão as cartografias de nossas viagens:

Rota Marítima 1 - 04/09: Apresentação do Componente e Concepções de Pedagogias Feministas

O componente foi iniciado pelas professoras regentes da turma, Ana Lúcia, Eide, Amália Cruz. Na presença das monitoras Beatriz Coutinho, Josiane Zaco e Sueli Santana e alunos/as que fizeram parte dessa jornada. Iniciamos nossa rota marítima com a apresentação do componente, traçando o plano de trabalho e delineando os instrumentos avaliativos. Juntos, exploramos as concepções de Pedagogias Feministas com as valiosas contribuições de Eide Paiva, Ana Lúcia, e Amália Cruz, que ousaram ensinar diferente do que se propõe na academia, ousaram ir além de padrões eurocêntricos tido como normas, para se aprender e ensinar. E nesse jeitinho de pensar fora da caixinha, reforçaram o que bell hooks diz sobre esperar, ensinar e transgredir.

Nos últimos vinte anos, educadores que ousaram estudar e aprender novos jeitos de pensar e de ensinar, a fim de que nosso trabalho não reforce sistemas de dominação, imperialismo, racismo, sexismo ou elitismo, criaram uma pedagogia da esperança (hooks, 2023, p. 20).

Rota Marítima 2 - 11/09: Pedagogias Feministas, Teorias e Práticas de Pesquisa

Nessa rota, mergulhamos nas teorias e práticas de pesquisa no âmbito do MPED, contando com as inspiradoras palavras de Marilene dos Santos Queiroz, Daniele Lopes Ferreira e Laís Oliveira Abreu.

Rota Marítima 3 - 18/09: Pedagogias Feministas: O que são? Como se agenciam?

A Professora Cecília Sardenberg, da UFBA, nos guiou por reflexões profundas sobre o significado e o agenciamento das Pedagogias Feministas.

Rota Marítima 4 - 25/09: Pensamento Lésbico/Epistemologias Lésbicas

Sob a orientação da Professora Ana Carla Lemos e da Professora Suely Messeder, exploramos o pensamento lésbico e suas epistemologias, mergulhando em teorias e práticas de pesquisa.

Rota Marítima 5 - 02/10: Pensamento Lésbico/Epistemologias Lésbicas: Teorias e Práticas de Pesquisa.

As Professoras Gersier Ribeiro (MPED - UNEB) e Ana Claudia Bezerra Macedo (UNB) conduziram-nos por uma rota rica em teorias e práticas de pesquisa relacionadas ao pensamento lésbico.

Rota Marítima 6 - 09/10: Pensamento de Mulheres Negras

Recebemos a visita da ativista Altamira Simões, das Candaces, e da Mestra Vitalina Santos, do PPGEDUC/UNEB, que compartilharam conosco o poderoso pensamento das mulheres negras.

Rota Marítima 7 - 16/10: Pensamento de Mulheres Negras - Pesquisas Concluídas ou em Andamento.

A Me. Ana Maria (MPED) brindou-nos com reflexões sobre pesquisas concluídas ou em andamento relacionadas ao pensamento de mulheres negras.

Rota Marítima 8 - 23/10: Atividade Assíncrona e Produção das Cartas Pedagógicas

Sob a orientação das Monitoras e da Professora Amália, dedicamos essa rota à atividade assíncrona e à produção das preciosas Cartas Pedagógicas.

Rota Marítima 9 - 30/10: Ginga Feminista - Bases Epistemológicas

Mestra Janja (UFBA) e Prof^a Sueli Santana (MPED/FEL) apresentaram-nos com a ginga feminista e as bases epistemológicas que alicerçam cada vez mais nossa compreensão do mundo.

Rota Marítima 10 - 06/11: Pedagogia da Desobediência - Teorias e Práticas de Pesquisa

Vércio Gonçalves (UNEB) e Bruna Benevides - ANTRA - RJ) conduziram-nos pela rota da pedagogia da desobediência, explorando suas teorias e práticas de pesquisa.

Rota Marítima 11 - 13/11: Transgeneridade e Deficiência: Por Outras Gramáticas Epistemológicas Inclusivas

Thiffany Odara (Uneb/PPGEDUC), Sara Wagner YorK (UERJ) e Prof. Amélia Maraux compartilharam *insights* valiosos sobre transgeneridade, deficiência e outras gramáticas epistemológicas inclusivas.

Rota Marítima 12 - 20/11: Indicação da Turma - Apresentação de Alunos

Um momento de destaque para os alunos, que puderam se apresentar livremente, compartilhando suas experiências e perspectivas sobre as pedagogias feministas. E aqui foram escolhidas duas oficinas: a confecção de bonecas Abayomi e a oficina de Turbante.

Rota Marítima 13 - 27/11: E-book Cartas Pedagógicas

Sob a organização das professoras Ana Lúcia, Zuleide Paiva e Amália Cruz, discutimos a produção do e-book *Cartas Pedagógicas: Pedagogias Feministas em Co-formação na Universidade*.

Rota Marítima 14 - 04/12: Grande Roda de Experiências Feministas na Pedagogia Universitária

Encerramos nosso percurso com uma grande roda de experiências feministas. Socializamos excertos das cartas pelos trios, contribuímos, avaliamos e celebramos nossa jornada. Nas ondas desafiadoras do componente “Pedagogia Feminista e Epistemologias Decoloniais”, cada aula foi como uma rota marítima, traçando caminhos além dos limites convencionais do saber. Vi este componente se apresentando como uma bússola ousada, oferecendo não apenas direção, mas também a promessa de transformação nas águas turbulentas da instituição escolar e na rotina de docentes e discentes.

A rota da pedagogia libertária é trilhada com destemor. Ao cursar essa disciplina, e enquanto monitora, busquei compreender os saberes situados, valorizando as diversas experiências históricas e político-sociais dos sujeitos subalternizados. Cada roda gingada foi um convite para mergulhar nas águas das experiências, reconhecendo a riqueza de conhecimentos que muitas vezes foram marginalizados.

Pois como diz Freire (2011), a educação deve ser uma prática libertadora, envolvendo a conscientização sobre a realidade social como um catalisador psicológico para a transformação pessoal e social. Portanto, ao longo dessa jornada, a bússola da coletividade orienta o olhar para além das margens. A interseccionalidade é o leme que guia, reconhecendo que a transformação genuína só pode acontecer quando confrontamos as amarras das práticas pedagógicas colonizadoras. Este componente não é apenas uma disciplina, mas uma chamada para a ação, um convite para todos navegarem pelos mares da inclusividade e da emancipação.

A bússola dessa jornada pedagógica não se contenta com superficialidades. Ela mergulha nas profundezas das desigualdades, destacando os marcadores de gênero, raça/etnia e sexualidade. As epistemologias feministas são como ventos que sopram por séculos, problematizando os nós intrincados entre sexismo, racismo, imperialismo, lgbtphobia e as práticas pedagógicas que, muitas vezes, replicam estruturas colonizadoras.

E assim, “*navegando nas ondas do saber*”, com o componente curricular “Pedagogia Feminista e epistemologia decoloniais”, dedico a todos vocês:

Imagem 2 – Bússola do saber.



Fonte: Autora fazendo uso de IA (Bingen Creator) 2024.

Em ondas de conhecimento, nossa bússola a apontar, Pedagogia Feminista, a nos orientar.

No mar acadêmico, roda após roda a girar,

Bússola, nossa guia, a nos inspirar.

Na Rota da desobediência, coragem a pulsar, Bússola orientadora, a nos incentivar.

Transcendendo fronteiras, rumo a inovar, Pedagogia Feminista, sempre a nos guiar.

No diálogo das águas, em cada experiência a navegar,
Bússola decolonial, a nos iluminar.
Cartas pedagógicas, tesouros a revelar,
Bússola da coletividade, a nos conectar.

Ao fechar do ciclo, na última aula a ecoar,
Bússola, agradecemos, por nos inspirar.

Em pedagogias feministas, todas/todes a aprender,
Bússola sempre presente, a nos fortalecer.

Fonte: Coutinho (2024). Texto autoral.

Os desafios que teve/tivemos foram enormes, e acredito que as professoras regentes tinham uma responsabilidade tamanha em conduzir o leme deste barco, para com a consolidação das ações propostas no intuito de chegar às ilhas do conhecimento, da desobediência e da compreensão.

Essa foi a nossa rota navegada conjunta, uma jornada que vai além das ondas acadêmicas, tocando os mares profundos das “Pedagogias Feministas e Epistemologia Decoloniais”. Finalizo sem concluir dedicando esta carta às professoras Ana Lúcia, a Eide Paiva e a Amália Cruz, que foram o leme deste navio; a Josy e a Sueli, que foram monitoras nesse mar navegante, assim como a todos/as os/as alunos/as que fizeram parte desta rota de aprendizagem.

Ao compartilhar esta carta, construí uma narrativa, em diálogo entre os mares do saber e as práticas transformadoras que entrelaçou o componente PPGED. Agradeço-o por suas energias, sabedorias e por eu ter feito parte integrante desta tripulação que desafia e recria os horizontes da educação. E assim, faço um

convite a todos que desejarem participar desse maravilhoso componente, que não perca a oportunidade de entrar no mar profundo de sabedoria, coletividade e aprendizado.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2 Ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural: para liberdade e outros escritos*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico*. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. Linguagens: ensinar novas paisagens novas linguagens. *Rev. Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p.857-864, 2008.

JULIO, João Victor. DELEUZE E GUATTARI: o rizoma e a criação no currículo. *PÓLEMOS - Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 22, p. 301-313, 2022.

GINGAS 3

ARTISTAGENS MULTILINGUÍSTICAS
DO COMPONENTE CURRICULAR
PEDAGOGIAS FEMINISTAS E
EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

CARDS-ARTES DOS ENCONTROS DO COMPONENTE CURRICULAR PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS (2023.2)



Logos: UNEB, PPGED, DIFEBIA, LEPEL UNEB

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

2ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
11/9
19:00h

Martilene Queiroz
Daniele Ferreira
Lais Abreu

PEDAGOGIAS FEMINISTAS,
TEORIAS E PRÁTICAS DE
PESQUISA NO ÂMBITO DO MPED

Decorative elements: pink flowers, butterfly



Logos: UNEB, PPGED, DIFEBIA, LEPEL UNEB

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

3ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
18/09
19:00h

PROF.ª: CECÍLIA SARDENBERG/UFBA
**PEDAGOGIAS FEMINISTAS: O
QUE SÃO? COMO SE AGENCIAM?**

Decorative elements: pink flowers, butterfly



Logos: UNEB, PPGED, DIFEBIA, LEPEL UNEB

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

Roda 04
QR CODE
IMPERDÍVEL
25/09
19:00h

SUELY MESSENDER
ANA CARLA LEMOS

PENSAMENTO
LÉSBICO/EPISTEMOLOGIAS LÉSBICAS:
TEORIAS E PRÁTICAS DE PESQUISA.

Decorative elements: pink flowers, butterfly



Logos: UNEB, PPGED, DIFEBIA, LEPEL UNEB

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

5ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
02/10
19:00h

SARAH SANCHES (PPGNEIM/UFBA)
GERSIER RIBEIRO (MPED UNEB)
ANA CLÁUDIA MACEDO (UNB)

PENSAMENTO
LÉSBICO/EPISTEMOLOGIAS LÉSBICAS:
TEORIAS E PRÁTICAS DE PESQUISA.

Decorative elements: pink flowers, butterfly

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

VITALINA SILVA
PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CAMAÇARI
MESTRANDO EM EDUCAÇÃO DA UNEB

ALTAMIRA SIMÕES
CEO - AYOMDE YALODE COLETIVA DE MULHERES NEGRAS E LBTs
CONSELHEIRA NACIONAL DE SAÚDE
EDUCADORA POPULAR

6ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
09/10
19:00h

PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

ANA MARIA ANUNCIÇÃO DA SILVA
MESTRA EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE MPED/UNEB, MULHER NEGRA, DA ROÇA, AGRICULTORA E DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE ICHU-BAHIA

JOSIANE CRISTINA CLIMACO
DOUTORA EM EDUCAÇÃO PÓS-PPGE - UEMA (DSE), MESTRE EM EDUCAÇÃO PÓS-PPGE/UFPA (DSE) ESPECIALISTA EM PLANEJAMENTO EDUCACIONAL - UNIVERSO CIVIL E METODOLOGIA DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E Lazer - UEM (DSE), MESTRE DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO COLÉGIO ESTADUAL MARILDO DIAS E NA FACULDADE LUIZIANA DA BAHIA

7ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
16/10
19:00h

PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

ANALIA CRUZ

BEATRIZ COUTINHO

JOSIANNE ZARDO

8ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
23/10

ATIVIDADE ASSINCRONA E ORIENTAÇÕES DAS CARTAS PEDAGÓGICAS

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

JANJA ARAIJO

SUELI SANTANA

ALESSANDRA MARINHO

9ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
30/10

Ginga feminista-Bases epistemológicas

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

LUZETE RODRIGUES DA SILVA
ARTES, TORDANTERIA E LIDERANÇA - COMUNIDADE GULONGBOLA DE TIJAUÇU (ZETES)

SUELI SANTANA
MESTRANDO EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES - UNEB

12ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
19:00h
20/11

**Oficina 1-Turbante
Oficina 2 - Boneca Abayomi**

PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS
2023

BRUNA BENEVIDES
CONSELHEIRA NACIONAL LBTQIA+ NO CILQTOIJA+.

VERCIO GONÇALVES
COLETIVO DE ATIVISMO TRANS DE TRANS PARA FRENTE, TRANSFORMADA E CATS, PROFESSOR NA UNEB

10ª aula
QR CODE
IMPERDÍVEL
06/11
19:00h

TRANSFEMINISMOS E AS PEDAGOGIAS DA DESOBEDIÊNCIA

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais

UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO BAHIA

PPGED

DIFEBA

LEPEL
UNEB

**PEDAGOGIAS FEMINISTAS E
EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS**
2023

THÉRCANT ODARA
PROFESSORA PALESTRANTE, MESTRA EM
EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE,
UNEB.

SARA YORK
ESPECIALISTA EM GÊNERO E SEXUALIDADES
(DOUTORANDA),
MESTRE EM EMPREENDEDORIAS,
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS E PESQ.

ANANDA OLIVEIRA
MEST. BIOLÓGICA, EDUCADORA, ATIVISTA,
ESPECIALIZADA EM GÊNERO,
BIOLÓGICAS - UNEB DOUTORANDA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
PROGRAMA AFIRMATIVA DA UNEB.

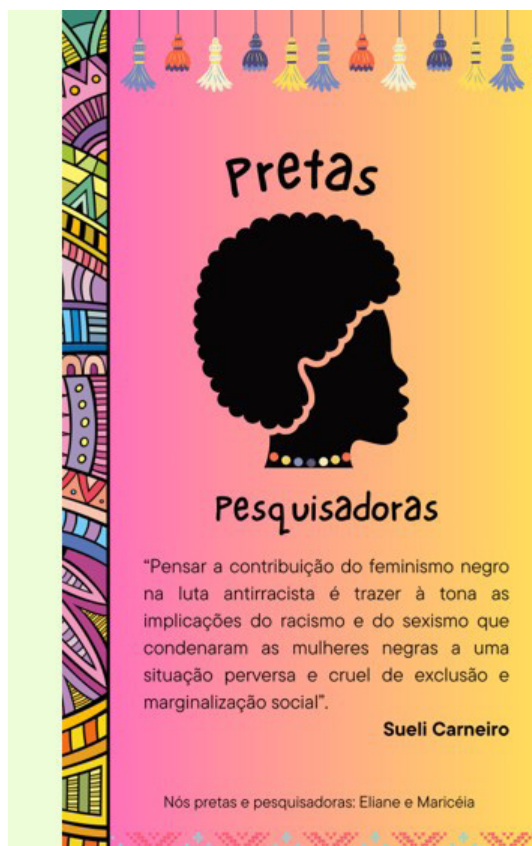
11ª aula

IMPERDÍVEL
13/11
19:00h

**Transgeneridade e
deficiência: por outra outras
gramáticas epistemológicas
inclusivas**

CARDS-ARTES DOS CARTÕES POSTAIS PEDAGÓGICOS FEMINISTAS

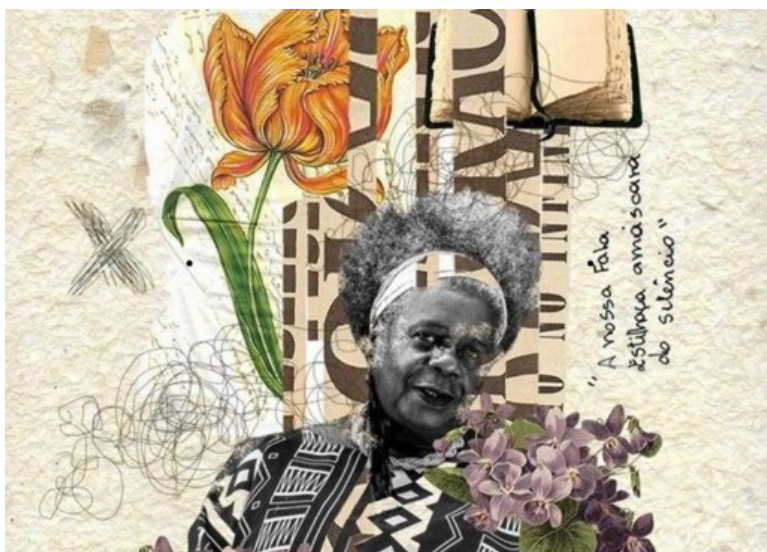




QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais

À Conceição Evaristo

Mulher guerreira, mulher empoderada,
representação de força e poder.
Tua escrita é vivência e escrevivência.
É empoderamento e resistência.
Em cada verso, teu grito transborda.
Nas tuas palavras, a força da ancestralidade
é exaltação.
Em cada linha, em cada texto há histórias de
mulheres e homens que tecem sonhos,
que buscam um lugar de liberdade e
igualdade, que buscam o direito de não ser
subjugados, violentados, ameaçados ou
mortos sempre pela mesma bala que só
encontra os corpos negros, corpos
atravessados pelo preconceito e o medo,
pela dor, pelo sofrimento e insegurança.

Mas há de mudar e tudo será pleno.



Andréia Bispo Santos
Bianca Dias de Souza
Juciane P. de Almeida Pacheco
Maria Leontra Brandão Santos

Endereço
Rua das Insuportáveis
Brasil

CARTÃO POSTAL

A construção do saber, nos
envolve o corpo e a alma
Entrelaçamento de saberes e
contato sinestésico.

Encontros marcantes
Gingas coletivas
Transfeminismos
Pedagogias de autonomia
e Transgressão

A desobediência é mãe da
revolução!
Hoje e para sempre:
INSURGENTES.



Endereço:
Av. Getúlio Vargas, 217A
Centro, Conceição do Coité-BA
48.730-000

Estefane Mendes
Yasmim Araújo

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



CONCEIÇÃO DO COITÉ/BA



Bárbara Carine

Mãe, mulher negra cis,
nordestina, professora e
escritora.

Por isso a representatividade é tão importante: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta. ...

Elizangela Gonçalves Bastos



POSTCARD

Reflexão, pensamentos, inquietações
Questões, corpos, almas, danças
Lugares, pessoas, pele, risos
Sonhos, enfrentamentos, medos, lutas
Resistências, amores, acolhimentos
Gargalhadas, vozes
Vontades, perseveranças, ensinamentos
Músicas, aprendizados, colos, flores, calores
Isso tudo e muito mais, no gingar das
Pedagogias
Feministas e Epistemologias Decoloniais.
Que nossos corações sejam sempre
aquecidos
e atravessados por disciplinas assim.

Eliete Fagundes Luciana Ribeiro

Senhor do Bonfim - BA
Rua Dr. Valfredo Gonçalves - n° 152
Bairro São Jorge



"Essas novas formas de ver o mundo depois dos estudos feministas e de coloniais do DIFEBA" – **Maria Celeste**

"O ser humano quer viver no mundinho cor de rosa, céu azul, mas a vida não é assim. A vida é feita de nuvens rosas e cinzas e eu aprendi a conviver.", – **Glória Maria.**

- Este banner detém trechos grafados por Glória Maria, jornalista, apresentadora, repórter, além de negra e mãe solo. A qual comenta vivências de partes obscuras da vida, dificuldade em busca do triunfo, instabilidade.
- Aluna: **Maria Celeste de Jesus Oliveira, Jacobina-BA**
- Instituição: **Pedagogias feministas e epistemologias de coloniais**





Corpo-poesia, corpo-inquieto!

Cais da Beira-Rio: resgate

Desnudar o corpo, tocar a lua

Pessoas interseccionais lindas,

Estou aqui em Floriano/PI e uma das coisas que mais amo é o pôr do sol no Cais da beira-rio. Queria muito que um dia pudéssemos nos reunir nesse local de memórias para partilharmos afetos e práticas feministas e poéticas. Mas sei que isso é difícil de acontecer, então, envio para vocês uma [des]colagem feita com muito amor-desnudado dos encontros do sol no cais. Espero, pessoas do componente curricular Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais (2023.2), que esses tempos de vidas possam abraçá-las e, com isso, como disse Cecília Sardenberg na roda ginga, é preciso "viver pelo que acreditamos". Falar sobre nós é acreditar-esperançar em ser-em-nós.

Com carinho-dengo-poesia,
Liz.



Conjunto de pessoas do
Componente Curricular
Pedagogias Feministas e
Epistemologias Decoloniais
(2023.2)

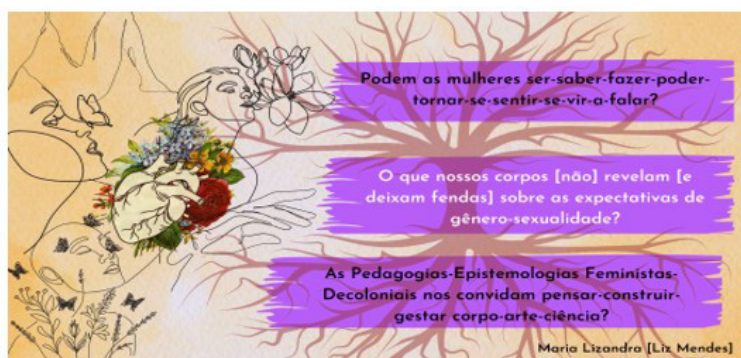
Av. Luís Eduardo
Magalhães, 988
Jaqueira, Conceição do Coité
- BA,
48730-000

Deixem-se ser molhadas pelas águas

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



(DES)COLAGEM FEITA POR LIZ PARA AS RODAS GINGAS



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



Cecília Sardenberg

Viver pelo que acreditamos

Maria Lizandra [Liz Mendes]

As sementes não vão embora!

This slide features a background illustration of a woman's profile holding a bouquet of flowers. A circular portrait of Cecília Sardenberg is centered, with her name written above it. Below the portrait is a green banner with the text 'Viver pelo que acreditamos'. At the bottom right, the name 'Maria Lizandra [Liz Mendes]' is displayed. A vertical green bar on the right edge contains the text 'As sementes não vão embora!'.



Suely Messender

Ana Carla Lemos

Como fortalecer nossa existência?

Maria Lizandra [Liz Mendes]

This slide features a background illustration of a woman's profile holding a bouquet of flowers. Two circular portraits are shown: Suely Messender on the left and Ana Carla Lemos on the right, with their names written above them. A purple banner across the middle contains the text 'Como fortalecer nossa existência?'. At the bottom center, the name 'Maria Lizandra [Liz Mendes]' is displayed. A purple flag with a white arrow is visible in the top right corner.



Maria Lizandra [Liz Mendes]

Trocar ideias sobre nós!

Sarah Sanches

Gersier Ribeiro

Ana Cláudia Macedo

This slide features a background illustration of a woman's profile holding a bouquet of flowers. Three circular portraits are shown: Sarah Sanches on the left, Gersier Ribeiro at the top right, and Ana Cláudia Macedo at the bottom right, with their names written above them. A purple banner across the top contains the text 'Trocar ideias sobre nós!'. At the top center, the name 'Maria Lizandra [Liz Mendes]' is displayed. A vertical bar of colorful hearts is on the right edge.

QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais



QUANTAS HISTÓRIAS TÊM AS CARTAS DE QUEM OUSA SE ANUNCIAR?
pedagogias feministas e epistemologias decoloniais

CARDS-ARTES OUTROS



SOBRE AS/ES/OS AUTORAS/US/E



Fonte: [Des]Colagem feita por Liz Mendes pelo Canva nutrido por sensações das palavras do apresentar-se a si no componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” (2023).

Amália Catharina Santos Cruz

Professora do Departamento de Ciências Humanas - *Campus IV* - UNEB; Doutora em Educação/UFSC, Pesquisadora do grupo e uma das coordenadoras do grupo LEPEL/UNEB e membro TMT/UFSC. Coordenadora e professora do Curso de Educação Física UNEB/ DCH IV-Jacobina e do PPGE/MPED.

E-mail: amaliacruz2478@gmail.com

Amélia Tereza Santana Rosa Maraux

Professora do Departamento de Educação - *Campus XIV*/UNEB; Doutora em Difusão do Conhecimento/UFBA, Pesquisadora do grupo Formação, Experiência e Linguagens - FEL/UNEB, Vice Coordenadora do Centro

de Estudos em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade CEGRES/DIADORIM, Articuladora Nacional da Liga Brasileira de Lésbicas e Conselheira do Conselho Nacional de Direitos das Pessoas LGBTQIA+.

E-mail: amelia.maraux@hotmail.com

Ana Cláudia Macedo

Lesbofeminista; Servidora pública e Doutora em Ciências Sociais, pelo Departamento de Estudos Latinoamericanos - ELA/UNB. Autora do livro *Colonialidade da Sexualidade: implicações sobre violências em relações lésbicas na América Latina*.

E-mail: claudiabmacedo@gmail.com

Ana Lúcia Gomes da Silva

Baiana, jacobinense, eu, Ana Lúcia Gomes da Silva, de 57 anos, ariana inquieta e desbravadora, tenho clareza de impossibilidade de me definir e fixar, mas tenho muitas pistas, pois como um ser humano inacabado, em devir, estamos sempre sendo, o que não vínhamos sendo. Nasci na Páscoa, que significa passagem, numa “quinta-feira santa”, gestada de palavras, símbolos, vozes e gestos que me iniciaram no mundo das linguagens, como sujeito de linguagem. Quem quiser saber mais... siga a aventura de ler, desler e reler.

E-mail: analucias12@gmail.com

Ana Luísa Barbosa de Castro

Sou mulher, negra, mãe, professora do IFBA/Jacobina, formada em História; Especialista em inclusão e Mestranda em Educação e Diversidade. Por muito tempo, esqueci-me de quem eu era, não compreendia o porquê das minhas escolhas. Hoje, redescobri quem sou, reconheço minhas passagens, minhas falhas, minhas vitórias, minhas lutas e tecelagens. Compreendi a importância do “eu” e escutar a minha voz interior. Estou aqui pelos meus filhos, meus alunos e, principalmente, pela vontade de fazer a diferença na Educação e Diversidade inclusiva, para que nossas diferenças sejam respeitadas, abraçadas e vivenciadas com amor.

E-mail: annaluisacastro2009@hotmail.com

Ana Paula Neves Lins

Mulher, bissexual, paraense, nortista e amazônida, com orgulho! Faço do meu território, minha casa, meu lugar de (re)descobertas internas e (con)vivências marcantes. Formada em Geografia e, atualmente, mestranda em Diversidade Sociocultural pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, instituição de enorme importância para o desenvolvimento da Amazônia. *E-mail: apnlins099@gmail.com*

Andréia Bispo Santos

Natural do Morro do Chapéu. Sou uma colcha de retalhos inacabada: canceriana de 43 anos, mulher negra, lésbica, casada, professora da rede municipal - LP, uma sonhadora que ama música e violão. Retornei para a UNEB no 1º semestre, através da disciplina Educação e Contemporaneidade. A princípio, queria ingressar para o mestrado com um projeto sobre formação do leitor, mas com as discussões que venho acompanhando desde a outra disciplina, agora não tenho mais certezas. São tantas vozes que ecoam na minha cabeça pedindo espaço de fala. Feminismo lésbico? Feminismo negro? Letramento em feminismo negro-lésbico? Não sei! A única certeza que tenho, neste momento, é que quero ingressar no mestrado, não por *status*, mas porque amo as descobertas, porque amo descobrir que ainda tenho tanto a aprender. No momento só sei cantar: **“Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso, porque já chorei demais...”**.

E-mail: deasantosbispo@gmail.com

Andressa Ferreira

Tecer linhas sobre si é sempre um momento que exige introspecção. O que nos define, afinal? Quem sou hoje, certamente, não serei a mesmo daqui a alguns anos. Provavelmente, as palavras não dão conta de expressar a complexidade humana. O que falo sobre mim, não me traduz. Não me resume. São apenas pequenos fragmentos da minha trajetória, em 23 anos, escolhidos para serem narrados. Tendo em mente que sou um ser inacabado, hoje me constituo, academicamente, como licenciada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná e mestranda em História Social

pela Universidade Estadual de Londrina. Dentre as aprendizagens que a formação historiográfica me traz, chamo a atenção para a historicidade da vida humana, individual e coletiva. Os sujeitos carregam em si o potencial transformativo de si e do mundo. Neste sentido, sobre nós seres humanos, nada é em essência. Na verdade, tudo está, de acordo com o curso do tempo no qual estamos inseridos. Quanto a isso, o movimento feminista e de mulheres há tempos nos ensina. No âmbito de uma estrutura social androcentrada, elas revolucionaram para que nós obtivéssemos o direito de acessar espaços acadêmicos como o que nos possibilitou a publicação desta coletânea. No presente, também projetamos as nossas utopias, que em grande medida, se traduzem em nossas linhas. Nós revolucionamos de formas diversas. Inclusive nas resistências cotidianas. Quando, por exemplo, questionamos e não permitimos formas de violências implícitas e explícitas, direcionadas sobre nós devido a marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade. Se posso afirmar algo sobre mim, dentro da esfera que compõe este livro, reafirmo a minha utopia pela justiça social, sobretudo no que se refere às formas de violências direcionadas às mulheres, considerando toda a diversidade que compõem este coletivo. Sigamos caminhando, por nós mesmas, e pelas nossas semelhantes. Que o nosso potencial transformativo, aliado à historicidade do tempo, encaminhe para o futuro, mais justiça social para todas nós. Que possamos aprender todos os dias, a nos unir dentro das nossas diferenças.

E-mail: addressa.ferreira2409@gmail.com

Bianca Dias de Souza

“quando as palavras
me encontraram
eu escrevi em
paredes e peles
e blocos
e cadernos
e muros
folhas e telas
a poesia
me fez livre”.

Com as palavras poéticas de Ryane Leão (@ondejazzmeucoracao), apresento-me: Sou a Bianca, uma menina-mulher que desde pequena é apaixonada pelo Universo da leitura (e das literaturas de matrizes africanas, um adendo) da escrita e das artes. Costumo dizer que no movimento de escrever, encontrei e encontro o meu lugar. Espaço esse, de afeto, de partilha, de expressão da vida, de identidade e de voz (porque quando escrevo, também me coloco, e falo). Aos 17 anos de idade, adentrei a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no curso de Pedagogia. E nela, sigo caminhando e habitando até os dias atuais, no Doutorado em Educação. O conhecimento tem mudado a minha existência e as formas pelas quais sinto, vejo, interajo e estou no/com o mundo, em sua pluralidade. E assim, aproveito para deixar a minha autoria - de uma casa-corpo que problematiza o silêncio, e que pensa, principalmente porque sente (em sua impermanência):

silêncio. perceba. escute. ele fala sem nem mesmo dizer. ele às vezes grita. ele pode ser estrondante. ele aponta até para aquilo que não se quer ver. atente. e nunca se esqueça de quem você é. se dê aquele abraço quando ninguém tá por perto. fortaleça. Mesmo estando nebuloso, agradeça. entre luz e sombra, sobreVIVA. acolha. se escolha. o caos ensina. que lástima seria ter que fingir. eu escolho ser do grupo do sentir. assim eu vou seguir.

E-mail: bidiasds@gmail.com

Cecília M. B. Sardenberg

Professora Titular de Antropologia, Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA), Pesquisadora do NEIM/UFBA, Co-coordenadora do Projeto Countering the Backlash, Reclaiming Gender Justice. Editora da Revista *Feminismos*. <http://lattes.cnpq.br/5848359202151995>

E-mail: cecisard@ufba.br

Cinthia Pacheco Xavier Araujo

Cinthia nasceu em 09 de junho de 1998 na cidade de São Paulo, cresceu na cidade de Embu das Artes - SP. Formada em Letras e Pedagogia, aos 23 anos mudou-se para uma pequena cidade do interior da Bahia, Serrolândia, cidade essa de seus pais, que inspira seus estudos no campo da Literatura e cultura dentro do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (PPGED). Atualmente, é professora do ciclo de alfabetização da rede municipal de ensino da cidade de Serrolândia.

E-mail: cinthiap.teacher@gmail.com

Cynthia Almeida dos Santos

Formada em Geografia pela UNEB *Campus IV*, dou aula em Itatiaia distrito de São José do Jacuípe do 6º ao 9º e, também, na EJA e, também, sou policial Militar e trabalho na região de Jacobina. Meus alunos perguntam qual profissão eu gosto mais, e eu respondo que amo o que faço, pois as duas profissões me possibilitam ajudar o próximo. Meu coração salta de alegria quando vejo um aluno descobrir, através de mim, coisas novas e vice-versa, pois aprendo muito com eles também; e como policial, o que mais gosto são as diversas possibilidades: Um dia, estou no atendimento do 190, no outro, estou trabalhando em uma festa, em outro, estou em sala de aula com o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência) ou na viatura, posso estar trabalhando nas motos ou na cavalaria, com cães ou na banda da polícia, posso trabalhar na área da saúde da Polícia Militar ou dirigir o helicóptero da PM, trabalhar no administrativo, morar em qualquer cidade da Bahia, ou seja, realmente posso ser ou fazer o que eu quiser, basta querer e me dedicar.

E-mail: cynthiaalmeidadossantos@gmail.com

Clarice da Silva Coelho

Filha da cidade de Monte Santo - Bahia, é uma mulher que sonha e batalha todos os dias pela realização das suas utopias. Estudante e professora de escolas do campo, vê nesse espaço o seu lugar de fala e de vida. Clarice deseja que as mulheres que, como ela, vivem e com quem

convive possam entender que o mundo só é para nós um lugar bonito se assim o fizermos ser.

E-mail: claricecoelho1802@gmail.com

Dailza Araújo Lopes

Começo dizendo quem sou, através de um trecho da música de Luedji Luna “um corpo no mundo”: “Eu sou um corpo. Um ser. Um corpo só. Tem cor, tem corte. E a história do meu lugar. Eu sou a minha própria embarcação. Sou minha própria sorte”.

Tenho 34 anos, sou pisciana, venho lá de SantaLuz - BA, passo por Serrinha - BA, faço minha graduação em Pedagogia, me descubro como mulher negra com a finalização do meu TCC, paro de alisar meus cabelos e começo a jornada de pesquisa dentro do campo da educação, gênero, estética negra, feminismos negros, educação e relações étnico-raciais, raça e gênero e formação de professor/as, a qual me levaria onde estou hoje. Vou para Salvador fazer mestrado em Estudos étnicos e africanos na UFBA, e lá permaneço até hoje (risos). Foi no mestrado que descobri que queria ser professora no ensino superior. Por meio das muitas redes que me compõem, integro o Coletivo Angela Davis (UFEB) grupo de pesquisa ativista em gênero, raça e subalternidades, começo o doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo (UFBA), onde pretendo finalizar no próximo ano. Agora, estou como docente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Jequié, onde realizo e concretizo cotidianamente meu sonho vivido de ser professora no Ensino Superior. Chego até aqui, e desejo embarcar com você nessa viagem bonita que será nossa disciplina.

E-mail: dailzaaraujo@gmail.com

Elaine Rodrigues Santos Santiago

Mulher-preta-cis-bissexual. Sou formada em Letras com Inglês. Trabalho como professora de Inglês, na Prefeitura de Salvador e em Lauro de Freitas. Sou bastante curiosa, amo escrever contos, bilhetes e poesia. Estou em re(construção), em análise e de coração grato e unida aos meus ancestrais, que sempre me acompanham.

E-mail: tvcruj2@gmail.com

Eliane Costa da Silva

Graduada em Pedagogia, Especialista em linguagens, e quase mestre em Educação. Ao longo da minha vida e percurso acadêmico, sempre me anulei e me escondi. Tentei me apagar, me negar e me deixar para trás, enquanto os outros, eu colocava na frente. No final do mestrado me redescobri; quero fazer desse novo recomeço um momento de virada. Quero seguir com essas novas perspectivas para o doutorado, estou meio confusa quanto às linhas de pesquisa em Educação, talvez tenha que escolher outra, menos educação. Nessa nova caminhada é uma oportunidade de me recolocar como ponto central da minha vida! Nisso que entra o feminismo negro e suas raízes na pedagogia. Novas oportunidades, novos olhares, nova Eliane!

E-mail: enaliejulho@gmail.com

Eliete Fagundes de Jesus Rodrigues

Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - DCH IV - Jacobina. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - DCH VII - Senhor do Bonfim - BA. Possui uma segunda graduação em Letras Língua Portuguesa pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias, Fac, Brasil. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Kurius. Atua como pesquisadora do grupo de pesquisa em Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA/UNEB). Professora concursada nos municípios de Senhor do Bonfim-BA e Filadélfia-BA. Gestora desde 2019 da Escola Municipal de 1º Grau de Tijuacu - Senhor do Bonfim-BA.

E-mail: lu-case-manoel@hotmail.com

Elizangela Gonçalves Bastos

Graduada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia, apaixonada pela Educação infantil. Sou professora da rede pública municipal de Várzea Nova - BA. Um ser em constante construção. Mãe de Bruna, vó de Bernardo e Helena.

E-mail: elizangelagoncalvesbastos@gmail.com

Estefane Mendes da Silva

Mulher preta, bissexual, amante das literaturas, poetisa, escritora, feminista, ativista e militante dos direitos humanos. Sou professora, atualmente, REDA Estadual, de Língua Portuguesa e Redação. Sou licenciada pela UNEB, *Campus XIV*, de Conceição do Coité/BA. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Facuminas, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FAVENI) e estou pós-graduanda no Ifbaiano/Serrinha em Alfabetização e Letramento. Faço parte do Coletivo Marielles, Café com Paulo Freire-BA, Associação Beneficente e Cultural Revolution Reggae e, também, me movimento na academia, em dois grupos de pesquisas: Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPALE-BA) e do Grupo de Pesquisa, Literatura e Diversidade Cultural: imaginário, linguagens, imagens. A mim, muito interessa as pedagogias, em especial neste componente, as pedagogias feministas, espero conhecer e me debruçar neste emaranhado de possibilidades. Também quero entender as epistemologias decoloniais, acredito que seja a base para novos pensamentos dentro da Educação e na vida. Na minha prática docente, levo sempre os pressupostos freirianos comigo, buscando entender as/os sujeitas/os como autônomas/os dentro do seu processo de aprendizagem, contextualizando os conteúdos com as realidades dos estudantes, também, trago a amorosidade para a sala de aula, não é simples, nem fácil, mas, torna tenho comigo a esperança de uma educação mais humanizadora, traçando caminhos possíveis.

E-mail: profa.estefanems@gmail.com

Gabriela Carneiro Maciel

Sou graduada em Letras, com habilitação em língua portuguesa e literaturas pela UNEB *Campus XIV*, Conceição do Coité. Amo as mais diversas expressões artísticas, aprecio poesias, principalmente quando são recitadas e amo muito a literatura. Procuo tirar lições e aprendizados das situações e das experiências que vivo na minha caminhada e estar receptiva a aprender coisas novas. Escolhi essa disciplina visando aprender mais sobre as questões feministas e decoloniais, que tanto vejo nas narrativas literárias, mas agora na área pedagógica, que considero muito importante para a formação e transformação da sociedade.

E-mail: macielcarneirogabriela@gmail.com

Josenilda Correia Vieira

Natural de São Sebastião do Passé/BA. Cidadã Jacobinense, onde resido há 14 anos. Graduada em Direito pela UNEB, *Campus IV*, hoje aluna regular (2023.1) no MPED/Jacobina; sou Policial Militar há 15 anos, fui Instrutora do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), de 2014 a 2020, e desde o ano de 2018, atuo na Ronda Maria da Penha desta cidade. A pesquisa que estou realizando surgiu das minhas inquietações acerca das políticas de enfrentamento da violência contra a mulher que não incluem os homens agressores (na perspectiva de ações educativas); entendo que estes também devem fazer parte das ações que buscam acolher e proteger as mulheres que se encontram em situação de violência doméstica e familiar. A escolha deste componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais” deu-se em razão da minha necessidade em aprender mais sobre estas questões e assim oferecer um melhor serviço para a sociedade jacobinense e região, em especial, para as mulheres. Estou amando as rodas, amando conhecer a turma, muito feliz e grata por esta oportunidade. Avante!

E-mail: josyvieira10@hotmail.com

Juciane Pacheco de Almeida Pacheco

“Gosto de gente, bichos, plantas, lugares, chocolate, vinho, papos amenos, amizade, amor.”

Citando Drummond, gosto de tudo o que é poesia, é humano, é partilha, é amor... Meu nome é Juciane, sou professora de Língua Portuguesa da Educação Básica, sou da cidade de Várzea da Roça, sou baiana e minha formação é em Letras Vernáculas pela UNEB, *Campus IV - Jacobina*. Não consigo ainda trazer/fazer uma definição sobre mim, pois ainda estou em busca do meu eu, da minha essência nesta jornada que é a vida.

“Não sei quem sou neste momento.

Durmo sentindo-me. Na hora calma

Meu pensamento esquece o pensamento,

Minha alma não tem alma.”

E-mail: jucianepacheco11@hotmail.com

Kelline Roberta Ferreira do Nascimento

Mulher, mãe de duas crianças, professora atuante na Educação da infância. Graduada em Pedagogia e Licenciada em Geografia. Natural de Mirangaba (do interior do município de uma comunidade quilombola chamada Santa Cruz do Coqueiro). Entro nessa roda com vocês por concordar com o pensamento de Paulo Freire, que é através do conhecimento que conquistamos a liberdade. Insisto muito para estar aqui e desejo aprender muito.

E-mail: lyneroberta@hotmail.com

Luciana Dias Ribeiro

Graduada em Ciências Biológicas, pela UNEB campus VII, filha de agricultores, irmã, tia, esposa e muito sonhadora. Sou uma mulher preta que estou em constante desconstrução e reconstrução sobre eu e sobre o que está a minha volta, acreditando cada dia mais na educação mesmo quando chegam para dizer ao contrário.

E-mail: lucianadias9128@gmail.com

Maricéia Pereira de Novais

Mãe de duas meninas, professora do Fundamental Anos Iniciais, com formação em Pedagogia, pela UNEB. Sou do Território Velho Chico, NTE 02. Amo a Educação porque ainda acredito no poder que ela exerce para transformar a sociedade para melhor com mais justiça e equidade.

E-mail: mariceiapnovais@gmail.com

Marcelo Alves Pinto

Graduado em Letras pela UNEB – *Campus IV/Jacobina*. Especialista em Inclusão e Diversidade na Educação, pela UFRB. É professor da rede estadual da Bahia e acredita que a educação é a arma mais poderosa para a transformação social, vê nas teorias feministas a oportunidade de construir um mundo mais igualitário para todxs.

E-mail: marceloallves18@gmail.com

Maria Beatriz Dias Coutinho

Eterna menina em transformação
Piauiense, mãe de dois rapazes,
Professora na educação, entre mil fases.
Doutorado na UnB, meu sonho a conquistar,
No semestre passado, comecei a caminhar na jornada do feminismo.
De volta como monitora, radiante estou,
A aprender com todos, é o que me motiva.
Esta jornada de conhecimento é pura magia,
Com vocês, meus amigos, é minha alegria!
Vamos juntos aprender, crescer, sonhar,
Neste semestre, vamos nos destacar.
Compartilhando saberes, sem nos cansar,
O futuro é nosso, vamos conquistar!
E-mail: diascoutinhobia@gmail.com

Maria Leandra Brandão Santos

Casada, mãe socioafetiva de Enzo Pyetro - uma criança linda a qual deu cor e sentido à minha vida, casada. Considero-me parda, fruto da miscigenação que forma o nosso país. Sou filha, irmã, esposa e mãe muito protetora e amorosa. Quero que os meus estejam bem sempre e minha oração é para que apenas pessoas do “bem” trilhem os nossos caminhos... Quanto à profissão, sou Professora da Rede Pública Municipal e Coordenadora pedagógica da Rede Pública Estadual da Bahia, atuo na minha cidade, Cícero Dantas. Já lecionei durante 10 anos em uma cidade vizinha, Antas, tive que pedir exoneração para assumir outro concurso e permanecer na minha cidade. Resido em Cícero Dantas, uma cidade com todas as características de cidade do interior. Minha infância e adolescência foram em um povoado que fica a 9 km de distância da cidade. Amo a calma do interior, gosto de lugares calmos. Sou graduada em Letras e Pedagogia; já fiz algumas especializações na área da Educação e, agora, estou “sonhando” cursar o mestrado. A educação foi e é tudo em minha vida!!!

E-mail: leandra.brandao@yahoo.com.br

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

Nordestina, sapatão e poeta que anda, por vezes, perdida no ser-em-si, mas que tem buscado e lutado, cotidianamente, para se construir enquanto um ser-para-si. Graduada de Licenciatura em Pedagogia pelo *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestranda pelo Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL) e do Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e sexualidade (GLEIGS). Colaboradora do Laboratório de Leitura e Produção Textual [LPT]. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Estudos Críticos e Linguagem (Necril) e do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Saúde, Educação Profissional Tecnológica, Informática e Meio Ambiente (NEPESEPTIMA). Integrante da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia (LBL). Ama chá de gengibre com limão.

E-mail: marializandra1626@gmail.com

Nara Paixão Sacramento

Sou filha de Marluce Paixão Sacramento e Valmir Dias Sacramento. Mãe de Sofia, mulher preta, inventiva, criativa e educadora. Bem, sou natural de Salvador (de parto), mas com o coração no mundo. Sou professora de Língua Inglesa e trabalho com a disciplina há quase 20 anos. Dei aulas em cursos de idiomas e, atualmente, trabalho em duas escolas distritais nas cidades de Santo Amaro da Purificação (terra de Betânia) e em São Sebastião do Passé, na lendária Maracangalha (Se Nara não quiser ir eu vou só...). Todos esses atravessamentos me fazem estar no MPED. Sou uma mãe azul, pois Sofia é uma menina inserida no espectro autista e essas vivências assim como o ideal de trabalhar com ludicidade me permitiram ser especialista em Ludicidade e em Psicopedagogia. Além das minhas vivências profissionais que não estão dissociadas da minha vida pessoal, porque essas escrituras nunca estiveram separadas, sinto-me ainda mais abraçada no programa do MPED. Sinto que aqui é um lugar de reflexões e (co)criações. Feliz de me juntar nessas rodas!

E-mail: npaixao@gmail.com

Sara Wagner York ou Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior

Pessoa com deficiência visual, pai, avó e apresentando-se como Travesti da/na Educação. Professora visitante e associada ao CLAS Universidade de Pittsburgh - 2023 (Pensilvânia). Professora visitante na Vanderbilt University - 2023 (Tennessee). É Mestra em Educação (GENI/ProPEd - UERJ - com bolsa CNPq), Especialista em Gênero e Sexualidades (CLAM/Instituto de Medicina Social - UERJ - com bolsa da própria instituição) e Especialista em Orientação Escolar, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar (ISV). Graduada em Letras - Literatura Inglesa (Licenciatura - UNESA), Pedagogia (Licenciatura/UERJ) e Letras Vernáculas e Literaturas Brasileiras, Portuguesas e Africanas em Língua Portuguesa (Licenciatura - UNESA). Jornalismo (UNESA/2021-2023) e é considerada a primeira travesti/trans a ancorar no jornalismo brasileiro através da mídia (pós-TV) Brasil 247.

E-mail: sarawagneryork@gmail.com

Suely Aldir Messender

Possui graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFBA e Doutorado em Antropologia, pela Universidade Santiago de Compostela, validado no Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFBA. É professora titular da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Foi gerente das Ações Afirmativas da UNEB. Foi coordenadora do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do *Campus II* - Alagoinhas. É atual coordenadora da Agência UNEB de Inovação. É membro da Comissão Editorial de Periódicos Científico da ABA (Associação de Brasileiros de Antropologia). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Enlace e foi primeira secretária da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura - ABEH, no decorrer da gestão de 2010-2012. Foi Gestora do termo de Cooperação Técnica entre o Ministério Público e a Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é Membro da Câmara Básica de Assessoramento e Avaliação Técnica da FAPESB. Seus interesses em ensino, pesquisa e extensão estão nas áreas

de sexualidades, masculinidades, relações de gênero, corpo, relações étnico-raciais, gestão e difusão do conhecimento, empreendedorismo social, tecnologia social e baianidade. Desenvolveu o Museu Digital Saberes e Fazeres na Bahia, e o jogo digital narrativo Cocada de Dona Maria.
E-mail: smesseder@uneb.br

Rosana Mercês Santos

Professora da Educação Básica e Mestranda do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, do *Campus XIV*, Conceição do Coité/BA, da Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: zanamerces@gmail.com

Rozane da Conceição Silva Costa

Sou filha de Raimunda e Antônio, sou natural de São Félix - BA, sou recôncavo e reconvexo! Para citar aquelas coisas que cabem no Lattes, sou pedagoga pela UNEB *Campus XIII* (Itaberaba), professora de Educação Infantil e o trabalho me rendeu uma das maiores riquezas, meu ex-aluno é também meu afilhado, recheado a bio de amor, eu sou dinda!
E-mail: rozanecosta16@gmail.com

Vitalina Silva

Professora do Centro Educacional Maria Quitéria - Seduc Camaçari - BA. Técnica da COPE/SEC-BA na rede de assessoramento ao Monitoramento e Avaliação dos Planos Municipais de Educação. Pesquisadora do grupo Política e Gestão da Educação na Universidade Federal da Bahia/UFBA. Mestranda no MPEJA/UNEB. Vencedora do Prêmio Led da Rede Globo, na categoria Professor Inovador - Projeto de Educação Antirracista.
E-mail: Vitalina.silva@enova.educacao.ba.gov.br

Vércio Gonçalves

Doutor em Letras - Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia. Atua como professor de Literatura e Língua Portuguesa na Universidade do Estado da Bahia. Pesquisa Literaturas e Culturas Africanas de Língua Portuguesa, com foco nas produções literárias e musicais de

Moçambique, no período colonial. Pós-doutorando em História pelo PPGHis-UFMA. É, antes de tudo, cantor e compositor. Tem circulado com o show “Pedra de Responsa”, em que interpreta as canções de Chico César, mas seu projeto principal é o “Posso Falar”, um show autoral, em que apresenta suas canções e, mediado por outras artes, narra seu processo de transição, levando o público a pensar sobre as identidades trans. Em 2021, junto a Bruno Santana e Leonardo Peçanha, lançou a obra *Transmasculinidades Negras: narrativas plurais em primeira pessoa*, pela Editora Ciclo Contínuo.

E-mail: vgconceicao@uneb.br

Yasmim Araújo do Nascimento

minto quando digo que não sou continuidade das mulheres da minha
família, me reconheço em cada uma delas, a força geracional
a bondade divina
a rebeldia
todas elas têm sangramentos
feridas não muito diferentes das minhas
todas causadas por um homem
minha mãe do meio tem uma cicatriz maior; o racismo
essa eu não sei curar
mas escrevo como tentativa
de abrir caminhos
para uma geração de mulheres que me esperam para passar
e não tem sido fácil estar nesse lugar
que parece ser de expectativa, mas entendi que é sobre possibilidades
é muito maior o fardo quando tento fugir dele, porque eu me perco
e não me acho em nenhum canto do mundo
por isso me volto para escrita
lembrar quem eu sou, de onde eu vim
e quem merece meu amor
quem entende minha dor
como traço inerente
antecede a ausência, às faltas

eu sempre soube que seria extraordinária
quando aos nove anos sacudi o mundo com as palavras
e desde então nunca mais estive só
aceito a condição de compor cantigas de redenção
me volto pra casa, (de dentro)
aproximo gerações de mulheres
não mais silenciadas.

(alguns poderes são intransferíveis).

E-mail: aaraujoyasmim@gmail.com

Zuleide Paiva da Silva

Quem sou eu? Eu sou o que me torno sendo a cada dia em movimentos feministas. Sou um corpo lésbico, que é corpo político, máquina de guerra. Na ginga, faço minhas as palavras poema de Florbela Espanca, que eu amo, e amo muito.

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...
Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...
Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...
Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!
(Florbela Espanca, in “*Livro de Mágoas*).

E-mail: eidepaivasilva@gmail.com

